



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de São José do Rio Preto

Raimundo Ibernon Chaves da Silva

**Colocações Culturais em *corpora* escrito e oral formados por relatos de  
seringueiros acreanos**

São José do Rio Preto  
2019

Raimundo Ibernon Chaves da Silva

**Colocações Culturais em *corpora* escrito e oral formados por relatos de seringueiros acreanos.**

Tese apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiador: CAPES

Orientadora: Profª. Dra. Adriane Orenha-Ottaiano

São José do Rio Preto  
2019

S586c Silva, Raimundo Ibernon Chaves da  
Colocações culturais em corpora escrito e oral formados por relatos de  
seringueiros acreanos / Raimundo Ibernon Chaves da Silva. -- São José do Rio  
Preto, 2019  
216 p.: il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de  
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto  
Orientadora: Adriane Orenha-Ottaiano

1. Linguística aplicada. 2. Análise linguística (Linguística). 3. Fraseologia.  
4. Cultura. 5. Seringueiros. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de  
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor (a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Raimundo Ibernnon Chaves da Silva

**Colocações Culturais em *corpora* escrito e oral formados por relatos de  
seringueiros acreanos.**

Tese apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiador: CAPES

Comissão Examinadora

Titulares

Profª. Dra. Adriane Orenha-Ottaiano  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientadora

Profª. Dra. Regiane Aparecida Santos Zacarias  
UNESP – Assis

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes  
Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Celso Fernando Rocha  
UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva  
UNESP – Araraquara

São José do Rio Preto  
15 de fevereiro de 2019

À minha família: meus queridos filhos e filhas, irmãos, irmãs e amados pais Ruberval Rodrigues da Silva e Maria Gleide Chaves.

À Pe. Herbert Douteil (Pe. Heriberto, CSSp) que nos mostrou na juventude, a importância da disciplina e da perseverança para a vida. Ao meu avô materno o soldado da borracha Epitácio Chaves, incansável desbravador dos rios e seringais do Vale do Juruá e minha avó paterna Francisca Eleutério, (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à Professora Dra. Adriane Orenha-Ottaiano, pela gentileza, cordialidade e atenção como orientadora deste trabalho; pelo eficiente e construtivo diálogo estabelecido à distância, dado o isolamento geográfico entre nós; por sua visita ao Campus UFAC, Cruzeiro do Sul - AC, como palestrante em trabalhos acadêmicos no ano de 2017, o que lhe permitiu maior aproximação com a realidade social e cultural que inspira esta pesquisa.

Igualmente sou grato aos professores do IBILCE Dr. Roberto Camacho, Dra. Marize Hattner, Dr. Maurizio Babini, Dra. Fernanda Galli e Dra. Emilia Chanut que disseminaram luzes e nos guiaram pelos descaminhos teóricos da Linguística.

Muito obrigado à Professora Dra. Maria Helena de Paula que participou como debatedora de nosso projeto de pesquisa e nos incentivou a prosseguir através de palavras encorajadoras e estimulantes.

Agradeço também ao professor Dr. Celso Rocha, por sua crítica construtiva, quando avaliou em painel as ideias iniciais que impulsionaram este trabalho por ocasião do VIII SELIN (Seminário de Estudos Linguísticos da Unesp), e também por sua participação no exame de qualificação e na banca de defesa.

Aos (as) demais professores (as) que compuseram nossa banca de defesa, expresso também meus profundos agradecimentos: Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes, Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva, Profa. Dra. Regiane Aparecida Santos Zacarias, Profa. Dra. Maria Helena de Paula, Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, Profa. Dra. Diva Cardoso de Camargo.

Aos amigos de jornada acadêmica e da linha de pesquisa Pedagogia do Léxico e da Tradução baseada em *Corpora*, Me. Jean Pimentel, Ma. Elaine Cristina, Me. Guilherme Souza e Ma. Ariane Caldas pelos valorosos compartilhamentos teóricos sobre Fraseologia e Linguística de Corpus.

Aos amigos acreanos de hoje ou de longa data que acreditaram, nos incentivaram e apoiaram na realização deste trabalho.

Aos entrevistados por ocasião da elaboração da obra *Causos, Histórias e Memórias da Vila Japiim*, desbravadores incansáveis, ex-seringueiros, agricultores, pescadores, empreendedores que fundaram a vila Japiim, na pessoa (*in memoriam*) de José Batista da Costa (1935 - 2014).

Agradeço também e reconheço a generosidade da professora Dra. Luísa Galvão Lessa pela transigência dos relatos com seringueiros, arquivos digitalizados que compõem seu acervo particular de pesquisa sobre o léxico acreano.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Cunha (1998, p. 118).

“A palavra nunca é neutra. Sobretudo as palavras-chave, pertencentes a campos semânticos referentes às relações sociais, plasmaram-se em contextos de classe, permenecendo prenes dos conteúdos de dominação que as ensinaram”. Carboni; Maestri (2003, p. 109).

“O significado é aquele “sentido previsto”, compartilhado por todos; é um conceito, uma formação abstrata e, portanto, uma generalização.  
Vygotsky (1987, p. 72).

“Falar uma língua é ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossos sistemas culturais”. Hall (2001, p. 40).



## RESUMO

Com base nos preceitos teóricos da Fraseologia e da Linguística de Corpus, esta pesquisa estabelece um resgate histórico-lexical tendo em vista as relações existentes entre o léxico regional, a sociedade e a cultura do “ciclo da borracha” por meio da identificação e análise das colocações culturais presentes no Corpus Escrito da Vila Japiim (CEVIJ) e no Corpus Oral do Acre (COAC), formados por relatos de seringueiros acreanos, homens que se dedicaram ao trabalho nos seringais. De caráter interdisciplinar, faz uso dos pressupostos teóricos da Fraseologia (CORPAS PASTOR, 1996; ZULUAGA, 1980), das colocações (HORI, 2004; ORENHA-OTTAIANO, 2017), da Linguística de Corpus (TOGNINI BONELLI, 2001; KENNEDY, 1998) e estudos sobre Cultura (LYONS, 1987; HALL, 2001; SOUZA, 1978). Para exploração metodológica dos *corpora* de estudo, que possuem em média um total de 330 mil palavras, utilizamos o programa *WordSmith Tools* e suas ferramentas *WordList*, *KeyWords e Concord*, por meio das quais fazemos o levantamento de 23 nódulos com maior frequência e significação. Esses nódulos são palavras-chave geradoras de 104 colocações culturais, assim classificadas por apresentarem sentido único e incomum e certa carga de idiosincrasias e figuração, dentre as quais optamos por analisar as 63 mais significativas e que mais se adequam aos objetivos desta pesquisa. Neste procedimento, destacaram-se como nódulo (*node*) ou base as lexias “borracha” e “estrada”. Com base na observação das concordâncias, foi possível selecionar colocações culturais como “barões da borracha”, “boom da borracha”, “soldado da borracha”, “estrada de porta” e “espigão da estrada”, que fazem parte das idiosincrasias lexicais do “ciclo da borracha”. Em análise, defendemos que as colocações culturais surgem no léxico regional a partir do meio cultural e das necessidades de conceituação e interação vivenciadas pelos seringueiros e demais habitantes dos seringais. “Soldados da borracha” foram os seringueiros que se deslocaram para a Amazônia no período da Segunda Guerra Mundial para participarem do esforço concentrado da produção de borracha que se destinaria ao abastecimento dos mercados da Europa. Ao emergir do contexto do “Ciclo da Borracha”, as colocações culturais estudadas revelam-nos sua indissociabilidade com o sistema cultural dos seringais e por terem se tornado convencionais demonstram aspectos únicos e incomuns do Português falado na Amazônia pelos homens da borracha.

**Palavras-chave:** Fraseologia. Cultura. Colocações Culturais. Linguística de Corpus. Português do Brasil. Amazônia.

## ABSTRACT

Based on the theoretical precepts of Phraseology and Corpus Linguistics, by considering the relations between the regional lexicon, culture, and society of the *Amazon Rubber Boom*, this research establishes a historical and lexical rescue through the identification and analysis of the cultural collocations present in the Written Corpus of Vila Japiim (CEVIJ) and in the Oral Corpus of Acre (COAC), both of them formed by stories of Acre's rubber tappers, men dedicated to the work in Brazilian northern rubber plantations. This interdisciplinary research uses the theoretical framework of Phraseology (CORPAS PASTOR, 1996; ZULUAGA, 1980), Collocations (HORI, 2004; ORENHA-OTTAIANO, 2017), Corpus Linguistics (TOGNINI BONELLI, 2001; KENNEDY, 1998), and studies of Culture (LYONS, 1987; HALL, WOODWARD, SILVA, 2005; SOUZA, 1978). To proceed with the methodological exploration of the study corpora, which have on average a total number of 330,000 words, we used the *WordList*, *KeyWords*, and *Concord* tools of the program *WordSmith Tools*, through which we survey the 23 nodes or keywords with the highest frequency and more semantically loaded. These nodes are keywords that later generated 104 cultural collocations, thus classified due to their unique and unusual meaning as well as certain idiomaticity and figuration load, out of which we opted to analyze the 63 most meaningful and that best adequate to these research objectives. In this search procedure, nodes or basis such as “borracha” (rubber) and “estrada” (road) stood out among the others. Based on the observation of their concordances, it was possible to select cultural collocations as “barões da borracha”, “boom da borracha”, “soldado de borracha”, “estrada de porta”, and “espigão de estrada”, all part of the *Amazon Rubber Boom* lexical idiosyncrasies. In this analysis, we support that these cultural collocations emerge in the regional lexicon from the cultural background as well as from the conceptualization and interaction needs lived by the rubber tappers and the inhabitants of the rubber plantations. “Soldados da borracha” (rubber soldiers) were rubber tappers who moved into the Amazon forest during the Second World War to take part in the concentrated efforts in the rubber production to supply European markets. Emerging from the *Amazon Rubber Boom* context, the cultural collocations studied reveal us their inseparability from the rubber plantations cultural systems. Drawing on their conventionalization, they demonstrate unique and unusual aspects of the Portuguese spoken by rubber tappers and rubber men.

**Keywords:** Phraseology. Culture. Cultural Collocations. Corpus Linguistics. Brazilian Portuguese. Amazon.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Fraseologia no âmbito da convencionalidade.....	46
Figura 2 - Obra que dá origem ao CEVIJ. (SILVA, 2013).....	73
Figura 3 - Relato oral em <i>Word</i> (COAC).....	73
Figura 4 - Relato oral em <i>TXT</i> (COAC).....	74
Figura 5 - Relato escrito em <i>Word</i> (CEVIJ).....	74
Figura 6 - Relato escrito em <i>TXT</i> (CEVIJ).....	75
Figura 7 - Tela inicial do programa <i>WordSmith Tools</i> .....	79
Figura 8 - Aba <i>Concord</i> .....	80
Figura 9 - Aba <i>KeyWords</i> .....	81
Figura 10 - Aba <i>WordList</i> .....	82
Figura 11 - Levantamento das palavras-chave no CEVIJ.....	85
Figura 12 - Concordâncias para “borracha”.....	86
Figura 13 - Concordâncias para “engenho”.....	87
Figura 14 - Concordâncias para “Juruá”.....	87
Figura 15 - Concordâncias para “pé”.....	88
Figura 16 - Levantamento das palavras-chave no COAC.....	89
Figura 17 - Concordâncias para “borracha”.....	90
Figura 18 - Concordâncias para “arriação”.....	91
Figura 19 - Concordâncias para “aviaamento”.....	91
Figura 20 - Concordâncias para “bandêra”.....	92
Figura 21 - Concordâncias para “boca”.....	93
Figura 22 - Concordâncias para “estrada”.....	93
Figura 23 - Concordâncias para “espigão”.....	94
Figura 24 - Concordâncias para “madêra”.....	95
Figura 25 - Concordâncias para “manga”.....	95
Figura 26 - Concordâncias para “matêro”.....	96
Figura 27 - Concordâncias para “mutá”.....	97
Figura 28 - Concordâncias para “pau”.....	97
Figura 29 - Concordâncias para “paxiúba”.....	98
Figura 30 - Concordâncias para “poronga”.....	98
Figura 31 - Concordâncias para “prancha”.....	99
Figura 32 - Concordâncias para “rodo”.....	99
Figura 33 - Concordâncias para “seringueiro”.....	100
Figura 34 - Concordâncias para “seringueira”.....	101
Figura 35 - Concordâncias para “tigela”.....	101

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bancos de dados ( <i>corpora</i> ) eletrônicos do Português.....	41
Quadro 2 - Os elementos de uma colocação.....	58
Quadro 3 - Taxonomia das colocações culturais nos <i>corpora</i> CEVIJ e COAC.....	59
Quadro 4 - Tipologia dos <i>corpora</i> CEVIJ e COAC.....	71
Quadro 5 - Os números dos <i>corpora</i> CEVIJ e COAC.....	84
Quadro 6 - <i>WordList</i> : palavras-chave (nódulos) extraídas do CEVIJ.....	85
Quadro 7 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “borracha”.....	86
Quadro 8 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “engenho”.....	87
Quadro 9 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “Juruá”.....	88
Quadro 10 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “pé”.....	88
Quadro 11 - <i>WordList</i> : palavras-chave (nódulos) extraídos do COAC.....	89
Quadro 12 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “borracha”.....	90
Quadro 13 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “arriação”.....	91
Quadro 14 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “aviamento”.....	92
Quadro 15 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “bandêra”.....	92
Quadro 16 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “boca”.....	93
Quadro 17 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “estrada”.....	94
Quadro 18 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “espigão”.....	94
Quadro 19 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “madêra”.....	95
Quadro 20 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “manga”.....	96
Quadro 21 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “matêro”.....	96
Quadro 22 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “mutá”.....	97
Quadro 23 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “pau”.....	97
Quadro 24 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “paxiúba”.....	98
Quadro 25 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “poronga”.....	99
Quadro 26 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “prancha”.....	99
Quadro 27 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “rodo”.....	100
Quadro 28 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “seringueiro”.....	100
Quadro 29 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “seringueira”.....	101
Quadro 30 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “tigela”.....	102
Quadro 31 - “Batalha da borracha”.....	104
Quadro 32 - “Barões da borracha”.....	105
Quadro 33 - “ <i>Boom</i> da borracha”.....	106
Quadro 34 - “Ciclo da borracha”.....	107
Quadro 35 - “Coronel da borracha”.....	108
Quadro 36 - “Crise da borracha”.....	109
Quadro 37 - “Corrida da borracha”.....	110
Quadro 38 - “Extratativismo da borracha”.....	111
Quadro 39 - “Homens da borracha”.....	112
Quadro 40 - “Lutas da borracha”.....	113
Quadro 41 - “Monopólio da borracha”.....	114
Quadro 42 - “Peles de borracha”.....	115
Quadro 43 - “Soldado da borracha”.....	115
Quadro 44 - “Terra da borracha”.....	117
Quadro 45 - “Engenho à roda”.....	119
Quadro 46 - “Engenho a motor”.....	119
Quadro 47 - “Autonomistas do Juruá”.....	120
Quadro 48 - “Pé de engenho”.....	120

Quadro 49 - “Pé de violão”.....	121
Quadro 50 - “Borracha fina”.....	123
Quadro 51 - “Boca da borracha”.....	124
Quadro 52 - “Bola de borracha”.....	124
Quadro 53 - “Bolá borracha”.....	125
Quadro 54 - “Bolota de borracha”.....	125
Quadro 55 - “Corte da borracha”.....	126
Quadro 56 - “Cavadô da borracha”.....	126
Quadro 57 - “Fabro da borracha”.....	127
Quadro 58 - “Nota da borracha”.....	127
Quadro 59 - “Pela de borracha”.....	128
Quadro 60 - “Porquêra na borracha”.....	128
Quadro 61 - “Prancha de borracha”.....	129
Quadro 62 - “Saldo de borracha”.....	129
Quadro 63 - “Arriação da seringa”.....	130
Quadro 64 - “Arriação grande”.....	130
Quadro 65 - “Bola de aviamento”.....	131
Quadro 66 - “Sistema de aviamento”.....	131
Quadro 67 - “Corte da bandêra”.....	132
Quadro 68 - “Boca d'um oito”.....	133
Quadro 69 - “Boca da estrada”.....	133
Quadro 70 - “Boca na mata”.....	134
Quadro 71 - “Estrada de centro”.....	134
Quadro 72 - “Estrada de porta”.....	135
Quadro 73 - “Perna da estrada”.....	135
Quadro 74 - “Fim da estrada”.....	136
Quadro 75 - “Espigão da estrada”.....	136
Quadro 76 - “Madêra de canto”.....	137
Quadro 77 - “Madêra bruta”.....	138
Quadro 78 - “Colocá manga”.....	138
Quadro 79 - “Manga de reserva”.....	139
Quadro 80 - “Botá matêro”.....	139
Quadro 81 - “Matêro vai bambulá”.....	140
Quadro 82 - “Fazia mutá”.....	140
Quadro 83 - “Arrastá o pau”.....	141
Quadro 84 - “Pau de fumaça”.....	142
Quadro 85 - “Pano de Paxiúba”.....	143
Quadro 86 - “Poronga no dente”.....	143
Quadro 87 - “Poronga acesa”.....	144
Quadro 88 - “Fazer na prancha”.....	145
Quadro 89 - “Rodo da estrada”.....	145
Quadro 90 - “Vida do seringueiro”.....	146
Quadro 91 - “Mãe da seringueira”.....	147
Quadro 92 - “Matar a seringueira”.....	148
Quadro 93 - “Batendo tigela”.....	148

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - As palavras-chave extraídas do corpus CEVIJ.....	104
Tabela 2 - As colocações culturais extraídas do corpus CEVIJ.....	104
Tabela 3 - As palavras-chave extraídas do corpus COAC.....	121
Tabela 4 - As colocações culturais extraídas do corpus COAC.....	122

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Prep.	Preposição
Adj.	Adjetivo
Sf.	Substantivo feminino
Sm.	Substantivo masculino
Art.	Artigo
V.	Verbo
Abr.	Abril
Jun.	Junho
Ago.	Agosto
COAC	Corpus Oral do Acre
CEVIJ	Corpus Escrito do Vila Japiim
CC	Colocação Cultural
CCs	Colocações Culturais
LC	Linguística de Corpus
UFAC	Universidade Federal do Acre
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFs	Unidades Fraseológicas
EIs	Expressões Idiomáticas
L	Locutor
D	Documentador
FRASCORP	Fraseologia e Colocações a partir de <i>Corpora</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PB	Português do Brasil

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b>	<b>17</b>
<b>1 CONTEXTO CULTURAL DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA</b>	<b>25</b>
1.1 Antecedentes: a descoberta do pneumático	25
1.2 Do <i>boom</i> ao <i>crash</i> da borracha	28
1.3 O segundo fim dos seringais	33
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>39</b>
2.1 Linguística de Corpus	39
2.2 Fraseologia, convencionalidade e idiomaticidade	46
2.3 Colocações da língua geral, cultura e colocações culturais	55
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>69</b>
3.1 Composição, tipologia e autenticidade dos <i>corpora</i> CEVIJ e COAC	69
3.2 O programa <i>WordSmith Tools</i>	78
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>84</b>
4.1 Levantamento das palavras-chave e das colocações culturais do corpus CEVIJ	85
4.2 Levantamento das palavras-chave e das colocações culturais do corpus COAC	89
4.3 Análise das colocações culturais	102
4.3.1 O corpus CEVIJ	103
4.3.2 O corpus COAC	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>157</b>
<b>ANEXO A - Imagens do “ciclo da borracha”.</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO B - Relato de vida de José Batista da Costa (1935 – 2014), 2012.</b>	<b>171</b>
<b>ANEXO C - Relato de vida de Pedro Alencar Barbosa, 2012.</b>	<b>175</b>
<b>ANEXO D - Relato de vida de Sabino Tomás da Rocha. Por Davi Rocha, 2012.</b>	<b>178</b>



<b>ANEXO E - INQUÉRITO CS102CF QUE - GL</b>	<b>180</b>
<b>4ANEXO F - INQUÉRITO RB131CF QUE - GL</b>	<b>194</b>
<b>ANEXO G - INQUÉRITO CS084AM QUE - GL</b>	<b>204</b>
<b>ANEXO H - INQUÉRITO: AB135CM QUE - GL</b>	<b>210</b>

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Somos filhos da terra. É a mesma a vida que flui na sua selva e no nosso sangue. Tudo o que a terra, nossa mãe, parece experimentar e dizer aos olhos por meio de suas formas, da sua melancolia ou do seu esplendor tem a sua ressonância em nós. Só se pode compreender bem um sentimento nos lugares que o inspiram. (LOUREIRO, 1995, p. 183).

Esta pesquisa, em Língua Portuguesa, situa-se numa subárea da Linguística, a Fraseologia, e na circunscrição dos estudos fraseológicos temos como objetivo de estudo as colocações culturais, combinações fixas que compunham o léxico acreano, e se tornaram convencionais no período do “ciclo da borracha”, que em muitos casos, chamam a atenção por seu sentido idiomático e figurado. O estudo deste tema é uma oportunidade de analisar aspectos culturais, ao mesmo tempo, resgatar usos lexicais típicos deste período que marcou profundamente a vida social e cultural da Amazônia.

Os relatos que formam os *corpora* explorados em nosso trabalho atestam a convencionalidade de combinações como “barões da borracha”, “*boom* da borracha”, “estrada de centro”, “estrada de porta”, “madêra bruta”, “madêra de canto”, “espigão da estrada”, “perna da estrada”, “arriação da madêra”, entre outras. Com o intuito de desvelar, um século após o “*boom* da borracha”, (crescimento vertiginoso da produção de borracha) os conceitos correspondentes a essas combinações fixas, situamo-nos diacronicamente no contexto cultural e lexical da saga dos seringais acreanos.

A superação do importante ciclo econômico do qual a Amazônia<sup>1</sup> e o Acre foram protagonistas e transformaram o Brasil no maior exportador mundial de borracha natural, há um século, a diversidade do contexto social e cultural dos tempos atuais, o crescimento da cognição e da técnica impulsionado pela ciência, por novas formas de organização do trabalho, a evolução da economia acreana, entre outros fatores, tornaram distante ou pouco utilizadas nas práticas lexicais da atualidade estas expressões usuais no passado e das quais aqui tratamos.

A “crise da borracha” que atingiu toda Amazônia no início do século XX gerou a mudança da perspectiva econômica e mudou, conseqüentemente, as representações dos valores e práticas sociais. Atualmente, a terceira revolução industrial direta ou indiretamente atinge a

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos à Amazônia, olhamos para a Amazônia brasileira, que engloba os estados do Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins, Rondônia e Acre. Historicamente, primeiro se formou o Estado do Grão-Pará e Amazonas e, a partir dele, foram se formando os demais estados. No período da borracha, só existia a Província do Amazonas, desmembrada da Província do Grão-Pará em 1850.

todos nós, quando precisamos interagir com as profundas transformações tecnológicas que afetam nosso dia a dia, o que facilita a vida em muitos aspectos. Esta conjuntura, demanda a formação de novas lexias e novos conceitos, o que aprofunda as diferenças entre lexias, palavras e expressões usadas no passado e no presente.

Essa conjuntura por nós hoje experimentada, nos leva, apressadamente a deduzir da não necessidade de pesquisar expressões passadas da Língua Portuguesa. Mas nos esforçamos ao longo do trabalho e principalmente no capítulo de análise de dados em dissipar impressões ou compreensões simplistas e/ou utilitaristas, imperativas dos tempos pós-modernos, quando estabelecemos o resgate do significado único das combinações fixas levantadas e constatamos sua importância dentro do panorama léxico-cultural amazônico e acreano hoje.

A possibilidade de realizar o presente estudo em *corpora* escrito e oral formados por relatos de seringueiros acreanos dá-se a partir da formação de dois *corpora*, a saber: o Corpus Oral do Acre (doravante COAC) e o Corpus Escrito do Vila Japiim (doravante CEVIJ). O COAC é formado por relatos de seringueiros acreanos no modo ‘inquérito’, colhidos entre 1980 e 1990, para o projeto Atlas Etnolinguístico do Acre, coordenado pela professora Luísa Lessa Galvão da Universidade Federal do Acre. O CEVIJ é composto por relatos “Depoimentos, o que vi da vida”, capítulo da obra Causos, Histórias e Memórias da Vila Japiim (SILVA, 2013).

Em exame dos referidos *corpora*, detectamos em combinações lexicais previamente levantadas características figurativas, tendo como base a definição de colocações da língua geral e levando em conta a carga cultural<sup>2</sup> das referidas combinações. Por sugestão da professora Adriane Orenha-Ottaiano, cunhamos de forma conjunta e consensual os termos **colocação cultural** (doravante CC) ou **colocações culturais** (doravante CCs), conceitualmente representativos do objeto de estudo aqui estabelecido.

Dessa maneira, esclarecemos que o conceito de fraseologia, de colocações e de cultura, que aqui tomamos como referenciais teóricos e especificamos a seguir, são os conceitos que fundamentam a nossa compreensão de colocação cultural (CC).

Os **fraseologismos**, segundo o que defende Zuluaga (1980), são expressões que apresentam como traço constitutivo a fixação, isto é, seus constituintes caracterizam-se por certa estabilidade sintático-semântica e, em geral, não são comutáveis e não se separam, funcionando como uma única unidade de sentido. Na definição de Corpas Pastor (1996, p. 20), “estas expressões são [...] unidades léxicas formadas no mínimo por duas palavras e no máximo por uma oração composta. Tais unidades se caracterizam por sua alta frequência e aparição

---

<sup>2</sup> Por **carga cultural**, neste trabalho, entendemos o sentido único e incomum agregado a uma palavra ou expressão gerada no contexto idiossincrático de uma dada comunidade.

simultânea de seus elementos”<sup>3</sup>. As unidades fraseológicas, de acordo com Monteiro-Plantin (2012), podem ser entendidas como sequências polilexicais que precisam ser memorizadas em blocos fixos, com certo grau de idiomaticidade, convencionadas pelo uso dos falantes. Como percebemos, os teóricos citados falam de língua, fixação, estabilidade e figuração, uma vez que são essas as características marcantes dos fraseologismos.

Dentro do espectro da Fraseologia, situam-se as **colocações**, que são classificadas por Hori<sup>4</sup> (2004, p. 23) como “a relação habitual de coocorrência entre palavras”. A conceituação expressa por Hori influencia o conceito formulado por Orenha-Ottaiano<sup>5</sup> (2017, p. 458), que destaca as colocações como “combinações recorrentes, arbitrarias e convencionais, lexicalmente e/ou sintaticamente fixas até certo grau e que podem ter um alcance colocacional mais ou menos restrito”. Destacamos também o conceito defendido por Corpas Pastor (2001), que entende a colocação como um idiomatismo empregado em um marco cognitivo distinto com significado unitário e figurativo. As colocações culturais passam a ser entendidas como as combinações de palavras que apresentam determinada carga cultural e características únicas, geradas em contextos idiossincráticos. Vale ressaltar que a carga cultural é o que dá aos agrupamentos fixos aqui estudados a característica incomum própria e o que justifica a utilização da denominação (colocações culturais). Assim sendo, as colocações culturais, no nosso modo de entender, podem ser geradas ou detectadas em contextos culturais variados, especialmente, em comunidades lexicais idiossincráticas. Trata-se, portanto, de lexias ou expressões geradas em contexto *sui generis*, no caso deste trabalho, o amazônico.

Ocupamo-nos em seguida do conceito **cultura**, uma vez que trabalhamos com colocações culturais. Expressão reconhecidamente polissêmica, é conceituada por Lyons (1987, p. 223) como o “conhecimento adquirido socialmente, isto é, aquele que é fruto de um convívio social”. Para o linguista Sapir (1994), cultura é um complexo que inclui elementos distintos, como conhecimento, crenças, arte, moral, leis, hábitos e qualquer comportamento adquirido inconscientemente por um homem como membro de dada sociedade. Este conceito é o que tomamos como base por se adequar mais aos nossos objetivos de pesquisa.

É oportuno ressaltar e destacar também a importância de duas pesquisas recentes, no campo acadêmico, que tomam como base a questão da cultura e que enriquecem teoricamente

---

<sup>3</sup> Unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes.

<sup>4</sup> A relationship of habitual co-occurrence between words.

<sup>5</sup> Collocations are understood as pervasive, recurrent, arbitrary and conventionalized combinations, which are lexically and/or syntactically fixed to a certain degree and may have a more or less restricted collocational range.

nosso trabalho pois ampliam nosso entendimento sobre a questão cultural e aproximam conceitos que são transversais ao conceito de colocação cultural, que veremos em seguida.

Primeiramente chamamos a atenção para os **culturemas** do Português brasileiro que nos ajudam na compreensão e ampliação do conceito de cultura. Pinheiro (2017) enfatiza que é necessário o estudo de língua vinculado ao estudo da cultura, principalmente, para a compreensão intercultural. Um dos instrumentos de resposta de uma comunidade à cultura é a língua. A autora (2017, p. 19) destaca que “a língua é veículo e produto, simultaneamente, de uma cultura”. Em sua pesquisa, analisa lexias do Português do Brasil, tais como: *carnaval, piranha, samba, abacaxi, chuchu, índio, novela*, entre outras, e nos mostra as possibilidades de significação, a figuração, o sentido metafórico e a carga cultural que essas palavras trazem consigo.

Em segundo lugar, destacamos a pesquisa elaborada por Martins (2009), sobre a tradução de **marcadores culturais** em “Sargento Getúlio” e “O sorriso do lagarto”, obras de João Ubaldo Ribeiro. Neste trabalho observamos a importância dos marcadores culturais, que representam elementos inseridos em determinada cultura e que revelam realidades específicas do ponto de vista ecológico, material, social e ideológico, sendo o contexto, de suma importância para a percepção da marca cultural em palavras-chave, como: *peste, cabra, macho, arretado, frouxo, tatú, tanaajura, carnaval*, entre outras. Martins (2009 apud AUBERT, 1981, p. 2) enfatiza que “peculiaridades socioculturais variam de povo para povo, de país para país ou de região para região”.

Tendo em vista os conceitos utilizados acerca da Fraseologia em Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Monteiro-Plantin (2012); de colocação em Hori (2004), Orenha-Ottaiano (2017) e Corpas Pastor (2001); de cultura em Lyons (1987) e Sapir (1994); de culturemas em Pinheiro (2017) e marcadores culturais em Martins (2009) e Aubert (1981), tomamos como de fundamental importância para o nosso trabalho esses teóricos e influenciados por suas ideias, chegamos ao conceito de **colocação cultural** ou **colocações culturais**<sup>6</sup>, que passam a ser entendidas como as combinações de palavras que apresentam determinada carga cultural e características únicas, geradas em contextos idiossincráticos e específicos de uma dada comunidade. No caso desta pesquisa, o contexto idiossincrático é o amazônico, do “ciclo da borracha”.

Desse modo, entendemos que o contexto cultural possibilitou a “mateiros”, seringueiros, seringalistas, “barões” e “coronéis da borracha” a criação dos vocábulos fixos, as

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

colocações culturais que são objeto deste estudo. Sabemos que o “mundo da borracha” foi construído a partir de múltiplas mãos, em que práticas cotidianas imbricam-se com a cultura. Dessa forma, por exemplo, quando levantamos no CEVIJ o combinado lexical “barões da borracha”, entendemos que se pretendia, com o uso desta expressão, a abreviação de um discurso e uma conceituação concisa da realidade, em que situavam-se os importantes homens de negócio, os seringalistas que davam sustentação financeira ao trabalho com a borracha nos seringais.

Os conceitos que apresentamos anteriormente são os guias teóricos de nosso trabalho, especialmente o conceito de colocações culturais, tema central e objeto de nossa investigação.

Prosseguimos, voltando então nossa atenção ao **contexto cultural** que dá origem aos *corpora* analisados: o “Ciclo da Borracha” e o período posterior que sucede ao “ciclo”, os anos de 1980 e 1990, época que se convencionou chamar “décadas da destruição”.

O primeiro “ciclo da borracha”, de acordo com pesquisa realizada por Coelho (1982), culmina em 1912 com o denominado *boom* e acaba ironicamente aí, um período que teve a duração aproximada de meio século. No entanto, a história da borracha começa bem antes. Desde meados do século XIX, já se ouvira falar dos estranhos artefatos em forma oval que desafiavam a gravidade, das inúmeras utilizações que deles faziam os indígenas, chamando a atenção dos centros científicos da Europa. Segundo Costa (1998, p. 43), “a borracha era secularmente conhecida pelos aborígenes americanos. Em seus diários de viagem, Colombo registrou ‘as qualidades peculiares de certa goma’ utilizada pelos naturais. [...] Nas margens do rio Amazonas, as *heveas* têm seu habitat predileto”. Com a consolidação dos aglomerados industriais e os avanços tecnológicos e científicos de fins do século XIX, a borracha passa a ser solicitada como matéria-prima indispensável para essa nova fase da vida pós-moderna.

O segundo ciclo da borracha foi planejado e racional e deu-se com objetivos claros e pragmáticos por ocasião da Segunda Guerra Mundial em 1945. A borracha tornou-se a matéria-prima indispensável às perspectivas de vitória dos países aliados. Neste período, também conhecido como “batalha da borracha”, outra vez rumam para os altos rios amazônicos milhares de nordestinos, empoderados oficialmente como “soldados da borracha”. Estes homens, chegando nos seringais, por desconhecerem os segredos da floresta, também foram chamados de “brabos”, “arigós”.

As “décadas da destruição” são os anos em que se deram as derrubadas dos seringais, as queimadas e os conflitos pela posse da terra, com o intuito de formar fazendas para a criação de gado. Povoar a Amazônia, ‘integrar para não entregar’ fazia parte da ideologia oficial dominante nesses anos de chumbo. A partir de uma união de forças, governo e empreendedores

estabelecem um novo olhar para o norte brasileiro. As terras que abrigavam antigos seringais começaram a ser vendidas e dá-se aí a saga dos paulistas<sup>7</sup> rumo ao norte brasileiro, especialmente o Acre. A Amazônia, de “inferno verde”, passa a um mundo em chamas e se transforma na nova fronteira brasileira a ser explorada pela pecuarização. De acordo com Souza (1990, p. 64), “no final dos anos 1970 grandes seringais acreanos são comprados a preço vil por fazendeiros sulistas. Outros, simplesmente são grilados. [...] Num quadro assim, era natural que os seringueiros fossem os mais prejudicados”.

Os seringueiros e demais habitantes do mundo dos seringais que dão voz e vida aos *corpora* (CEVIJ e COAC) que analisamos neste trabalho, falam de suas vidas, do seu dia a dia, das suas labutas, do trabalho nos altos rios, do perigo enfrentado nas estradas de seringa, da serpente traiçoeira e têm aspectos de seu léxico influenciado por essa conjuntura culturalmente plural e conflituosa.

A aplicação metodológica da Linguística de Corpus (doravante LC) pressupõe a utilização de *corpora* e o uso metodológico de programas computacionais. No âmbito da LC, utilizamos o programa computacional *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), versão 7.0, e suas ferramentas fundamentais, o *Concord* para detectar concordâncias, o *WordList* para extrair listas de palavras e o *KeyWords* para identificação das palavras-chave.

Isso posto, esclarecemos nossos questionamentos de pesquisa, isto é, as perguntas que nos instigam à realizar esta pesquisa: o trabalho nos seringais é determinante para o surgimento da região acreana no cenário brasileiro e amazônico, migrando do Nordeste e se fixando nas bacias fluviais amazônicas os desbravadores do “inferno verde” criaram uma linguagem peculiar. É possível detectar expressões que se repetem e são indecomponíveis e usuais em sua comunicação? Dada a superação da economia gumífera, que importância tem para a contemporaneidade pesquisar “expressões fixas” a partir de relatos de seringueiros?

A hipótese geral deste trabalho é: a extração e análise em *corpora* das CCs aqui pesquisadas redundam num resgate de aspectos lexicais amazônicos e mostram aos falantes do Português do Brasil (doravante PB), pesquisadores, estudantes, a criatividade lexical dos homens do “ciclo da borracha”, que adaptaram aos seringais palavras pós-modernas, e formaram expressões fixas incomuns com resultado conceitual único.

Mediante perguntas e a nossa hipótese geral, estabelecemos os pontos seguintes em destaque como objetivos de pesquisa:

---

<sup>7</sup> No Acre, bem como em toda a Amazônia dos anos de 1960-1990, denominou-se “paulista” todo migrante proveniente do Sudeste e Sul brasileiro que chegava em busca de terras para a implementação de fazendas.

- Identificar e extrair as palavras-chave (nódulos) de maior significado e frequência nos *corpora* escrito e oral;
- Identificar e extrair as CCs de maior significado e frequência nos *corpora* escrito e oral;
- Conceituar as colocações culturais tomando por base o conceito de fraseologismo, colocação, cultura e idiomatismo;
- Identificar e analisar os elementos constitutivos a serem considerados para a categorização de uma colocação cultural;
- Analisar as CCs, tendo em vista as relações existentes entre o léxico regional, a sociedade e a cultura do “ciclo da borracha”;
- Resgatar aspectos lexicais amazônicos para contribuir com o registro das CCs.

Desse modo, a partir dos objetivos estabelecidos, esta pesquisa está estruturada da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentamos a contextualização histórico-cultural com ênfase no primeiro e segundo “ciclos da borracha”, e, no período posterior a esses ciclos, as “décadas da destruição”. Essa contextualização é ancorada em pesquisas e em obras de autores brasileiros e estrangeiros sobre a Amazônia, o Acre, especificamente sobre suas questões sociais, culturais e históricas.

No capítulo 2, tratamos das questões teóricas, o que nos permitiu dialogar com o objeto e compreendê-lo melhor ao relacioná-lo com os conceitos de Fraseologia, idiomaticidade, colocações, cultura e colocações culturais, tendo como base textos consagrados e referenciais, bem como pesquisas contemporâneas sobre a temática em questão.

No capítulo 3, trabalhamos a metodologia, de modo que apresentamos a composição, a tipologia, a autenticidade e a representatividade como aspectos imprescindíveis para o trabalho com *corpora*. A identificação das colocações culturais é feita por meio do Programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), versão 7.0, com a utilização de suas principais ferramentas *WordList*, *KeyWords* e *Concord*.

O capítulo 4 é dedicado à exposição e à análise dos dados obtidos com a pesquisa: desta forma, elencamos os 23 nódulos (palavras-chave) geradores a partir dos quais detectamos as 104 expressões que classificamos como colocações culturais. Dentre estas selecionamos 63 de maior significação e procedemos sua análise desvelando seu sentido figurado em muitos casos ou apenas, em outros, explicando sua carga cultural e sua semântica.

A importância da realização da pesquisa é por nós destacada, mediante as possibilidades inovadoras do trabalho metodológico com a utilização da Linguística de Corpus e no redescobrir significativo de cada expressão (colocação cultural) analisada.



Por fim, é importante notar ainda uma motivação pessoal para a tomada deste trabalho como meta de pesquisa, uma vez que meu avô materno, o Sr. Epitácio Chaves, foi “soldado da borracha”, participante da “batalha da borracha” na Amazônia, sendo por assim dizer um seringueiro incansável e destemeroso, desbravador dos rios da bacia do Alto Juruá e de suas “estradas de seringa”. Homem dos seringais, ele também trabalhou em muitas outras atividades tipicamente amazônicas após o fim do segundo “ciclo da borracha”. Além do mais, meu bisavô paterno, o Sr. Raimundo José da Silva, foi seringueiro no primeiro “ciclo da borracha”. Migrou do Ceará em fins do século XIX e fixou moradia na região do Juruá, especificamente às margens do rio Japiim, para o trabalho com a borracha.

Por tudo isso, esse trabalho nos possibilita uma dupla realização: como pesquisador, ao descobrir e analisar, após metódico e racional procedimento, as expressões que nossos antepassados utilizaram para se comunicar nos seringais e colocar estas informações à disposição do público; como ser amazônico e professor, por poder dar voz a tantos (onde se incluem pessoas de nossa raiz familiar) que se dedicaram a construir, pelo trabalho nos seringais, a terra acreana.

## 1 CONTEXTO CULTURAL DOS SERINGAIS NA AMAZÔNIA

O Inferno Verde, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desqu岸er e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias, a traduzir, no contexto vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana. (CUNHA, 1998, p. 218).

A contextualização do ponto vista histórico e cultural é o objetivo deste capítulo, onde tratamos do cotidiano dos seringais, das forças nem sempre explícitas que transitaram por trás das “facas de seringa”, do jogo dos poderes estabelecidos no barracão, do sistema de aviamento, da precariedade da vida nas “colocações” imersas num sistema de trabalho exaustivo. As combinações fixas aqui pesquisadas, (colocações culturais), brotam desta realidade social que investigamos em seus aspectos cruciais. Primeiramente aludimos sobre a descoberta da borracha pelas indústrias europeias; em seguida abordamos o “ciclo da borracha”, por fim tecemos uma análise da realidade cultural acreana após o fim dos seringais.

### 1.1 Antecedentes: a descoberta do pneumático

Voltamos nossa atenção, neste subcapítulo, aos antecedentes do “ciclo da borracha”, isto é, para a conjuntura industrial internacional que exigiu e financiou a criação dos seringais numa região praticamente desabitada pelos colonizadores do Brasil, mas que chamou a atenção pelos milhares de agrupamentos étnicos que nela habitavam secularmente. Ou seja, argumentamos do vínculo histórico e cultural entre dois mundos bem distintos, o mundo europeu e o mundo amazônico.

Entendemos que a prática lexical que se convencionalizou nos seringais tem um sentido e uma razão de ser. Mesmo possuindo sentido denotativo e conceituação clara, lexias como o numeral “oito”, os substantivos “bandeira”, “estrada”, “porta”, “boca”, “coronel”, os verbos “arriar”, “cortar”, “defumar”, entre outras, foram adaptadas e passaram a criar sentidos e significação figurada no léxico do seringueiro acreano.

Ao olhar panoramicamente para o mundo em industrialização do século XIX e para a Amazônia<sup>8</sup> e o Acre, percebemos que o “ciclo da borracha” não foi acaso ou dádiva da natureza. Foi, sim, fruto do desenvolvimento natural de um longo processo de revoluções da ciência. A industrialização, os motores, os automóveis, entre outros elementos marcantes da pós-modernidade, vão exigir demanda crescente de borracha. O que resulta na implementação dos seringais amazônicos.

A fundação e organização de um seringal na Amazônia em fins do século XIX, não foi acessível a todos que eventualmente se interessaram por tal empreendedorismo pois exigia um montante considerável de recursos financeiros. Segundo Calixto et al. (1985, p. 69), “a formação do seringal está estreitamente vinculada ao arregimento da força de trabalho e ao financiamento, à migração nordestina e ao aviamento. Seus elementos principais tinham como referência: o seringalista e o barracão, o seringueiro e a ‘colocação’ ”.

Antes, porém, de adentrarmos na questão da estruturação dos seringais e o desencadeamento da imensa rede produtiva seringueira que marca a cultura histórica acreana e amazônica, é importante notar alguns antecedentes.

Desde o início da colonização, os primeiros navegadores já buscavam na Amazônia o *el dorado*, fantasia que permeou a ideologia e os sonhos dos homens europeus do século XV, à época das grandes navegações em busca das “drogas do sertão” e principalmente do ouro. Essa seria uma marca que perseguiria a Amazônia: ser olhada como um lugar onde conviviam num equilíbrio precário o exótico, a tragédia, os extremos, as fantasias, as doenças desconhecidas, o medo da morte, o afã do enriquecimento fácil, a aventura.

Em estudo clássico do período que antecede o *boom* ainda no século XIX, sobre a variada utilização da “goma” de borracha e de sua aceitação nas culturas americanas, numa descrição realista, Lima (1998, p. 34), enfatiza que “no demarcado de tão impenetráveis matas, vegeta um mundo de árvores, pojadas de estranhíssima seiva. [...] Presta-se, igualmente, para moldar pequenos odres – borrachas e também seringas”.

Até então, o mundo pré-industrializado emergente não tinha conhecimento da estranha “goma elástica” e de suas mil e uma utilidades. Segundo reafirma o autor (1998), por toda a América, a “seringa” já era conhecida e, como atestam documentos variados, requerida e utilizada por determinadas culturas nativas. Colombo, no século XVI, em seus apontamentos ao Rei de Portugal, registrou que os habitantes do Haiti fabricavam certas bolas miraculosas

---

<sup>8</sup> O Acre, no “Ciclo da Borracha”, ainda não era brasileiro. A terra acreana pertencia à Bolívia e era habitada por seringueiros cearenses administrativamente ligados ao Amazonas. Daí a utilização, por nós, da expressão Amazônia/Acre.

feitas à base de látex. De acordo com Lima (1998, p. 35), “até aí, tudo não passa de extravagâncias de índios, que não chegam a interessar, de fato, os civilizados europeus. Mesmo as primeiras notícias divulgadas, no século XVII, tratam com indiferença a exótica descoberta dos selvagens americanos”.

Aos poucos, a borracha, como matéria-prima, foi chamando a atenção do mundo científico e industrializado de maneira que,

em meados do século XVIII, o misterioso leite penetra o círculo de cogitações dos meios científicos do velho mundo. A partir do século XIX, desencadeia-se, finalmente, o aperfeiçoamento de sua utilização industrial. Charles Goodyear faz saber ao mundo que descobriu um meio absolutamente inédito de tornar a borracha capaz de resistir à destruição pelo grande calor ou pelo frio excessivo. Com semelhante processo de “vulcanização”, a borracha ia prestar-se, daí por diante, a todos os caprichos fabris. (LIMA, 1998, p. 36).

A descoberta do pneumático e os avanços da ciência química permitiram a alguns países recém-industrializados na Europa (sobretudo a Inglaterra) dar um enorme passo rumo à modernização de suas velhas estruturas sociais e culturais. Uma série de descobertas e invenções científicas e tecnológicas passam, então, a fazer parte da vida das pessoas, especialmente as que habitavam as regiões mais desenvolvidas. Esses acontecimentos iriam ajudar a humanidade a pensar, produzir, planejar, desenvolver e se locomover mais depressa. A Revolução Industrial permitiria a criação dos primeiros automóveis e fábricas que se espalham rapidamente por todo o mundo industrial emergente. Então, a goma elástica de seringa passa a ser matéria-prima *sine qua non* para este novo mundo que emerge da industrialização. (HOBSBAWM, 1992).

O contexto cultural internacional do século XIX é a mola propulsora que vai desencadear o “ciclo da borracha”, levando o grande vale do Rio das Amazonas toda sorte de aventureiros empreendedores que instalariam na região um período de grande euforia e arrivismo, (SOUZA, 1978). A borracha passa a ser, a partir de então, o foco da nova cobiça internacional, conseqüentemente, os problemas vão se insurgindo.

Se por um lado a Amazônia já se descortinara aos olhos do mundo como um celeiro precioso de riquezas extrativistas e a seringueira veio somente confirmar essa “vocaçãõ”, por outro, a pergunta que não podia calar: como estabelecer uma “linha de produção” da borracha

em insólita e desabitada<sup>9</sup> região tropical? Acompanhando o ritmo frenético da industrialização, igualmente rápida, foi a epopeia moderna de deslocamento humano e de trabalho semiescravo que se estruturou a partir da formação dos seringais.

## 1.2 Do *boom* ao *crash* da borracha

Dando prosseguimento à contextualização histórica destacamos neste subcapítulo o povoamento e a implantação dos seringais na Amazônia, episódios que, ao nosso ver, representaram, entre outras coisas, a chegada da modernidade à região. Os navios, os motores, o comércio, homens letrados, “barões” e “coronéis”, padres pregando a lição cristã, esporadicamente médicos, políticos em época de eleições. A visão romanceada de Ferrante (2007, p. 143) atesta que “o coronel, no dia da eleição, vai, pessoalmente, à Vila, à frente dos seringueiros do ‘Santa Rita’. Raros sabem ler, mas são eleitores. Cedo, a Vila enxameia de gente. Roceiros, ribeirinhos, seringueiros aos magotes, metidos em roupas domingueiras. Eleição é trégua no isolamento em que vivem condenados”. A vida pacata recrudescida pela calmaria e indiferença dos rios e pelo silêncio da floresta, pelos perigos da “estrada”, de repente viu-se transformada, e a visão de “paraíso amazônico” seria defenestrada com a chegada de tantas novidades. Velhas certezas foram abaladas, como, por exemplo, sua “vocação” para santuário extrativista, pautado pela coleta das “drogas do sertão”. Era preciso povoar, formar seringais, modernizar, ampliar fronteiras amazônicas, ir até os seus confins, desnudar-lhe, tirar-lhe o véu. Essa ideologia da mudança e do progresso, própria das sociedades pós-modernas capitalistas conseguiu ressonância nos confins do Brasil, nos seringais.

A história da borracha é parte integrante do último grande ciclo econômico brasileiro, antes da era da industrialização nos anos 30 do século XX. Nos guiamos até aqui, por este princípio que é consenso entre historiadores. Depois do ouro nos estados de Minas Gerais e Goiás, do açúcar no Nordeste e do café em São Paulo e Rio de Janeiro, vem então o “ciclo da borracha”. Foi gigantesco e dispendioso montar o complexo esquema de “trabalho seringueiro” que se conheceu na Amazônia no início do século XX.

Por outro lado, a região que seria décadas depois o Território Federal do Acre, até fins do século XIX, ainda não existia como terra brasileira oficialmente. Possuía, entretanto, fortes

---

<sup>9</sup> As variadas etnias indígenas que habitavam a Amazônia no “Ciclo da Borracha” viram suas terras serem invadidas por homens brancos. Os conflitos acirraram-se e os seringalistas implementaram as “correrias”. Em suma, significou a consolidação do etnocídio que os indígenas sofriam desde o século XIV, época das primeiras navegações pelo rio Amazonas.

ligações com o Amazonas devido ao curso natural dos rios, principalmente de seus dois maiores caudatários: o rio Juruá e o rio Purus. Esse extremo ocidental do Brasil torna-se por um capricho da natureza um dos principais palcos da expansão capitalista e, em questão de três décadas, vê-se no epicentro do ímpeto de consumo do capitalismo mundial.

O êxodo para os seringais amazônicos dá-se sob a criação de uma “rede” muito eficiente: financiadores internacionais; financiadores nacionais; seringalistas (coronéis/barões da borracha) e seringueiros.

Esse tempo marcante da história amazônica é destacado da seguinte maneira por Diniz (2012):

A primeira grande seca no sertão nordestino, em 1879, empurrou as primeiras levas de nordestinos para a pátria amazônica. A segunda, em 1889, e a terceira, 1900, catalisaram definitivamente o êxodo em massa do povo da terra árida [...]. As grandes secas ardiavam sobre o sertão inconsolável e, como consequência inquebrantável, as cidades litorâneas enchiam-se de moribundos e famintos. Os vapores congestionados de fardos humanos singravam para a terra amazônica, (DINIZ, 2012, p. 78-79).

Sobre o contexto conjuntural amazônico e acreano do “ciclo da borracha”, Carvalho (2005, p. 96), crítico literário e professor da Universidade Federal do Acre, endossa que “a monocultura da borracha na Amazônia inaugurou um novo *modus vivendi* na região. A massa de migrantes nordestinos que rumou ao *el dorado*, fugindo do flagelo da seca, permitiu, além da ampliação de nossas fronteiras geográficas, a formação de um novo *ethos* regional”.

A chegada em grande escala dos extrativistas amazônicos para a região teve também a anuência de personalidades como Euclides da Cunha que destacou com ares de cautela e preocupação:

Mas, ao mesmo passo, convém-se em que esta marcha sobremaneira analítica, e de longo discurso remorado, é fatal. A inteligência humana não suportaria de improviso o peso daquela realidade portentosa. Terá que crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. [...]. É natural. A terra ainda é misteriosa. É a guerra de mil anos contra o desconhecido... A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural. (CUNHA, 1998, p. 217)

O “paraíso perdido” tinha que ser inexoravelmente desbravado, compreendido, civilizado sob a perspectiva do colonizador, na visão do autor (1998). Os seringais são a sua primeira grande tentativa de povoamento e de imposição de uma marca cultural, mesmo que os

milhares de povos indígenas já vivessem na Amazônia com línguas, falares, saberes e práticas culturais solidificadas. Discutir esse inevitável choque cultural de trágicas consequências para os povos indígenas da Amazônia foge ao escopo deste trabalho, mas está registrado pela História.

Nesta aventura que foi o “ciclo da borracha”, despontam os povoados que se elevariam ao patamar das maiores cidades amazônicas. De acordo com Souza (1978, p. 96), “Manaus e Belém se transformaram em pequenas reproduções da Europa, sonhos da boa ganância materialista, de quixotes e sanchos-panças, do banquete eterno, das iguarias finas e vinhos, picardia e liberações orgiásticas nos inúmeros bordéis altamente especializados”.

Um clima de boa vida contagiou essas duas “praças” durante o *boom*. Manaus, por exemplo, se autoproclamou a “Paris dos trópicos”, ignorando pragmaticamente seu “calcanhar de Aquiles”, isto é, vida de trabalho semiescravo existente nos seringais. Em sua *belle époque*, essas cidades contagiaram com suas casas festivas onde se usava charutos e *uísques* importados da melhor praça da Europa, os coronéis ávidos por amor passageiro e a lascívia carnal (SOUZA, 1978).

Se *boom* significa crescimento rápido, evolução, por sua vez, *crash* remete-nos à queda, interrupção, crise<sup>10</sup>. A seringueira foi a árvore da fortuna plantada pela mão de Deus em solo amazônico. Assim, referem-se a história e a literatura sobre a Amazônia ao ciclo econômico da borracha, porque viveu-se aí um frenesi, acentuado pela propaganda da vida paradisíaca nos confins do extremo ocidente brasileiro e também pelo aumento nos negócios impulsionados pela crescente demanda da borracha no mercado industrial americano e europeu. A vida para os “barões da borracha” fluía como um *vaudeville*<sup>11</sup> (SOUZA, 1978). Os “barões da borracha”, confiantes, faziam a festa amparados pelos altos lucros que a “indústria da borracha” lhes proporcionava.

Para os seringueiros, em nenhum momento a vida foi fácil. Após navegarem a costa brasileira pelo Atlântico, adentravam o grande rio das Amazonas em busca das ‘leitosas árvores’ nos seringais. A Amazônia, em fins do século XIX, detinha o monopólio da produção mundial da borracha, abastecia o mercado internacional e arrecadava altos dividendos em impostos à nação brasileira. No entanto, “nem tudo eram flores” no novo *el dorado*<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.linguee.com.br/tradução>. Acesso em 26 abr. 2018.

<sup>11</sup> Em tradução livre da língua francesa para o Português: *vaudeville*: “comédia leve”. Em inglês, “*variety stage show*”: “uma fase festiva, um espetáculo, uma descoberta”.

<sup>12</sup> “[...] a grande mola propulsora à conquista de territórios, ao desbravamento dos oceanos e à aventura em perigosas florestas tropicais foi sem dúvida, a procura do ouro, de pedras preciosas e de algumas essências raras tais como o pau-brasil, a canela e as especiarias. Os irmãos Pizarro, (...) impressionados pelas lendas a respeito do *el dorado*, país de fabulosas riquezas, localizado junto a um imenso lago, habitado pelas *amazonas*, tribo guerreira,

O Brasil, por meio desta epopeia, alargava suas fronteiras, demarcava e povoava um novo território que seria ainda palco de acirradas disputas internacionais entre bolivianos, peruanos e brasileiros, miscigenando culturas e implementando marcas lexicais que correspondiam às novas necessidades de conceituação do vivido, da realidade empírica, dos modismos, das artes que inspirariam a *belle époque* amazônica. O mesmo autor (1978) destaca também outro relevante aspecto desta evolução histórico-cultural:

O comércio da borracha vinha proporcionar inquietudes inéditas [...] a riqueza acumulava-se nas mãos de uma minoria comissionada e de exportadores, em detrimento de uma vasta mão-de-obra indefesa. [...] O coronel da borracha, também arrivista e ambicioso, acreditava na exclusividade. [...] A seringueira, ao contrário do filão do ouro, mostrava-se inesgotável. Uma árvore se regenera, se multiplica aos milhões. (SOUZA, 1978, p. 88-93).

A certeza de que tudo caminharia como estava era dominante na mentalidade dos seringalistas. Nada se insurgiria contra tão apaziguadora conjuntura: milhares de árvores sangradas diariamente por pacíficos seringueiros garantiriam o irrefutável sucesso empreendedor. O deleite e prazer dos coronéis da borracha em face do enriquecimento rápido e fácil eram custeados por largos financiamentos do capital nacional e internacional e pelo trabalho semiescravo do colono rude que, adaptado à aspereza da selva, o seu novo “sertão”, aprendia a lidar com a malária<sup>13</sup>, os insetos venenosos e indígenas em estado natural, arredios ao contato com o homem branco. O “inferno verde” apresentava-se, inexoravelmente, como uma terra para os fortes. (CUNHA, 1998).

No entendimento de Costa (1998), a aventura de construção dos seringais assemelha-se à aventura dos bandeirantes desbravadores e ampliadores das fronteiras do Sudeste brasileiro. Na Amazônia, não existia ouro, mas tinha um filão inesgotável da árvore (a seringueira) que permitia a produção do “ouro negro” (a borracha). Comandando essa epopeia, há a figura do seringueiro triunfante.

A onda de povoamento foi crescente e chegou-se a afirmar que o Ceará se despovoava em benefício da Amazônia, atingindo a cifra de 54.000 indivíduos nos anos de 1878. E continuou crescendo nos anos seguintes. Na imaginação do cearense, como aqui já dito, a região

---

constituída somente de mulheres, exímias cavaleiras, ferozes atiradoras de flechas, verdadeiras dianas caçadoras que assaltavam e dominavam todas as outras tribos”. (BRANCO, 1989, p. 9.)

<sup>13</sup>Até então, entendida pela medicina como ‘desconhecido mal dos trópicos que vinha pelo ar’, daí: “mal-do-ar”, que evoluiu para o item lexical “malária”.



amazônica representava o novo *el dorado*: fartura, água e possibilidades reais de enriquecimento (COSTA, 1998).

O autor enfatiza e demarca uma data crucial para o início do povoamento e formação dos seringais:

No correr dos anos 1877-1879, o interior do Amazonas começou a povoar-se. [...] Os comerciantes largavam esses homens seminus e esqueléticos aqui e ali, à margem dos rios navegáveis, à mercê dos fardos incertos, à fabricação da borracha já então ardentemente procurada pelas novas indústrias que surgiam na Europa. E subiram os rios amplos em cujas margens dominava o selvagem, que se precavia, se amoitava nas sebes e no cimo das árvores, de tocaia, à espera do invasor. [...]. Mas a terra desflorada pelo cearense heroico, [...] restituía, dadivosa, com prodigalidade infinita, aquelas rudes canseiras incessantes...” (COSTA, 1998, p. 37).

Consideramos que, sem essa motivação inicial, eles jamais teriam encontrado forças para superar o meio hostil. Nessas imensas levas de migrantes, estavam também homens ousados que, mesmo rudes, triunfaram e se tornaram proprietários, a maioria, porém, se afunda em dívidas frente aos preços exorbitantes dos aviamentos<sup>14</sup>.

A “indústria” da borracha foi geradora de serviços variados. Não viviam nos seringais somente os extratores da goma elástica. O comércio, o latifúndio, o pastoreamento, a fiscalização, as mulheres e as crianças formavam uma população de aproximadamente 70 mil brasileiros que viviam na referida região (COSTA, 1998).

Para além das cidades de Belém e Manaus, foi criado um *ethos* cultural em toda região, o desejo do progresso, que se materializava nas necessidades de informação, transporte, justiça, saúde e escola. Em cada sede de seringal, estava plantado o embrião das futuras cidades amazônicas, como nos ensina a História. A onda modernizadora da região produz e dissemina mudanças lexicais e, neste processo dá-se a geração espontânea das colocações culturais, que em suma foi a adaptação de lexias modernas e de significação transparente (estrada, oito, boca, bandeira, borracha, perna, manga, espigão, porta, entre outras) na forma de expressões que variam em graus de idiomatidade e figuração (“estrada de centro”, “boca d’um oito”, “perna da estrada”, “estrada de porta”, “espigão da estrada”, entre outras).

Se o “boom da borracha” foi uma consequência natural da “modernização” do vale amazônico/acreano, da migração e do trabalho incansável de milhares de seringueiros, tão incontrollável foi também seu *crash*, sua debacle. O fim do monopólio em 1910 ocorre porque

---

<sup>14</sup> Gêneros alimentícios, mantimentos e instrumentos de trabalho.

os seringais de cultivo da Malásia começam a produzir em escala industrial, com otimização de tempo, espaço e técnica, superando definitivamente a arcaica cultura extrativista implantada nos seringais da Amazônia. O “*crash* da borracha” provoca uma mudança brusca na conjuntura econômica e cultural de toda a região. Segundo Souza (1978),

[...] o monopólio estava quebrado por plantações racionalizadas e, a partir de 1910, iriam provocar dificuldades aos coronéis brasileiros [...] os coronéis de barranco, que acreditavam na exclusividade, sentiram-se, de repente, traídos pela natureza infiel. Os mercados mundiais transferiram sua preferência para o látex do Oriente, de custo comercial mais leve. [...] Manaus torna-se uma província empobrecida, abandonada. (SOUZA, 1978, p. 135-138),

A crise da borracha não levou de volta os cearenses para a terra natal. Muitos seringueiros não voltariam à sua terra de origem, e, permanecendo nos seringais, começam uma nova saga, construindo as vilas amazônicas, futuras cidades.

Podemos afirmar, baseando-nos na historiografia amazônica, que a cultura da borracha, mesmo ainda muito viva na memória dos homens que construíram a Amazônia e o Acre, a partir de 1912, não tinha mais possibilidade de uma retomada consequente no setor econômico brasileiro. A eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1945 criou o movimento da “batalha da borracha” e a figura do “soldado da borracha”, que implicou em novo recrutamento de milhares de nordestinos para o trabalho nos seringais, financiado pelo capital norteamericano, mas que logo entra em declínio com o fim da guerra. Outra vez os seringueiros amazônicos e acreanos estavam à mercê da sorte e da boa vontade dos poucos “seringalistas” que ainda insistiam na exploração dos seringais. A história do declínio dos seringais não cabe em nosso escopo de pesquisa, mas cabe ressaltar que foi avassalador, dando-se aí a retirada paulatina dos seringalistas e da infraestrutura que sustentava os seringais por toda Amazônia.

### **1.3 O segundo fim dos seringais**

Neste subcapítulo, tratamos do contexto cultural que sucedeu o segundo “ciclo da borracha”, período de onde emergem os *corpora* em análise neste trabalho, época em que o “paraíso” se encontra em chamas e a harmonia homem X natureza outrora reinante nos seringais se transforma em densos tufões de fumaça causados pela queima da floresta, episódios que atestam o segundo fim dos seringais. É uma época de embates ideológicos e de resistência, nunca vistos antes na história da Amazônia. O seringueiro, outrora pacífico e conformado

mediante a realidade social que lhe cercava, começou a ver outras saídas, ousou lutar. O movimento social liderado por Chico Mendes e seus companheiros na cidade de Xapuri – AC, nas décadas de 1970 a 1980, é o resultado de uma conjuntura que agrega múltiplos fatores sociais, políticos, culturais e econômicos. Em dissertação de mestrado, Silva (2009) refere-se a essa problemática com foco no discurso literário instaurador do herói acreano Chico Mendes. Segundo o autor (2009), a Amazônia e o Acre viviam um momento de ebulição social e econômica oriundo da superação da atividade extrativista e da implementação da pecuária como novo modelo econômico. Uma transição conflituosa. Nessa conjuntura, as classes sociais acreanas e suas respectivas culturas ficaram divididas entre os “paulistas”, novos donos dos seringais, e os seringueiros, tradicionais habitantes da região.

Na década de 1970, os ex-seringueiros, no entendimento de Silva (2009), organizaram-se como classe sindical e, sob a liderança de Chico Mendes, fazem da sua luta uma bandeira para a preservação da floresta. Os migrantes “paulistas”<sup>15</sup>, munidos dos propósitos de aquisição de terra para formação de fazendas de gado, encontraram então, aí, o seu mais fervoroso obstáculo, a resistência natural do caboclo amazônico. Mas falou mais alto o poder do capital e grandes propriedades rurais foram formadas no Acre a partir da década de 1970. Esse entendimento é corroborado pelas palavras de Souza (1990), quando afirma que

[...] no final dos anos 1970, grandes seringais acreanos são comprados a preço vil por fazendeiros sulistas. Outros, simplesmente são grilados em cartório, com documentos falsos. O esbulho do direito de posseiros com quase 100 anos de posse era feito com tal falta de cerimônia, os títulos falsificados pululavam com tanta desenvoltura, que se chegou a pensar que talvez o estado do Acre fosse como um edifício de vários andares, tamanha era a diversidade de proprietários “legítimos” brandindo suas escrituras “autênticas” a disputar o mesmo espaço de terra. (SOUZA, 1990, p. 34).

Com a chegada dos “sulistas” para Rondônia, o cerco fecha-se com relação ao Acre. Uma grande parte das florestas de Rondônia vira fumaça e a invasão das terras dos índios – nhambiquara, cinta-larga, uru-eu-wau-wau, arara, gavião – se torna incontrolável. Os fazendeiros começaram a chegar em 1970, depois de completada a rodovia BR-364 que ligava Rio Branco a Porto Velho e Cuiabá. A política econômica oficial visava à superação definitiva do extrativismo. O plano do governo era atrair pessoas de posse e oferecer-lhes os antigos

---

<sup>15</sup> “Paulista” foi denominação empregada a todo migrante (paulista, mineiro, goiano, paranaense, entre outros) que chegou para o Acre nas décadas de 1970 e 1980 em busca da aquisição de terras para a implementação da pecuária.

seringais a preços simbólicos e mudar a base econômica da borracha para a pecuária à mercê ou revelar os direitos das populações tradicionais da região.

Os seringueiros, que constituíam a quase totalidade da população rural, teriam simplesmente que abrir caminho para o “progresso”, pelo simples motivo que se antes foram as peças fundamentais e geradoras da riqueza amazônica, agora se tornariam um estorvo (SHOUMATOFF, 1990). Tinham que abrir alas e dar passagem ao “novo” jeito de caminhar que estava a se afirmar na região. Retomando Silva (2009, p. 37), o autor entende que, nesse panorama histórico, “Chico Mendes se projeta social e politicamente, contudo, num período de absoluto declínio da cultura da borracha nos moldes tradicionais que a Amazônia conhecia. Um dos pilares de sua luta – a retomada do extrativismo – estava decididamente superado e sua morte foi facilmente tramada.”

Então, podemos perceber a história acreana como uma sucessão de conflitos, o que não a difere de toda história. Após a superação do modelo extrativista, a pecuária consolidou-se economicamente na região. Dos tempos “mágicos” dos seringais, a história ensina-nos sobre a bravura e destemor de seus homens e mulheres. O resultado do movimento que Chico Mendes denominou “empate” foi a criação, a partir dos anos de 1980, das reservas extrativistas<sup>16</sup>. A reserva extrativista Chico Mendes<sup>17</sup> fica no Estado do Acre, bem como, a Reserva Extrativista do Alto Juruá.

Postigo et al. (2008), afirmam sobre a vida dos seringueiros na Reserva Extrativista do Alto Juruá, que

Essas famílias são descendentes de migrantes nordestinos que, no princípio do século XX, deixaram sua região, a quatro mil quilômetros de distância do Rio Bagé, para trabalhar na então exuberante economia da borracha amazônica. Além da origem nordestina grande parte dos atuais moradores também descende de sobreviventes das diversas populações indígenas que viveram na região [...]. Foram em grande parte massacradas durante as chamadas *correrias* na disputa da terra. Alguns foram capturados [...], e constituíram famílias juntos aos recém chegados trabalhadores nordestinos. (POSTIGO et al., 2008, p. 13).

<sup>16</sup> As Reservas Extrativistas (RESEX) são espaços territoriais protegidos cujo objetivo é a proteção dos meios de vida e a cultura de populações tradicionais, bem como assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da área. O sustento destas populações se baseia no extrativismo e, de modo complementar, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/29258-o-que-e-uma-reserva-extrativista/>. Acesso em: 22 dez. 2018.

<sup>17</sup> A Reserva Extrativista Chico Mendes foi criada em 1990 e foi pioneira no conceito de unidade de conservação de uso sustentável, onde as populações tradicionais têm a permissão de, não apenas morar dentro da Resex, mas também realizar o extrativismo de bens naturais, como a castanha, a borracha e o açaí. Disponível em: [http://www.wikiparques.org/wiki/Reserva\\_Extrativista\\_Chico\\_Mendes](http://www.wikiparques.org/wiki/Reserva_Extrativista_Chico_Mendes). Acesso em: 22 dez. 2018.

A partir deste destaque podemos compreender que os moradores das Reservas Extrativistas são, de fato, ex-seringueiros que aculturados à vida nos seringais permaneceram nos altos rios e mesmo tendo a borracha amazônica entrado em irreversível debacle, passaram a intermediar a antiga prática de trabalho com atividades ligadas à agricultura como forma de garantir sua sobrevivência. Este fato é constatado nas palavras dos próprios autores (2008, p. 70), quando afirmam que: “Fortaleza é uma das “colocações” mais antigas do Rio Bagé [...]. Incontestavelmente, a farinha e demais produtos agrícolas passaram a ocupar um lugar de maior destaque como produto comercial em relação a borracha [...], que quase sempre depende da intermediação da Associação e de projetos governamentais para ser negociada”.

A pecuarização das terras de antigos seringais causou profundo impacto ecológico e não resolveu os problemas sociais que se agigantaram com o êxodo rural crescente. E as Reservas Extrativistas, após tortuosos embates e o derramar de muito sangue, se configuraram como uma alternativa econômica aos seringueiros, que passaram a ter mais direitos e a oportunidade de organizar sua vida dentro de patamares mínimos de cidadania, exercendo atividades produtivas variadas e se livrando das “garras” do aviamento estrategicamente imposto pelo barracão. Nesse contexto, estão inseridos os autores dos relatos analisados nesta pesquisa.

Dessa maneira, falar de uma cultura amazônica, a partir deste prisma, é falar fundamentalmente de dois aspectos: cultura e meio ambiente, e, dentre estes dois aspectos, situar os povos indígenas com presença histórica marcante na região, o que não cabe no escopo de nosso trabalho. Cabendo apenas frisar que o processo de degradação cultural amazônico, neste campo em especial, passou por algumas mudanças positivas nas últimas décadas com os marcos legais do reconhecimento e demarcação das terras indígenas pelo estado brasileiro e, no campo educacional, com a implantação de um currículo escolar voltado para o resgate, entre outras coisas, de sua língua materna.<sup>18</sup>

As cidades, especialmente as capitais amazônicas, agigantaram-se com o êxodo rural ocasionado pela expansão das fazendas e o fim dos seringais. O isolamento geográfico ainda impera e os rios ainda são as melhores e mais usuais “estradas” da terra de Chico Mendes. Enfim, nas palavras de Souza (1978, p. 39), “a Amazônia só estará livre quando reconhecermos

---

<sup>18</sup> Nesse contexto, a promulgação da Constituição de 1988 constitui-se como um marco na redefinição das relações entre o Estado brasileiro e as sociedades indígenas. É de particular importância o fato de a Constituição Federal ter assegurado o direito das sociedades indígenas a uma educação escolar diferenciada, específica, inter-cultural e bilíngue, o que vem sendo regulamentado através de vários textos legais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/gbee1.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.

definitivamente que essa natureza é a nossa cultura, onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como uma página rasurada”.

Segundo o autor (1978), um poeta do modernismo brasileiro, o gaúcho Raul Bopp descobriu a linguagem da terra onde “silêncios imensos se respondem”, inserindo, assim, criativamente, a Amazônia na literatura e na cultura nacionais: “esta é a floresta de hálito podre, parindo cobras. Rios magros, obrigados a trabalhar. A correnteza se arrepia, descascando as margens gosmentas. Raízes desdentadas mastigam lodo [...]. Fede. O vento mudou de lugar e um assobio assusta as árvores”. (BOPP, 1967 apud SOUZA, 1978, p. 31).

O “ciclo da borracha” sacramentou a prática de genocídio indígena, comum na história da Amazônia. Os “coronéis da borracha” organizavam as “correrias”<sup>19</sup> com o intuito de capturar e “adaptar” os indígenas ao trabalho nos seringais na sua busca incessante por mão de obra barata. Tal prática consistia em cercar uma aldeia “a ferro e fogo”, prender os indígenas e os aldear. Nesse ato, os índios resistiam e saíam correndo pela floresta na tentativa de escapar de seus algozes.

Na abertura dos seringais, muitas vezes, os homens a serviço dos coronéis depararam-se com os indígenas. E, então, mediante esse fato, seus capangas e encarregados empreendiam ostensivamente a captura dos índios e os conduziam para as proximidades do barracão. Esse ‘contato’ nada pacífico representou a dizimação de culturas étnicas inteiras, começando pela língua, e é consenso entre os historiadores amazônicos. Em suma, os índios não se adaptaram ao trabalho nos seringais, mesmo que tenham sido usados como mão de obra por muitos seringalistas, resistiram, muitos fugiram, foram recapturados e aldeados. Este processo representou um choque cultural devastador às culturas indígenas da Amazônia.

Neste primeiro capítulo, apresentamos a cultura amazônica e seus principais aspectos: o cultural-histórico, “campo” de onde surgem as colocações culturais investigadas em nosso trabalho, os seringais, bem como apresentamos também inicialmente um *link* desse mundo com a conjuntura histórica do mundo em industrialização, isto é, a emergência industrial que volta os olhos para a Amazônia, projetando-a economicamente no cenário nacional e internacional. A saga nordestina como uma epopeia singular e a boa vida dos “coronéis da borracha” também fizeram parte dos temas aqui apresentados, bem como o *crash* da borracha amazônica ocasionado pelo cultivo dos seringais racionalizados do sudeste asiático.

---

<sup>19</sup> A historiografia amazônica atesta que, as correrias, consistiam em cercar uma aldeia para a captura de indígenas, com capangas, trabalhadores e encarregados do seringal e aldeá-los para posterior uso como mão-de-obra.

A seguir, no Capítulo 2, nos dedicamos à fundamentação teórica. Como tratamos de colocações culturais, as contextualizamos no âmbito da Fraseologia e discutimos sua interligação com o conceito de cultura.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Metaforicamente, nesta parte da tese estão as lentes com as quais o autor vai lidar com o seu problema de pesquisa. É o momento de a voz teórica aparecer e abraçar o axioma de que o conhecimento é uma produção coletiva de seres-humanos-com-mídias e não uma construção individual. Ao adotar esta visão o pesquisador está adotando o posicionamento teórico de outros autores e está dividindo a voz com eles. (BORBA, 2018, p. 74).

Neste capítulo, fazemos referência aos conceitos fundamentais da Linguística de Corpus em Biber, Conrad e Reppen (1998), Beber Sardinha (2004), Tognini Bonelli (2001) e Kennedy (1998). Para a compreensão dos conceitos de convencionalidade, Fraseologia e idiomaticidade, focaremos as combinações fixas de acordo com a conceituação expressa por Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Rocha e Orenha-Ottaiano (2012), Orenha-Ottaiano (2004), Tagnin (1989), Ortiz Alvarez (2000), Riva (2012), Saussure (1973), e Xatara (1998). O entendimento sobre colocações da língua geral como agrupamentos únicos e recorrentes vemos em Bevilacqua (2005), Orenha-Ottaiano (2017), Béjoint (1994), Corpas Pastor (1996), Hori (2004), Tagnin (1999), Firth (1957), Teixeira, (2016). Para o aprofundamento do conceito de cultura e sua intersecção com a História da Amazônia e de colocação cultural, tomamos como base a discussão teórica feita por White (1978), Lyons (1987), Hall (2001), Sapir (1994), Bauman (1999; 2003), Aubert (1981), Monteiro-Plantin (2013), Castilho e Rego (2016), Coseriu (1985), Pamies Bertrán (2002), entre outros. O diálogo entre as vozes da teoria e a realidade empírica expressa a partir das CCs detectadas nos *corpora* de estudo, é o desafio deste capítulo.

### 2.1 Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus (LC) surge numa época em que seu mérito era discutido no espectro da Linguística. A introdução de uma máquina (sem sensibilidade) no campo de análise da linguagem foi vista com bastante desconfiança por muitos estudiosos da área. A linguagem que é expressão do que há de mais profundo, mais autêntico no pensamento e no sentimento humano, como um meio eletrônico conseguiria implementar diálogo confiável mediante tal situação? Questionaram muitos pesquisadores.

Na visão dos pesquisadores brasileiros (BEBER SARDINHA, 2004; TAGNIN, 2013),



a LC afirmou-se para os estudos linguísticos na contemporaneidade como um poderoso instrumento no processo da análise linguística, pois permite, entre outras atividades, o exame automático de *corpora* com milhões de palavras por intermédio de programa computacional específico, facilitando o trabalho do linguista ao colocar à sua disposição lista de palavras, palavras-chaves e expressões em concordância. Tal procedimento, certamente levaria um tempo considerável antes da LC.

A pesquisa com *corpora* é bem anterior ao computador, remontando à antiga Grécia, quando Alexandre, o Grande, definiu o *corpus helenístico*. Sua compilação e estudo eram manuais. Com o desenvolvimento dos computadores *mainframe* no início dos anos 1960, a pesquisa linguística ganhou nova feição. O primeiro corpus linguístico eletrônico, datado de 1964, continha um milhão de palavras – era o *Brown University Standard Corpus of Present-day American English* (BEBER SARDINHA, 2004).

No entanto, a linguística computacional, nas últimas décadas, ganha espaço não só nos centros acadêmicos, mas também no âmbito empresarial para várias finalidades comerciais: processamento automático de textos, informatização de grandes bases de dados, a montagem de sistemas inteligentes de reconhecimento de voz e gerenciamento de informações.

Em seus estudos, Beber Sardinha (2004) afirma que três *corpora* da língua inglesa servem como marcos de referência histórica: o *Brown Corpus*, de 1964, (*Brown University Standard Corpus of Present-day American English*), com 1 milhão de palavras; o *Bank of English*, de 1997, com aproximadas 500 milhões de palavras e o *BNC*, de 1995 (*British National Corpus*), com 100 milhões de palavras. Mais recente e bem maior, segundo Tagnin (2013), é o COCA (*Corpus of Contemporary American English*), com 450 milhões de palavras cobrindo atualmente o período de 1990 a 2012.

Na língua portuguesa, segundo Tagnin (2013), destaca-se primeiramente o Lácio-Web, que contém um corpus de aproximadamente 10 milhões de palavras em variadas áreas de conhecimento; o Corpus Brasileiro com 1 bilhão de palavras, que foi desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por Tony Berber Sardinha, e engloba grande variedade de textos, por exemplo, artigos acadêmicos, narrações de futebol, textos religiosos e muitos outros e o Banco do Português, PUC-SP, com 233 milhões de palavras, conforme podemos observar em seguida no quadro seguinte:

**Quadro 1** - Bancos de dados (*corpora*) eletrônicos do Português.

<b>CORPUS</b>	<b>TOTAL DE PALAVRAS</b>	<b>VARIEDADE, MODALIDADE</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>
Banco de Português	233 milhões	Português brasileiro, escrito e falado	PUC-SP
Borba-Ramsey Corpus of Brazilian Portuguese	1,67 milhão	Português brasileiro escrito	Brigham Young University
CETEM (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT) Público	229 milhões	<i>Público</i> (jornal português)	Projeto Linguateca
COMET (Corpus Multilíngue para Ensino e Tradução)	5 milhões	Parte referente ao português escrito comparável ao inglês	USP
CORDIAL (Corpus de Discurso para a Análise de Língua e Literatura)	Não disponível	Português escrito	UFMG
CÓRPUS UNESP/Araraquara/Usos do Português	200 milhões	Português brasileiro escrito	UNESP, Araraquara
CR-LW (Corpus de Referência Lácio-Web)	5 milhões	Português escrito	USP, NILC
CRPC (Corpus de Referência do Português Contemporâneo)	152,6 milhões	Português dos vários países lusófonos, com predominância da variedade europeia	CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa)
Historical Portuguese Prose	2,8 milhões	Português escrito (1300 a 1900)	Brigham Young University
Modern Newspapers	28 milhões	Português escrito, jornalístico e entrevistas publicadas em jornais	Brigham Young University
Modern Portuguese	315 mil	Português literário (romances)	Brigham Young University
NILC <sup>6</sup>	35 milhões	Português brasileiro, escrito	NILC (USP, UFSCAR, UNESP-Araraquara)
NUPILL (Núcleo de Pesquisas em Informática, Linguística e Letras)	Não disponível	Português escrito	UFSC
NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística e Letras)	Não disponível (570 mil) <sup>5</sup>	Português brasileiro, falado	USP, UFRJ, UFBA, UFPE, UFRGS
PHPB (Projeto para a História do Português Brasileiro)	Não disponível	Português escrito	UFPE, UFBA, UFMG, UFRJ, EFSC, UFPB, USP
PORTEXT	30 milhões	Português escrito de vários países	Universidade de Nice (França)
Português falado do Ceará	Não disponível	Português brasileiro, falado	UFC, URCA
Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portugueses	1,9 milhão	Português antigo (1550 a 1850)	Unicamp
VARPORT (Análise Contrastiva de Variantes do Português)	Não disponível	Português brasileiro e europeu, escrito e falado	UFRJ, CLUL
VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul)	Não disponível	Português falado	UFSC, UFRGS, UFPR

**Fonte:** Beber Sardinha (2004).

Os *corpora* do Português, no estudo do Quadro 1, evidenciam a LC como uma área que vem crescendo de forma irrefutável nos estudos linguísticos do meio universitário brasileiro e também estrangeiro nos países que adotam a língua portuguesa. Todas as grandes universidades brasileiras já dispensam atenção à LC, na área da Linguística, como podemos notar. Algumas universidades estrangeiras também já dispunham de banco de dados (*corpus*) eletrônicos do português.

Tagnin (2013, p. 30), em seu entendimento amplo de *corpus*, que, tomamos como base para esta pesquisa, destaca que “para a LC, um *corpus* é uma coletânea de textos, necessariamente em formato eletrônico, compilados e organizados segundo critérios ditados pelo objetivo de pesquisa a que se destina. O formato eletrônico permite análise automática e o uso de ferramentas computacionais específicas”.

A LC, segundo Tagnin (2013, p. 29), “oferece uma metodologia que veio facilitar muito a identificação das unidades convencionais da língua [...], oportunizada pela observação simultânea de uma grande quantidade de dados a partir de um *corpus* eletrônico”. Dentro da estrutura de um programa computacional, como, por exemplo, o *WordSmith Tools*, destaca-se a ferramenta concordanciador (*Concord*), que melhor permite observar as estruturas convencionais recorrentes da língua e produz concordâncias, em que cada linha apresenta a palavra ou expressão que está sendo investigada – a palavra de busca – inserida em seu contexto natural de ocorrência (TAGNIN, 2013). Outras ferramentas de grande utilidade são as que nos apresentam palavras-chave (*KeyWords*) e listas de palavras (*WordList*). A ferramenta *WordList*, de maneira eficiente apresenta-nos uma lista de todas as palavras de um *corpus* em ordem de frequência ou ordem alfabética. As palavras gramaticais, em tais listas, sempre estão em primeiro. Isto se dá em razão de sua maior recorrência na língua. O pesquisador, no entanto, deve buscar as palavras de conteúdo (no caso de nossa pesquisa, as de carga cultural), para identificar o teor de um *corpus*. (TAGNIN, 2013).

Isto posto, entendendo *corpus* como um ‘instrumento’ indispensável para o pesquisador da LC, retomamos Beber Sardinha (2004), que propõe uma definição pela qual *corpus* pode ser entendido como

[...] um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou em ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a

finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (BEBER SARDINHA, 2004, p. 3).

Segundo Beber Sardinha (2004), para a formação de um corpus computadorizado, é necessário que ele apresente as seguintes características: a) ser composto de textos autênticos; b) ser em linguagem natural; c) ter conteúdo escolhido criteriosamente em condições de naturalidade e autenticidade; d) ser representativo de uma variedade linguística ou mesmo de um idioma.

Parafraseando o respectivo autor (2004), a representatividade do corpus está ligada à questão da probabilidade. Logo, para que qualquer amostra seja representativa, é necessário conhecer a população da qual ela provém. O sentido das palavras também entra na discussão da representatividade. A frequência das formas em si não é suficiente, porque mesmo palavras de alta frequência possuem vários sentidos. A extensão do corpus comporta várias dimensões: o número de palavras, o número de textos e os gêneros registrados.

Um corpus, é uma amostra de uma população cuja dimensão não se conhece. Sua abrangência, valendo-se dessa constatação, deve ser a maior possível, a fim de que ela seja o mais próximo possível da população da qual deriva, tornando-se, assim, mais representativa. A extensão do corpus comporta as seguintes dimensões: o número de palavras, o número de textos e o número de gêneros. (SARDINHA, 2004).

Para Galisson e Coste (1983, apud ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006, p. 157) “um corpus trata-se de uma coleção de documentos quer orais (gravados ou transcritos) quer escritos, quer orais e escritos, de acordo com o tipo de investigação pretendida. As dimensões do corpus variam segundo os objetivos do investigador e o volume dos enunciados”.

Numa perspectiva focada para a representatividade, Dubois et al. (1993) entendem que [o] corpus não pode ser considerado como constituindo a língua, mas somente como uma amostra da língua. Portanto, deve ser representativo, isto é, deve ilustrar toda a gama das características estruturais. O linguista deve, pois, procurar obter um corpus realmente significativo. Enfim, deve desconfiar de tudo o que pode tornar o seu corpus não-representativo, como, por exemplo, o método de pesquisa escolhido, uma anomalia que constitua a intrusão do linguista, o preconceito sobre a língua, entre outros fatores.

As narrativas de vida dos seringueiros transformadas em *corpora* escrito e oral são, evidentemente, um recorte, uma amostra da linguagem regional, característica de uma época, que tomamos como objeto de análise neste trabalho. Comungamos do entendimento dos autores (DUBOIS et al., 1993) e afirmamos serem esses *corpora* representativos, haja vista a

abrangência da linguagem típica dos seringais (as expressões pesquisadas são conhecidas por todo o estado do Acre) e duração do “ciclo da borracha” (aproximadamente um século). Defendemos, assim, que as combinações fixas levantadas e analisadas nesta pesquisa foram comuns em toda a região, de modo que o uso de colocações culturais como “arriação da seringa” ou “estrada de centro”, por exemplo, é convencionalizado. Temos que levar em conta também, e isso atesta ainda mais o ponto de vista que estamos defendendo, o fato do COAC ser extraído de narrativas de seringueiros dos três grandes vales dos principais rios que cortam o Estado do Acre: o vale do rio Juruá, o vale do rio Purus e o vale do rio Acre.

No olhar da LC, segundo McEnery e Wilson (1996), a moderna noção de corpus carrega consigo pelo menos quatro características fundamentais: a) amostragem e representatividade (*sampling and representativeness*); b) tamanho finito (*finite size*); c) formato eletrônico (*machine-readable form*); d) referência padrão (*standard reference*).

A discussão sobre a LC apresenta, desde seu início, muitas divergências e pontos de vistas multiformes. Há pesquisadores que, para além de uma metodologia, a veem como um estatuto teórico. Tognini-Bonelli (2001) coloca a LC como um novo empreendimento de pesquisa e uma nova abordagem filosófica da linguagem e não a considera apenas como um conjunto de regras aplicadas em situações específicas como geralmente acontece em muitas disciplinas. Assim, no entender da autora (2001, p. 55),

[...] um corpus é uma coletânea de textos autênticos e computadorizados, passível de análise ou processamento automático ou semiautomático. Os textos são selecionados de acordo com critérios explícitos a fim de apreender as regularidades de uma língua, de uma variedade de língua, ou de uma sub-língua.<sup>20</sup> (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 55).

Percebemos que os autores vistos até aqui possuem um entendimento comum acerca da LC e do conceito de *corpora*: um método de análise linguística que utiliza processamento via máquina (computador) de textos autênticos representativos do léxico de uma comunidade específica, formados por padrões reais de uso na forma escrita e/ou oral, em formato de mídia.

No entender de Biber, Conrad e Reppen (1998), que reforçam a ideia anteriormente exposta, os computadores tornam possível a identificação e a análise dos padrões linguísticos, pois permitem o armazenamento e a análise de uma base de dados linguísticos

---

<sup>20</sup> “[...] A corpus is taken to be a computerized collection of authentic texts, amenable to automatic or semi-automatic processing or analysis. The texts are selected according to explicit criteria in order to capture the regularities of a language variety or a sub-language”.

significativamente maior do que aqueles manejados manualmente. Cabe destacar, porém, que o quantitativo não tira a responsabilidade do analista ou pesquisador de analisar qualitativamente os dados empíricos extraídos do corpus.

Dessa maneira, os autores (1998, p. 4) apontam algumas características que uma pesquisa baseada em corpus necessariamente deve conter: “caráter empírico, analisando os padrões reais de uso em textos naturais; pautar-se em uso de corpus, como base para análises; fazer o uso extensivo de computadores para as análises; depender de técnicas analíticas quantitativas e qualitativas”.<sup>21</sup>

Enfim, para outros autores, a LC não se comporta como um novo paradigma teórico, nem como um simples procedimento metodológico. Seu diferencial está no fato de ser uma abordagem que pode ser aplicada às investigações empíricas em qualquer área de análise linguística (BIBER; CONRAD; REPPEN, 1998) e nos usos que um corpus pode oferecer para compreensão dos fenômenos da linguagem, evidenciando estruturas que se empregam ao uso das línguas e para aplicações e fins outros, como o ensino, através do processamento da língua natural via computador. (KENNEDY, 1998).

Os *corpora* que compõem a base desta pesquisa, como já destacamos, em linguagem natural, autêntica, são formados por relatos de seringueiros acreanos, que falam sobre o dia a dia do seu trabalho nos seringais. As colocações que analisamos são geradas a partir de padrões reais de uso, de modo que se destaca inicialmente a quantidade (frequência) no corpus, aspecto fundamental para o pesquisador da LC. Um dos nódulos geradores em nosso trabalho do maior número de colocações é o nódulo “borracha”. Tanto no CEVIJ como no COAC, a partir de sua frequência, essa é a lexia que mais nos chama a atenção. De um modo geral, o “mundo do seringal” é o grande “avalizador” da autenticidade desses *corpora*, tornando-os representativos de um léxico que brota do isolamento do homem na floresta (“mateiro”), da busca por praticidade nos trabalhos diários nas “colocações”, do sentido de modernidade (“estrada”), da leitura (“nota”), da matemática (“oito”), dos símbolos nacionais (“bandeira”), do poder e do controle (“barão”).

No subcapítulo seguinte, discutimos acerca dos fraseologismos, das combinações fixas que fazem parte do uso da língua no dia a dia das pessoas, numa porcentagem alta, bem maior que podemos perceber. Vemos, também, que em grande parte são idiomáticos, opacos e

---

<sup>21</sup> It is empirical, analyzing the actual patterns of use in natural texts; it utilizes a large and principled collection of natural texts, known as a corpus, as the basis for analysis; it makes extensive use of computers for analysis, using both automatic and interactive techniques; it depends on both quantitative and qualitative analytical techniques.

agregam sentido figurado, não podendo ser tomado no seu sentido literal. Essas expressões são transmitidas de geração em geração e muitas remontam a tempos imemoriais.

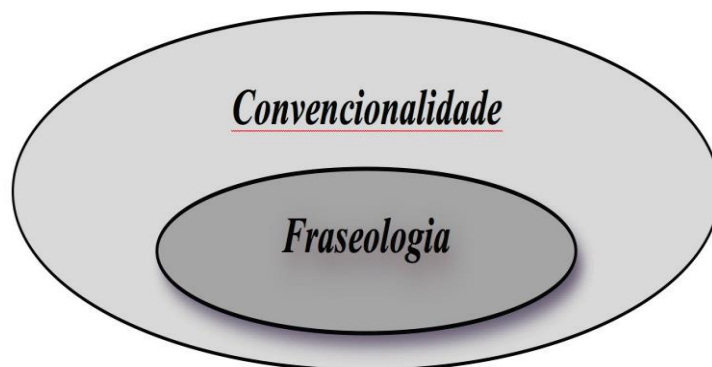
## 2.2 Fraseologia, convencionalidade e idiomaticidade

A Fraseologia representa o que há de mais característico no léxico de qualquer língua, incluindo os provérbios, os ditos, as locuções e as lexias compostas, segundo Ortiz Alvarez (2012), por ocupar-se do estudo das combinações recorrentes na língua. São de tamanhos variáveis, podendo incluir palavras, grupos de palavras, de termos, expressões, orações, segmentos de frases, frases, conjunto de frases e assim por diante.

Ortiz Alvarez (2000) conceitua as UFs da seguinte maneira: “são unidades lexicais múltiplas que apresentam vários graus de transparência semântica, que variam desde uma maior transparência à total opacidade”. (ORTIZ ALVAREZ, 2000, p. 70). Podemos deduzir, a partir dessa compreensão inicial sobre os fraseologismos, que as unidades fraseológicas (UFs) têm forte presença no léxico das línguas e variam da transparência à total opacidade.

Para mostrar que a Fraseologia está inserida no âmbito da convencionalidade, Orenha-Ottaiano (2004, p. 6) faz uso da seguinte imagem:

**Figura 1** - A Fraseologia no âmbito da convencionalidade.



**Fonte:** Orenha-Ottaiano (2004, p. 6)

A interpretação da figura 1, nos leva a perceber a convencionalidade como uma área do geral consentimento e do costume linguístico, pois transita num circuito maior de significação estendida (TAGNIN, 2013), ou seja, mesmo que se mostrem em blocos fixos, as expressões convencionais são facilmente compreendidas por não possuírem sentido figurado.

A Fraseologia, situando-se dentro do espectro da convencionalidade, é entendida por Orenha-Ottaiano (2004) como uma área mais específica, em que estão a maioria das combinações fixas e figurativas, dentre eles, as colocações, área teórica em que está ancorado nosso trabalho.

É importante destacar o posicionamento teórico estabelecido anteriormente pela autora (2004), em que a Fraseologia se situa como “ramo da ciência linguística que tem por objeto de estudo as combinações fixas de palavras, [...]. Essas combinações são recorrentes, mais ou menos estabilizadas/cristalizadas e abrangem as colocações criativas, as coligações, as expressões idiomáticas, os binômios, os provérbios, dentre outros”. (ORENHA-OTTAIANO, 2004, p. 7).

Os fraseologismos são entendidos por Zuluaga (1980) como expressões que apresentam como traço constitutivo a fixação, isto é, seus constituintes caracterizam-se por certa estabilidade sintático-semântica e, em geral, não são comutáveis e não se separam, funcionando como uma única unidade de sentido, razão pela qual são também denominadas de unidades fraseológicas. Na compreensão do autor (1980), em detrimento às combinações livres – produtos sincrônicos da língua – as expressões fixas reproduzem-se em bloco. São construções anteriores ao ato de fala que não as cria, mas que as repete, assim como uma unidade fraseológica ou forma fixa faz parte do saber linguístico da comunidade, tal como é o caso das expressões idiomáticas.

Tomemos como exemplo, para explicar o sentido de unidade dos fraseologismos, a colocação “soldado da borracha”, retirada do corpus CEVIJ, que se tornou no léxico amazônico convencional e usual. No contexto cultural amazônico, ‘soldado’, proferido em algumas situações de comunicação real e espontânea, pede o complemento ‘da borracha’, o que a torna distinta de outros ‘combinados’ com a palavra soldado, por exemplo: “soldado do exército” ou “soldado do partido”. Dessa forma, as duas lexias colocam-se como uma unidade única de sentido, sendo pronunciadas normalmente juntas.

A definição de Corpas Pastor (1996), por ser ampla, a tomamos em destaque por ilustrar muito bem o que compreendemos que sejam as Unidades Fraseológicas (UFS):

[...] são unidades lexicais formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo o limite superior está situado no nível da sentença composta. As referidas unidades são caracterizadas por sua alta frequência de uso e coadaptação de seus elementos integradores; pela sua institucionalização semântica; por sua idiomatização e variação potencial; bem como pelo grau



em que todos esses aspectos são dados nos diferentes tipos. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20).<sup>22</sup>

Percebemos que a autora (1996) destaca aspectos fundamentais para que uma expressão seja caracterizada como unidade fraseológica, entre os quais está a sua frequência (uso), a sua institucionalização semântica (significado único aceito) e idiomatização (sentido figurado) e ainda o grau em que estes aspectos se configuram nos diferentes tipos de fraseologismos.

A contribuição dada por Baptista (2012, p. 37), no tocante à conceituação dos fraseologismos, é a de que “as unidades fraseológicas são institucionalizadas, estandardizadas e convencionais; são fixadas de forma arbitrária pelo uso reiterado na comunidade linguística respectiva, ou seja, reproduzidas na fala como construções previamente feitas. Definem-se ainda por sua fixidez (ou fixação).”

Podemos perceber que se destacam como característica das UFs, na concepção do conceito exposto, a institucionalização (presente na linguagem escrita, em dicionários especializados ou em gramáticas, por exemplo) e a convencionalidade. No que tange à forma, destaca a autora (2012), são estruturas curtas que possuem um sentido literal (imagem) e outro metafórico (idiomático ou semi-idiomático).

Na visão de Monteiro-Plantin (2012), embora bastante negligenciadas, as UFs, constituem um fenômeno incontornável nos estudos linguísticos, estão presentes em todas as línguas naturais e podem ser entendidas como “sequências polilexicais que precisam ser memorizadas em bloco, morfossintaticamente fixas, com certo grau de idiomaticidade, convencionadas pela frequência de uso e que constituem a competência discursiva dos falantes”. (MONTEIRO-PLANTIN, 2012, p. 122).

Esta autora (2012), em sua análise, considera como pertencentes ao conjunto das UFs do Português do Brasil as sequências linguísticas que apresentem traços característicos como frequência de uso e fixação, entre outros, tais como: as expressões idiomáticas (“agora é que são elas”, “cama de gato”, “cobras e lagartos”); colocações (“pecado capital”, “barriga de aluguel”, “laços de família”); pragmatemas (“era uma vez”, “chega mais”, “bebê a bordo”); frases proverbiais ou ditos populares (“amor com amor se paga”, “assim na terra como céu”,

---

<sup>22</sup> [...] unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variación potencial; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos.

“escrito nas estrelas”). Podemos observar em todas estas expressões fraseológicas um determinado grau de idiomaticidade.

As unidades fraseológicas, mais especificamente as colocações culturais, objeto de nossa pesquisa, nascem do meio social empírico, da experiência vivida que forjou um léxico próprio, de modo que percebemos a ‘adaptação’ e o emprego de lexias e expressões conhecidas e usuais da Língua Portuguesa, mas que, para aquela ocasião específica dos trabalhos com a borracha, nos seringais, naquela realidade particular, ganham sentido mais específico e, em alguns casos, mais idiomático, uma vez que retrata a cultura na qual está inserida.

A origem das UFs é antiga, mesmo tendo ganhado ênfase nos estudos linguísticos no século XX, especialmente. É oportuno lembrar, conforme enfatiza Riva (2012), que foram os estudos de Saussure publicados em 1916, de caráter pioneiro, que definem a língua como a capacidade própria dos humanos, por meio de sinais e signos complexos, estabelecerem comunicação. Segundo Riva (2012), Bally (1951) foi também um dos precursores desse campo nos estudos linguísticos, ao destacar as peculiaridades das lexias complexas (fixas e de combinação estável) e afirmar que, para se compreender a evolução de uma língua, é necessário observar o seu uso no dia a dia, a fala cotidiana, fora da norma padrão presente na literatura ou em situações formais de comunicação.

Podemos endossar as palavras de Riva (2012), enfatizando que embora Saussure não se dedique em aprofundar o tema das ‘expressões fixas’, em seus estudos, o autor de Curso de Linguística Geral faz referências aos agrupamentos de palavras que são transmitidas pela tradição, não improvisadas, pertencentes à língua e não à fala, isto é, combinações não livres, chamando a atenção, primeiramente, para “um grande número de expressões que pertencem à língua; são frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas [...] Esses torneios não podem ser improvisados, são fornecidos pela tradição”. (SAUSSURE, 2001, p. 144).

Na reflexão sobre a origem e a motivação cognitiva do aparecimento das UFs, e enfatizando seu uso desde tempos imemoriais, Monteiro-Plantin (2012, p. 123) destaca que

as principais fontes das Unidades Fraseológicas, frequentemente apontadas, têm sido a Bíblia, seja no Velho Testamento (cova dos leões/paciência de Jó/sabedoria salomônica/arco da velha), ou no Novo Testamento (Madalena arrependida/lavar as mãos/onde Judas perdeu as botas/dar a outra face); a mitologia greco-romana (calcanhar de Aquiles/leito de Procrusto/caixa de Pandora), a literatura universal (Inês é morta/ovo de Colombo/até aí morreu o Neves/espelho mágico/pacto de sangue/o último dos moicanos).

Na citação acima, podemos perceber a presença das Ufs ao longo do tempo diacrônico, com forte presença na linguagem usual das épocas históricas e culturais da história ocidental. Mas mesmo de uso antigo, as UFs não deixam de se renovar. Frente ao escopo deste trabalho, não cabe uma discussão sobre os neologismos fraseológicos. Mas podemos destacar, a partir do entendimento de Monteiro-Plantin (2012), que a indústria cultural contemporânea constitui uma importante fonte na produção de novos fraseologismos, ou na revitalização de outros que foram esquecidos com o tempo.

Existe também, para o aparecimento das UFs, uma motivação original histórica e/ou uma motivação cognitiva sincrônica. Essa última está ligada à competência metafórica dos falantes com a utilização de modelos universais de ordem psicológica e remete ainda a uma série de macroconceitos, adquiridos socialmente e transmitidos culturalmente, levando a uma “visão ingênua de mundo”, como acontece com as metáforas religiosas, desportivas e taurinas, por exemplo. Com relação à motivação histórica, mesmo reconhecendo a importância dos mecanismos psicolinguísticos geradores das UFs, sua produtividade e convencionalidade, pode ter passado por vários percalços, ligados às questões culturais de cada comunidade linguística (MONTEIRO-PLANTIN, 2012).

Por convencional, entendemos que seja tudo aquilo que é tacitamente aceito, por uso ou de geral consentimento, como norma de proceder, de agir no convívio social; costume; convenção social: uma religião ou crença, um hábito alimentar, um modo de vestir. A mesma noção de convenção pode-se aplicar à língua, tanto em nível social, isto é, deve-se saber quando dizer algo, quanto em nível linguístico, ou seja, saber como dizê-lo.

Sobre o sentido do que seja convencional na língua, Tagnin (1989, p. 13), afirma que,

há expressões que são convencionais por estarem intimamente ligadas a um fato social e há outras em que o que é convencional é sua forma. Por exemplo, *mundos e fundos* e *doce ilusão*. No momento em que a convenção passa para o nível do significado entramos no campo da idiomaticidade [...], quando seu significado não é transparente. Assim, *bater as botas*, quer dizer morrer. Podemos concluir que toda expressão idiomática é também convencional, mas nem toda expressão convencional é idiomática.

Nesse caso, a convencionalidade faz parte de um ‘circuito’ maior de expressões entendidas como unidades de significado estendido (TAGNIN, 2013), mas que necessariamente não são idiomáticas, ou seja, de sentido opaco ou figurado. A autora situa entre essas, expressões de significação literal, como “uma conta antiga”; “estar de folga”; “adequado para consumo humano”, entre outras.

O uso frequente das colocações culturais pelos seringueiros torna-as convencionais, isto é, seu uso é aceito e consagrado nos seringais da Amazônia, mas, nem sempre, demonstram conceituação transparente, significação clara, tornando-se, assim, idiomáticas, figuradas. É o caso de, por exemplo, “batendo tigela” ou “bater tigela”, que apresenta significação totalmente opaca, isto é, alto grau de figuração. “Bater tigela” significa sair para cortar (Pedro foi bater tigela) e “batendo tigela” significa estar na “estrada cortando seringa” (Pedro passou o dia batendo tigela).

A autora (2013) dá ênfase, ao discorrer sobre o convencional e o idiomático em determinadas expressões, às questões ligadas ao significado, ou seja, à semântica. Na sua compreensão, a maioria dos linguistas ao definir uma estrutura idiomática recorre ao seu significado não composicional, que não se explica pela leitura literal de suas partes. O exemplo clássico, segundo ela, em Português é *bater as botas*. Nesse caso, “morrer” como resultado da expressão foi convencionalizado.

Para Tagnin (2013), existem graus de convencionalidade que podem ser expressos pela forma linguística e pela imagem. Dizemos que a forma linguística foi convencionalizada quando o significado independe de suas partes, e ela cita outros exemplos em português: “pagar o pato”; “curto e grosso”; “no papo”; “bater papo”; “pé-de-meia”. Nesse caso, essas expressões são idiomáticas, pois seu sentido foi convencionalizado pelo uso e pela aceitação. Tomando essa exemplificação e aplicando ao nosso objeto de pesquisa, entendemos que, em seu uso no léxico seringueiro, expressões como “arriação da seringa”; “fazer boca na mata”; “perna da estrada”; “estrada de manga”; “barões da borracha”, entre outras, foram convencionalizadas, pois seu significado é figurado e não literal.

Podemos fazer referência também, como exemplo, a “quebra-galho”, expressão convencional e idiomática do Português do Brasil. A pessoa que resolve problemas ou situações difíceis, tem pouca ou nenhuma ligação com o ato de “quebrar o galho”. Contudo, se alguém vai em um caminho e tem um galho de árvore caído atrapalhando a sua caminhada, ao retirar o empecilho que obstruía a passagem, literalmente quebra-se o galho, resolve-se uma situação difícil e inesperada desobstruindo-se o caminho.

No âmbito da significação podemos destacar também o aspecto ‘imagético’, a imagem propriamente dita, de modo que quando num gesto com a mão apontamos o polegar para cima, queremos dizer “combinado”, “tudo bem”. O contrário, com o polegar apontando para baixo, queremos demonstrar “incerteza”, “pessimismo” e “negatividade”. A imagem é também retratada pelo léxico em expressões do tipo “altos e baixos”; “levantar o ânimo”; “levantar-se dos mortos”; “no auge da fama”; “cair de cama”; “estar na fossa” (TAGNIN, 2013). Transpondo

o sentido da imagem para nossa pesquisa, percebemos, por exemplo, na colocação cultural “arrastá o pau” (cortes profundos = prejudicial à seringueira), sentido negativo. Por outro lado, há um sentido positivo nas colocações “pau de fumaça” (muita fumaça = boa defumação) e “arriação da seringa” (marca na seringueira do trabalho diário; “grande arriação” = seringueiro trabalhador; “pequena arriação” = seringueiro preguiçoso).

O falante nativo, ao longo de sua vida, constrói um repertório de combinações fixas e as usa de maneira automática quando discursa, explicam-nos Rocha e Orenha-Ottaiano (2012). Dessa forma, a invenção e o uso das CCs analisadas nesta pesquisa, sua convencionalidade e/ou idiomaticidade, vieram, em última instância, facilitar por meio da comunicação o trabalho executado pelos seringueiros e a vida nos seringais.

A nosso ver, palavras convencionais, lexical e semanticamente transparentes, usuais em toda parte e também no “mundo do seringal”, vão sendo adaptadas e tornando-se convencionais, e assim, as colocações culturais são paulatina e espontaneamente formadas, frente a ausência da “palavra certa” para conceituar ou explicar aspectos vivenciados culturalmente. Desse modo, substantivos como “oito”, “porta”, “bandeira”, “estrada”, “colocação”, “borracha”, entre outros, que possuem significação clara e mais transparente, ao se juntarem com outros substantivos, verbos ou adjetivos formando expressões fixas combinadas (“estrada de boca”; “botar oito”; “arriação da seringa”; “estrada de porta”), podem acumular sentido idiomático, ou seja, sua carga cultural lhes agrega um conceito figurado, exigindo conhecimento do meio cultural (processo material) para poderem ser compreendidas e seu significado desvendado.

Rocha e Orenha-Ottaiano (2012, p. 295-318), a respeito da convencionalidade na linguagem, afirmam ainda que

a vida em sociedade é marcada por uma série de regras compartilhadas pelos seus indivíduos, as convenções sociais. Elas são de cunho moral, político, educacional, etc., e permitem uma boa convivência entre os membros dessa comunidade. A língua também é uma convenção social e, como afirma Saussure (1973), é parte social da linguagem [...] Ao observarmos a língua, nos deparamos com expressões, blocos de palavras e construções que aparecem com maior ou menor frequência, são arbitrárias e se consagram pelo uso [...].

Os autores referem-se a blocos de palavras ou expressões consagradas pelo uso e que estão inseridas em um espectro fraseológico. Se observarmos o contexto dos seringais amazônicos/acreanos do ponto de vista lexical, com base nas CCs aqui levantadas e que se

consagraram pelo uso, há explícita ligação da consagração de seu uso com o aspecto cultural. Entendemos que os blocos fixos de palavras que analisamos foram surgindo a partir da realidade cultural e se tornando pouco a pouco convencionais, usuais, com figuração relativa naquele contexto. Por meio da utilização das lexias fixas e combinadas, um seringueiro pôde explicar, em mensagem rápida e eficaz a seu interlocutor, que “a estrada começa no meio da floresta, devendo-se chegar até ela por uma picada”, proferindo apenas “estrada de centro”. Para esse conceito, foi mais prático, mais ‘econômico’, falar de forma abreviada. Essa é uma das características dos fraseologismos e particularmente das CCs por nós pesquisadas. O contrário, quando “a estrada se situava próximo à casa do seringueiro”, convencionou-se dizer “estrada de porta”.

Com relação à esta realidade lexical, é pertinente o aspecto ressaltado por Orenha-Ottaiano (2004, p. 11), que afirma “na realidade, aprendemos nossa língua materna [...] em blocos pré-fabricados, como combinatórias prontas que são produzidas de modo automático, sem refletir, de forma inconsciente”. Daí presumirmos que não houve mesmo muita preocupação, um direcionamento, uma premeditação dos falantes das comunidades seringueiras com a criação dessas expressões, ou seja, no nosso entender elas brotaram naturalmente, de forma automática à revelia de seus falantes. Entretanto, mesmo assim, nasceram em um determinado contexto cultural marcante, que precisava ser desbravado, entendido, operacionalizado e têm sua conceituação orbitando em torno dos seringais e, a partir daí, convencionalizada.

Citando outro exemplo, quando o seringueiro cria a CC “arriação da seringa” para conceituar “a marca descendente (arriando, baixando aos poucos), ordenada e simétrica no caule da seringueira”, ficamos intrigados e nos perguntando o que lhe permitiu chegar a essa expressão e a sua significação. Há, aí, uma nítida confusão com a utilização do verbo “arriar”, mesmo sendo o “corte” da seringueira feito no sentido vertical descendente. No entanto, “arriar” pede um complemento, no caso “da seringa”, a árvore, que não é arriada. O corte, no sentido vertical, feito na madeira (seringueira) é, sim, paulatinamente arriado. Frente a esse exemplo, logo percebemos, mais uma vez, a função do empírico, do processo material, da ação na formação das colocações culturais.

Enfim, após os exemplos citados, esclarecemos o que entendemos por convencionalidade baseando-nos na concepção de Orenha-Ottaiano (2004, p. 13), que a entende “relacionada aos usos e costumes sociais já preestabelecidos e consagrados pela comunidade. Está igualmente associada às normas de procedimento em determinadas situações e à linguagem dentro dessa mesma comunidade”.

No escopo de nosso trabalho e dentro do espectro fraseológico, merecem destaque ainda as expressões idiomáticas (EIs), que apresentam sempre um relativo grau de dificuldade para que se possa fazer uma compreensão literal do que está sendo proferido, como é o caso também de algumas colocações culturais (CCs) que tratamos aqui. Falar das EIs, nesta pesquisa, é importante e ilustrativo, pois, nos ajuda situar o conceito de Fraseologia como algo amplo, do qual fazem parte também as colocações, os provérbios, as fórmulas de cumprimentação, as gírias, entre outras.

Xatara (1998, p. 149) entende a expressão idiomática como “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Roncolato (2004, p. 47), por sua vez, enfatiza, em sua definição, o aspecto estrutural da EI ao concebê-la como uma “construção pluriverbal, estável, fruto de um processo metafórico de formação, que pode funcionar como uma parte da oração ou como uma oração completa”.

O entendimento expresso por pesquisadores, especialmente brasileiros, com relação às EIs, apresenta-se como uma possibilidade de a linguagem abreviar discursos e implementar a comunicação entre indivíduos ou grupos de forma mais leve e informal. Mostra-se, a nosso ver, também adequado em relação às colocações culturais, como, por exemplo, na expressão “fazer boca na mata”: o início da “estrada” está no meio da mata e é representado pela primeira madeira. (Boca = início, começo, entrada principal).

No entendimento de Riva (2012), as EIs (ou Idiomatismos) estão relacionadas diretamente à cultura do homem, resistem ao tempo, transformando interações entre indivíduos em retratos de momento histórico. Isto equivale dizer que a língua modifica-se de acordo com a sociedade e a cultura do seu tempo, e as combinações lexicais fixas refletem os valores, costumes, tradições das classes sociais, das práticas de trabalho vigentes, tornando-se, assim, convencionais.

No entendimento de Riva (2012), as EIs (ou Idiomatismos) estão relacionadas diretamente à cultura do homem, resistem ao tempo, transformando interações entre indivíduos em retratos de momento histórico. Isto equivale dizer que a língua modifica-se de acordo com a sociedade e a cultura do seu tempo, e as combinações lexicais fixas refletem os valores, costumes, tradições das classes sociais, das práticas de trabalho vigentes, tornando-se, assim, convencionais. Como a vida social, a língua tem suas “normas” e, via de regra, é marcada pelas indiosincrasias lexicais, entre as quais situam-se os fraseologismos. Em nosso trabalho, destacamos sobremaneira as colocações e as colocações culturais das quais tratamos a seguir no subcapítulo 2.3.

### 2.3 Colocações da língua geral, cultura e colocações culturais

Exploramos, nesta pesquisa, as CCs formadas a partir de relatos de seringueiros acreanos que formam nossos dois *corpora* de estudo, o CEVIJ e o COAC. Essas colocações ganharam estabilidade linguística no contexto enfocado e cristalizaram-se pelo uso, tornando-se únicas e incomuns (HORI, 2004), pois dizem respeito à Amazônia da época da borracha. Vejamos o que dizem alguns autores sobre as colocações da língua geral.

Vimos que a convencionalidade abrange um vasto campo onde co-habita tudo o que é tacitamente aceito numa comunidade de falantes em um determinado *lócus* cultural. Dentro do que é considerado convencional, situam-se as UFs, como fórmulas fixas, que variam da transparência à total opacidade, indissociáveis em seus termos e popularizadas pelo uso e pela tradição. Dentre os fraseologismos, situam-se as colocações, e, dentre as colocações, o objeto de estudo de nossa pesquisa: as “colocações culturais”. Sobre o fenômeno colocacional, falaremos de sua importância e de seus conceitos fundamentais a partir do seu arcabouço teórico, visando sempre, em última instância, à resposta das nossas inquietações iniciais e à resolução dos objetivos que propusemos nesta pesquisa.

A colocação como “a relação habitual de coocorrência entre palavras” (HORI, 2004, p. 23)<sup>23</sup> tem uma história não muito extensa, ao contrário de outros fenômenos fraseológicos, datando de meados do século XX as primeiras discussões por teóricos primordialmente ingleses. Seu estudo pode ser cronologicamente classificado em três períodos, a saber, a década de 1960, quando a colocação foi teoricamente aprofundada e vários temas e problemas relacionados com a colocação foram discutidos; a década de 1970, quando a metodologia do estudo de colocação foi sugerida e algumas abordagens experimentais foram feitas; e, a partir da década de 1980 em diante, quando os resultados e as realizações do estudo da colocação começaram a aparecer (HORI, 2004).

Hori (2004) faz destaque à década de 1960 em que se dá o evento mais importante sobre o estudo da colocação, um seminário de equipe realizado na Escola de Linguística Aplicada, Universidade de Edimburgo, em 1961. Entre os participantes estavam M.A.K. Halliday, John Sinclair, Angus McIntosh, J. C. Catford e Ronald Mackin, os quais foram, em seguida, compor a equipe da Universidade de Edimburgo.

Nos anos de 1970, o autor (2004) destaca que há o segundo período no estudo da colocação, que se pode considerar piloto para a referida área. Dois pesquisadores

---

<sup>23</sup> A relationship of habitual co-occurrence between words.



representativos do período foram John Sinclair e Sydney Greenbaum. Sinclair e seu grupo iniciaram o projeto ‘linguística computacional para o estudo do significado pela colocação’, defendido por Firth e publicado em *Estudos Lexicais Ingleses*<sup>24</sup> em 1970.

A partir da década de 1980, conforme menciona Hori (2004), há o rápido desenvolvimento de computadores e da Linguística de Corpus, tendo avançado muito o projeto de Sinclair, para se tornar o que é hoje conhecido como o projeto COBUILD, o enorme corpus COBUILD, também conhecido como o “Banco do Inglês”.

Essa digressão histórica é importante, uma vez que situa a origem das discussões teóricas acerca das colocações, bem como elenca os principais nomes envolvidos com os estudos sobre colocações nesta fase inicial.

Nesse mesmo sentido, embora trabalhemos o conceito de colocações culturais, a definição de colocações criativas estabelecida por Corpas Pastor (1996, p. 53)<sup>25</sup>, para quem são “unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas completamente livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso”, e Firth (1957) que as compreende como colocações únicas e pessoais e não são encontradas nos textos de outros autores, expressando, dessa maneira, originalidade, o que torna um determinado autor único, enriquecem muito nossa pesquisa e ajudam na compreensão do que entendemos ser a ‘colocação cultural’, seu ponto teórico fundamental.

Teixeira (2016) e Teixeira e Orenha-Ottaiano (2018) tratam do estudo da tradução de **colocações criativas** a partir da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Tomando os preceitos teóricos vistos anteriormente como referência e a lexia “olhos” como nódulo, os autores apresentam como exemplos de colocações criativas: “olhos úmidos”, “olhos estúpidos”, “olhos cobiçosos”, “olhos do delírio”, “olhos de cobiça”, “grandes e belos olhos”, “olhos súplices”, entre outras. Teixeira (2016) ressalta que seleciona, para análise das traduções, algumas colocações criativas que ilustram a importância desse olhar enigmático, característica única do mestre Machado de Assis e enfatiza que “a inferioridade de Cubas perante sua progenitora é refletida pelos seus “olhos súplices”, que imploram por mais alguns anos de vida. É a vez de a natureza agir de forma arbitrária com aquele que, em vida, agiu de maneira arbitrária em relação à natureza e a todos que o cercaram em vida”. Teixeira, (2016, p. 57).

---

<sup>24</sup> English Lexical Studies in 1970.

<sup>25</sup> Las unidades fraseológicas que, desde el punto de vista del sistema de la lengua, son sintagmas completamente libres, pero que, al mismo tiempo, presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso.

Sendo convencionais e estando inseridas no espectro geral da Fraseologia, as colocações, como vimos, são um fenômeno ainda relativamente recente. E quando olhamos para as pesquisas sobre colocação no Brasil, alguns autores se destacam.

É pertinente retomar o conceito de **colocações** visto anteriormente em Orenha-Ottaiano (2017, p. 458), como “combinações recorrentes, arbitrárias e convencionais, lexicalmente e/ou sintaticamente fixas até certo grau e que podem ter um alcance colocacional mais ou menos restrito”. Em pesquisas publicadas anteriormente, Orenha-Ottaiano (2004) já defende que a ligação entre os elementos que formam as colocações não são semânticas, mas sobretudo convencionais. Isto equivale dizer que uma das características da colocação é não apresentar figuração. Ou seja, é preciso que haja uma imposição entre seus elementos para que eles se tornem convencionais, sendo o caso, por exemplo, das expressões “açúcar mascavo”; “praça pública”; “entrar em vigor”; “acreditar piamente”; “fatia de pão”; “cardume de peixes”, entre outras. Contudo, a autora (2004) destaca também como característica marcante a importância do princípio idiomático, asseverando que este se torna mais claro em colocações de caráter mais restrito como “conversa fiada” (que leva a lugar nenhum; mentira), ou ainda em: “pão-duro”; “árvore do conhecimento”; “render tributo”; “pagar caro”; “amar cegamente”, entre outras.

Em todas as colocações destacadas no parágrafo anterior, apresenta-se o princípio da previsibilidade. Segundo Fleischer (1997, p. 44 apud ORENHA-OTTAIANO, 2004, p. 26) a ligação estável entre as lexias da expressão faz com que a ocorrência de um torne previsível a ocorrência de outro, dada a frequência relativa e, portanto, significativa da ocorrência.

Para Orenha-Ottaiano (2004), posição teórica semelhante é defendida por Kjelmer (1991), que vê o caráter de frequência ligado à previsibilidade dos elementos de uma colocação.

Os estudos de Hausmann (1985), para quem o ponto essencial das colocações são a base e o colocado, influenciaram outros estudiosos, como Béjoint (1994), que comunga da mesma ideia, apenas destacando que a base permanece ‘intacta’ na colocação. (ORENHA-OTTAIANO, 2004).

Segundo a autora (2004), a discussão estabelecida por Sinclair diferencia-se dos autores anteriores no seguinte aspecto: em vez de ‘base’, ele estabelece a lexia ‘nóculo’ (*node*), permanecendo o significado de ‘palavra de busca’. Ponto de vista teórico que corrobora ao compreender que numa colocação aquele que determina é a base, que é o elemento autônomo, enquanto que o outro, o determinado, o colocado, ou seja, a base é aquilo que já sabemos e o colocado é aquilo que estamos buscando.

Esse entendimento também é compartilhado por Bevilacqua (2005, p. 11) que, em artigo sobre o fenômeno das colocações, as entende “formadas, basicamente, por dois elementos: um considerado a base e o outro, o colocado ou o elemento co-ocorrente. A base é um elemento semanticamente autônomo, ao passo que o co-ocorrente é restringido semanticamente pela base”.

Anteriormente referenciada, quem se dedica também ao estudo das colocações é Tagnin (1999) que defende a classificação de uma expressão como colocação a partir de pontos importantes, tais como

“a recorrência, atestada pela frequência da combinação; não idiomaticidade, o significado da colocação é composicional; coesão, há uma forte atração entre os constituintes da colocação; restrição contextual, há um contexto específico que favorece a ocorrência da combinação; coocorrência arbitrária entre os elementos”. (TAGNIN, 1999 apud ORENHA-OTTAIANO, 2004, p. 32).

A discussão sobre colocação apresentada ganha destaque também no quadro 2, de acordo com os estudos de Béjoint (1994) sobre o tema:

**Quadro 2** - Os elementos de uma colocação.

<b>Base</b>	<b>Colocado</b>
Um elemento independente	Funciona como um conceito modificador
Semanticamente autônoma	É semanticamente interpretável somente dentro da colocação
Determina padrões lexicais que podem combinar com ela	Sua tradução depende do uso na colocação
Traduzível, independentemente de seu uso na colocação	É escolhido por uma dada <b>base</b> para formar uma colocação

**Fonte:** Béjoint (1994).

De acordo com o quadro em destaque, uma colocação não pode prescindir de dois elementos básicos: a ‘base’ que se caracteriza pela sua independência semântica, e o ‘colocado’ que ganha significado inserido na colocação. No contexto do nosso trabalho, podemos tomar como exemplo a colocação “batendo tigela”. O substantivo ‘tigela’ é a base que se mostra com significação semântica autônoma. O verbo ‘batendo’ é o colocado que exprime ação e funciona como um conceito modificador. A partir desta junção a colocação adquire sentido figurado e passa a significar ‘o corte produzido na seringueira para a extração do látex’.

Para Firth (1957 apud NAVARRO, 2011), o significado de uma palavra não é fixo e independente, mas está fortemente relacionado ao conteúdo em que ocorre. Isto equivale dizer que as palavras influenciam e determinam o significado umas das outras mutuamente.

Navarro (2011) destaca que a tradição firthiana foi levada à frente por Sinclair (1991), que divide o modelo de seleção lexical em dois princípios básicos: o princípio idiomático e o princípio da livre escolha. Por este, o falante tem total liberdade de combinação de seu discurso, ficando restrito apenas pela questão gramatical na língua. Isto é, ele é livre, desde que esteja correto. Por outro lado, o princípio idiomático restringe a liberdade discursiva e coloca à disposição do falante, ao discursar, uma série de expressões pré-prontas que constituem escolhas singulares. Para a autora (2011), as colocações enquadram-se melhor no princípio idiomático.

Na colocação cultural “*boom* da borracha”, por exemplo, “borracha” funciona como base, sendo, portanto, um elemento independente, autônomo e “*boom*” é o colocado que apresenta uma forte restrição semântica com a base, de modo que (*boom*), no léxico regional em destaque nos *corpora* de estudo, chama sua companhia natural (da borracha). Os dois elementos entendidos no seu conjunto (coesão) é que geram significação, sobretudo, para a realidade amazônica (restrição contextual) ao serem interpretados.

É importante situar no escopo de nossa pesquisa, como fazemos no quadro 3, a taxonomia das colocações na perspectiva de Orenha-Ottaiano (2004, 2009) com exemplos contextualizados a partir do CEVIJ e do COAC:

**Quadro 3** - Taxonomia das colocações culturais nos *corpora* CEVIJ e COAC.

<b>Taxonomia</b>	<b>Formas básicas</b>	<b>Exemplo no CEVIJ</b>	<b>Exemplo no COAC</b>
Verbais	Verbo (colocado) + Substantivo (base) Substantivo (base) + verbo (colocado) Verbo (colocado) + Preposição + Substantivo (base)		“Bolá borracha”; “Colocá manga”; “Botá matêro”; “Arrastá o pau”; “Fazia mutá”
Nominais	Substantivo (base) + Substantivo (base) Substantivo (colocado) + Preposição + Substantivo (base)	“Soldado da borracha”; “Barões da borracha”; “Coronéis da borracha”; “Pé de engenho”; “Engenho à roda”; “Autonomistas do Juruá”; “Terra da borracha”	“Boca na mata”; “Estrada de porta”; “Pano de paxiúba”; “Cavadô da borracha”; “Boca da borracha”; “Espigão da estrada”; “Bola de aviamento”
Adjetivas	Substantivo (base) + Adjetivo (colocado) Adjetivo (colocado) + Substantivo (base)		“Borracha começada”; “Borracha fina”; “Grande arriação”; “Madêra bruta”

**Fonte:** Silva (2019).

Podemos observar, no quadro 3, que se destacam em ambos os *corpora* as colocações nominais (substantivo + substantivo) formadas a partir de bases ou nódulos variados, com

destaque para “borracha”. Mesmo tratando este trabalho apenas dos aspectos fraseológicos das expressões investigadas, cumpre observar que, em muitos casos, as colocações se aproximam do que se entende por ‘variação diastrática’<sup>26</sup>, que são as mudanças lexicais em comunidades específicas, como é o caso do falar caipira, dos jargões e das gírias.

Na introdução desta pesquisa, mencionamos como chegamos ao consenso sobre a utilização da expressão ‘colocações culturais’ para denominar as combinações fixas levantadas na exploração dos *corpora* CEVIJ e COAC. Já discutimos o conceito de colocações gerais e agora trataremos do **conceito de cultura** e sua pertinência com os objetivos de nosso trabalho, para podermos chegar ao conceito de colocação cultural, foco de nossa pesquisa.

Afirmamos anteriormente que o “ciclo da borracha” levou o sentido de modernidade para os seringais da Amazônia, tornando-a global e agregando o desejo da novidade, do enriquecimento, a obstinação pelo trabalho, além de o progresso passar a fazer parte da ideologia dos homens dos seringais. Por outro lado, a técnica e a industrialização – um dos pontos fundamentais da “globalização” – permitem o “boom” do látex amazônico. Mesmo seu “cadafalso”, seu *crash* é consequência do que há de mais moderno no mundo da pesquisa agroflorestal nas academias europeias do século XIX. Os dois primeiros autores dos quais tomamos, inicialmente, as ideias como referência, situam a cultura numa perspectiva ampla e global. Refletir sobre a evolução dos ‘sistemas culturais’ e ‘globalização’ para situar a cultura é, portanto, pertinente, pois, em última instância, o encantamento semântico que brota da significação destas palavras, também chegou até os seringais, influenciando, entre outras coisas, a estrutura lexical daqueles homens.

A ampla perspectiva adotada por White (1978), que trata da evolução dos sistemas culturais em geral, merece um olhar atento e para a qual chamamos a atenção. Em estudo clássico, ele adverte da dificuldade implícita ao tema. Adotando uma postura plural e diversificada, revisitando autores como Durkheim (1938), Kroeber (1928) e Lowie (1937), que se dedicam em seus estudos a compreender os sistemas culturais humanos, destaca que “cultura, no sentido que damos ao vocábulo, é, portanto, uma ordem de fenômenos distinta e logicamente independente. Na realidade, não existe, é claro, uma cultura separada do *homo sapiens*”.

---

<sup>26</sup> A língua não é regida por normas fixas e imutáveis, muito pelo contrário: assim como a sociedade é totalmente mutável, a língua pode transformar-se através do tempo. Se compararmos textos antigos com atuais, perceberemos grandes mudanças no estilo e nas expressões. Variações diastráticas são as variações ocorridas em razão da convivência entre os grupos sociais. As gírias, os jargões e o linguajar caipira são exemplos dessa modalidade de variação linguística. É uma variação social e pertence a um grupo específico de pessoas. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/variacoes-linguisticas-diafasica-diatopica-diastratica-e-historica/>. Acesso em: 28 dez. 2018.

(WHITE, 1978, p. 19). O ponto de vista explorado pelo autor, deixa claro que é o homem que possibilita a existência da cultura. A cultura em geral é o que é, porque o homem assim o determina, sendo a espécie de animal que ele é.

Seria, então, papel da cultura tornar a vida humana segura, atender às necessidades do homem ou proteger os humanos? Pergunta o autor (1978), a uma certa altura de suas reflexões, para em seguida responder de forma objetiva ou realista a sua compreensão sobre os sistemas culturais humanos, imputando-lhes aspectos positivos e negativos:

Embora tenham, os sistemas culturais, proporcionado ao homem alimento e fogo, cabanas e casas, jogos e danças [...], deuses e mitos para distraí-lo, também chacinaram milhões de homens, torturaram-nos e mataram-nos, ou queimaram-nos em fogueiras como feiticeiros. Iniciaram ou agravaram grandes flagelos pela concentração urbana; A grande era das sociedades civis subordinou os direitos e valores humanos aos direitos de propriedade. (WHITE, 1978, p. 24)

É pertinente afirmar, então, que na perspectiva whiteana sobre cultura (sistemas culturais) ele se posiciona pragmaticamente, sem desvincular os complexos culturais da atividade do homem, de sua ação transformadora através do trabalho, ao mesmo tempo, em que estabelece uma “independência” do sistema cultural em relação ao próprio homem, sendo o seu avanço inexorável e situado no centro dos mecanismos que impulsionam ou retraem a evolução das sociedades.

Esse posicionamento teórico de White é pertinente ao nosso trabalho no sentido em que chama a atenção para o ‘cultural’ como um movimento de dupla face e que independe das vontades individuais, ou seja, que se coloca para o mundo social com uma determinada carga de inexorabilidade. Assim, fazendo uso de suas ideias no panorama desta pesquisa, não podemos entender o Seringal como um “paraíso na selva” ou como “um bosque romântico no meio da floresta”, sendo o *locus* cultural no qual se experienciou a vida com persistência, perspicácia, coragem, sacrifício e onde, pelo léxico, são geradas as expressões que pesquisamos, como deixamos claro ao longo deste trabalho, foi, antes de tudo, um mundo complexo e plural, o terreno onde se travou intensa luta de classes, onde estavam em jogo interesses muitas vezes abissais e irreconciliáveis entre seus personagens, onde também, por exemplo, sacramentou-se uma prática rotineira, ostensiva e condenável contra a fauna amazônica, com o abate de animais silvestres para alimentação humana, a ponto de, no seringal,

se fazer necessária a presença de um profissional da caça, o caçador.<sup>27</sup>

Bauman (1999), em seus estudos sobre as sociedades, reflete acerca do fenômeno da “globalização” e as consequências para as comunidades humanas. Para ele, a globalização é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Ele apresenta, também, um olhar sorrateiro, permeado de apreensividade com relação à civilização e sua agressiva escalada evolutiva. Em palavras suas, Bauman (1999, p. 8) afirma que a globalização é “um processo que tanto divide quanto une, junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação. A mobilidade e a liberdade de movimentos, logo se tornam o principal fator estratificado dos tempos pós-modernos”.

Adequando a discussão sobre globalização ao âmbito deste trabalho, lançamos mão da inquietação do autor (1999), que nos convida a pensar a questão cultural do mundo global a partir de uma alegoria. Lançados num vasto mar aberto, sem cartas de navegação e com todas as boias de sinalização submersas e mal visíveis, só nos restam duas opções:

Ou nos alegamos com as empolgantes perspectivas de novas descobertas ou podemos tremer de medo de morrer afogados. Mas nem todas as embarcações têm condições de navegar. E assim, quanto maior a distância a percorrer, mais fundo será o abismo entre os polos. (BAUMAN, 1999, p. 94).

Transplantar homens do sertão brasileiro para o seio da floresta tropical amazônica e incentivá-los ao trabalho nas “estradas” de seringa parece-nos que foi, de fato, lançá-los num vasto mar aberto, sem cartas de navegação. Sem opção, tiveram que aprender rapidamente o ofício motivados pela novidade. A outra opção era submergir.

Como ficam as comunidades culturais frente a onda de irreversível globalização? No entender de Bauman (2003), algumas palavras, mais que significados, guardam sensações, é o caso de “comunidade”. Ela sugere uma coisa boa. Um lugar cálido, confortável e aconchegante. Um teto que abriga e dá segurança. Um lugar onde há cooperação, solidariedade. Enfim, é um tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance.

Para o autor (2003), “a comunidade realmente existente, se nos achássemos a seu alcance, exigiria rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou pretende prestar. Você

---

<sup>27</sup> Costume muito antigo, as caçadas eram praticadas pelos indígenas, de forma sustentável, para a alimentação diária. O que aconteceu a partir dos seringais, é que, a carne silvestre, além de consumida, passou a ser também comercializada. Somente com o avanço dos marcos legais ambientais de proteção à fauna e flora, é que tal prática passou a ser criminalizada e coibida pelo Estado.

quer segurança? Abra mão de sua liberdade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos”. (BAUMAN, 2003, p. 10).

Portanto, a comunidade de entendimento comum, segundo o autor (2003), mesmo se alcançada, permanecerá frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, de reforço e de defesa, mais se assemelhando a uma fortaleza sitiada, continuamente atacada por inimigos, obrigando os que procuram a proteção e a tranquilidade comunitárias a se recolherem em trincheiras e baluartes.

Notamos que em relação a esses dois conceitos introduzidos (globalização e comunidade) que são relativamente opostos, o global e o local, o máximo e o mínimo, a produção cultural, mesmo de certa forma subjugada, se estabelece a partir daí. Se a globalização emerge da revolução industrial e tem sua consolidação na pós-modernidade (técnica e informática), as comunidades sofrem as consequências desses avanços (segregação, exclusão). Voltando o olhar para o contexto de nosso trabalho, afirmamos no capítulo de contextualização histórica que os seringais amazônicos propiciaram à nação brasileira elevadas cifras em impostos. O “*boom da borracha*” projetou a Amazônia para o mundo industrializado (global), e os seringueiros (comunidades), já encurralados, de uma hora para outra se viram abandonados à margem dos rios, tendo que, a partir daquele momento, assumirem o protagonismo de sua própria história.

Com as necessárias ressalvas postas, avançamos para o conceito de **cultura**.

Parafraseando Hall (2001) influenciado por Saussure, notamos que ele defende a língua como um sistema social e não individual e que os significados das palavras não são fixos e surgem nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. “Falar uma língua é ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossos sistemas culturais. As palavras são multimoduladas e o significado é inerentemente instável”. Hall (2001, p. 40).

Lexia reconhecidamente polissêmica, cultura é conceituada por Lyons (1987, p. 223) como o “conhecimento adquirido socialmente, isto é, aquele que é fruto de um convívio social”. Relacionando esse conceito inicial com o objeto de nossa pesquisa, podemos entender que somente a partir de todo o convívio social do mundo da borracha é que foi possível, entre outras coisas, a geração lexical das combinações fixas que analisamos. Daí, entendermos que são uma consequência direta desta realidade cultural específica.

Para o linguista Sapir (1994), cultura é um complexo que inclui elementos distintos, como conhecimento, crenças, arte, moral, leis, hábitos e qualquer comportamento adquirido inconscientemente por um homem como membro de dada sociedade. As definições



apresentadas têm em comum o fato de que cultura é assimilada informalmente, ou seja, seguimos suas regras inconscientemente.

Concordamos com a conceituação dos autores citados e a aplicamos também ao nosso objeto, uma vez que o seringal foi o mundo da informalidade, onde tudo era aprendido empiricamente. O “brabo”<sup>28</sup> precisava se ajustar rapidamente à sua rotina de trabalho, aprendendo com os outros, interagindo. No escopo de nossa investigação, a partir dos relatos analisados, experientes ou novatos, percebemos que os seringueiros deviam aprender seu ofício fazendo. Toda a gama de conhecimentos necessários para se viver e trabalhar em um seringal era aprendida, assimilada por ensaio e erro, sendo a informalidade e o empírico, rotina e regra para a ação.

Olhando para nosso objeto de pesquisa, é importante destacar, de acordo com a conceituação vista, que cultura está relacionada à informalidade, às regras inconscientes, à moral, às leis e aos hábitos. Na espontaneidade do seringal, as CCs brotaram de forma natural mediante imprevistos, necessidades de conceituação prática e foram se tornando usuais, convencionais, idiomáticas e adaptando-se perfeitamente àquele mundo extrativista, àquela rotina de trabalho com a natureza.

Na CC “arriação da seringa”, por exemplo, podemos desenvolver o seguinte paralelo: normalmente, nas repartições públicas, hasteiam-se os pavilhões (a bandeira nacional, estadual e municipal), movimento que os leva ao topo do mastro. Contudo, ao fim do dia, são desasteados. O ato de cortar a seringueira ganhou, pela colocação em destaque, uma significação análoga, de modo que se fez a adaptação de termos lexicais usuais para um contexto cultural, o do seringal. “Arriação da seringa” é a marcação no caule da seringueira do exercício diário de corte. Feito de modo descendente, por isso ele arriava, abaixava até rente ao chão, paulatinamente, até o final dos trabalhos, após exausta temporada (fim do verão), quando as forças do seringueiro praticamente se esvaneciam juntamente com o látex que também já se tornara escasso.

Na Introdução deste trabalho, fizemos referência aos **culturemas** do Português brasileiro. Voltamos novamente a essa temática de forma mais aprofundada e detalhada por entendermos que contextualiza e amplia o ponto teórico que estamos tratando, o conceito de cultura.

---

<sup>28</sup> O seringueiro recém-chegado à Amazônia era denominado de “brabo”, porque era novato, não entendia da floresta, de seus segredos, nem dos rios e de seus mistérios. Não conhecia, sequer, o caminho do seu novo trabalho, a “estrada de seringa”.

Monteiro-Plantin (2013) estuda questões relativas ao caldeamento cultural realizado na língua fruto da miscigenação étnica, em que há palavras de origem indígena, como “caju”, “imbuia”, “tatu” e, ainda, palavras de origem africana, como “acarajé”, “orixá”, “caçula”. Essa fusão é completamente transferida para o PB. Pinheiro (2017) observa que a relevância do estudo desses símbolos culturais é inequívoca, na medida em que privilegia a observância de fenômenos frequentes experienciados por falantes em contextos reais de interação verbal por meio de uma dada língua no exercício da oralidade. Para a supracitada autora (2017),

as metáforas consolidadas como culturemas nascem da mitologia, da literatura, religião, da música, da moda, dos meios de comunicação, do cinema, da propaganda, dos hábitos rotineiros, da política, ou mesmo, da história de um povo. E outro aspecto importante a ser considerado é que a língua tem um caráter de constituição histórica para uma determinada comunidade, uma vez que podem atribuir diferentes valores semânticos a um mesmo termo em diferentes épocas. (PINHEIRO, 2017, p. 21).

Podemos notar que a autora destaca a possibilidade da semântica de um termo variar a depender da época histórica. Portanto, voltando o olhar à nossa pesquisa, as lexias “oito” ou “manga”, por exemplo, empregadas na realidade do seringal, possuem significação específica para a comunidade linguística dos seringais, diferentemente do que, por exemplo, significava para comunidades urbanas de então.

Pinheiro (2017, p. 24) defende<sup>29</sup> a ideia de que os culturemas podem “dar à cultura a importância que ela tem como influenciadora e contribuinte para a constituição do léxico de uma língua”. A autora (2017) destaca, ainda, que a linguagem invade a fronteira da cultura. Comunicação não é um fato isolado no desenvolvimento da linguagem. A habilidade de interpretação e interação de contextos sociais de uma determinada cultura são elementos fundamentais para o processo da linguagem de uma forma natural.

A temática ‘culturemas’ está associada à ideia de cultura que aqui retomamos sob outros olhares. Coseriu (1985) vê a língua como forma primária da cultura e da produção humana e a entende como o conhecimento e as ideias de uma comunidade.

---

<sup>29</sup> Exemplos de culturemas como metáforas consideradas e aceitas como tradicionais por um povo: “carnaval” (“botar o bloco na rua”; “abre alas”); “samba” (“deu samba”; “não deixe o samba morrer”); “banana” (“preço de banana”; “República das bananas”); “mandioca” (“farinha do mesmo saco”; “farofeiro”; “pão do pobre”); “feijão” (“feijão com arroz”; “feijão maravilha”); “Amélia” (“mulher passiva e serviçal”; “mulher de verdade”); “abacaxi” (“ganhou um abacaxi”; “descascar um abacaxi”); “coco” (“sombra e água fresca”; “rainha da cocada preta”). (PINHEIRO, 2017).

Dessa forma, “os **culturemas** são o resultado da condensação de elementos que formam, ao longo do tempo, metáforas consideradas e aceitas como tradicionais por um povo em particular, ou por povos num sentido mais amplo, [...] e se concretizam nos fraseologismos” (XATARA; SECO, 2013, p. 503). A compreensão defendida por Pamies Bertrán (2002) destaca que “os culturemas são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar”. (PAMIES BERTRÁN, 2002, p. 54).<sup>30</sup>

Ao revisitar pontos teóricos sobre cultura que julgamos fundamentais, entendemos também pertinentes as ideias de Aubert (1981), que implementa, em seus estudos, uma discussão sobre **marcadores culturais**, que ajuda a entendermos a complexidade do tema, ao mesmo tempo que nos aproxima do nosso ponto fundamental de pesquisa, que são a colocações culturais. Em sua compreensão, as marcas culturais se fazem presentes na linguagem e correspondem a vocábulos que representam elementos inseridos em determinada cultura e que revelam realidades específicas sob pontos de vistas variados. Reforça, ainda, que essas peculiaridades variam conforme a região ou comunidade. Portanto, a noção de marcador cultural no entendimento de Aubert (1981) remete a um elemento distintivo, isto é, algo que diferencia determinada solução expressiva linguisticamente formulada de outra solução tirada por parcial ou totalmente equivalente.<sup>31</sup>

É possível, no nosso entendimento, tratar de forma análoga e paralela nosso objeto com os dois conceitos discutidos nos parágrafos anteriores, o que atesta a proximidade das CCs tanto com os culturemas quanto com os marcadores culturais que, resguardadas as devidas singularidades de cada conceito, se apresentam, também, através de lexias ou expressões figuradas. Podemos reafirmar, por conseguinte, que marcadores culturais como, “embira”, “mundéu”, “arretado”, “peste” e culturemas como, “carnaval”, “samba”, “mandioca”, “abacaxi”, entre outros, se aproximam dos nódulos geradores das colocações culturais, que analisamos nesta pesquisa: “estrada” (caminho onde estão perfiladas as seringueiras na floresta), “bandeira” (local específico no caule da seringueira onde se aplica o corte), “barões”

---

<sup>30</sup> Los culturemas son símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que sirven de modelo para que las lenguas generen expresiones figuradas, inicialmente como alusiones o reaprovechamiento de dicho simbolismo, y que pueden generalizarse y hasta automatizarse.

<sup>31</sup> Martins (2009) elenca alguns exemplos de marcadores culturais retirados de seus *corpora* de pesquisa sobre os ‘marcadores culturais do português brasileiro’: “embira” (casca ou cipó usado para amarrar), “mundéu” (armadilha de caça), “arretado” (indica ideias apreciativas), “peste” (pessoa má ou rabugenta), “cão” (diabo), cabra (cangaceiro, capanga), “macho” (valentão), “frouxo” (covarde, fraco), “sertão” (zona pouco povoada onde perduram tradições), “pirão” (papa grossa, feita de farinha de mandioca).

(homens poderosos; patrões), “oito” (caminho sinuoso como o numeral homônimo na “estrada” de seringa que termina onde começa), “manga” (apêndice de seringueiras), “coronéis” (seringalistas; políticos influentes), “tigela” (vasilhame), “espigão” (reta ligando várias seringueiras numa “estrada”). Conferir as notas de rodapé (30 e 32) às páginas 64 e 65, respectivamente, onde elencamos exemplos de cultuemas e marcadores culturais.

Castilho e Rego (2016) estudam a perspectiva histórico-cultural, tomando por base os postulados de Vygotsky, pela qual o homem é “fundado” pelo cultural e se constitui no processo histórico. Por ser cultural é também, e necessariamente, semiótico, já que é edificado sobre relações socialmente significadas. Nessa perspectiva, a linguagem, mais propriamente, a palavra torna-se o signo por excelência. Funciona como instrumento de comunicação e interação entre as pessoas e entre elas e seu universo social e cultural.

Outros autores entendem a cultura como um sistema de representação das condições objetivas da vida (ROCHE, 1998); ou ainda como mediação entre o indivíduo e sua experiência vivida (PROST, 1998).

Em um posicionamento de contraposição aos destaques teóricos sobre cultura vistos até agora, a hipótese Sapir-Whorf<sup>32</sup> (concepção relativista da linguagem) defende que não há qualquer relação de causa e efeito entre língua e cultura, o que nos leva a entender as variedades de uma mesma língua independentemente da identificação cultural. A identificação cultural nessa perspectiva é feita para cada pessoa de maneira abstrata, e a língua seria um fator de identificação cultural (uso; contexto...). Não se pode, portanto, entender que a identificação cultural tenha como referentes as formas variantes que assumem esses aspectos culturais (crenças, hábitos...) em todo o espaço onde se falam as diferentes variedades de uma mesma língua.

O arcabouço teórico relacionado aos conceitos de colocação e de cultura, embasa a nossa compreensão sobre as **colocações culturais** que passam a ser entendidas como **combinações de palavras que apresentam determinada carga cultural e características figuradas únicas, geradas em contextos idiossincráticos e específicos de uma dada comunidade**. No caso desta pesquisa, o contexto idiossincrático é o amazônico, do “ciclo da borracha”. Do que temos conhecimento, trata-se de um conceito novo e está sendo formulado pela primeira vez para este trabalho, que se insere no âmbito da pesquisa fraseológica brasileira

---

<sup>32</sup> De acordo com Machado (2015, p. 41), “a hipótese Sapir-Whorf explora um conceito popularizado pela psicologia freudiana, o dos processos mentais inconscientes. Assim como Freud [...], Whorf também postula um inconsciente linguístico constituído por um arsenal de hábitos linguísticos. Essa doutrina [...] argumenta que “o ‘mundo real’ é em grande medida construído com base nos hábitos linguísticos de um grupo”.

e vem somar-se aos demais conceitos já conhecidos sobre o estudo das colocações, a saber, das colocações da língua geral, das colocações especializadas, das colocações criativas, das colocações metafóricas, das colocações coloquiais, entre outras.

A partir, então, do conceito de Fraseologia, convencionalidade, idiomatidade colocação e cultura, estão estabelecidas as bases teóricas para a compreensão do principal conceito de nosso trabalho: as colocações culturais que se formam a partir de linguagem empírica de uso regional. São convencionais, têm certo grau de idiomatidade e são formadas por um combinado lexical, base e colocado. Surgem de um meio cultural específico (produção material) e foram utilizadas por uma comunidade determinada, daí, serem culturais.

### 3 METODOLOGIA

Com o advento do computador tornou-se possível construir grandes bancos de textos e consultá-los com ferramentas computacionais apropriadas para detectar co-ocorrências e recorrências. A disciplina que possibilita essa investigação denomina-se Linguística de Corpus. (TAGNIN, 2013, p. 29).

Neste capítulo, destacamos as questões metodológicas de nossa pesquisa, apresentamos o *Corpus* Escrito da Vila Japiim (CEVIJ) e o *Corpus* Oral do Acre (COAC), bem como as principais ferramentas do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), *WordList*, *KeyWords* e *Concord*. Dessa maneira, a partir dos dados quantitativos proporcionados pelo programa, podemos analisar qualitativamente as CCs extraídas dos referidos *corpora*. Tais procedimentos estruturam-se a partir do desenvolvimento do subcapítulo 3.1, em que tratamos da composição dos *corpora* investigados, sua tipologia e autenticidade; e do subcapítulo 3.2, em que esclarecemos o funcionamento do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012) e seus utilitários *WordList*, *KeyWords* e *Concord*, que nos fornecem listas de palavras, lista de palavras-chave, frequências e concordâncias, dados quantitativos imprescindíveis para o pesquisador da Linguística de Corpus.

#### 3.1 Composição, tipologia e autenticidade dos *corpora* CEVIJ e COAC

Enfatizamos inicialmente a composição de *corpora*, com a atenção voltada para o CEVIJ e COAC, nossos *corpora* de estudo.

A utilização de *corpora* pressupõe o uso de programa computacional específico. No caso desta pesquisa trabalhamos com o programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), versão 7.0, e suas principais ferramentas. O estudo sobre *corpora* está relacionado à Linguística de Corpus, temática à qual dedicamos o subcapítulo 2.1 (p. 38).

Os arquivos que compõem os nossos *corpora* de estudo, o *Corpus* Escrito da Vila Japiim (CEVIJ) e o *Corpus* Oral do Acre (COAC), são compostos, no primeiro caso, de um capítulo da obra literária *Histórias, causas e memórias da Vila Japiim: 1912 – 1977* (SILVA, 2013), em que ex-seringueiros e moradores antigos da Vila Japiim relatam sua trajetória de vida, no alto rio Juruá (e seu afluente Moa), fronteira amazônica com o Peru, e, no segundo caso, por entrevistas com seringueiros acreanos, na forma de inquérito, no modo documentador

*versus* locutor, em que falam de sua experiência de vida nos seringais nos vales dos rios Acre, Purus e Juruá.

Em relação ao CEVIJ, é importante ressaltar que é composto por relatos intitulados “Depoimentos: o que vi da vida”. É um corpus pequeno. A metodologia adotada para a coleta dos relatos de vida foi informal. Sem roteiro fixo, o interlocutor pedia ao locutor que falasse de sua ‘história de vida’. A resposta a essa solicitação foi espontânea, e via de regra, se manifestou na forma de uma narrativa sobre sua trajetória pessoal, as formas de trabalho, diversão e tudo mais que sua memória de vida pôde alcançar. Normalmente, todos são filhos ou netos de nordestinos que migraram ainda crianças com os pais ou avós para a região amazônica/acreana, buscando terra para trabalhar. Vieram, fugindo da seca no sertão nordestino, diretamente para o trabalho nos seringais, mas também ansiavam por água e terra para plantar. Com poucas exceções, foram parar nos seringais, em uma “colocação” distante e isolada do seu mundo de origem, embrenhados nos altos rios, isolados e envoltos na solidão da floresta. A saudade foi sua grande companheira. “Descansavam enquanto carregavam pedras”, pois o trabalho duro nas “colocações” e “estradas” de seringa não lhes dava arrego. O afã de retornarem à sua terra ricos, foi, desde sempre, sua grande esperança. Dessa maneira, eles foram construindo a riqueza passageira dos “coronéis” e “barões da borracha” e se vendo a cada dia mais e mais presos nas armadilhas engendradas pelo “sistema de aviamento”. Hoje, nas periferias das cidades acreanas, esses seringueiros e seringueiras (os locutores dos *corpora*) guardam viva na memória a intensidade de sua vida pregressa nos seringais.

O corpus escrito que analisamos retrata, portanto, essa realidade. Remete aos anos do “ciclo da borracha” e faz referência à formação social e cultural de uma vila amazônica, a Vila Japiim. Então, nesse caldeamento cultural, vem à tona modos de vida, expressões da fé, o imaginário social, formas de organização do trabalho, as relações de poder, as idiosincrasias lexicais, entre outros aspectos de sua cultura.

O outro corpus que trabalhamos é o COAC, embora mais amplo, um corpus mais específico, pois retrata a realidade do mundo dos seringais, a prática diária do exercício de “cortar”, “colher” e “defumar”. Em forma de inquéritos, as entrevistas foram colhidas nos anos de 1980 e 1990 e têm personagens variados, desde anciãos com mais de 70 anos até jovens seringueiros com 20 anos de idade e também mulheres seringueiras. Portanto, essa variação de gênero, faixa etária e experiências de vida dos entrevistados oferece-nos um rico universo de práticas e de memórias culturais e enriquece sobremaneira o segundo corpus explorado nesta pesquisa.

Metodologicamente, para a compilação do COAC seguiu-se uma rotina de perguntas no estilo locutor X documentador. Foram ouvidos os seringueiros dos seringais dos três maiores vales fluviais do Acre: o rio Juruá, o rio Purus e o rio Acre. Nestes inquéritos/relatos, os seringueiros expõem sua labuta cotidiana, os compromissos diários, as exigências que os mantinham sob pressão, os temores, o medo da chuva, o respeito à noite e ao rio, a sua fé, a esperança do saldo positivo ao final da fatigante jornada de trabalho, a solidão na “estrada”, a lida com o patrão. Eles também têm pais, avós ou bisavós que vieram do Nordeste para o trabalho nos seringais. Quando estimulados pelo interlocutor, falam dos detalhes de uma “colocação” e de “estrada de seringa”: as “madeiras”, as “pernas”, os “oitos”, as “bocas”, as “bandeiras”, as “arriações”, o “corte”, a “volta”, os “cantos”, a “defumagem”, a “bolagem”, o “cavador”, o “cavaco”, a “fumaça”, a “faca”, a “poronga”. Este corpus brota, portanto, do mundo do seringal e expõe-nos uma simbiose entre o léxico que daí emerge e essa mesma realidade cultural.

Com relação à questão da tipologia, utilizamos a classificação de Beber Sardinha (2004, p. 20-21), que procura responder perguntas como: O que é um corpus? De onde se origina? Qual o tamanho mínimo de um corpus? Um corpus pode ser não autêntico? De que trata? A que se destina? Estes dados estão dispostos no quadro 4.

**Quadro 4** - Tipologia dos *corpora* CEVIJ e COAC.

<b>Tipologia de corpus</b>	<b>---</b>	<b>CEVIJ</b>	<b>COAC</b>
<b>Conteúdo</b>	Especializado / regional / multilíngue	Regional	Regional
<b>Autoria</b>	Aprendiz / língua nativa	Língua nativa	Língua nativa
<b>Finalidade</b>	Estudo / referência / treinamento	Estudo	Estudo
<b>Meio</b>		Eletrônico	Eletrônico
<b>Modo</b>	Falado / escrito	Escrito	Falado (oral)
<b>Tipo de texto</b>	<b>---</b>	Literário / transcrito	Inquéritos transcritos
<b>Período</b>	Sincrônico / diacrônico Contemporâneo / histórico	Pós “ciclo da borracha”	Décadas de 1980 e 1990
<b>Tamanho</b>	Médio de 250 a 1 milhão de palavras	Aproximadamente 49.000 palavras	Aproximadamente 278.757 palavras

**Fonte:** Silva (2019).

A exposição do quadro 4 resume a tipologia dos *corpora* explorados neste trabalho. O CEVIJ, como ressaltamos, é um corpus escrito, elaborado a partir de relatos com ex-seringueiros da antiga Vila Japiim (distrito de Cruzeiro do Sul até o ano de 1977, quando ganhou



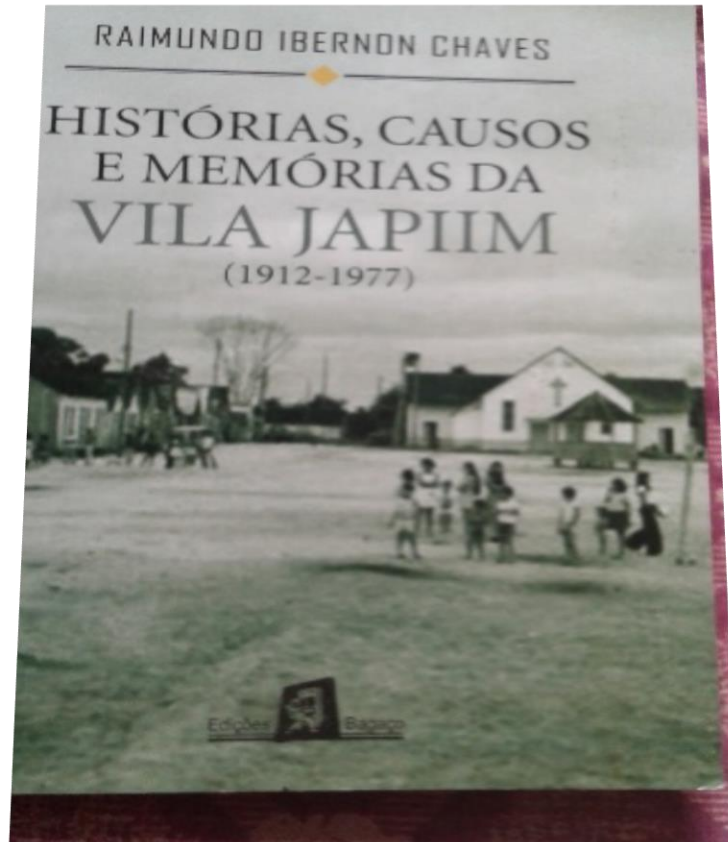
autonomia administrativa e política, tornando-se o Município de Mâncio Lima). Podemos classificar seu período como diacrônico/histórico, uma vez que os relatos registrados no ano de 2012 reportam a décadas passadas e se voltam para o “ciclo da borracha”. Em língua nativa, Português do Brasil, com aproximadamente 49 mil palavras, seu conteúdo marcadamente regional é expresso por linguagem de uso corrente. Em alguns desses relatos, o autor optou por uma transcrição da fala e, em outros, optou pela norma culta escrita. Ou seja, uma vez que esses relatos foram tomados de personalidades comuns que vivenciaram a evolução da Vila Japiim, sua experiência e vivência com os ofícios do látex se tornam evidentes e irrefutáveis. Ao serem transcritos, a maioria desses relatos ganha os aspectos formais da escrita, mas, em outros, o autor opta por transcrição fidedigna à fala.

O COAC, como ressaltamos, é um corpus oral, elaborado a partir de relatos de seringueiros acreanos, residentes nos três grandes vales dos respectivos rios que marcam a formação cultural acreana: vale do Acre, vale do Purus e vale do Juruá. Como ressaltamos no início deste capítulo esses relatos estão transcritos no modo “inquérito” e compunham o **Atlas Etnolinguístico do Acre**. Com aproximadamente 280 mil palavras, seu período pode ser classificado como diacrônico/histórico, pois tendo sido realizados nas décadas de 1980 e 1990 abrangem um período de maior duração, isto é, as décadas que sucederam à “batalha da borracha” e o “ciclo da borracha”. Esses relatos estão escritos em Português do Brasil e apresentam conteúdo regional.

Na classificação estabelecida por Beber Sardinha (2009), um corpus de 250 a 1 milhão de palavras é considerado de tamanho médio, perspectiva esta que nos ajuda a entender a dimensão, o alcance dos *corpora* que são objeto de nosso estudo. Como vimos, esses *corpora* juntos perfazem um total de mais de 300 mil palavras, o que os tornam representativos do léxico nativo pesquisado.

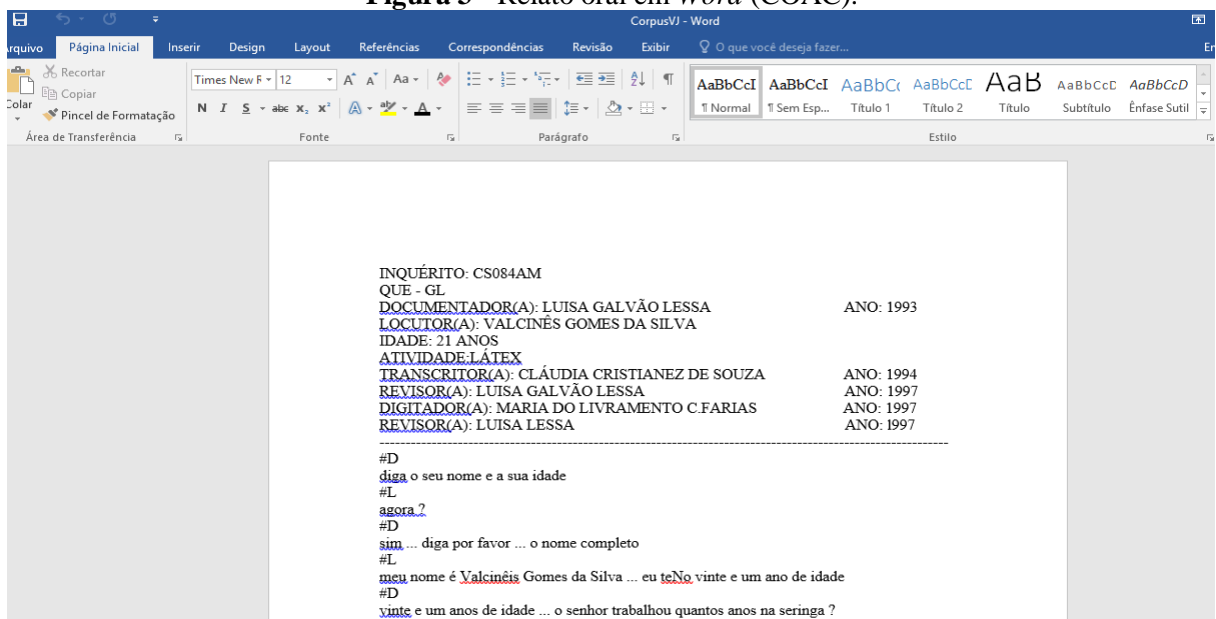
A seguir, mostramos figuras que ilustram os *corpora* em discussão. A figura 2 é a obra literária da qual foi retirado o capítulo com os relatos que formam o CEVIJ. As figuras 3 e 4 marcam a página inicial de um inquérito/retrato que faz parte do COAC, respectivamente, em modos *Word* e *TXT* (texto sem formatação). As figuras 5 e 6 marcam a página inicial dos relatos que fazem parte do CEVIJ, respectivamente, em modos *Word* e *TXT*. A mudança de formatação dos arquivos textuais (de *Word* para *TXT*) justifica-se pelo fato de o programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012) proceder a leitura dos arquivos (o processamento dos *corpora* evidenciando as palavras-chave, linhas de concordância e frequência, lista de palavras, entre outros) sempre no formato *TXT*.

**Figura 2** - Obra que dá origem ao CEVIJ.



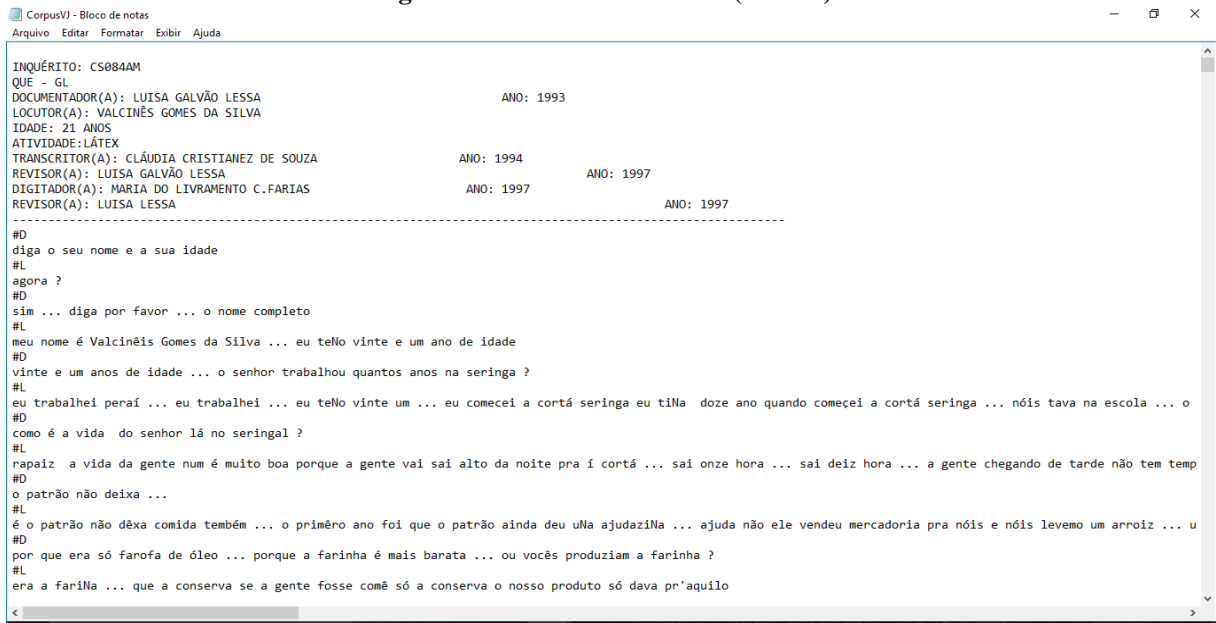
Fonte: Silva (2013).

**Figura 3** - Relato oral em *Word* (COAC).



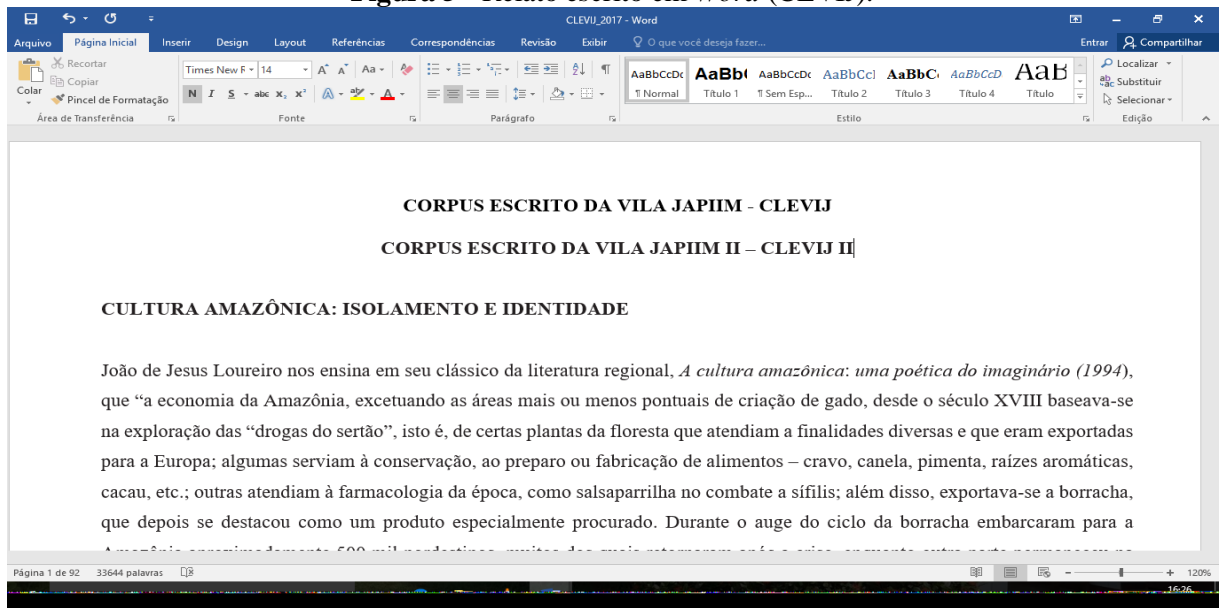
Fonte: PrintScreen da tela do *Word*.

**Figura 4 - Relato oral em TXT (COAC).**



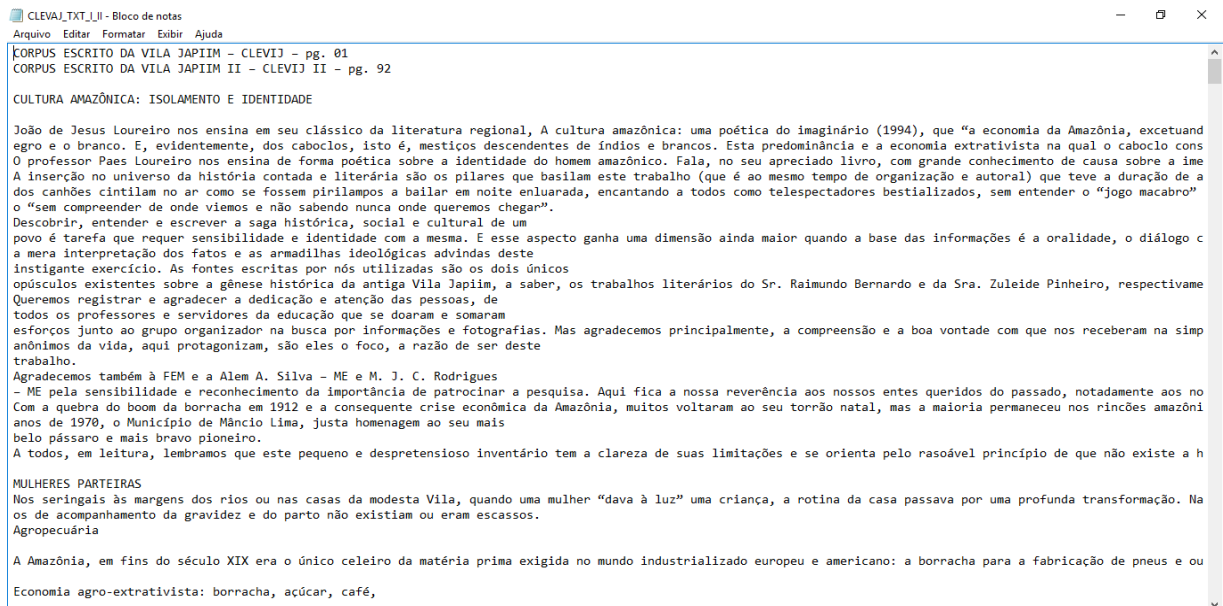
**Fonte:** *PrintScreen* da tela em TXT.

**Figura 5 - Relato escrito em Word (CEVIJ).**



**Fonte:** *PrintScreen* da tela do Word.

**Figura 6 -** Relato escrito em *TXT* (CEVIJ).



**Fonte:** *PrintScreen* da tela em *TXT*.

Como destacamos no subcapítulo 2.1, a LC é uma subárea da Linguística que se dedica à criação e à análise de *corpora*, entendidos como um conjunto de textos e transcrições de fala armazenadas em arquivos de computador (BERBER SARDINHA, 2009). Para este trabalho, os relatos de seringueiros em ambos os *corpora* são transformados em arquivos de mídia e, uma vez aptos para a execução no programa, procedemos ao levantamento dos nódulos (palavras significativas de maior frequência) e das concordâncias (palavras pronunciadas conjuntamente).

Os personagens que dão “vida” ao capítulo da obra de onde é retirado o CEVIJ são os conhecidos personagens da construção das pequenas Vilas que se espalharam em toda Amazônia nos períodos pós *boom* e pós “batalha da borracha”: seringueiros, agricultores, pescadores, donas de casa, professores, seringalistas, políticos, empreendedores. Após o “ciclo da borracha” no Amazonas/Acre, acontece uma diversificação das atividades econômicas que se voltam à agricultura, e as sedes dos antigos seringais vão paulatinamente se transformando em vilas. Essas vilas, ao longo de todo o século XX, irão se transformar em cidades de pequeno e médio porte, que se multiplicam pelo grande vale amazônico.

O segundo corpus analisado neste trabalho, o COAC, é objeto de estudo do projeto de pesquisa **Atlas Etnolinguístico do Acre: uma contribuição à dialectologia brasileira**<sup>33</sup>, de autoria de Luísa Galvão Lessa. Segundo a supracitada autora, essa obra apresenta estudo sobre

<sup>33</sup> Grifo nosso.

a língua portuguesa falada no Acre, com o objetivo de noticiar resultados de estudos regionais. Para Lessa (2000, p. 1) “ao se estudar a linguagem falada no Acre, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados”. Em outras palavras, o contexto cultural é elemento determinante para o surgimento do léxico peculiar que surge no Acre dos seringais<sup>34</sup>.

Defendemos, neste trabalho, que existe uma simbiose entre sociedade, língua e cultura. Esse mesmo entendimento é corroborado por Lessa (2000, p. 1), para quem “toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas culturais das comunidades humanas são refletidas em seu léxico”. O léxico seria, então, apenas a exteriorização do pensamento que capta e “processa” as informações advindas do meio cultural.

A tipologia do CEVIJ e do COAC pode ser, então, dessa forma, expressa. Encerramos este subcapítulo parafraseando Hjelmslev (1989), podemos afirmar que é por meio da língua que a humanidade expressa suas ideias, as de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence. Cada falante é usuário e agente modificador de sua língua, dadas as circunstâncias com que se depara na vida.

O ponto de vista expresso pelo supracitado autor pode ser aplicado ao nosso trabalho: as circunstâncias possibilitaram a adaptação de lexias tornando a linguagem incomum. Com a superação da economia extrativista, ou seja, com a superação das circunstâncias, do contexto cultural, a linguagem foi sofrendo modificações e se transformando. O que nos leva a pensar que o léxico é moldado pela conjuntura social vivida. Assim, para tal época, tal linguagem. Para tal região, tal léxico,

O trabalho com *corpora* tem que levar em conta os aspectos ligados à sua autenticidade. A questão entre dados naturais (não fabricados pelo pesquisador ou mesmo provocados) e dados inventados (que não ocorrem naturalmente, inventados). Segundo a pesquisadora Moura (2002 apud HOFFNAGEL, 2010, p. 260), “na literatura referente a *corpora* linguísticos encontram-se constantes referências sobre a natureza dos dados incluindo neste ou naquele corpus, nos seguintes termos: dados ou textos autênticos e textos reais ou textos de uso real”. Esse aspecto é crucial para o pesquisador com trabalhos a partir de *corpora*. Para a referida pesquisadora há graus de autenticidade, o que dificulta mais ainda a questão. Dessa forma,

---

<sup>34</sup> Ou seja, no Amazonas dos seringais. O Território Federal do Acre é formado em 1903, com o estabelecimento do Tratado de Petrópolis. Portanto, durante a maior parte do período que compunha o “ciclo da borracha”, as terras “acreanas” eram amazonenses.

[...] tanto a expressão ‘textos autênticos’ quanto as expressões ‘textos reais’ ou ‘textos de uso real’ são frequentemente qualificadas por outra expressão – ‘que ocorrem naturalmente’. Ou seja, se um texto não foi inventado e se foi produzido por alguém real, [...] então este seria um texto autêntico. (MOURA, 2002 apud HOFFNAGEL, 2010, p. 260).

No entanto, a questão não se resolve tão facilmente, pois existem variados entendimentos sobre o que seja autêntico ou real, conforme destaca a autora (2010).

Como então situar, dada a sua importância para os estudos em *corpora*, a questão da autenticidade? O que é autenticidade? Para Leeuwen (2010 apud HOFFNAGEL, 2001, p. 261), “contradições e problemas emergem porque a temática engloba também questões valorativas. [...] E então se sobrepõem os vários sentidos em que é usado o termo autêntico: genuíno; autorizado; fiel à essência; legalizado; de crença estabelecida; de acordo com os fatos”. Percebemos que o sentido de algo que ocorre naturalmente destoa dos conceitos discutidos pela autora. Em entrevistas, a resposta imediata, impulsiva é vista como mais valiosa e verdadeira do que uma resposta premeditada. Parte-se do princípio de que respostas preparadas não revelam a autenticidade da pessoa. Os dados orais, pela sua singularidade, são mais suscetíveis de serem fabricados. Segundo a autora (2010), a espontaneidade e a falta de premeditação parecem ser as condições necessárias para que um texto oral seja chamado de autêntico.

Especialmente com relação à escrita, que existe separada de sua fonte, a temática exige mais cautela ainda, mas o mesmo critério serviria para que um texto seja considerado autêntico, ou seja, se for produzido em contexto próprio ao gênero, seria, então, autêntico. Nesse sentido, os vários gêneros textuais escolares seriam textos autênticos da escrita (HOFFNAGEL, 2010).

Por autenticidade de um corpus, Berber Sardinha (2000) compreende que agregue as seguintes características: a) os textos devem ter sido escritos em linguagem natural, não podendo ser textos “produzidos com o propósito de serem alvo de pesquisa linguística”; b) o corpus deve ser representativo da língua ou de uma variedade de língua que se deseja pesquisar.

Para Sinclair (2005), idealmente, um corpus deve ser elaborado de forma a representar determinadas características linguísticas da comunidade cuja língua está sob análise. Suscintamente, destacamos a compreensão deste autor sobre a temática em destaque, para fazer uma ligação com nosso trabalho. As características da linguagem que submetemos à investigação são peculiares e dizem respeito a um ‘ciclo cultural’ especificamente amazônico, como já destacamos pormenorizadamente no Capítulo 1. Essa ‘peculiaridade lexical’ e a decisão de investiga-la é o que ocasionou esta pesquisa.

Na compilação de corpus, devem-se seguir as regras legais para obtenção de direitos de uso do material junto a autores e editores que detêm o *copyright* do texto ou consentimento de indivíduos cujos direitos de privacidade devem ser reconhecidos. Esta é uma etapa da compilação de um corpus que não é técnica, é demorada e tediosa, marcada por inúmeras negociações que podem se arrastar por anos – muitas vezes esta é a razão de muitos *corpora* simplesmente não estarem disponíveis publicamente, (ALUÍSIO; ALMEIDA, 2006).

No caso dos *corpora* explorados em nossa pesquisa (COAC e CEVIJ) já eram materiais públicos disponíveis para toda a comunidade acreana e brasileira. Com consentimento dos locutores, os estudos sobre dialectologia do Estado do Acre que compunham o “Atlas Etnolinguístico do Acre” têm como base os inquéritos tomados de seringueiros entre as décadas de 1980 e 1990. Este trabalho foi coordenado pela professora Luísa Galvão Lessa, como ressaltamos. O livro “Causos, Histórias e memórias da Vila Japiim” é o resultado de uma pesquisa com base na oralidade da comunidade local do Município de Mâncio Lima – AC. Esta pesquisa foi financiada pela Fundação de Cultura do Estado do Acre, Elias Mansour, e foi publicada no ano de 2013 com autoria e organização de Raimundo Ibernon Chaves da Silva.

Passamos agora ao subcapítulo 3.2 onde expomos o programa *WordSmith Tools*, instrumento de exploração dos *corpora* pesquisados.

### 3.2 O programa *WordSmith Tools*

A evolução da técnica, experimentada em todos os níveis da vida humana nos últimos tempos, chegou também, evidentemente, à pesquisa científica. No campo da Linguística, encaixa-se dentro deste prisma a Linguística de Corpus (LC). Já expusemos os variados conceitos, os entendimentos nem sempre consensuais dos pesquisadores a respeito da LC no capítulo 3.1. Pelo fato de muitos a considerarem mais uma abordagem metodológica do que uma teoria, apresentamos novamente, neste capítulo, alguns aspectos da referida área, especificamente, sobre o programa de computador por nós utilizado.

A LC, como frisamos, faz uso de programas computacionais para processamento de arquivos em *corpora*. Entre esses programas, destaca-se o *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), do qual, a seguir, faremos uma apresentação:

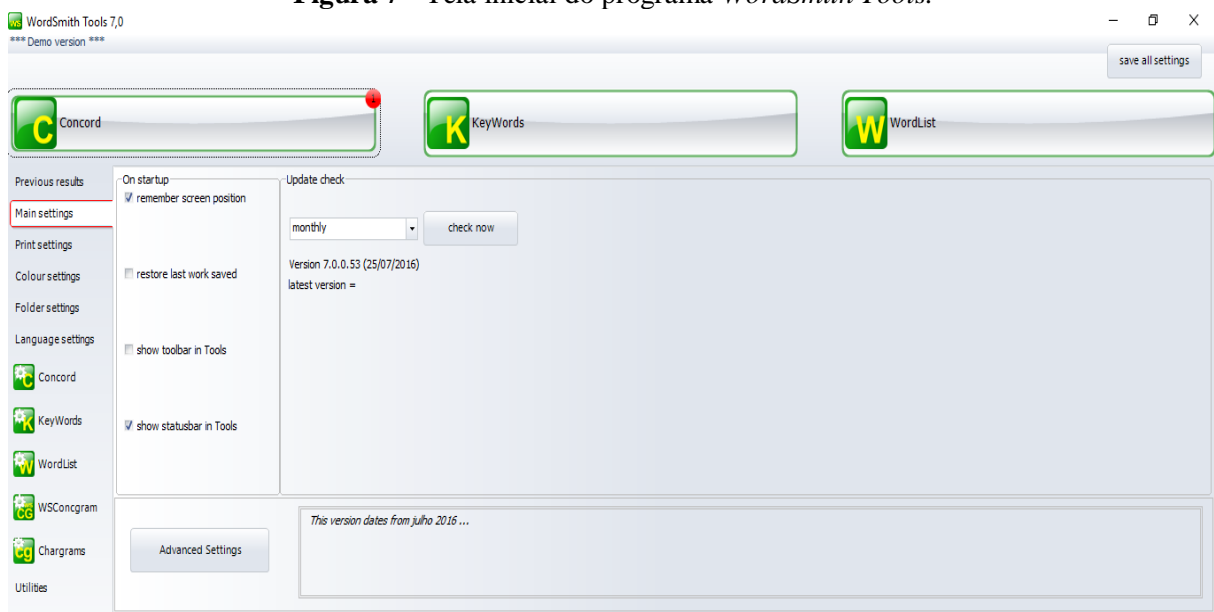
O programa *WordSmith Tools* é um conjunto de programas integrados (‘suíte’) destinado à análise linguística. Mais especificamente, esse software permite análises baseadas na frequência e na co-ocorrência de palavras em *corpora*. Além disso, ele permite pré-processar os arquivos do corpus, antes da análise propriamente dita. O *WordSmith Tools* não foi feito para efetuar análises de

projetos específicos; ele disponibiliza uma série de opções de ferramentas (daí ‘tools’), algumas mais gerais, outras mais restritas, sem jamais supor que a análise termine com o processamento de dados que ele efetua (BEBER SARDINHA, 2009, p. 8).

A aplicação dos *corpora* de estudo ao referido programa computacional trouxe-nos uma série de dados, dando-nos uma visão quantitativa do conjunto dos *corpora*, disponibilizando lista de palavras, palavras-chave e linhas de concordâncias, o que nos possibilitou, dentro dos objetivos propostos, o levantamento das colocações culturais. A seguir, destacamos uma sequência de figuras sobre o programa que tomamos como base metodológica.

O *WordSmith Tools*, usual pela forma didática com que podemos operacionalizá-lo, destaca-se pelas suas ferramentas. Na figura 7, destacamos a tela inicial do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012) e as suas principais ferramentas, que, de acordo com Beber Sardinha (2009, p. 9), são *Concord* (figura 8), *KeyWords* (figura 9) e *WordList* (figura 10).

**Figura 7** - Tela inicial do programa *WordSmith Tools*.



**Fonte:** PrintScreen da tela do *WordSmith Tools*.


O *Concord*, é uma ferramenta que realiza concordâncias ou listagens de uma palavra específica (o nóculo) em seu contexto. Oferece também listas de colocados, isto é, palavras que ocorreram próximas ao nóculo em questão (BEBER SARDINHA, 2009). “O programa *Concord* produz concordâncias. Concordâncias são listagens das ocorrências de um item específico (chamado termo de busca ou nóculo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto)” (BEBER SARDINHA, 2006, p. 87). O sucesso da busca no *Concord*, ressalta o autor (2006),



depende da correta especificação do termo de busca, diante do resultado que o usuário pretende obter. Há diversos tipos de termos de busca, dependendo do que se pretende achar e do tipo de texto (layout, principalmente) onde é realizada a busca. Um termo de busca simples é simplesmente uma palavra (por exemplo, *casa*). Já um termo complexo inclui outros elementos. (BEBER SARDINHA, 2006, p. 93).

A autora e pesquisadora Tagnin (2013, p. 30), referindo-se ao *Concord*, prefere usar a lexia concordanciador. No seu entender, é a “ferramenta que melhor permite observar as estruturas convencionais recorrentes da língua e produz resultados na forma de concordâncias, em que cada linha apresenta a palavra ou expressão que está sendo investigada inserida em seu contexto natural de ocorrência”.

**Figura 8 - Aba Concord.**



N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Para	Para	Heai	Heai	Sect	Sect	File	Date	%
16	de aproximadamente 30 toneladas <b>de borracha</b> por ano produzidas por mais			43.82	2.3	24	10	83			0	89	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		89%
17	carregado de gente, os soldados <b>da borracha</b> . Morou muitos anos na			42.84	2.2	10	10	80			0	87	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		87%
18	. Não, não tive sorte pra soldado <b>da borracha</b> . Conheço gente que			41.55	2.2	10	10	76			0	84	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		85%
19	valor algum, como se sabe, o quilo <b>da borracha</b> na época tinha um valor			43.97	2.3	71	10	84			0	89	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		89%
20	e Perú. Com as lutas advindas <b>da borracha</b> e dos movimentos			49.19	2.7	18	10	99			0	10	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		100%
21	o fabrico deste artefato é necessário <b>a borracha</b> . Daí então surgiu os			49.14	2.7	10	10	99			0	10	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		99%
22	gigantesca propriedade, mesmo com <b>a borracha</b> em crise. Data do início dos			44.72	2.4	95	10	86			0	91	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		91%
23	até dez toneladas. Comprei <b>muita borracha</b> a troco de açúcar, também.			40.52	2.1	44	10	73			0	82	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		83%
24	plantar cana, além do trabalho com <b>a borracha</b> . Amansei os bois, o titio já			39.72	2.0	10	10	71			0	80	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		81%
25	seringa. Os bois é quem carregava <b>a borracha</b> . Era na voga braba... tinha			39.08	2.0	10	10	69			0	79	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		80%
26	disse, dona Margarida a Sra. recebe <b>a borracha</b> , e em três anos eu lhe pago			40.86	2.1	50	10	74			0	83	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		84%
27	ele disse: "seu Francisco, soldado <b>da borracha</b> é pra toda a vida e vereador			41.23	2.1	36	10	75			0	83	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		84%
28	, quando apareceu o soldado <b>da borracha</b> . Sou, mas eu perdi dois			41.17	2.1	10	10	75			0	83	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		84%
29	Josué se aposentou como soldado <b>da borracha</b> , quando apareceu o soldado			41.16	2.1	60	10	75			0	83	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		84%
30	temporada a média de 300 quilos <b>de borracha</b> . Toda essa indústria foi			25.17	1.2	10	10	26			0	51	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		52%
31	e navegado por força e imposição <b>da borracha</b> nas últimas décadas do			9.740	44	82	0	64			0	20	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		20%
32	de 1950-60, uma vez que a crise <b>da borracha</b> já era fato consumado e			9.697	44	56	0	64			0	20	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		20%
33	que a partir de 1912 o monopólio <b>da borracha</b> amazônica é quebrado pelos			1.761	57	24	0	12			0	4	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		4%
34	. Desbravadores, homens <b>da borracha</b> , lendários seringalistas que			9.775	44	4	0	64			0	20	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		20%
35	a agropecuária. Com o fim do ciclo <b>da borracha</b> e a posterior transformação			9.967	44	20	0	66			0	20	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		21%
36	Moa e Azul conheceu vários ciclos: <b>a borracha</b> , a madeira, a agropecuária.			9.956	44	76	0	65			0	20	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		21%
37	muitos outros22. Com a "queda" <b>da borracha</b> , as famílias mais			9.887	44	10	0	65			0	20	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		21%
38	, de Craveiro Costa, A Batalha <b>da Borracha</b> , e Pedro Martinello, A			459	13	66	0	39			0	19	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		19%
39	procurado. Durante o auge do ciclo <b>da borracha</b> embarcaram para a			144	3	24	0	19			0	0	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		0%
40	a sífilis; além disso, exportava-se <b>a borracha</b> , que depois se destacou			128	2	92	0	19			0	0	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		0%
41	<b>seringais. Com a quebra do boom da borracha em 1912 e a consequente</b>			1.217	40	20	0	89			0	2	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		3%
42	, criação de suínos e bovinos. <b>A borracha</b> , nosso motor propulsor, o			1.670	55	5	0	11			0	3	CLEVAJ_TX 2017/dez/12		4%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.


Na figura 8, selecionamos o vocábulo de busca ‘borracha’ visando à localização das linhas de concordâncias com a ferramenta *Concord*. O resultado obtido permite-nos selecionar as colocações culturais, bem como excluir as que não se classificam como tal. De acordo com Beber Sardinha (2009, p. 97), “a tela de concordância é formada por colunas que se comunicam com o pesquisador, indicando: o número de sequência; texto onde ocorre o nódulo; etiquetas; o número da palavra a que corresponde o termo de busca; o nome do arquivo; a porcentagem”.

Ao proceder uma análise da figura, percebemos que expressões como “quilos de borracha”, “toneladas de borracha”, “recebe a borracha”, “exportava-se a borracha”, entre outras, não apresentam idiomaticidade, não são, portanto, portadoras de figuração. Essas expressões, bem como outras similares, podem, no entanto, serem classificadas como colocações. Porém combinações do tipo “soldado da borracha”, “boom da borracha”, “homens

da borracha”, “queda da borracha”, entre outras, apresentam figuração e força conotativa. Essas expressões agregam consigo um significado que precisa ser descrito, revelado, analisado em consonância com a realidade cultural e lexical de onde são provenientes.

A ferramenta *KeyWords*, por sua vez, gera a lista de palavras-chave de um dado arquivo por meio da comparação da lista de palavras (*WordList*) com as listas de palavras de um corpus de referência. Ou seja, extrai palavras de uma lista cujas frequências são estatisticamente diferentes (maiores ou menores) do que as frequências das mesmas palavras em um outro corpus (de referência). Calcula também palavras-chave, que são chave em vários textos. Neste trabalho, o corpus de referência utilizado para gerar as listas de palavras-chave é o Corpus da Folha de São Paulo.<sup>35</sup> Para Tagnin (2013), essa lista resulta da compilação de duas listas de palavras, uma do corpus de estudo e outra de um corpus que servirá de comparação, denominado de corpus de referência ou contraste. Recomenda-se que esse corpus seja no mínimo 3 vezes maior do que o corpus de estudo.

**Figura 9** - Aba *KeyWords*.



N	Key word	Freq.	%	Texts	RC Freq.	RC. %	Keyness
1	JAPIIM	79	0,18	1	1		1.218,00 0,0
2	MÃNCIO	65	0,15	1	0		1.010,98 0,0
3	BORRACHA	93	0,22	1	968		816,95 0,0
4	JURUÁ	54	0,12	1	60		682,20 0,0
5	ERA	245	0,57	1	72.80	0,07	591,43 0,0
6	EU	239	0,55	1	68.61	0,07	591,34 0,0
7	CASOU	67	0,15	1	750		579,24 0,0
8	LÁ	146	0,34	1	20.50	0,02	551,29 0,0
9	E	1.529	3,54	1	1.911	1,86	530,30 0,0
10	MÔA	34	0,08	1	0		528,79 0,0

**Fonte:** PrintScreen da tela do *WordSmith Tools*.

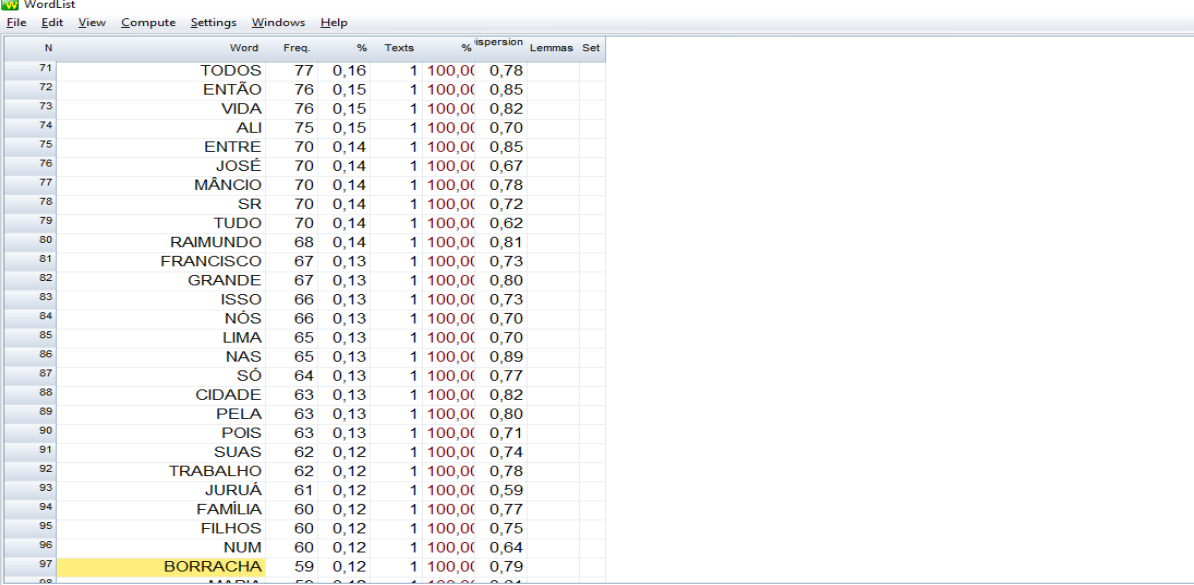
Na figura 9, a partir da ferramenta *KeyWords*, observamos o item lexical “borracha” como uma palavra-chave de expressa figuração no CEVIJ, com uma frequência de 93 coocorrências e 968 coocorrências de referência.

<sup>35</sup> CetenFOLHA (*Corpus* de Extractos de Textos Electrônicos NILC/Folha de São Paulo): corpus de cerca de 24 milhões de palavras em português brasileiro retirados do jornal "A Folha de São Paulo" - os textos podem ser baixados via FTP / HTTP ou consultados no Projeto AC/DC. Disponível em: <http://comet.fflch.usp.br/corporaportugues>. Acesso em: 10/01/2019.

Dessa forma, há na primeira coluna (N): a sequência das palavras extraídas; na segunda coluna (*KeyWords*): as palavras-chave; na terceira (Freq.): a frequência dessas palavras no corpus de estudo (CEVIJ); na quarta coluna (%): a porcentagem que a palavra representa em relação ao corpus de estudo; na quinta coluna (R.C Freq.): a frequência dessas palavras no corpus de referência; na sexta coluna (RC.%): a porcentagem que a palavra-chave representa em relação ao corpus de referência; e na última coluna (*Keyness*): o índice de chavicidade. Essa lista fornece as palavras mais relevantes para as análises, pois quanto maior o índice de chavicidade, mais representativa ela será dentro do corpus de estudo. As palavras-chave mais significativas no corpus, cabe ao pesquisador detectar e analisar.

O *WordList* produz listas de palavras em ordem de frequência ou alfabética, contendo todas as palavras dos arquivos selecionados, elencadas em conjunto com suas frequências absolutas ou percentuais. Também compara listas, criando listas de consistência, onde é informado em quantas listas cada palavra aparece (BEBER SARDINHA, 2009, p. 9). Para Tagnin (2013), esse utilitário lista todas as palavras de um corpus em ordem de frequência ou alfabética, em que se destacam as palavras gramaticais.

**Figura 10 - Aba *WordList*.**



The screenshot shows the WordList application window with a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a table of data. The table has columns for N, Word, Freq., %, Texts, %ispersion, Lemmas, and Set. The data is sorted by frequency, with 'BARRA' at the top and 'BORRACHA' highlighted in yellow at the bottom of the visible list.

N	Word	Freq.	%	Texts	%ispersion	Lemmas	Set
71	TODOS	77	0,16	1	100,00	0,78	
72	ENTÃO	76	0,15	1	100,00	0,85	
73	VIDA	76	0,15	1	100,00	0,82	
74	ALI	75	0,15	1	100,00	0,70	
75	ENTRE	70	0,14	1	100,00	0,85	
76	JOSÉ	70	0,14	1	100,00	0,67	
77	MÂNCIO	70	0,14	1	100,00	0,78	
78	SR	70	0,14	1	100,00	0,72	
79	TUDO	70	0,14	1	100,00	0,62	
80	RAIMUNDO	68	0,14	1	100,00	0,81	
81	FRANCISCO	67	0,13	1	100,00	0,73	
82	GRANDE	67	0,13	1	100,00	0,80	
83	ISSO	66	0,13	1	100,00	0,73	
84	NÓS	66	0,13	1	100,00	0,70	
85	LIMA	65	0,13	1	100,00	0,70	
86	NAS	65	0,13	1	100,00	0,89	
87	SÓ	64	0,13	1	100,00	0,77	
88	CIDADE	63	0,13	1	100,00	0,82	
89	PELA	63	0,13	1	100,00	0,80	
90	POIS	63	0,13	1	100,00	0,71	
91	SUAS	62	0,12	1	100,00	0,74	
92	TRABALHO	62	0,12	1	100,00	0,78	
93	JURUÁ	61	0,12	1	100,00	0,59	
94	FAMÍLIA	60	0,12	1	100,00	0,77	
95	FILHOS	60	0,12	1	100,00	0,75	
96	NUM	60	0,12	1	100,00	0,64	
97	BORRACHA	59	0,12	1	100,00	0,79	
98	MARCA	58	0,12	1	100,00	0,84	

**Fonte:** PrintScreen da tela do *WordSmith Tools*.

As palavras e sua frequência aparecem na coluna 'Word', na coluna 'Freq.', e, da porcentagem que essa frequência representa frente ao total de palavras existentes no corpus, na coluna '%'. Tal lista fornece informações que podem ser usadas na análise vocabular

contrastiva, uma vez que fornece dados estatísticos que possibilitam a comparação da ocorrência de palavras em arquivos diferentes.

Ao observar a figura 10, percebemos que todas as palavras do corpus em análise aparecem em tela (as cem primeiras e assim sucessivamente) separadamente, em uma ordem decrescente, cabendo ao pesquisador detectar/eleger as palavras de maior carga semântica, entre os substantivos, numerais, pronomes, adjetivos, advérbios, verbos, entre outros.

Por mais completo e complexo que seja o programa ou programas utilizados pela LC, cumpre observar que apenas fornecem dados estatísticos, focando, portanto, apenas na quantidade, nas frequências, nas concordâncias de dados no corpus. A qualidade, o significado, a semântica, a carga fraseológica das lexias e expressões é uma questão que o pesquisador tem que descobrir ao implementar sua análise de dados. Tomemos como exemplo a lexia “borracha”. Ela tem uma frequência relativamente alta nos *corpora* pesquisados e maior, ainda, no corpus de referência. Gera em torno de si uma série de linhas de concordâncias, dentre as quais classificamos algumas como colocações, mas o programa não analisa dados. A parte mais complexa que é a busca do significado e da análise do sentido figurado, no caso deste trabalho, das colocações culturais, é o pesquisador quem determina.

Exposto o ‘caminho’ que trilhamos, a metodologia que adotamos para a exploração dos nossos *corpora* de estudo, estamos aptos a avançar para o capítulo 4, caracterizado pela análise dos dados extraídos.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

No exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela deixa-se transparecer, [...] o que favorece uma melhor compreensão do homem e de sua maneira de ver e de representar o mundo. (ISQUERDO, 1998. p. 89).

No capítulo anterior, mostramos os principais aspectos dos *corpora* CEVIJ e COAC, no que diz respeito à sua composição, autenticidade e tipologia. Também expusemos o programa computacional *WordSmith Tools* e estabelecemos a base metodológica com a qual trabalhamos. Esses passos são fundamentais para darmos prosseguimento ao capítulo de análise de dados.

No quadro 5, abaixo, expomos os números dos dois *corpora* pesquisados:

**Quadro 5** - Os números dos *corpora* CEVIJ e COAC.

CEVIJ	COAC
Nódulos extraídos: 4	Nódulos extraídos: 19
Colocações culturais: 25	Colocações culturais: 78
Análises: 18	Análises: 44

**Fonte:** Silva (2019).

Apresentamos, no quadro anterior, os números gerais da pesquisa, o que nos permite alcançar uma visão do todo, o alcance quantitativo. Na análise, buscamos uma conjugação entre o quantitativo e o qualitativo.

Procedemos primeiramente ao levantamento (subcapítulos 4.1 e 4.2) e, em seguida, à análise (subcapítulo 4.3) das colocações culturais (CCs) extraídas do CEVIJ e do COAC, por meio do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2012), 7.0. Na exploração do CEVIJ com o uso da ferramenta *WorsList*, identificamos quatro palavras-chave com maior significação e carga cultural e, por questões de adequação ao escopo de nossa pesquisa, optamos por trabalhar apenas com essas palavras. A utilização da ferramenta *Concord* permitiu-nos detectar as principais linhas de concordâncias no CEVIJ, que possibilitaram a extração, por nós, das CCs. O mesmo procedimento foi adotado com relação ao COAC. Esse corpus apresenta uma frequência de nódulos e de expressões combinadas, fixas, incomuns e com certo grau de figuração. No subcapítulo 4.1, seguinte, tratamos do Corpus Escrito da Vila Japiim.

#### 4.1 Levantamento das palavras-chave e das colocações culturais do corpus CEVIJ

Passamos, então, para o levantamento das colocações culturais (CCs) extraídas pelo utilitário *Concord* a partir dos nódulos detectados pelo *WordList* no programa *WordSmith Tools*. O desenvolvimento deste subcapítulo se dá de acordo com a seguinte sequência: uma figura (*PrintScreen* da tela do *WordSmith Tools*) com as linhas de concordância em torno do nódulo selecionado e um quadro em ordem alfabética com as respectivas colocações culturais; uma explicação concisa contendo o número de entradas<sup>36</sup> (ordem de frequência) e o número de CCs a partir da seleção feita por nós de acordo com os objetivos estabelecidos na pesquisa. O CEVIJ é um corpus construído especificamente para este trabalho, de tamanho relativamente pequeno, que possui em torno de 50 mil palavras, isso se compararmos com os *corpora* que somam milhões de palavras, vejamos na figura 11 e no quadro 6 os nódulos extraídos com a utilização da ferramenta *WordList*:

**Figura 11 - Levantamento das palavras-chave no CEVIJ.**

N	Word	Freq.	%	Texts	% Dispersion	Lemmas	Set
77	MÂNCIO	70	0,14	1	100,00	0,78	
78	SR	70	0,14	1	100,00	0,72	
79	TUDO	70	0,14	1	100,00	0,62	
80	RAIMUNDO	68	0,14	1	100,00	0,81	
81	FRANCISCO	67	0,14	1	100,00	0,73	
82	GRANDE	67	0,14	1	100,00	0,80	
83	ISSO	66	0,13	1	100,00	0,73	
84	NÓS	66	0,13	1	100,00	0,70	
85	LIMA	65	0,13	1	100,00	0,70	
86	NAS	65	0,13	1	100,00	0,89	
87	SÓ	64	0,13	1	100,00	0,77	
88	CIDADE	63	0,13	1	100,00	0,82	
89	PELA	63	0,13	1	100,00	0,80	
90	POIS	63	0,13	1	100,00	0,71	
91	SUAS	62	0,12	1	100,00	0,74	
92	TRABALHO	62	0,12	1	100,00	0,78	
93	JURUÁ	61	0,12	1	100,00	0,59	
94	FAMÍLIA	60	0,12	1	100,00	0,77	
95	FILHOS	60	0,12	1	100,00	0,75	
96	NUM	60	0,12	1	100,00	0,64	
97	<b>BORRACHA</b>	59	0,12	1	100,00	0,79	
98	MARIA	59	0,12	1	100,00	0,61	
99	SER	59	0,12	1	100,00	0,77	
100	ELES	58	0,12	1	100,00	0,78	
101	past demo limit past d past d past d past d past d past d pa:						
102	past demo limit past d past d past d past d past d past d pa:						
103	past demo limit past d past d past d past d past d past d pa:						

**Fonte:** *PrintScreen* da tela do *WordSmith Tools*.

**Quadro 6 - *WordList*: palavras-chave (nódulos) extraídas do CEVIJ.**

“Borracha”	“Engenho”	“Juruá”	“Pê”
------------	-----------	---------	------

**Fonte:** Silva (2019).

<sup>36</sup> ‘*Entries*’ (*WordSmith Tools*).

Iniciamos o levantamento das CCs pelo nódulo “borracha”, que apresenta 59 frequências que geram 13 colocações culturais. O resultado desse levantamento está exposto, a seguir, na figura 12 e no quadro 7:

**Figura 12 - Concordâncias para “borracha”.**

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent. #	Para. Sent	Para. Pos.	Hea	Hea: Sect	File	Date	%	
1	essa época aqui já eram <b>produzidos</b> <b>borracha</b> , café, açúcar, farinha. Esses			31.686	1.518	75	10	46%		0 64'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	66%
2	Juruá, com o intuito de trabalhar com <b>a</b> <b>borracha</b> , aos 14 anos,			27.622	1.307	61	10	34%		0 56'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	58%
3	e era um dos grandes produtores <b>de</b> <b>borracha</b> da região do Juruá. O			26.692	1.268	85	10	31%		0 54'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	56%
4	época era defumada, chamava bola <b>de</b> <b>borracha</b> . Dependendo da estrada.			33.451	1.609	101	10	51%		0 68'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	70%
5	borracha. Tem... Bolota é soldado <b>da</b> <b>borracha</b> , seu Murilo é soldado da			33.571	1.623	29	10	52%		0 68'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	70%
6	gente ali pelo Japiim que é soldado <b>da</b> <b>borracha</b> . Tem... Bolota é soldado da			33.556	1.621	101	10	52%		0 68'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	70%
7	era um, seu avô. Ele era soldado <b>da</b> <b>borracha</b> . O João Juzza... tem muita			33.551	1.620	101	10	52%		0 68'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	70%
8	visavam o dinheiro fácil na lida com <b>a</b> <b>borracha</b> , produto ora reclamado nos			25.992	1.242	87	10	29%		0 53'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	54%
9	<b>No ano de 1909, no auge do boom da borracha, acontece o movimento</b>			25.561	1.222	32	10	27%		0 52'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	53%
10	Somente 100 anos depois do boom <b>da</b> <b>borracha</b> é que o Vale do Juruá seria			25.332	1.217	29	10	27%		0 51'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	53%
11	do corte da seringueira e do fabrico <b>da</b> <b>borracha</b> , buscaram as "terras firmes"			26.034	1.243	62	10	29%		0 53'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	54%
12	Japiim – através do trabalho com <b>a</b> <b>borracha</b> e com a agricultura e a partir			26.531	1.262	40	10	30%		0 54'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	55%
13	à agricultura e ao fabrico <b>da</b> <b>borracha</b> . A região era o habitat de			26.322	1.252	101	10	30%		0 53'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	55%
14	facilmente com o extrativismo <b>da</b> <b>borracha</b> , eles vinham aos milhares,			26.252	1.250	44	10	30%		0 53'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	55%
15	da borracha, seu Murilo é soldado <b>da</b> <b>borracha</b> , seu Zé Vieira, que tem 104			33.571	1.623	57	10	52%		0 68'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	70%
16	de aproximadamente 30 toneladas <b>de</b> <b>borracha</b> por ano produzidas por mais			43.801	2.353	24	10	83%		0 89'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	89%
17	carregado de gente, os soldados <b>da</b> <b>borracha</b> . " Morou muitos anos na			42.822	2.285	101	10	80%		0 87'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	87%
18	. Não, não tive sorte pra soldado <b>da</b> <b>borracha</b> . Conheço gente que			41.532	2.201	101	10	76%		0 84'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	85%
19	valor algum, como se sabe, o quilo <b>da</b> <b>borracha</b> na época tinha um valor			43.962	2.360	71	10	84%		0 89'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	89%
20	e Perú. Com as lutas advindas <b>da</b> <b>borracha</b> e dos movimentos			49.182	2.741	18	10	99%		0 101'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	100%
21	o fabrico deste artefato é necessário <b>a</b> <b>borracha</b> . Daí então surgiu os			49.132	2.737	101	10	99%		0 101'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	99%
22	gigantesca propriedade, mesmo com <b>a</b> <b>borracha</b> em crise. Data do início dos			44.702	2.405	95	10	86%		0 91'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	91%
23	até dez toneladas. Comprei <b>muita</b> <b>borracha</b> a troco de açúcar, também.			40.512	2.126	44	10	73%		0 82'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	83%
24	plantar cana, além do trabalho com <b>a</b> <b>borracha</b> . Amansei os bois, o titio já			39.702	2.069	101	10	71%		0 80'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	81%
25	seringa. Os bois é quem carregava <b>a</b> <b>borracha</b> . Era na voga braba... tinha			39.062	2.034	101	10	69%		0 79'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	80%
26	disse, dona Margarida a Sra. recebe <b>a</b> <b>borracha</b> , e em três anos eu lhe pago			40.842	2.145	50	10	74%		0 83'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	84%
27	ele disse: "seu Francisco, soldado <b>da</b> <b>borracha</b> é pra toda a vida e vereador			41.212	2.177	36	10	75%		0 83'	CORPUS ESCR 2018/jun/20	0	84%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 7 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “borracha”.**

“Barões da borracha”	“Crise da borracha”	“Peles de borracha”
“Batalha da borracha”	“Corrida da borracha”	“Soldado da borracha”
“ <i>Boom</i> da borracha”	“Extrativismo da borracha”	“Terra da borracha”
“Ciclo da borracha”	“Homens da borracha”	
“Coronel da borracha”	“Monopólio da borracha”	

Fonte: Silva (2019).

O próximo nódulo explorado é “engenho”, que apresenta 56 frequências e 4 colocações culturais.

Figura 13 - Concordâncias para “engenho”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent Para	Para Heai	Heai Sect	Sect	File	Date	%
1	, tinha um barracão grande e um <b>engenho</b> de ferro. E eu ganhava sabe			40.27:2.192' 10 72'					0 82'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
2	e tinha um engenho lá dos Felipes, um <b>engenho</b> tocado a boi. Eu conhecia			40.18:2.186' 10 72'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
3	casado com a Zila Lima e tinha um <b>engenho</b> lá dos Felipes, um engenho			40.17:2.162' 10 72'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
4	chegar no Solimões e comprou <b>esse</b> engenho, uma peça grande que foi			40.36:2.130' 10 73'					0 82'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		83%
5	comércio, o armazém, o barracão, o <b>engenho</b> com fôrnalha de tijolo feito			40.63:2.142' 10 73'					0 82'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		83%
6	dos Felipes com o açúcar, foi <b>esse</b> engenho o que eu levei lá prá			40.45:2.167' 10 73'					0 82'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		83%
7	Hermeclio tomou de conta e montou o <b>engenho</b> e ainda fez muito açúcar. E			40.40:2.175' 10 73'					0 82'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		83%
8	um engenho panamá. Eu disse: <b>esse</b> engenho não tá mais bom não. E a			39.81:2.050' 10 71'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
9	aos patrão. E aí fui levando. Mas o <b>engenho</b> era já velho, antigo, um			39.80:2.036' 10 71'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
10	muito antigo e uma casa velha. O <b>engenho</b> à roda, uma bulandeira, mas			39.65:2.021' 10 70'					0 80'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		81%
11	. Mandeí cobrir, ajeitemos tudo lá, mas <b>engenho</b> não dava mais nada. Aí eu			39.84:2.067' 10 71'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
12	pois eu tinha plantado muita cana e o <b>engenho</b> nada de chegar. Resultado é			40.09:2.089' 10 72'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
13	. Pois bem, vim embora e deixei o <b>engenho</b> encomendado, já com cana			40.07:2.032' 10 72'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
14	conhecer um comércio que <b>vendesse</b> engenho, pois queria comprar um pra			40.03:2.062' 10 72'					0 81'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		82%
15	Viana e do senhor Jofre). Ali ficava o <b>engenho</b> . De madrugada a gente			45.21:2.410' 10 87'					0 92'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		92%
16	já era a motor. Mas ainda lembro o <b>engenho</b> à roda, tocado a boi.			45.17:2.455' 10 87'					0 92'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		92%
17	e fazia tudo o mais. Nessa época o <b>engenho</b> já era a motor. Mas ainda			45.16:2.456' 10 87'					0 91'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		92%
18	nunca fui. Foi o tempo que assumi o <b>engenho</b> , através do Lauro Cavalcante			45.74:2.450' 10 89'					0 93'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		93%
19	muito de coité para os trabalhos do <b>engenho</b> e atrás da delegacia tinha			48.20:2.658' 10 96'					0 98'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		98%
20	continuar com a responsabilidade do <b>engenho</b> , pois, dali eu não conseguia			45.77:2.472' 10 89'					0 93'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		93%
21	Cavalcante e não deu mais. Mas o <b>engenho</b> também não dava. Fui lá a			45.75:2.457' 10 89'					0 93'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		93%
22	Batistas, os cabocos já tinham dado o <b>engenho</b> pra ele, aí ele morreu de um			41.10:2.176' 10 75'					0 83'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		84%
23	, homem trabalhador, que ia montar o <b>engenho</b> lá dentro do Paraná dos			41.09:2.136' 10 75'					0 83'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		84%
24	. E aí escuta, finalidade, eu comprei o <b>engenho</b> do Artur e monteí lá, voltando			41.06:2.150' 10 75'					0 83'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		84%
25	pro centro, onde fez a roda d'água <b>pro</b> engenho. Aquele terreno foi tirado,			41.88:2.210' 10 77'					0 85'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		85%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

Quadro 8 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “engenho”.

“Engenho à roda”	“Engenho a boi”
“Engenho a motor”	“Engenho à manjarra”

Fonte: Silva (2019).

Com o nóculo “Juruá”, obtivemos 61 frequências e identificamos 4 colocações culturais.

Figura 14 - Concordâncias para “Juruá”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent Para	Para Heai	Heai Sect	Sect	File	Date	%
10	construção da BR – 364. No alto <b>rio Juruá</b> , um antigo seringal às suas			25.35:1.211' 10 27'					0 51'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		53%
11	do boom da borracha é que o Vale do <b>Juruá</b> seria interligado via terrestre			25.33:1.248' 10 27'					0 51'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		53%
12	juruense. O Partido Autonomista do <b>Juruá</b> proclama então governador			25.58:1.223' 10 28'					0 52'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		53%
13	produtores de borracha da região do <b>Juruá</b> . O escrivão ad-hoc do juizado			26.69:1.210' 10 31'					0 54'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		56%
14	toda a região – Departamento do <b>alto Juruá</b> ) os coronéis/proprietários/			26.57:1.236' 10 31'					0 54'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		55%
15	pelo então prefeito do Depto do <b>alto Juruá</b> , o capitão Rego Barros.			25.66:1.289' 10 28'					0 52'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		53%
16	... risos. O Sr. José Felipe foi no <b>baixo Juruá</b> , de chata, numa localidade por			40.33:2.130' 10 72'					0 82'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		83%
17	chuva, saímos do moa e entramos no <b>Juruá</b> ... era tudo no remo! E nós			38.56:2.085' 10 67'					0 78'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		79%
18	e vinham de todos os recantos do <b>Juruá</b> . Por essa época aqui já eram			31.67:1.510' 10 46'					0 64'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		66%
19	e logo decidi ir cortar seringa no <b>alto Juruá</b> , onde trabalhei por três anos no			41.34:2.167' 10 76'					0 84'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		84%
20	foram chegando com o tempo. Do <b>Juruá</b> veio muita gente. O Guarani, de			47.73:2.650' 10 95'					0 97'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		97%
21	do Purus e chegou na região do <b>Juruá</b> por volta de 1915. Na juventude			42.88:2.278' 10 80'					0 87'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		87%
22	a Amazônia e fomos pra região do <b>Juruá</b> , mais propriamente na Vila			42.42:2.254' 10 79'					0 86'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		86%
23	Santo e Irmãos Dominicanos no <b>Juruá</b> , tem sido de fundamental			31.41:1.476' 10 45'					0 64'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		66%
24	era espiritano. (...) A então prelazia do <b>Juruá</b> foi criada em 1931 e foi			30.63:1.423' 10 43'					0 62'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		64%
25	estava se firmando na região do <b>Juruá</b> , com a chegada dos			30.07:1.446' 10 41'					0 61'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		63%
26	Nicolau Bussons, da região do <b>Juruá</b> , onde também foi regatão. Ficou			29.65:1.476' 10 40'					0 60'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		62%
27	, no Amazonas, numa viagem pelo <b>rio Juruá</b> e seus afluentes, que relatou:			30.68:1.432' 10 43'					0 62'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		64%
28	de Cruzeiro do Sul: revisitando o <b>Juruá</b> organizado pela Universidade			31.38:1.421' 10 45'					0 64'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		65%
29	presença dos missionários alemães no <b>Juruá</b> é um “capítulo importante da			30.79:1.424' 10 43'					0 62'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		64%
30	Sul, cidadezinha de mil almas no <b>alto Juruá</b> , encontrei um homem do Mõa			30.71:1.468' 10 43'					0 62'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		64%
31	básica do mês para a família. O <b>Rio Juruá</b> , que historicamente serviu de			25.28:1.210' 10 27'					0 51'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		53%
32	na parede. De sua passagem pelo <b>alto Juruá</b> (Cruzeiro, Porto Walter e			5.117 19:28' 0 34'					0 10'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		11%
33	Ir. José da Cruz), esteve na região do <b>Juruá</b> por volta de 1960. Pregava,			5.009 18:69' 0 33'					0 10'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		11%
34	Santo e Irmãos Dominicanos no <b>Juruá</b> , tem sido de fundamental			4.908 18:76' 0 32'					0 10'	CORPUS ES 2018/jun/20 0		10%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.



**Quadro 9** - Colocações culturais geradas pelo nóduo “Juruá”.

“Autonomistas do Juruá”	“Departamento do Juruá”
“Bacias do Juruá”	“Recantos do Juruá”

Fonte: Silva (2019).

Vejamos agora, por fim, o último nóduo explorado no CEVIJ: “pé”, com 50 ocorrências e 4 colocações culturais.

**Figura 15** - Concordâncias para “pé”.

The screenshot shows the Concord software interface with a concordance table for the word 'pé'. The table has columns for N, Concordance, Set, Tag, Word#, Sent, Para, Para, Heat, Sect, Sect, File, Date, and %. The concordance results are as follows:

N	Concordance	Set	Tag	Word#	Sent	Para	Para	Heat	Sect	Sect	File	Date	%
4	Serra... nós morava nesse tempo <b>no Pé</b> da Serra, ali abaixo da Maria			35.03( 1.7 61' 10 56'				0	71'	CORPUS ES 2018/jun/20			73%
5	nós chegemos ele morava ali <b>no Pé</b> da Terra... não, ainda não. Ele			34.52( 1.7 64' 10 55'				0	70'	CORPUS ES 2018/jun/20			72%
6	. Mas o Sr. Eptácio permaneceu <b>no Pé</b> da Serra e com o passar do			34.49( 1.7 24' 10 55'				0	70'	CORPUS ES 2018/jun/20			72%
7	... moremos três... quatro anos lá <b>no Pé</b> da Serra e ai descemos cá pro			34.68( 1.7 66' 10 55'				0	70'	CORPUS ES 2018/jun/20			72%
8	, ai, depois foi que ele veio cá <b>pro Pé</b> da Terra...por lá, ele morou por lá.			34.55( 1.7 38' 10 55'				0	70'	CORPUS ES 2018/jun/20			72%
9	ajudar a criar os filhos. Do Barão <b>ao Pé</b> da Terra. "Tem menino novo...?"			35.88( 1.7 71' 10 59'				0	73'	CORPUS ES 2018/jun/20			74%
10	para Cruzeiro do Sul, por terra. Lá <b>no Pé</b> da Terra tinha um morador antigo,			47.97( 2.6 21' 10 96'				0	97'	CORPUS ES 2018/jun/20			97%
11	mais o Bastiãozinho que mora ali <b>no Pé</b> da Terra. Não lembro mais das			46.19( 2.5 88' 10 90'				0	94'	CORPUS ES 2018/jun/20			94%
12	engenho e atrás da delegacia tinha <b>um pé</b> carregado. Um dia eu cheguei lá e			48.21( 2.6 95' 10 96'				0	98'	CORPUS ES 2018/jun/20			98%
13	o meio da perna. Ai eles subiram o <b>"pé</b> da terra" e tava lá uma pequena			48.07( 2.6 40' 10 96'				0	97'	CORPUS ES 2018/jun/20			97%
14	respeitado. Eu trabalhei 22 anos <b>em "pé</b> de engenho" ajudando os			45.14( 2.4 58' 10 87'				0	91'	CORPUS ES 2018/jun/20			92%
15	lá pra colocar na Igreja. Fomos <b>de pé</b> um dia de domingo. Conheci muito			37.14( 1.8 50' 10 63'				0	75'	CORPUS ES 2018/jun/20			77%
16	Eu fui <b>um que cantei muito em "pé</b> de violão". (Então é por isso que o			46.11( 2.5 82' 10 90'				0	93'	CORPUS ES 2018/jun/20			94%
17	quando a gente terminou ele tava <b>em pé</b> assim próximo e o Vicente falou:			45.45( 2.4 39' 10 88'				0	92'	CORPUS ES 2018/jun/20			92%
18	(abastecia com pão a comunidade <b>do Pé</b> da Terra ao Barão, fazendo seus			10.98( 50: 75' 0 72'				0	22'	CORPUS ES 2018/jun/20			23%
19	João Evaristo e fixou-se na região <b>do Pé</b> -da-Serra nos anos de 1970-1980.			10.15( 45 85' 0 67'				0	21'	CORPUS ES 2018/jun/20			21%
20	altura tiveram que prosseguir viagem <b>à pé</b> , pois a estrada não oferecia			12.79( 60: 74' 0 84'				0	26'	CORPUS ES 2018/jun/20			27%
21	todos os lugares da comunidade, <b>do Pé</b> da terra ao São domingos.			11.80( 55 85' 0 78'				0	24'	CORPUS ES 2018/jun/20			25%
22	deslocamento muitas vezes era feito <b>à pé</b> por todos e somente depois em			7.078 27: 45' 0 47'				0	14'	CORPUS ES 2018/jun/20			15%
23	E finalmente aceitava o café ainda <b>no pé</b> , a partir da florada fazia-se o			2.094 68 30' 0 14'				0	4%	CORPUS ES 2018/jun/20			4%
24	: São Salvador, República <b>e Pé</b> da Serra; o rio Azul com seus			9.428 42: 58' 0 62'				0	19'	CORPUS ES 2018/jun/20			20%
25	e senhoras, jovens, se espresariam <b>de pé</b> para não perderam os detalhes			7.151 28 71' 0 47'				0	14'	CORPUS ES 2018/jun/20			15%
26	Macedo entre outros) o percurso <b>à pé</b> entre o Japiim e Cruzeiro do Sul,			12.92( 61: 30' 0 85'				0	26'	CORPUS ES 2018/jun/20			27%
27	a área que vai dos Puyanawas até o <b>Pé</b> da Terra (incluindo a várzea), era			26.50( 1.2 50' 10 30'				0	54'	CORPUS ES 2018/jun/20			55%
28	, fazendo inicialmente um percurso <b>a pé</b> de sua casa até a beira do rio. A			20.94( 1.0 70' 10 13'				0	42'	CORPUS ES 2018/jun/20			44%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 10** - Colocações culturais geradas pelo nóduo “pé”.

“Pé de violão”	“Pé da terra”
“Pé de engenho”	“Pé da Serra”

Fonte: Silva (2019).

Com esse nóduo, encerramos o levantamento das CCs geradas pelos nós destacados no CEVIJ. Os quatro nós do CEVIJ geram 25 CCs, entre as quais se sobressaem as colocações culturais geradas pelo nóduo “borracha”, como, por exemplo, “barões da borracha”, “soldados da borracha” e “homens da borracha”, entre outras, que reafirmam em sua significação aspectos culturais e históricos da cultura amazônica/acreana.

No subcapítulo 4.2, seguinte, voltamo-nos para a exploração do COAC.

## 4.2 Levantamento das palavras-chave e das colocações culturais do corpus COAC

Após levantamento feito com o uso da ferramenta *WordList* (figura 16), os nódulos que dão origem às colocações culturais extraídas neste subcapítulo, estão expostos, a seguir, no quadro 11:

**Figura 16 - Levantamento das palavras-chave no COAC.**

N	Word	Freq.	%	Texts	% Dispersion	Lemmas	Set
25	NA	1.471	0,62	4	100,0%	0,96	
26	SÓ	1.453	0,61	4	100,0%	0,95	
27	DO	1.389	0,58	4	100,0%	0,96	
28	ASSIM	1.381	0,58	4	100,0%	0,89	
29	PARA	1.305	0,55	4	100,0%	0,92	
30	SE	1.293	0,54	4	100,0%	0,94	
31	AQUI	1.192	0,50	4	100,0%	0,86	
32	COMO	1.192	0,50	4	100,0%	0,94	
33	VAI	1.173	0,49	4	100,0%	0,87	
34	EM	1.113	0,47	4	100,0%	0,95	
35	QUANDO	1.097	0,46	4	100,0%	0,88	
36	TINA	1.042	0,44	4	100,0%	0,84	
37	ELA	1.021	0,43	4	100,0%	0,87	
38	NÓIS	930	0,39	4	100,0%	0,79	
39	CASA	922	0,39	4	100,0%	0,93	
40	PA	877	0,37	4	100,0%	0,79	
41	UNA	869	0,36	4	100,0%	0,85	
42	JÁ	845	0,35	4	100,0%	0,92	
43	VOCÊS	845	0,35	4	100,0%	0,80	
44	MERMO	838	0,35	4	100,0%	0,90	
45	SERINGA	806	0,34	4	100,0%	0,94	
46	POR	800	0,34	4	100,0%	0,91	
47	PORQUE	798	0,34	4	100,0%	0,94	
48	ESTRADA	790	0,33	4	100,0%	0,90	
49	OS	789	0,33	4	100,0%	0,91	

**Fonte:** PrintScreen da tela do *WordSmith Tools*.

**Quadro 11 - *WordList*: palavras-chave (nódulos) extraídos do COAC.**

“Arriação”	“Estrada”	“Mutá”	“Rodo”
“Aviamento”	“Espigão”	“Pau”	“Seringueiro”
“Bandêra”	“Madêra”	“Paxiúba”	“Seringueira”
“Boca”	“Manga”	“Poronga”	“Tigela”
“Borracha”	“Matêro”	“Prancha”	

**Fonte:** Silva (2019).

Observamos que as lexias “bandeira”, “madeira” e “mateiro”, no quadro 11, sofrem uma alteração (frequentes em Português regional) e têm o “i” suprimido, sendo mantido pelo documentador na forma escrita a forma oral: “bandêra”, “madêra” e “matêro”. O COAC é um corpus com 278.556 mil palavras, também considerado pequeno, em relação a outros que são maiores. Sua formação e finalidade já estão explicadas no capítulo 3. Fizemos o levantamento de suas colocações culturais mais significativas para a consecução dos objetivos traçados neste trabalho e iniciamos, como no subcapítulo anterior, com as concordâncias geradas para o nódulo “borracha”, por apresentar 647 entradas (ordem de frequência), das quais extraímos as 13 palavras de maior carga cultural e sentido figurativo, (figura 17 e quadro12). Os nódulos

apresentam o número de frequência destacado em cada quadro, pois entendemos que esse dado é importante em relação à representatividade lexical na linguagem regional explorada.

**Figura 17 - Concordâncias para “borracha”.**

The screenshot shows the Concordance window in WordSmith Tools. The window title is 'Concord' and it has a menu bar with 'File', 'Edit', 'View', 'Compute', 'Settings', 'Windows', and 'Help'. The main area displays a list of concordance entries for the word 'borracha'. Each entry includes a line number (N), the concordance text with the search term highlighted, and various statistical fields: Set, Tag, Word #, Sent, Para, Para, Heai, Heai, Sect, Sect, File, Date, and %.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Para	Para	Heai	Heai	Sect	Sect	File	Date	%
6	CTP #D o que é CTP ? #L é ... que a <b>borracha</b> num é defumada ... feita as			41.25	1.830	0	64			0	64	CORPUS OF 2018/jun/20	0	64%
7	novo ... construí de novo #D e <b>aquela</b> <b>borracha</b> dava lucro ou não ? #L dava			43.14	1.925	0	67			0	67	CORPUS OF 2018/jun/20	0	67%
8	morava na bêra do rio ... aí ele fazia a <b>borracha</b> ... aí embarcava nuNa canoa			42.82	1.925	0	67			0	67	CORPUS OF 2018/jun/20	0	67%
9	... três mil quilo ... deis mil quilo <b>de</b> <b>borracha</b> ... aí ele compra tudo de			47.03	2.042	0	73			0	73	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
10	# L é # D quantos quilos têm em <b>uma</b> <b>borracha</b> ? # L a rente faz uNa base			50.09	2.310	0	78			0	78	CORPUS OF 2018/jun/20	0	78%
11	a fumaça ... então vai bolando <b>aquela</b> <b>borracha</b> # L é # D quantos quilos têm			50.08	2.363	0	78			0	78	CORPUS OF 2018/jun/20	0	78%
12	três # D quanto custa cada bola <b>de</b> <b>borracha</b> ? # L o quilo tá ... aqui pa			50.19	2.310	0	78			0	78	CORPUS OF 2018/jun/20	0	78%
13	os três dias para fazer uma bola <b>de</b> <b>borracha</b> ? # L uns cinco dia # D			50.12	2.310	0	78			0	78	CORPUS OF 2018/jun/20	0	78%
14	o que mais vocês produziam além <b>da</b> <b>borracha</b> ... plantavam alguma coisa ?			48.15	2.173	0	75			0	75	CORPUS OF 2018/jun/20	0	75%
15	a situação do seringal tá ruim ... logo <b>a</b> <b>borracha</b> num tá né ... aí o pessoal já			47.20	2.080	0	73			0	73	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
16	gente disfuma ... # D quantos quilos <b>de</b> <b>borracha</b> vocês produziam ? # L trinta			48.83	2.278	0	76			0	76	CORPUS OF 2018/jun/20	0	76%
17	como é processo de produção <b>da</b> <b>borracha</b> no defumador ... (voz de			48.73	2.237	0	76			0	76	CORPUS OF 2018/jun/20	0	76%
18	<b>de</b> <b>borracha</b> né ... era o saldo <b>de</b> <b>borracha</b> né ... cada um trazia duas			6.306	42.74	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
19	pro centro pra ví tudo carregado <b>de</b> <b>borracha</b> né ... era o saldo de			6.299	42.59	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
20	do seringueiro depois que o preço <b>da</b> <b>borracha</b> foi caindo ? #L ah ... e			6.457	43.97	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
21	né ... cada um trazia duas bolota <b>de</b> <b>borracha</b> de cada lado ... #D era mais			6.315	42.93	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
22	... #D como vocês transportavam <b>essa</b> <b>borracha</b> do seringal ? #L aí ... aí é ...			6.167	41.78	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
23	do que hoje em dia ? #L o preço <b>da</b> <b>borracha</b> era ... era ... parece			6.075	41.25	0	9%			0	9%	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
24	da borracha #D como carregava <b>a</b> <b>borracha</b> ? #L não ... os patrão viNa			6.219	41.10	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
25	por dia ... de acordo com o quilo <b>da</b> <b>borracha</b> #D como carregava a			6.214	41.85	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
26	caindo ? #L ah ... e agora o preço <b>da</b> <b>borracha</b> foi caindo ... aí foi arruinando			6.468	43.56	0	10			0	10	CORPUS OF 2018/jun/20	0	10%
27	borracha ... aí quando eu fazia <b>miNa</b> <b>borracha</b> ... era repartido com ele a			8.648	63.56	0	13			0	13	CORPUS OF 2018/jun/20	0	14%
28	soziNo né ... agora eu fazia <b>miNa</b> <b>borracha</b> ... aí quando eu fazia miNa			8.641	63.38	0	13			0	13	CORPUS OF 2018/jun/20	0	14%
29	marretêro é andá no rio ... <b>comprando</b> <b>borracha</b> de um e de ôto né ... #D é a			10.22	75.63	0	16			0	16	CORPUS OF 2018/jun/20	0	16%
30	como chamava esse processo de dá <b>a</b> <b>borracha</b> e pegar mercadoria ? #L aí			10.12	74.77	0	16			0	16	CORPUS OF 2018/jun/20	0	16%

At the bottom of the window, there are tabs for 'concordance', 'collocates', 'plot', 'patterns', 'clusters', 'timeline', 'filenames', 'source text', and 'notes'. The status bar shows '647 entries', 'Row 18', and '0%'.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

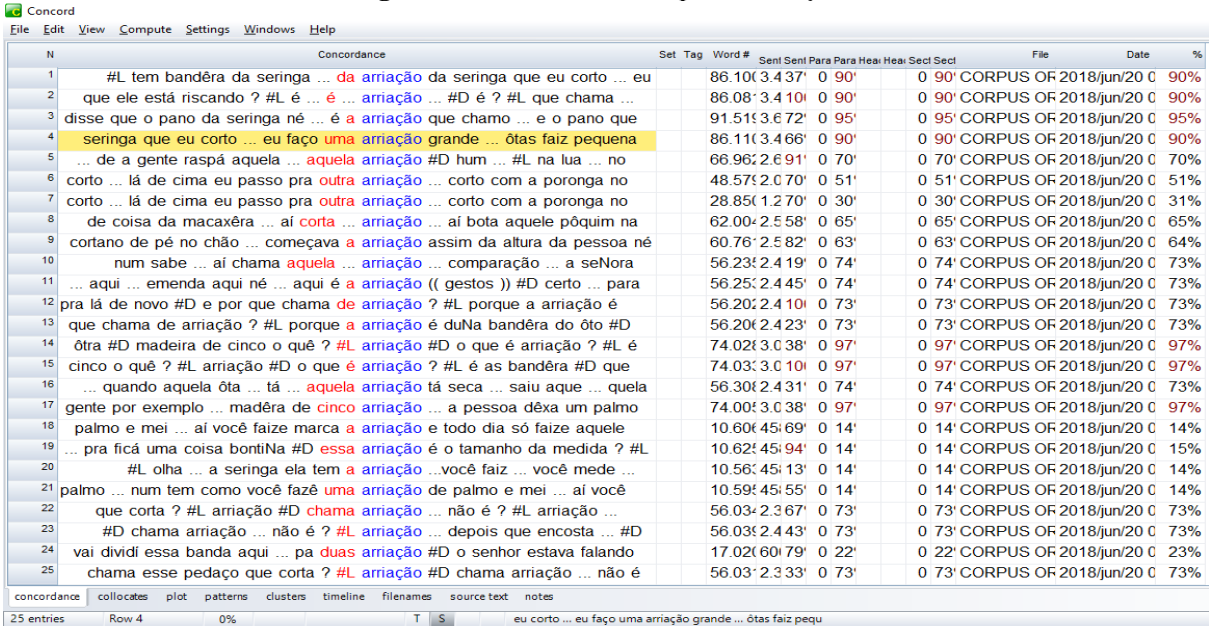
**Quadro 12 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “borracha”**

“Borracha fina”	“Cavadô da borracha”	“Prancha de borracha”
“Boca da borracha”	“Corte da borracha”	“Saldo de borracha”
“Bola de borracha”	“Fabro da borracha”	“Troco de borracha”
“Bolá a borracha”	“Pela de borracha”	
“Bolota de borracha”	“Porquêra na borracha”	

Fonte: Silva (2019).

Vejamos agora as CCs geradas pelo nóculo “arriação”, com 25 frequências e 3 colocações culturais.

**Figura 18 - Concordâncias para “arriação”.**



N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Para	Para	Heai	Heai	Sect	Sect	File	Date	%
1	#L tem bandêra da seringa ... da arriação da seringa que eu corto ... eu			86.10	(3.437)	0	90'				0	90'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	90%
2	que ele está riscando ? #L é ... é ... arriação ... #D é ? #L que chama ...			86.08	(3.410)	0	90'				0	90'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	90%
3	disse que o pano da seringa né ... é a arriação que chamo ... e o pano que			91.51	(3.672)	0	95'				0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	95%
4	seringa que eu corto ... eu faço uma arriação grande ... ótas faiz pequena			86.11	(3.466)	0	90'				0	90'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	90%
5	... de a gente raspá aquela ... aquela arriação #D hum ... #L na lua ... no			66.96	(2.691)	0	70'				0	70'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	70%
6	corto ... lá de cima eu passo pra outra arriação ... corto com a poronga no			48.57	(2.070)	0	51'				0	51'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	51%
7	corto ... lá de cima eu passo pra outra arriação ... corto com a poronga no			28.85	(1.270)	0	30'				0	30'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	31%
8	de coisa da macaxêra ... aí corta ... arriação ... aí bota aquele pôquim na			62.00	(2.558)	0	65'				0	65'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	65%
9	cortano de pé no chão ... começava a arriação assim da altura da pessoa né			60.76	(2.582)	0	63'				0	63'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	64%
10	num sabe ... aí chama aquela ... arriação ... comparação ... a seNora			56.23	(2.419)	0	74'				0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
11	... aqui ... emenda aqui né ... aqui é a arriação (( gestos )) #D certo ... para			56.25	(2.445)	0	74'				0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
12	pra lá de novo #D e por que chama de arriação ? #L porque a arriação é			56.20	(2.410)	0	73'				0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
13	que chama de arriação ? #L porque a arriação é duNa bandêra do ôto #D			56.20	(2.423)	0	73'				0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
14	ôtra #D madeira de cinco o quê ? #L arriação #D o que é arriação ? #L é			74.02	(3.038)	0	97'				0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%
15	cinco o quê ? #L arriação #D o que é arriação ? #L é as bandêra #D que			74.03	(3.010)	0	97'				0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%
16	... quando aquela ôta ... tá ... aquela arriação tá seca ... saiu aque ... quela			56.30	(2.431)	0	74'				0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
17	gente por exemplo ... madêra de cinco arriação ... a pessoa déxa um palmo			74.00	(3.038)	0	97'				0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%
18	palmo e mei ... aí você faize marca a arriação e todo dia só faize aquele			10.60	(45.69)	0	14'				0	14'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	14%
19	... pra ficá uma coisa bontiNa #D essa arriação é o tamanho da medida ? #L			10.62	(45.94)	0	14'				0	14'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	15%
20	#L olha ... a seringa ela tem a arriação ...você faiz ... você mede ...			10.56	(45.13)	0	14'				0	14'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	14%
21	palmo ... num tem como você fazê uma arriação de palmo e mei ... aí você			10.59	(45.55)	0	14'				0	14'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	14%
22	que corta ? #L arriação #D chama arriação ... não é ? #L arriação ...			56.03	(2.367)	0	73'				0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
23	#D chama arriação ... não é ? #L arriação ... depois que encosta ... #D			56.03	(2.443)	0	73'				0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%
24	vai dividi essa banda aqui ... pa duas arriação #D o senhor estava falando			17.02	(60.79)	0	22'				0	22'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	23%
25	chama esse pedaço que corta ? #L arriação #D chama arriação ... não é			56.03	(2.333)	0	73'				0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

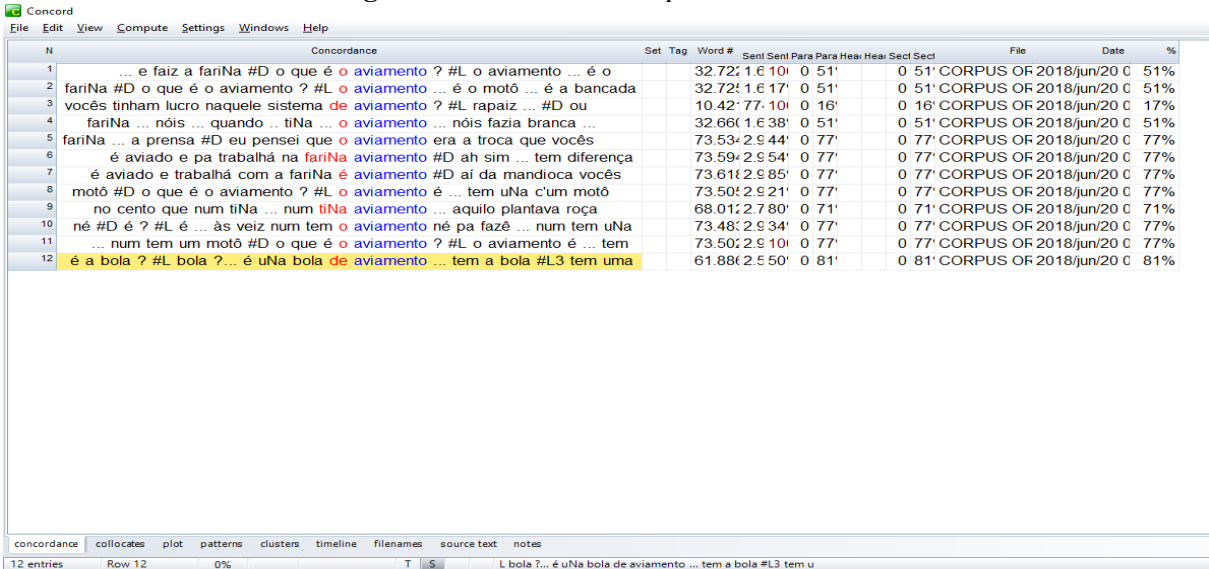
**Quadro 13 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “arriação”.**

“Arriação da seringa”	“Arriação grande”	“Arriação seca”
-----------------------	-------------------	-----------------

Fonte: Silva (2019).

Damos prosseguimento à extração das CCs com o nóculo “aviamento”, o suprimento básico para o trabalho do seringueiro na “colocação”: com 12 frequências, foi possível detectar 2 colocações culturais.

**Figura 19 - Concordâncias para “aviamento”.**



N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent	Para	Para	Heai	Heai	Sect	Sect	File	Date	%
1	... e faiz a fariNa #D o que é o aviamento ? #L o aviamento ... é o			32.72	(1.610)	0	51'				0	51'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	51%
2	fariNa #D o que é o aviamento ? #L o aviamento ... é o motô ... é a bancada			32.72	(1.617)	0	51'				0	51'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	51%
3	vocês tinham lucro naquele sistema de aviamento ? #L rapaiz ... #D ou			10.42	(77.10)	0	16'				0	16'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	17%
4	fariNa ... nós ... quando ... tiNa ... o aviamento ... nós fazia branca ...			32.66	(1.638)	0	51'				0	51'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	51%
5	fariNa ... a prensa #D eu pensei que o aviamento era a troca que vocês			73.53	(2.544)	0	77'				0	77'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	77%
6	é aviado e pa trabalhá na fariNa aviamento #D ah sim ... tem diferença			73.59	(2.554)	0	77'				0	77'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	77%
7	é aviado e trabalhá com a fariNa é aviamento #D aí da mandioca vocês			73.61	(2.585)	0	77'				0	77'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	77%
8	motô #D o que é o aviamento ? #L o aviamento é ... tem uNa c'um motô			73.50	(2.521)	0	77'				0	77'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	77%
9	no cento que num tiNa ... num tiNa aviamento ... aquilo plantava roça			68.01	(2.780)	0	71'				0	71'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	71%
10	né #D é ? #L é ... às vez num tem o aviamento né pa fazê ... num tem uNa			73.48	(2.534)	0	77'				0	77'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	77%
11	... num tem um motô #D o que é o aviamento ? #L o aviamento é ... tem			73.50	(2.510)	0	77'				0	77'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	77%
12	é a bola ? #L bola ? ... é uNa bola de aviamento ... tem a bola #L3 tem uma			61.88	(2.550)	0	81'				0	81'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	81%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 14 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “aviamento”.**

“Bola de aviamento”	“Sistema de aviamento”
---------------------	------------------------

Fonte: Silva (2019).

Damos continuidade com o nóculo “bandêra”, local preparado para o corte no caule da seringueira: esse nóculo contém 60 frequências e 5 colocações culturais.

**Figura 20 - Concordâncias para “bandêra”.**

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent Para	Para	Heal	Heal Sect	File	Date	%
1	... aí corta assim ((gestos)) só a <b>bandêra</b> ... aí se a rente qué ... a	50.97	(	2.447	0	79			0	79	CORPUS OF 2018/jun/20	79%
2	a rente divide no mêi e corta a <b>merma</b> <b>bandêra</b> : na espina-de-pêxe #D e	50.98	:	2.478	0	79			0	79	CORPUS OF 2018/jun/20	79%
3	se a gente pega aqui um palmo <b>de</b> <b>bandêra</b> ... aí corta assim ((gestos)) só	50.96	:	2.433	0	79			0	79	CORPUS OF 2018/jun/20	79%
4	((gestos)) só ... a gente chama só <b>bandêra</b> <b>mermo</b> ... <b>bandêra</b> ... aí	50.92	:	2.445	0	79			0	79	CORPUS OF 2018/jun/20	79%
5	... a gente chama só <b>bandêra</b> <b>mermo</b> ... <b>bandêra</b> ... aí cortaro assim ((gestos))	50.92	:	2.453	0	79			0	79	CORPUS OF 2018/jun/20	79%
6	dividem ? #L divide o tamaNe <b>das</b> <b>bandêra</b> que quêra #D é mesmo ? #L	60.62	:	2.958	0	94			0	94	CORPUS OF 2018/jun/20	94%
7	pegue uNas seis tigela é seis ... <b>seis</b> <b>bandêra</b> dividida ... delas que	60.66	:	2.945	0	94			0	94	CORPUS OF 2018/jun/20	94%
8	ou ... #L não ... #D a bandeira ? #L a <b>bandêra</b> é mió #D dá mais leite ? #L	57.31	:	2.740	0	89			0	89	CORPUS OF 2018/jun/20	89%
9	vocês faziam ? #L assim <b>mermo</b> ... é <b>bandêra</b> <b>mermo</b> os risco #D não tem	57.26	:	2.741	0	89			0	89	CORPUS OF 2018/jun/20	89%
10	de cortar ? #L tem ... deles que <b>tem</b> <b>bandêra</b> que corta assim a espina de	57.28	:	2.732	0	89			0	89	CORPUS OF 2018/jun/20	89%
11	... #D faz o risco #L faiz o risco <b>nas</b> <b>bandêra</b> ... #D o que é bandeira ? #L	28.12	:	1.410	0	44			0	44	CORPUS OF 2018/jun/20	44%
12	<b>bandêra</b> ... #D o que é bandeira ? #L <b>bandêra</b> é um cantim da seringueira ...	28.12	:	1.499	0	44			0	44	CORPUS OF 2018/jun/20	44%
13	... é assim ó (( gestos )) ... o corte <b>da</b> <b>bandêra</b> é aqui ó (( gestos )) ... uNa	6.986	:	48.53	0	11			0	11	CORPUS OF 2018/jun/20	11%
14	o corte na seringueira ? #L chama-se <b>bandêra</b> né ... #D esse corte da	6.942	:	48.80	0	11			0	11	CORPUS OF 2018/jun/20	11%
15	<b>cima</b> ? #L não seNora ... o corte <b>da</b> <b>bandêra</b> é assim (( gestos )) ... <b>côrte</b>	6.966	:	48.18	0	11			0	11	CORPUS OF 2018/jun/20	11%
16	... sem cortá né ... a gente corta <b>cinco</b> <b>bandêra</b> e fica cinco vagano #D	37.31	:	1.795	0	58			0	58	CORPUS OF 2018/jun/20	58%
17	canto de cigarra )) #D sim #L as <b>cinco</b> <b>bandêra</b> ... que aquela chega a	37.34	:	1.733	0	58			0	58	CORPUS OF 2018/jun/20	58%
18	duas tigela ... a gente coloca <b>duas</b> <b>bandêra</b> né ... e se ela pegá às vez	37.27	:	1.760	0	58			0	58	CORPUS OF 2018/jun/20	58%
19	? #L ah ... sim ... né ... nós <b>chama</b> <b>bandêra</b> né #D é isso #L é a <b>bandêra</b>	37.21	:	1.799	0	58			0	58	CORPUS OF 2018/jun/20	58%
20	chama <b>bandêra</b> né #D é isso #L é a <b>bandêra</b> que nós chama (( risos )) #D	37.22	:	1.716	0	58			0	58	CORPUS OF 2018/jun/20	58%
21	... #D hum ... hum #L <b>quato</b> ... <b>quato</b> <b>bandêra</b> ... e se fô fina às vez dá	86.17	:	3.416	0	90			0	90	CORPUS OF 2018/jun/20	90%
22	o pau da madêra ( látex ) ... <b>nas</b> <b>bandêra</b> num sabe ... que tiNa essa	91.36	:	3.633	0	95			0	95	CORPUS OF 2018/jun/20	95%
23	... <b>bandêra</b> ... #D ah ... assim #L <b>tem</b> <b>bandêra</b> da seringa ... da arriação da	86.09	:	3.423	0	90			0	90	CORPUS OF 2018/jun/20	90%
24	não né ... eu ouvia falá que desceno é <b>bandêra</b> e subino é espina de pêxe	56.22	:	2.253	0	59			0	59	CORPUS OF 2018/jun/20	59%
25	... arriação ... #D é ? #L que <b>chama</b> ... <b>bandêra</b> ... #D ah ... assim #L tem	86.08	:	3.410	0	90			0	90	CORPUS OF 2018/jun/20	90%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 15 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “bandêra”.**

“Corte da bandêra”	“Bandêra da seringa”
“Duas bandêra”	“Bandêra dividida”
“Palmo de bandêra”	

Fonte: Silva (2019).

Apresentamos em seguida o nóculo “boca”, que apresenta 137 frequências e 5 colocações culturais.

Figura 21 - Concordâncias para “boca”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent Para	Para Para	Hea	Hea	Secc	Secc	File	Date	%
1	de estrada dona Francisca ? #L a boca da estrada é o seguinte (( som	16.88		1.14%	0	26'		0	26'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			27%
2	é o seguinte (( som indefinido )) ... a boca da estrada é um lugar ... que	16.90		1.11%	0	26'		0	26'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			27%
3	juntano com o baldo passano assim na boca do baldo passano o dedo ((	21.10		1.33%	0	33'		0	33'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			33%
4	pra ... pra casa sabe #D o que é boca de estrada dona Francisca ? #L	16.88		1.18%	0	26'		0	26'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			27%
5	... #L aí ... aí é assim ... chama-se a boca da estrada aí né ... agora aqui	9.932		72.46%	0	15'		0	15'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			16%
6	(( gestos )) ... aí a ... a estrada vai abri boca muito dento ... aí ... aí é o	9.992		72.72%	0	16'		0	16'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			16%
7	minuto ... (( som indefinido )) vinte ... da boca da estrada pra ... pra casa sabe	16.87		1.15%	0	26'		0	26'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			26%
8	(( gestos )) sai puxano e passano na boca do baldo aí rai pegano as tigela	21.13		1.35%	0	33'		0	33'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			33%
9	que nesse tempo num tiNa né ... esses boca-de-lobo né ... esse boca-de-lobo	35.42		1.79%	0	55'		0	55'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			55%
10	né ... esses boca-de-lobo né ... esse boca-de-lobo ... #D sim #L essas	35.42		1.71%	0	55'		0	55'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			55%
11	estrada de cento ... tem espigão ... faz boca na mata #D então chega na	56.00		2.65%	0	87'		0	87'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			87%
12	rodo aqui todim já pra sai por essa boca aqui ... aí quano nós sai aqui ...	34.32		1.68%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			54%
13	? # L na castaNa queimada ... na (boca) do Acre # D você é acreana ?	26.53		1.45%	0	41'		0	41'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			42%
14	rodo da estrada ... aí quando chego na boca fechô : fecho na ... na boca da	27.83		1.43%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
15	chego na boca fechô : fecho na ... na boca da estrada ... já tem fechado ...	27.84		1.45%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
16	... a boca da estrada né ... chama-se a boca da estrada né #D sim ... #L aí ...	9.917		72.75%	0	15'		0	15'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			16%
17	? #L não ... ó ... a gente chega na boca da estrada ... aí a gente vai pela	650		51.14%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
18	... aí chega aqui ... dá-se o nome de boca da estrada ... a gente vai ...	674		51.46%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
19	vai ... quano chega lá ... aí tem duas boca que vai uNa pra cá e a óta sai	689		51.66%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
20	canto e sai pela óta ... aí chama de boca de estrada #D qual o nome do	628		50.65%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
21	o dia ? #L a gente levava comida pra boca da estrada ... e aí lá comia #D o	593		49.36%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
22	estrada ... e aí lá comia #D o que é boca da estrada ? #L boca da	605		49.91%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
23	#D o que é boca da estrada ? #L boca da estrada é adonde a gente	609		50.9%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
24	aqui (( mostrando no desenho )) é um boca a gente entra pela uma boca e	815		55.54%	0	1%		0	1%	CORPUS OF 2018/jun/20	0			1%
25	a miNa estrada ... u'a é ... chama-se a boca-da-estrada né ... uNa boca entra	8.805		64.34%	0	14'		0	14'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			14%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

Quadro 16 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “boca”.

“Boca do oito”	“Boca na mata”
“Boca da estrada”	“Boca muito dento”
“Boca do baldo”	

Fonte: Silva (2019).

O caminho na floresta por onde o seringueiro trabalhava era denominado “estrada”. Por ela o seringueiro tinha acesso às seringueiras; esse nóculo apresentou 790 ocorrências e foi possível identificar 9 colocações culturais.

Figura 22 - Concordâncias para “estrada”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent Para	Para Para	Hea	Hea	Secc	Secc	File	Date	%
7	... aí aqui forma o fecho né ... da estrada ... aí segue uNa por aqui e a	34.29		1.67%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
8	entendi o que é a perna #L perna da estrada que chamo é o seguinte ... vai	34.26		1.65%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
9	pegava a óta madeira né ... aí fazia a estrada ... fechava né ... #D vocês	40.86		1.89%	0	64'		0	64'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			64%
10	um mês ... po exemplo ... rocano estrada né ... passa às vez quinze ...	38.78		1.82%	0	60'		0	60'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			60%
11	por causa dessa dificuldade de num té estrada né ... a gente passa muita	43.64		1.95%	0	68'		0	68'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			68%
12	de lête né ... mais na bêra do rie as estrada ... proque ... acho que é por	42.50		1.98%	0	66'		0	66'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			66%
13	ano ... nessas três estrada ... quato estrada que eu corto por ano chega	37.14		1.76%	0	58'		0	58'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			58%
14	base d'eu cortá por ano ... nessas três estrada ... quato estrada que eu corto	37.13		1.76%	0	58'		0	58'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			58%
15	dia numa estrada né #D sei #L nuNa estrada #D não tem os riscos ? #L	37.16		1.79%	0	58'		0	58'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			58%
16	d'eu cortá até quarenta dia numa estrada né #D sei #L nuNa estrada	37.15		1.78%	0	58'		0	58'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			58%
17	coisa ? #D isso #L é oito né ... da estrada ... é #D sim #L é ... a gente	34.17		1.65%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
18	é como um caminho menor dentro da estrada maior ? #L é ... dá o rodo no	27.96		1.49%	0	44'		0	44'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
19	... já tem fechado ... chama o fecho da estrada #D tem alguma árvore que	27.85		1.48%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
20	no oito ? #L é ... agora tudo sai nuNa estrada só #D quantas horas você	27.99		1.44%	0	44'		0	44'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
21	#D são dois rodos ... um na estrada e outro no oito ? #L é ...	27.98		1.48%	0	44'		0	44'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
22	é o rodo ? #L o rodo é a metade da estrada #D a volta lá em cima dá o	27.80		1.44%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			43%
23	muito apressado ... ele cortava duas estrada ... num dia ... eu ia cortá mais	27.71		1.46%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			43%
24	boca fechô : fecho na ... na boca da estrada ... já tem fechado ... chama o	27.84		1.45%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			44%
25	é chama o rodo ... chama o rodo da estrada ... aí quando chego na boca	27.82		1.42%	0	43'		0	43'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			43%
26	corte #L bom ... é ... fechá o corte da estrada é assim ... a gente levanta	34.02		1.64%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
27	? #L só quando fechava o corte da estrada #D é mesmo ? #L é #D	33.99		1.67%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
28	#D como é o nome dessas partes da estrada ? #L parte delas é ... a gente	34.14		1.61%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
29	a gente fecha o corte dessa ... dessas estrada né #D como é o nome dessas	34.13		1.68%	0	53'		0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			53%
30	é que você fazia para conservar a estrada da seringa ? #L quando	32.92		1.68%	0	51'		0	51'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			51%
31	escorre o dia e a noite a gente cortá a estrada ... como hoje ela escorre três	30.35		1.56%	0	47'		0	47'	CORPUS OF 2018/jun/20	0			47%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 17 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “estrada”.**

“Corte da estrada”	“Espigão da estrada”	“Manga da estrada”
“Estrada de centro”	“Fecho da estrada”	“Perna da estrada”
“Estrada de porta”	“Fim da estrada”	“Rodo da estrada”

Fonte: Silva (2019).

O nódulo “espigão”, que significa longa distância entre as madeiras na “estrada” de seringa, apresentamos a seguir: com 64 ocorrências, foi possível identificar 4 colocações culturais.

**Figura 23 - Concordâncias para “espigão”.**

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Para	Para	Hear	Hear	Sect	Sect	File	Date	%
1	outras ? #L a estrada de cento ... tem espigão ... faiz boca na mata #D	56.00	2.639'	0	87'			0	87'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	87%		87%
2	aqui ... po exemplo ... ente aqui é o espigão né ... que nós chama ... aí	34.28	1.663'	0	53'			0	53'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	53%		53%
3	da aquele rodo condo chega vem pelo espigão vai pra casa com o leite nas	21.19	1.389'	0	33'			0	33'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	33%		33%
4	é: tem rodo ... tem manga #D tem o espigão? #L é ... espigão ... espigão	60.95	2.910'	0	95'			0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	95%		95%
5	vai tê ôtra lá no fêcho ... se chama o espigão #D quando você trabalhava	60.98	2.977'	0	95'			0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	95%		95%
6	#D tem o espigão? #L é ... espigão ... espigão é assim que nem por acaso	60.96	2.918'	0	95'			0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	95%		95%
7	tem manga #D tem o espigão? #L é ... espigão ... espigão é assim que nem	60.95	2.913'	0	95'			0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	95%		95%
8	#D faz parte da estrada ? #L faiz ... espigão é como se diz ... assim um	17.23	1.112'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	27%		27%
9	abri boca muito dento ... aí ... aí é o espigão da estrada né ... #D	10.00	72:93'	0	16'			0	16'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	16%		16%
10	pra ôtra ... #D e o espigão ? #L é o espigão da estrada que ... que pô	9.96	72:12'	0	16'			0	16'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	16%		16%
11	uNa madeira longe pra ôtra ... #D e o espigão ? #L é o espigão da estrada	9.96	72:10'	0	16'			0	16'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	16%		16%
12	... já chega ... da onde passa #D espigão o que é dona Francisca ? #L	17.15	1.195'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	27%		27%
13	metro prá chegã nôtra madeira aí é o espigão #D faz parte da estrada ? #L	17.22	1.188'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	27%		27%
14	que é dona Francisca ? #L espigão ... espigão é as madeira distante #D é a	17.16	1.133'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	27%		27%
15	espigão o que é dona Francisca ? #L espigão ... espigão é as madeira	17.16	1.120'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	27%		27%
16	bem aqui ((gestos)) é o quê ? #L é espigão #D aqui é por onde entra ?	26.15	1.217'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	28%		28%
17	a gente sai de casa se dá o nome de espigão ... #D hum... #L a gente vai .	62.98	2.510'	0	66'			0	66'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	66%		66%
18	#L a gente vai ... quando ela não tem espigão ela é de fechã em CASA: ...	62.99	2.55%	0	66'			0	66'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	66%		66%
19	é que a gente chama de espigão ... é espigão #D quando a senhora vai por	22.72	99:64'	0	24'			0	24'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	24%		24%
20	está desenhando o quê ? #L o espigão ... é aqui (( desenho)) ...	26.02	1.211'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	28%		28%
21	... daqui para cá é o quê ? #L é o espigão #D e isso aqui é o quê ?	26.10	1.211'	0	27'			0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	28%		28%
22	é em casa e ôtas tem ... de hora de espigão ... pecisa fazê uma	63.06	2.538'	0	66'			0	66'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	66%		66%
23	o fecho da estrada ... aí daqui forma o espigão ... perpara #D e : assim	78.22	3.162'	0	82'			0	82'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	82%		82%
24	pai botou o nome nela de ... tem o espigão de grande ... ( ) às vez	81.72	3.252'	0	85'			0	85'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	85%		85%
25	) às vez coloco o nome de grande de espigão né ... fecho longo ... e assim	81.73	3.273'	0	85'			0	85'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	85%		85%

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 18 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “espigão”.**

“Entrada do espigão”	“Espigão de quinze madeira”
“Espigão da estrada”	“Hora de espigão”

Fonte: Silva (2019).

Com o nódulo “madeira”, obtivemos 222 frequências e foi possível identificar 3 CCs. É pertinente observar que essa palavra, no léxico regional, tem o “i” suprimido e, neste caso, madeira é o mesmo que madeira.

Figura 24 - Concordâncias para “madêra”.

The screenshot shows a concordance search for the word 'madêra' in WordSmith Tools. The interface includes a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a toolbar with various analysis options like 'collocates', 'plot', 'patterns', 'clusters', 'timeline', 'filenames', 'source text', and 'notes'. The main window displays a list of concordance entries with columns for line number (N), concordance text, set, tag, word number, and percentage. The text in the concordance column is color-coded to highlight the word 'madêra' and its surrounding context. For example, row 11 shows: '#L tem ... tem ... tem a manga ... tem madêra de manga e tem madêra de canto que chama num'. The bottom status bar indicates '222 entries' and 'Row 11'.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

Quadro 19 - Colocações culturais geradas pelo nóduo “madêra”.

“Madêra de canto”	“Madêra de cinco arriação”	“Madêra bruta”
-------------------	----------------------------	----------------

Fonte: Silva (2019).

Entendido como um apêndice da “estrada”, o nóduo “manga” apresentou 132 frequências e foi possível identificar 4 CCs.

Figura 25 - Concordâncias para “manga”.

The screenshot shows a concordance search for the word 'manga' in WordSmith Tools. The interface is similar to Figure 24, with a menu bar and a toolbar. The main window displays a list of concordance entries for 'manga'. The text is color-coded to highlight the word and its context. For example, row 21 shows: 'cortar o caminho ? #L aí já dêxa essa manga de reserva ... não vai cortá ela'. The bottom status bar indicates '132 entries' and 'Row 21'.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.



**Quadro 20** - Colocações culturais geradas pelo nóculo “manga”.

“Boca da manga”	“Fica de manga”
“Coloca manga”	“Manga de reserva”
“Madêra de manga”	

Fonte: Silva (2019).

Homem de grande intimidade com as matas, o “matêro”, baseando-se no conhecimento empírico, prático, fazia a identificação das seringueiras na floresta. Esse nóculo apresenta 19 frequências e foi possível identificar 2 CCs.

**Figura 26** - Concordâncias para “matêro”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Para	Para	Heai	Heai	Sect	Sect	File	Date	%
1	chama-se matêro ... #D o mateiro #L o matêro né ... #D tem que está sempre	9.599	70:88'	0	15'	0	15'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	15%				
2	mateiro ? #L é o matêro ... chama-se matêro ... #D o mateiro #L o matêro	9.593	70:10'	0	15'	0	15'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	15%				
3	mato ... #D é o mateiro ? #L é o matêro ... chama-se matêro ... #D o	9.590	70:63'	0	15'	0	15'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	15%				
4	a estrada ... quem marca ? #L é os matêro #D é ? #L é ... #D como eles	91.01'	3.571'	0	95'	0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	95%				
5	a estrada #D é o mateiro ? #L é o matêro ... eles mesmo que faiz a	91.12'	3.511'	0	95'	0	95'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	95%				
6	vai pegá três aviação de palmo ... ai o matêro vai dividi todina ... pega o	64.95'	2.635'	0	68'	0	68'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	68%				
7	arrumá um madêro que tem ... o matêro né ... ai entra na mata picano .	64.69'	2.627'	0	67'	0	67'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	68%				
8	ai o seringueiro fica ali perto e o matêro vai bambulá aquela terra né ...	64.72'	2.683'	0	67'	0	67'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	68%				
9	do seringueiro ... o empicador ? #L o matêro é só pa i botá ... matêro quano	3.637	39.2%	0	12'	0	12'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	12%				
10	? #L o matêro é só pa i botá ... matêro quano era pa abrí ... explorá	3.644	39.6%	0	12'	0	12'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	12%				
11	? #D sim #L a gente sai ... ai tem os matêro própi ... é pa mode empicá a	8.573	98.11'	0	27'	0	27'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	27%				
12	#D sei #L e dana na mata o matêro né e eu fico aqui no pé dessa	1.310	13.24'	0	4%	0	4%	CORPUS OF 2018/jun/20	C	4%				
13	... com licença ai ; eu ... eu aqui só o matêro né ... o matêro que chamo ...	1.217	12.77'	0	4%	0	4%	CORPUS OF 2018/jun/20	C	4%				
14	ai : eu ... eu aqui só o matêro né ... o matêro que chamo ... acolá de ( ) #D	1.221	12.82'	0	4%	0	4%	CORPUS OF 2018/jun/20	C	4%				
15	é quem empica a seringa ? #L é ... o matêro é quem acha a seringa e	1.241	13.2%	0	4%	0	4%	CORPUS OF 2018/jun/20	C	4%				
16	... #D manga ? #L conforme ... se o matêro dexá a manga na estrada né .	36.45'	1.332'	0	48'	0	48'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	48%				
17	de manga #D se quem deixar ? #L o matêro que abriu ela #D ah ... está ...	36.46'	1.336'	0	48'	0	48'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	48%				
18	abre a estrada? # L ( ) porque tem o matêro e tem o toquêro # D o que é	22.09'	77:47'	0	29'	0	29'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	30%				
19	o toquêro # D o que é mateiro ? # L matêro e uma pessoa que entende da	22.10'	77:22'	0	29'	0	29'	CORPUS OF 2018/jun/20	C	30%				

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 21** - Colocações culturais geradas pelo nóculo “matêro”.

“Botá matêro”	“Matêro vai bambulá” (bamboleio)
---------------	----------------------------------

Fonte: Silva (2019).

O “mutá” é um “trapiche” adaptado às “estradas” de seringa que serve para o seringueiro cortar as partes mais elevadas da seringueira: esse nóculo gerou 16 frequências e foi possível identificar 3 CCs.

Figura 27 - Concordâncias para “mutá”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Senti	Senti Para	Para	Heai	Seai	Sect	Sect	File	Date	%
1	aconteceu comigo q'eu fui subi num mutá com onze lata de leite dento dum	62.62	2.5.28'	0	65'	0	65'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	66%				
2	acidentado pela uma cobra ... cai dum mutá e fazê um arte como aconteceu	62.61	2.5.21'	0	65'	0	65'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	66%				
3	caí de riba do ... lá de cima do mutá ... cai embaixo ... quebra um	62.73	2.5.91'	0	65'	0	65'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	66%				
4	... pra ente arrochá ... com aquelas mutá ... de folha de manilha ô ...	80.05	3.1.50'	0	83'	0	83'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	84%				
5	pau né ... a faca enfiada dento ... aí o mutá quebrou-se eu cai de lado né ...	70.62	2.8.50'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				
6	... alaga as estrada ... atepado e feito mutá #D eles fazem para poder ficar	24.19	1.0.57'	0	25'	0	25'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	26%				
7	... alaga as estrada ... atepado e feito mutá #D eles fazem para poder ficar	13.95	55.57'	0	15'	0	15'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	15%				
8	já no alto ... chamo ... nós ... eu chamo mutá #D sei #L a gente coloca lá em	28.74	1.2.19'	0	30'	0	30'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	30%				
9	até com dezoite dregrau a gente fazia mutá pra cortá lá em cima pra podê	60.84	2.5.77'	0	63'	0	63'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	64%				
10	já no alto ... chamo ... nós ... eu chamo mutá #D sei #L a gente coloca lá em	48.47	2.0.19'	0	51'	0	51'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	51%				
11	gente tem medo ... que Deus o live o mutá quebra ... quebra uNa perna ... né	56.58	2.4.10'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				
12	... de fazê muito alto com medo do mutá escorregá ... cai ... é isso ... poi	56.63	2.4.40'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				
13	leite ... aí quando ele foi desceno ... o mutá relevô da madêra assim e tâ ((	56.69	2.4.72'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				
14	aí ? (( galo cantando )) #L dregau ... o mutá #D o mutá #L hum ... aí fair or	56.49	2.4.73'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				
15	cantando )) #L dregau ... o mutá #D o mutá #L hum ... aí fair or dregrau nele	56.50	2.4.75'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				
16	uNa estrada que tiNa drêir dregau ... o mutá #D dá mais leite lá em cima ?	56.54	2.4.73'	0	74'	0	74'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	74%				

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

Quadro 22 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “mutá”.

“Feito mutá”	“Mutá relevô”	“Subí num mutá”
--------------	---------------	-----------------

Fonte: Silva (2019).

Apresentamos o nóculo “pau” com 321 frequências; foi possível identificar 3 CCs.

Figura 28 - Concordâncias para “pau”.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Senti	Senti Para	Para	Heai	Seai	Sect	Sect	File	Date	%
6	de grota ... você derriba aquele pau ... do ... dois pau ... coloca	55.68	2.3.23'	0	73'	0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%				
7	você derriba aquele pau ... do ... dois pau ... coloca aquelas duas ponte ...	55.68	2.3.29'	0	73'	0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%				
8	#L as tigela #D em cima de um pau #L JUSTAMENTE #D e o pau	52.81	2.2.56'	0	69'	0	69'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	69%				
9	de um pau #L JUSTAMENTE #D e o pau chama cabilho ? #L é o cabilho ...	52.81	2.2.89'	0	69'	0	69'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	69%				
10	assim um toro de pau ... dois toro de pau ... aí fazia ... limpava né ... fazia	30.28	1.1.45'	0	40'	0	40'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	40%				
11	toquim assim do lado ôtro d'ôtro ... do pau pa ... pa num bolá né ... # D é ...	30.31	1.1.90'	0	40'	0	40'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	40%				
12	... ta ... quando acabá a rente pega um pau ... um pauzim ... aí vira assim ó ...	26.40	91.78'	0	35'	0	35'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	35%				
13	... só mermo pegá assim um toro de pau ... dois toro de pau ... aí fazia ...	30.28	1.1.37'	0	40'	0	40'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	40%				
14	que é ... uma planta grande ? #L é um pau ... é um pau é ... aí da natureza	35.89	1.3.16'	0	47'	0	47'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	47%				
15	era ... abri o ... brocá né ... derrubá as pau ... fazê casa ... depois ... é roçá	44.94	1.9.32'	0	59'	0	59'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	59%				
16	trepeçá ... é assim ... do jeito que esse pau tá aqui ((gestos)) ... aí bota sobe	44.99	1.9.41'	0	59'	0	59'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	59%				
17	planta grande ? #L é um pau ... é um pau é ... aí da natureza mermo ... é na	35.89	1.3.29'	0	47'	0	47'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	47%				
18	e taca fogo de baixo ... aí ela sobe o pau de fumaça ... # D para que serve	42.03	1.6.92'	0	55'	0	55'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	55%				
19	da casa ? #L o cara faiz de pau roliço ... que não tem condições	73.43	3.0.15'	0	96'	0	96'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	96%				
20	pagá um serradô ... a gente faiz de pau roliço ... aí o assoalho que nem tá	73.45	3.0.61'	0	96'	0	96'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	96%				
21	... ali ... a gente tem que cortá um pau na mata ... ante de cortá as torim	65.21	2.6.48'	0	85'	0	85'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	85%				
22	começa assim no ... nôto torim de pau tomém ... toro de bananêra ...	65.32	2.6.55'	0	85'	0	85'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	85%				
23	... porque se não ... vai pegá no pau da seringuêra ... se pegá no pau	73.87	3.0.24'	0	97'	0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%				
24	que cai aquela casca todina e ficá no pau da madêra ... aí dá uNa broca	73.93	3.0.69'	0	97'	0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%				
25	que desce uNa ... aquela dali fica no pau né ... ela não vai tê mais	74.08	3.0.78'	0	97'	0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%				
26	no pau da seringuêra ... se pegá no pau da seringuêra é claro que vai	73.88	3.0.30'	0	97'	0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%				
27	aquela casca e vai cai ... e vai ficá no pau da madêra ... e depois que cai	73.91	3.0.57'	0	97'	0	97'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	97%				
28	#L a seNora broca ... todim ... fica uns pau em pé ... depois a seNora pega o	59.53	2.4.37'	0	78'	0	78'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	78%				
29	... aquele miúdo ... aí pa derribá é uns pau ... a seNora derriba e joga tudo	59.59	2.4.32'	0	78'	0	78'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	78%				
30	baxim e corta rasiNo ... pa num cortá o pau dela lá dento ... corta só a	55.87	2.3.31'	0	73'	0	73'	CORPUS OF 2018/jun/20	0	73%				

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

Quadro 23 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “pau”.

“Arrastá o pau”	“Pau de fumaça”
“Pau da madêra”	

Fonte: Silva (2019).

Palmeira típica das várzeas amazônicas, a “paxiúba” é o próximo nóculo a ser analisado: teve 94 frequências e foi possível identificar 3 CCs.

Figura 29 - Concordâncias para “paxiúba”.

The screenshot displays the Concord software interface with a list of concordance entries for the word 'paxiúba'. The interface includes a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a toolbar with various analysis tools like collocates, plot, patterns, clusters, timeline, filenames, source text, and notes. The main window shows a table with columns for line number (N), concordance text, Set, Tag, Word #, and several frequency/percentage metrics. The concordance text highlights the use of 'paxiúba' in various contexts, such as 'paxiúba #D como', 'paxiúba #D o que é paxiúba', and 'paxiúba #D para dividir'. The table shows a total of 94 entries, with the current row (34) showing a frequency of 69 and a percentage of 72%.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

Quadro 24 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “paxiúba”.

“Casa de paxiúba”	“Paxiúba batida”	“Pano de paxiúba”
-------------------	------------------	-------------------

Fonte: Silva (2019).

Em seguida, apresentamos o nóculo “poronga”, a “lâmpada” dos seringais: identificamos 70 frequências e 5 CCs.

Figura 30 - Concordâncias para “poronga”.

The screenshot displays the Concord software interface with a list of concordance entries for the word 'poronga'. The interface is similar to Figure 29, showing a table of concordance results. The concordance text highlights various uses of 'poronga', such as 'poronga na cabeça', 'poronga é uNa luz', and 'poronga acesa'. The table shows a total of 70 entries, with the current row (16) showing a frequency of 48 and a percentage of 51%.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 25 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “poronga”.**

“Poronga na cabeça”		“Poronga velha”	“Poronga acesa”
“Poronga no dente”		“Via da poronga”	

Fonte: Silva (2019).

Por dar à borracha a forma que lembra uma prancha, típica peça em madeira, o nóculo que apresentamos em seguida gerou 112 frequências e foi possível identificar 2 CCs.

**Figura 31 - Concordâncias para “prancha”.**

The screenshot shows a concordance search for the word "prancha" in WordSmith Tools. The interface includes a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a toolbar. The main window displays a list of concordance entries with columns for line number (N), concordance text, Set, Tag, Word #, Sent, Para, Para, Para, Heai, Heai, Sect, Sect, File, Date, and %. The search results show various contexts where "prancha" is used, such as "bota pra qualhá ... faz aquela prancha", "defuma ... tem hora que o cabra faz prancha", and "num faize mais ... acho melho fazê em prancha porque dá menos trabai". The bottom status bar indicates 112 entries and Row 18 is selected.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 26 - Colocações culturais geradas pelo nóculo “prancha”.**

“Borracha na prancha”	“Fazê a prancha”
-----------------------	------------------

Fonte: Silva (2019).

Passamos ao nóculo “rodo”, que faz referência à “volta”, à “roda”, ao “efeito bumerangue” que uma “estrada de seringa” nativa tinha que apresentar: essa palavra-chave gerou 142 frequências e 2 CCs.

**Figura 32 - Concordâncias para “rodo”.**

The screenshot shows a concordance search for the word "rodo" in WordSmith Tools. The interface is similar to Figure 31, with a menu bar and toolbar. The main window displays concordance entries for "rodo", such as "esquerda #D o que é o rodo", "volta completa na estrada", and "mesmo lugar ? #L hum ... chama-se o rodo". The bottom status bar indicates 142 entries and Row 23 is selected.

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools

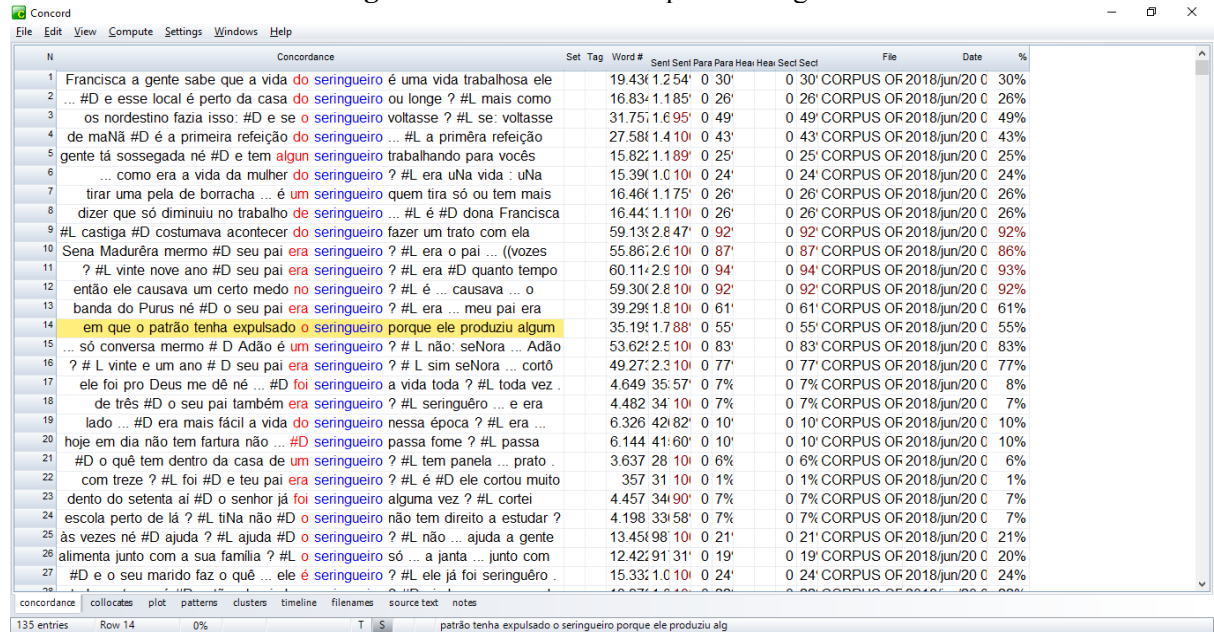
**Quadro 27** - Colocações culturais geradas pelo nóculo “rodo”.

“Rodo da estrada”	“Fora do rodo”
-------------------	----------------

Fonte: Silva (2019).

Continuamos a análise com o nóculo “seringueiro”, importante personagem do contexto cultural dos seringais, que gerou 135 frequências e 3 CCs.

**Figura 33** - Concordâncias para “seringueiro”.



Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 28** - Colocações culturais geradas pelo nóculo “seringueiro”.

“Vida do seringueiro”	“Casa de seringueiro”
“Trabalho de seringueiro”	

Fonte: Silva (2019).

O penúltimo nóculo analisado é “seringueira”, a árvore da fortuna plantada pela mão de Deus em solo amazônico: gerou 105 entradas e foi possível identificar 5 CCs.

**Figura 34 - Concordâncias para “seringueira”.**

The screenshot shows a concordance search for the word "seringueira" in a corpus. The results are displayed in a table with columns for line number (N), concordance text, Set Tag, Word #, Sent, Para, Para Para, Heai, Heai, Sect, Sect, File, Date, and %. The concordance text shows various contexts where "seringueira" is used, such as "fazê muita borracha #D com a Mãe da Seringueira", "junto e num vê ele #D na mãe da seringueira", and "é pra cortá a seringueira né #D a seringueira". The search results are sorted by percentage, with the highest frequency being 91% for the concordance "da Mata ... Mãe da Mata e Mãe da Seringueira ? #L tem #D o senhor caso ... como por exemplo da Mãe da Seringueira ? #L ah a Mãe da nada #D na mãe da mata ou mãe da seringueira ? #L não ... também não . leite #D quantos riscos você faz numa seringueira ? #L risco muito ... às veiz faziam ? # L rapa né ... # D raspar a seringueira ... e tem que ter cuidado tinha algum cuidado especial com a seringueira para que ela produzisse que você utilizavam para cortar a seringueira ? #L levava a tigela ... e a chama o modo de colocar a tigela na seringueira ? #L embuti #D embuti a qual a distância aproximada de uma seringueira para outra ? #L cem metro essas escada que tem ... #D porque a seringueira era muito alta ... #L como ... #D como é chamado aquele corte na seringueira ? #L pois bem ... eu tiNa . aqui para nós como é o risco de uma seringueira que tu fazias #L é assim ó leite #L é #D o quê usa para cortar a seringueira ? #L uNa faca encastrado ? #L é #D e ia embora para outra seringueira ? #L pra óta seringueira #L tem não #D só risca de um lado da seringueira ? #L risca dos dois lado da prefeitura né ... #D era muito alta a seringueira ? #L a gente só andava".

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 29 - Colocações culturais geradas pelo nódulo “seringueira”.**

“Cortar a seringueira”	“Mãe da seringueira”	“Riscar a seringueira”
“Leite da seringueira”	“Machucar a seringueira”	

Fonte: Silva (2019).

Encerramos este subcapítulo com o nódulo “tigela”, vasilhame que, engastado na seringueira, na extremidade inferior do corte, era usado para colher o leite: gerou 179 entradas e foi possível identificar 3 CCs.

**Figura 35 - Concordâncias para “tigela”.**

The screenshot shows a concordance search for the word "tigela" in a corpus. The results are displayed in a table with columns for line number (N), concordance text, Set Tag, Word #, Sent, Para, Para Para, Heai, Heai, Sect, Sect, File, Date, and %. The concordance text shows various contexts where "tigela" is used, such as "#L é ... é risco mermo ... aí embote a tigela #D embote a tigela ? #L hum ... aí embote a tigela #D embote a tigela ? #L hum hum #D depois que qui ... o cabilho é pa gente colocá a tigela na cabeça dele ... por exemplo no balde #D sim #L aí coloca a tigela lá no cabide #D lá onde ? #L pé assim (( gestos )) ... aí embote a tigela ... aí termina de colhê #D hum ... chamo embutido ... embote aquela tigela na madeira ... enfia assim (( é de tarde que eles vão recolhê ... a tigela tá cheia de leite ... eles despejo né ... então com isso é que embote as tigela #D o quê é bandeira ? #L num aqui embote #D então colocava a tigela e ia colher em qual horário ? #L ... por aí assim #D tiravam o leite da tigela e colocavam onde ? #L no só pode SÉ ... #D sei ... aí colocam a tigela ? #L aí coloca ... embote #D sei ... aí quando o leite chegá encontra a tigela pronta ... num estraga nada #D se chovê a gente corta pa cai dento da tigela ... se chovê derrama todim ... árve aqui aí a gente corta né embote a tigela aí a gente aqui vai cortano por dele fica assim e a gente coloca a tigela aqui ... em cima da óta ... uNas o que vocês fizeram #L estraga a tigela ... aí a gente tem que comprá d'aqui ... aí vai desembutindo aquelas tigela né ... tem o balde né ... aí a hum ... ah ... eles ... eles ... pois é ... a tigela já fica lá na ... na seringa ... no mató #D ah ... ele não tiram a tigela #L não ... não tira ... coloca ... aí vai tirano ... desembutino aquelas tigela ... despejano dento do balde ... negócio ... um vasinho que coloca na tigela ... na #L hum ... ah ... eles ... colher o leite ? #L pa colhê ... tira as tigela ... #D coloca ... #L coloca dento a senhora colocava as tigelas ? #L as tigela ... eu se acabava de cortá faiz ? ... no balde ... a gente tira das tigela ... das tigela e vô despejano no balde #D balde ... a gente tira das tigela ... das tigela e vô despejano no balde #D e pega na ( ) da seringueira ... pega as tigela aí corta ... embote ... aí vai em desembutino ... coloco no canto as tigela #D sei ... como fazes a seringa".

Fonte: PrintScreen da tela do WordSmith Tools.

**Quadro 30** - Colocações culturais geradas pelo nóculo “tigela”.

“Batendo tigela”	“Tigela no toco”	“Tigela de seringa”
------------------	------------------	---------------------

Fonte: Silva (2019).

Desta forma, com o nóculo “tigela”, encerramos a primeira parte da Análise de Dados. Nela, descrevemos o levantamento de palavras-chave e colocacional a partir do exame dos *corpora* CEVIJ e COAC, com a utilização da ferramenta *WordList* e *Concord* do programa *WordSmith Tools*. Como antecipamos no início deste capítulo, foi possível detectar o seguinte: No CEVIJ, 4 nóculos, 25 CCs. No COAC, 19 nóculos e 78 CCs. Nos próximos dois subcapítulos, procedemos à análise das colocações culturais levantadas.

### 4.3 Análise das colocações culturais

Sobre as questões do léxico e sua interligação com a cultura e a História, Isquierdo (1998, p. 89) afirma que:

Investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade [...], elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo.

A compreensão expressa no último destaque leva-nos para o entendimento de que, sem a realidade cultural do “mundo da borracha”, a história, o modo de vida, sua visão de mundo, o léxico amazônico não poderia ter registrado as colocações culturais que analisamos.

O papel do referente na construção do significado, verificando a força exercida pelo contexto extralinguístico no processo de nomeação de um novo elemento da realidade, (ISQUERDO, 1998), é ponto-chave em nossa análise. Podemos verificar que um grande número das colocações analisadas tem sua origem em lexias convencionais do PB. Para Isquierdo (1998, p. 93) “tal procedimento está relacionado a dois aspectos: a falta de itens lexicais específicos [...] e a estreita ligação existente entre ‘homem e árvore’, que acaba por motivar uma quase humanização da seringueira”. Concordamos com o entendimento expresso pela autora (1998), de que o acréscimo de traços semânticos específicos é motivado por condicionantes socioculturais característicos do meio.

O posicionamento teórico expresso no parágrafo anterior torna-se mais inteligível quando tomamos alguns exemplos retirados de nossos *corpora* de pesquisa: os verbos que determinam ação “cortar”; “arriar”; “defumar”; “bolar”; “fazer”; “colocar”, entre outros. Os

substantivos que denominam lugares e pessoas: “bandeira”; “madeira”; “estrada”; “colocação”; “seringueira”; “manga”; “boca”; “poronga”; “espigão”, entre outros, e os adjetivos que destacam qualidades: “fina”; “grande”; “bruta”, são usadas para nomear diferentes fenômenos relacionados ao trabalho nos seringais. A estrutura básica das CCs pesquisadas configura-se de forma recorrente a partir dessas palavras que eram usuais no âmbito do PB.

É importante dimensionar que a análise que empreendemos nos traz de volta um repertório de expressões fixas e conceitos comuns à época, como nos atestam os *corpora* analisados, que permanecem vivos na memória de ex-seringueiros, mesmo com a superação do extrativismo gumífero, com a evolução das formas de trabalho e da cultura amazônica e acreana. Essa análise apoia-se no referencial teórico da Fraseologia, das colocações, nos estudos sobre cultura e no nosso entendimento do que sejam colocações culturais, como combinações de palavras que apresentam determinada carga cultural e características únicas, geradas em contextos idiossincráticos e específicos de uma dada comunidade.

Cabe ainda destacar que algumas CCs podem não apresentar idiomaticidade ou figuração, sendo também esta, uma característica das colocações (TAGNIN, 1999). Isto equivale dizer que muitas colocações culturais levantadas neste trabalho são transparentes ou apresentam pouca figuração. É o caso, por exemplo de: “terra da borracha”, “homens da borracha”, “fim da estrada”, “poronga acesa”, “bolá borracha”, entre outras. Contudo, a maioria apresenta idiomaticidade que varia em graus, desde o mais simples até a total opacidade. É o caso de “barões da borracha”, “boom da borracha”, “peles de borracha”, “batendo tigela”, “arriação da seringa”, “sistema de aviamento”, entre outras.

#### 4.3.1 O corpus CEVIJ

O corpus CEVIJ gerou 25 colocações culturais que assim classificamos com base em preceitos teóricos vistos no Capítulo 2, que elegemos como incomuns, sendo algumas idiomáticas e outras transparentes. A palavra de busca “borracha” destaca-se nesse corpus com 59 frequências e dando origem a 13 CCs. Iniciamos com essa lexia a análise, que está organizada da seguinte forma: um excerto retirado do contexto do corpus com a CC em negrito, uma classificação da colocação cultural e uma análise intercalada, quando necessário, por excerto de autores com trabalhos sobre a temática da borracha no referido contexto cultural.

Nas tabelas 1 e 2 apresentamos as palavras-chave (nódulos) geradores e as colocações culturais, bem como sua frequência no corpus de estudo:



**Tabela 1** - As palavras-chave extraídas do corpus CEVIJ.

Palavras-chave	Frequência	Palavras-chave	Frequência
Borracha	59	Juruá	61
Engenho	56	Pé	50

Fonte: Silva (2019).

**Tabela 2** - As colocações culturais extraídas do corpus CEVIJ.

Colocação cultural	Frequência	Colocação cultural	Frequência
<b>“BORRACHA”</b>			
“Batalha da borracha”	1	“Extrativismo da borracha”	2
“Barões da borracha”	1	“Homens da borracha”	2
“ <i>Boom</i> da borracha”	3	“Monopólio da borracha”	2
“Ciclo da borracha”	4	“Peles de borracha”	2
“Coronel da borracha”	1	“Soldados da borracha”	1
“Crise da borracha”	2	“Terra da borracha”	1
“Corrida da borracha”	2		
<b>“ENGENHO”</b>			
“Engenho à roda”	4	“Engenho a boi”	1
“Engenho a motor”	1	“Engenho à manjarra”	1
<b>“JURUÁ”</b>			
“Autonomista do Juruá”	1	“Departamento do Juruá”	1
“Bacias do Juruá”	3	“Recantos do Juruá”	1
<b>“PÉ”</b>			
“Pé de engenho”	1	“Pé da terra”	11
“Pé da serra”	9	“Pé de violão”	1

Fonte: Silva (2019).

Em 1945 com a consolidação das decisões sobre a Segunda Guerra Mundial, ficou decidido que o Brasil participaria do conflito em favor dos países aliados. Coube aos nordestinos cearenses participar da guerra como soldados, de forma inusitada, rumando para a Amazônia no intuito de produzir borracha. Iniciamos a análise com a CC “batalha da borracha”.

**Quadro 31** - “Batalha da borracha”.

Na ânsia de encontrar um caminho que resolvesse esse impasse e, mesmo, para suprir as Forças Aliadas, de borracha, então necessária para a infraestrutura bélica, o governo brasileiro fez um acordo com o governo americano (Acordo de Washington), que desencadeou uma operação em larga escala de extração de látex na Amazônia - operação que ficou conhecida como a <b>batalha da borracha</b> . (CEVIJ)
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Silva (2019).

De acordo com o destaque do quadro 31, podemos afirmar que o grande objetivo da “batalha da borracha” foi colaborar com os países aliados em guerra, produzindo borracha para exportação. É uma colocação nominal: Sf. ‘batalha’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. No contexto brasileiro, a “batalha da borracha” tratou-se de uma decisão oficial do Governo Federal, à época, com vastas consequências para toda região amazônica/acreana e teve realmente o caráter

de uma dura luta. Até mesmo o presidente da República do Brasil rumou a Manaus e proferiu famoso discurso, como incentivo à nova mobilização de cearenses para os seringais. A expressão refere-se exatamente ao segundo momento de intensa mobilização de milhares de homens para o trabalho com a borracha na Amazônia no período da Segunda Guerra Mundial.

Segundo nos relata Martinello (1988), numerosas embarcações navegavam dia e noite a costa brasileira até a embocadura do rio Amazonas e o adentrava, tendo como destino as cidades de Manaus e Belém. Dali era feito o deslocamento rumo aos seringais nos altos rios em meio à floresta, onde travariam a “sua batalha”: portavam suprimentos básicos, expostos a insetos nocivos, doenças, pragas e o pior dos males, o impaludismo<sup>37</sup>, de tratamento incipiente à época. “Os fatos e as conquistas da técnica ... mostram ... como é possível, às margens do grande rio, implantar uma civilização única e peculiar, rica de elementos vitais e apta a crescer e a prosperar... todo o Brasil tem os olhos voltados para o Norte”. (VARGAS, 1944 apud COELHO, 1982, p. 61.)

De acordo com Coelho (1982), o famoso Discurso do Rio Amazonas, proferido por Getúlio Vargas no dia 10 de outubro de 1940, deixa claro que a “Batalha da Borracha” tinha o largo apoio político do governo brasileiro e ousava mais do que simplesmente implantar um novo “ciclo da borracha”, lançar as bases definitivas para o desenvolvimento da Amazônia.

É, então, isso o que quer dizer “batalha da borracha”. Uma nova corrida aos seringais por volta dos anos que antecedem a Segunda Guerra Mundial, desta feita, ao contrário do que ocorreu no início do século XX, de forma metódica, organizada e com largo financiamento do capital americano. (MARTINELLO, 1988).

Nos seringais, foi se formando uma “casta” poderosa. Os “barões da borracha”, segundo mostramos no contexto apresentado no quadro abaixo, foram os seringalistas que fincaram as bases para o povoamento da região. Explicamos isto na análise da CC seguinte.

**Quadro 32 - "Barões da borracha".**

A inserção no universo da história contada e literária sobre os **barões da borracha** e sua saga na Amazônia são os pilares que dão base a este trabalho (que é ao mesmo tempo de organização e autoral) que teve a duração de aproximados quatro anos, [...] (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Barões da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘barões’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. O título de barão, durante a monarquia brasileira, era um distintivo destinado a pessoas importantes por deter o monopólio de determinada atividade. A CC “barões da

<sup>37</sup> Ou malária.

borracha” refere-se, portanto, aos poderosos homens que estabeleceram as bases do povoamento nos seringais ancorados em vultosos financiamentos. Esses homens dominaram com métodos rígidos a grande massa de seringueiros que trabalhava nos seringais, ao mesmo tempo em que ostentavam vida luxuosa nas cidades de Belém e Manaus.

O pesquisador e romancista Souza (1978, p. 112) é enfático ao afirmar que “ao contrário do mercantilista português [...], os modernos extrativistas sustentavam-se nas casas de crédito, nas hipotecas e na exportação. Mostrariam um pendor pela ostentação por estarem irremediavelmente alienados pelo fácil enriquecimento”. Sua atividade permitiu, como já ressaltamos, que chegassem até os altos rios uma leva de migrantes, principalmente nordestinos, que trabalhariam nos seringais no cultivo da borracha. O item lexical “barões” é figurativamente usado para referir-se ao poderio econômico local dos empreendedores da borracha, às decisões e expressão do mundo econômico ligado à borracha. (Ver a CC “coronel da borracha”, p. 106).

A próxima CC em análise é “*boom* da borracha”. Conforme quadro a seguir, percebemos que o “*boom*” não consegue resolver os problemas da região e a população acreana clama ao governo brasileiro por autonomia administrativa.

**Quadro 33** - “*Boom* da borracha”.

No ano de 1909, no auge do ***boom da borracha***, acontece o movimento autonomista que conta com o protagonismo dos homens de patente dada pelo Governo Federal e da elite política local juruaense. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“*Boom* da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘*boom*’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Vimos que *boom* significa crescimento rápido, evolução, auge, expansão, (p. 30). O “*boom* da borracha” foi, de fato, uma expansão da cultura da borracha que vinha de uma lenta, mas crescente evolução, que se estendeu a partir da segunda metade do século XIX, e teve seu auge na primeira década do século XX.

O “*boom* da borracha” foi impulsionado pela alta demanda da borracha nos mercados com industrialização ascendente. A grande produção de borracha nos seringais amazônicos gera riqueza e cria um sentimento de eternidade nos coronéis (SOUZA, 1978). Assim, decidiram juntamente com os governos brasileiro e boliviano construir uma ferrovia para o escoamento da borracha produzida nos seringais “brasileiros” do Rio Madeira e nos seringais bolivianos, a fatídica Madeira-Mamoré. O “*boom* da borracha” justificou a implementação de tal ferrovia em plena floresta amazônica. Fato inusitado que possibilitou pela literatura o surgimento da

expressão “trem fantasma”, pois surgia do meio da floresta, não teve a utilidade prevista e ceifou, na sua construção, milhares de vidas.

Seguimos a análise com a CC “ciclo da borracha”. Como podemos observar no quadro abaixo, essa época é marcada pela migração para a Amazônia de meio milhão de nordestinos para os trabalhos com a seringa.

**Quadro 34** - “Ciclo da borracha”.

Durante o auge do **ciclo da borracha** embarcaram para a Amazônia aproximadamente 500 mil nordestinos, muitos dos quais retornaram após a crise, enquanto outra parte permaneceu na região e se integrou nela. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Ciclo da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘ciclo’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. O “ciclo da borracha” configura-se como o grande momento de explosão da economia amazônica, por gerar altas taxas de impostos para a jovem República do Brasil. Com notável evolução a partir da segunda metade do século XIX, perdurou até o ano de 1945 com o fim da segunda Grande Guerra, com um intervalo entre o primeiro e segundo ciclos. Quando a fatídica Madeira-Mamoré foi concluída a “peso de ouro” (símbolo da imponência do primeiro “ciclo da borracha”), já não tinha mais nenhuma serventia, pois, em 1912, a produção de borracha na Malásia (com seringais plantados e cultivados racionalmente) já superava a produção amazônica (com seringais nativos), e os olhos do mundo industrializado voltavam-se para esta região da Ásia.

No entendimento de Souza (1978, p. 96), a “Amazônia do ciclo da borracha esquece os padrões limitados do colonialismo português e entrega-se ao romantismo da aventura capitalista, [...] irremediavelmente tomados pela febre de sensações exóticas. Manaus e Belém se transformaram em pequenas reproduções da Europa”. De acordo com o destaque anterior, podemos afirmar que “ciclo da borracha” mantém conteúdo similar às outras colocações extraídas em torno do nódulo borracha (“barões”, “coronel”, “boom”, entre outras), uma vez que tais agrupamentos de palavras são acompanhados de significação relativas ao poder econômico.

No próximo quadro, analisamos a CC “coronéis da borracha”, que, de acordo com o relato escrito, eram homens influentes e poderosos, de patente comprada junto ao governo federal.

**Quadro 35** - “Coronel da borracha”.

A patente de **coronel da borracha** lhe aumenta a influência e uma vez fixado na região do rio Moa, no Seringal Aurora, orienta seus mateiros a fazerem uma entrada para as terras mais a oeste do barracão. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Coronel da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘coronel’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Na Amazônia, ancorada na tradição coronelista impregnada na cultura brasileira, surge a lendária figura do “coronel da borracha” ou de acordo com alguns pesquisadores “coronel de barranco”. Esses “coronéis” foram os homens empreendedores do negócio com a borracha, os seringalistas, donos ou arrendatários de seringais.

Oriundo do nordeste brasileiro, o “coronel da borracha” trouxe consigo, entre outras coisas, uma memória de bravura (cabra-macho, cabra da peste) contendas e transgressões (Lampião e o Cangaço) e também de messianismo (Antônio Conselheiro e Canudos). Na Amazônia, eles passaram a exercer o controle sócio-político, a barganha de seringais ou grilagem, implementaram as “correrias indígenas”, fundaram fazendas agropecuárias, tornaram prefeitos municipais, lideranças políticas locais notáveis. Por trás de interesses diversos, os “coronéis da borracha” detinham ar de nobreza e foram, muitas vezes, implacáveis com quem lhes contrariasse a vontade ou a palavra.

Ferrante (2007, p. 37) menciona a mentalidade pouco benevolente e esclarecida de um certo coronel: “Dona Clara fundou uma escola no Santa Rita. O coronel, a princípio, opôs-se. Seria um desperdício inútil de tempo e dinheiro. Outros haviam tentado e não dera certo”. Segundo Souza (1978, p. 98), no “ciclo da borracha”, “os coronéis desenvolviam uma peculiar sedimentação de impulsos transplantados que se pendiam aos velhos transplantes lusitanos”. Daí a tentativa de criar-se uma nova “Paris nos Trópicos”, como é dito pela história, em alusão às cidades de Manaus ou Belém. A construção do Teatro Amazonas é outro exemplo da ambição modernizadora dos “coronéis da borracha”.

Seguindo o entendimento de Calixto et al. (1985), a organização do trabalho no seringal tornou esses homens autoritários, arrogantes e insaciáveis em suas pretensões. Consideravam-se os árbitros para o estabelecimento do erro ou da verdade. Muitos adquiriram patentes de coronel, major, capitão. Ainda segundo os autores (1985), geralmente, trata-se de um “aventureiro” que, tendo conseguido das casas aviadoras de Belém ou Manaus um fornecimento de mercadorias, veio estabelecer-se às margens de algum rio na Amazônia, após recrutar mão de obra no Nordeste. Suas origens não remontam a nenhuma tradição de riqueza. Para além dos seringais, os coronéis detinham presença marcante também nos povoados, vilas

e cidades. Silva (2013), baseado em depoimento de moradores da Vila Japiim, apresenta-nos o seguinte relato: “Conheci o coronel, sim. Eu era menino de uns 10 ou 11 anos. Lembro que ele tinha um cavalo branco, bonito. Pois bem..., sobre o Coronel Mâncio Lima, [...]” (SILVA, 2013, p. 107).

Personagens característicos da Amazônia, os “coronéis da borracha”, dispuseram de um poder incomparável, abusivo. Porém, souberam alternar isso com carisma e gestos de benevolência e assistencialismo para poder afirmar sua liderança política e consolidar seu domínio, tanto psicológico sobre os humildes moradores da região, quanto patrimonial com a expansão dos seringais. (Ver a CC “barões da borracha”, p. 104).

Com a “crise da borracha”, já irrefutável, novas frentes econômicas vão aos poucos se descortinando. É o que veremos a seguir com a análise da próxima CC.

#### **Quadro 36** - “Crise da borracha”.

Um clima de abandono então domina a região por todos os anos de 1950-60, uma vez que a **crise da borracha** já era fato consumado e somente a partir de 1970 começa o movimento de extração de madeiras. No entanto, nesta época ainda é forte a cultura da seringa, uma vez que o Moa foi povoado e navegado por força e imposição da borracha nas últimas décadas do século XIX. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Crise da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘crise’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Vimos que, no início do século XX, a Amazônia vivia o “*boom* da borracha” e seus coronéis extrativistas pensavam, sim, em muita coisa que o dinheiro poderia lhes proporcionar, mas nunca em crise.

No entender de Castro (1998), real, porém silenciosa, a crise estava cada vez mais próxima. Em seus “bolsões” de isolamento, entrincheirados nos seringais, seringalistas e seringueiros não tinham tempo para divagações acarretadas por boatos de pessimismo. A vastidão da Amazônia e a infindável quantia de árvores do tipo *hevea* lhes garantiria uma vida plena do usufruto do que de melhor poderia lhes oferecer o mundo capitalista. No entanto, a vida nos seringais destoava da opulência e da extravagância dos coronéis nas cidades. E isso já era sintomático. No romance *A Selva*, Castro (1998) vai direto ao ponto, o momento em que o sinal vermelho acende nos seringais: “Sem a perspectiva de emancipação, modorravam-se no cárcere verde, pescando e caçando quando o estômago o exigia e furtando-se, sempre que a vigilância se ausentava, à extração da borracha, ingrata e sem valor” (CASTRO, 1998, p. 132).

Esse contexto, mesmo fictício, nos ajuda a entender como se processou a “crise da borracha” nos seringais. O ânimo e a alegria de ir para a “estrada” “cortar a seringueira” dissiparam-se. A borracha já estava entendida como ingrata, pois não dava nenhum retorno ao

seu personagem principal. Contudo, a crise maior estaria por vir e veio de forma arrebatadora. Souza (1978) esclarece-nos de forma mais incisiva seus pormenores, ao afirmar no clássico estudo sobre a Amazônia da borracha que “o aventureiro Wickham conseguiu uma partida de setenta mil sementes de seringa e enviou-as para Londres, [...] As mudas cresceram e transformaram-se em seringais ordenados como um bosque europeu e começaram a produzir. [...] O monopólio estava quebrado” (SOUZA, 1978, p. 135).

Aí está o estopim que desencadeou a “crise da borracha”. Evidentemente que, somado a outros fatores, a formação dos seringais na Malásia foi determinante. A ciência pôs-se a serviço das nações industrializadas e, com técnica e experimento, tornou possível os seringais de cultivo. O capital, produto burguês por excelência, impôs-se com sua força, e o mundo industrializado, tendo a ciência a seu lado, foi aos poucos se livrando da dispendiosa infraestrutura necessária para o funcionamento de um seringal nativo e, por conseguinte, do monopólio amazônico da borracha, que se tornara a matéria-prima fundamental para os tempos pós-modernos. Não foi traição da natureza, como pensou o incauto “coronel da borracha”, foi a ciência e a técnica agindo em favor dos países ricos e industrializados.

O “coronel da borracha”, arrivista e ambicioso, não acompanhava as mudanças cotidianas que são parte integrante do mundo capitalista. Sequer sabia que estava inserido nesse mundo como ponta de uma “cadeia” poderosa. Importava-lhe o dinheiro fácil, o lucro exorbitante, as facilidades que a borracha lhe proporcionava, a boa vida. O seringalista brasileiro, ainda no regime extrativista, não podia concorrer com os capitalistas industriais, que ofereciam um produto final já controlado, em abundância e de qualidade aceitável no mercado. Mediante tal realidade, a crise foi inevitável.

No próximo quadro, analisamos a CC “corrida da borracha”. Nessa colocação, percebemos um sentido de pressa, de forças variadas convergindo, rapidamente, como numa corrida, para um só ponto: os seringais.

**Quadro 37** - “Corrida da borracha”.

Na ocorrência de que nos ocupamos, isto na segunda **corrida da borracha**, o mulato insolente todos os dias promovia badernas, desafiando os próprios companheiros de viagem e tripulantes. Como a Amazônia era uma espécie de “quinto dos infernos” assolada por todo tipo de males naturais e doenças tropicais, as pessoas que se dispunham a migrar para esta isolada região brasileira, o faziam sabendo que não lhes esperava “um mar de rosas”. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Corrida da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘corrida’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. O significado da lexia “corrida” nos remete a uma disputa, burburinho de muita gente, e foi isso o que aconteceu, especialmente, no segundo “ciclo da borracha”, quando rumaram novamente para os seringais milhares de nordestinos com o objetivo de trabalhar para a Guerra (1945), como “soldados da borracha”. Esse deslocamento se assemelhou a uma corrida. Esses “soldados” incorporaram a difícil missão de suprir o mercado da borracha asiática que havia caído em mãos japonesas. Uma verdadeira “corrida” foi implementada para que não faltasse a indispensável matéria-prima aos países aliados em guerra. (Ver a CC “batalha da borracha”, p. 102).

A colocação seguinte “extrativismo da borracha” faz referência ao movimento de implantação dos seringais para a extração do látex e fabricação da borracha natural na região amazônica. Com variada flora, a *hevea* sobressai-se em importância econômica no final do século XIX e é mais um produto, por assim dizer, na cadeia extrativista da Amazônia, que chamou desde o início, nas primeiras entradas pelo rio Amazonas no século XVI, a atenção dos desbravadores.

**Quadro 38** - “Extrativismo da borracha”.

Acossados pelo flagelo da seca e embalados pelo sonho de enriquecer facilmente com o **extrativismo da borracha**, eles vinham aos milhares, embrenhando-se nas matas semeando a civilização, abrindo clareiras que mais tarde se transformaram em colônias agrícolas, vilas e cidades. Seringueiros e agricultores foram eles os heroicos e anônimos pioneiros que com o sacrifício da própria vida, desbravaram e conquistaram a Amazônia. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Extrativismo da borracha” é uma colocação cultural nominal: Sm. ‘extrativismo’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Essa CC tem sentido análogo, mas não exatamente o mesmo das expressões “boom da borracha” e “ciclo da borracha”. Extrativismo é coleta de produtos na natureza.

A Amazônia tem uma tradição extrativista que antecede ao “extrativismo da borracha” e que continua após o famoso “ciclo”. Assim, cumpre lembrar as cobiçadas “drogas do sertão”, procuradas nas melhores praças da Europa. Em estudo clássico sobre a Amazônia colonial, Reis (1982, p. 18) afirma que “numa época auge do mercantilismo, os portugueses devassaram a floresta, identificando variedades de sua flora e fauna. [...] No entanto, verificou o grande *rush*<sup>38</sup> da borracha que [...] projetou a Amazônia. Os seringais se abriam velozmente”.

<sup>38</sup> Congestionamento; corrida; pressa; disputa. (Tradução nossa).



Como vemos, a borracha parece ter sido a última matéria-prima disputada neste secular ciclo. Segundo o autor (1982), o “ciclo da borracha” (ponta final da grande ‘árvore do extrativismo’ na Amazônia) foi um retrocesso, um passo atrás. A Amazônia foi desvelada e perdeu seu ar de mistério e encanto. Os altos rios foram explorados até suas nascentes (REIS, 1982), pois os sertanistas, sem qualquer hesitação, a eles se atiraram, penetrando-os e devassando-os. [...]. O Acre foi resultante, como espaço físico brasileiro, do esforço dessa penetração, realizada com ímpeto quase guerreiro. A visão de “paraíso” ou “celeiro” atribuída culturalmente à Amazônia levou naturalmente seus habitantes para o extrativismo, o que significou além da ampliação das fronteiras o início de sua devastação.

Os lendários seringalistas que penetraram a região do Juruá e de centenas de rios amazônicos em busca das seringueiras, fundando seringais são os “Homens da borracha”, a próxima CC que analisamos.

**Quadro 39** - “Homens da borracha”.

Desbravadores **homens da borracha**, lendários seringalistas que vieram para a região do Juruá das praças de Manaus e Belém, financiados por vultosos recursos começam sua navegação, arrendando ou comprando terras e formando seringais por todo o Vale do Moa e Rio Azul ainda no século XIX: Capitão Luís Pereira da Costa – seringal Jaraguá; Mâncio Lima – Barão; José dos Santos – Aurora; Zeca e Beбето Maia – Belo Monte; os Lopes no Peri-Peri; Leônidas Gago – São Salvador; Edson Moraes, José David e Manoel Benvindo – Aquidabã; Novo Recreio – João Lima; Zeca de Oliveira, Adalgisa Rebouças – República; Acrísio e Temístocles Rebouças – Gibraltar, entre muitos outros. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Homens da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘homens’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. O sentido alvo dessa CC abrange todos os homens envolvidos em alguma posição de poder ou comando com o empreendimento gumífero: seringalistas (proprietários ou arrendatários), “barões”, “coronéis”, “seringueiros”. (Conferir as CCs “barões da borracha” e “coronéis da borracha”, p. 103 - 105).

Atividade fundamentalmente executada por homens, a presença das mulheres nos seringais se dá de forma tardia, quando a “crise” nos seringais já havia se instaurado. Foi, portanto, a atividade de produção de borracha nos seringais um exercício masculino, por excelência. A dispendiosa viagem do Nordeste para a Amazônia, custeada pelos seringalistas, tinha o foco na mão-de-obra para o corte da seringa, sendo, portanto, duramente cerceado o embarque de mulheres e crianças.

A análise das CCs vistas até aqui nos dá a certeza de que nem tudo eram flores nos seringais. Houve contendias, lutas, guerras, desavenças, objetivos em comum. É esse o contexto a que nos remete a CC “lutas da borracha”, analisada a seguir.

**Quadro 40** - “Lutas da borracha”.

As terras acreanas faziam parte de uma fronteira disputada pelo Brasil (através do Amazonas, seus seringueiros e seringalistas), Bolívia e Peru. Com as **lutas da borracha** e dos movimentos autonomistas, o governo brasileiro negocia essa imensa área e transformou inicialmente as terras acreanas em Território Federal e em meados do século XX em Estado da Federação Brasileira. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Lutas da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘lutas’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. A história da borracha no Acre agrega um importante capítulo denominado “Revolução Acreana”. Ao mesmo tempo em que a região do Acre gerava vultosos recursos à nação brasileira com o trabalho dos seringueiros cearenses por intermédio do Amazonas, era disputada por bolivianos e peruanos. Era uma terra por direito boliviana, mas de fato brasileira. Nesse contexto, deu-se a Revolução Acreana (movimento emancipatório dos seringueiros com o apoio dos seringalistas sob a liderança de Plácido de Castro) com o intuito de expulsar os bolivianos da região e forçar o governo brasileiro (com a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 1903 entre os governos do Brasil e da Bolívia) a reconhecer a região como brasileira e criar o Território Federal do Acre.

Tudo isso custou centenas de vidas e exigiu dedicação de um “exército” composto basicamente por seringueiros bravos e destemidos, com apoio dos seringalistas. Sob a perspectiva da “revolução em insólito território”, Meira (1998, p. 22) ressalta a bravura do seringueiro acreano destacando que “ali foi a nobre altivez de nossa raça por aquelas florestas despejadas, que repeliu nobremente o domínio estrangeiro, e duplamente engrandeceu a nossa pátria: aumentando-lhe o território e facilitando [...] a obra gigantesca de Rio Branco”.

Costa (1998, p. 67) destaca que “nos seringais, porém, a insubmissão persistia. Eram propriedades tidas por legítimas por aqueles que as haviam adquirido, por exploração primitiva e posse incontestável ou por compra [...]. Era precisamente esse direito que provocava a revolta”.

Com a vitória da Revolução e a consequente expulsão dos bolivianos do território reclamado, coube ao governo brasileiro estabelecer as tratativas, os acordos, o pagamento de “multas e indenizações”. Figura entre esses acordos a construção de uma ferrovia para o escoamento da borracha boliviana para os mercados industriais pelo Oceano Atlântico, via território brasileiro. Aí é que deu a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, após fracassadas tentativas. Com a criação do Território Federal do Acre, logo veio a decepção causada pelo pouco caso e abandono da região, agora território nacional e desvinculado do Amazonas por parte do governo brasileiro.

Na sequência desses episódios, surgem os movimentos autonomistas, que exigiam a criação do Estado do Acre. Os autonomistas expressavam suas ideias por meio de manifestos, documentos contundentes, feitos à luz de profunda emoção e amor patriótico. Silva (2013) destaca que nestes documentos está expressa a dura realidade dos milhares de seringueiros que viviam embrenhados nas matas, envolvidos no corte da seringa e que não percebiam a morosidade de um distante e indiferente governo federal brasileiro. A epopeia do Acre para pertencer ao território brasileiro é, portanto, repleta de lutas por afirmação cultural e identidade.

Das últimas décadas do século XIX até a primeira década do século XX, a Amazônia deteve o “monopólio da borracha”, vejamos o que isso significou na análise da nossa próxima CC.

**Quadro 41** - “Monopólio da borracha”.

Sabemos que a partir de 1912 o **monopólio da borracha** amazônica é quebrado pelos seringais de cultivo da Malásia que foram organizados a partir de uma cena espetacular de contrabando de sementes perpetrada por ingleses que vinham para as altas florestas disfarçados de cientistas. De posse das sementes a Inglaterra passa então a cultivar seringais em regiões de clima tropical igual ao da Amazônia, na Malásia. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Monopólio da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘monopólio’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Já afirmamos em outros pontos deste trabalho que os “barões da borracha” consideravam a seringueira uma dádiva divina. A seringueira era árvore da fortuna plantada pela mão de Deus em solo amazônico (para a sorte deles). Para a Amazônia deter o monopólio da produção de borracha, era somente necessário povoar o “inferno verde”, pensavam. Para isso, usaram dos mais variados meios. Pinto (1984) compreende que a primeira metade do século XIX encontrou a Amazônia parcialmente habitada com uma economia próxima do nível de subsistência, época em que Goodyear conseguiu materializar a vulcanização e, então, a “atividade gumífera” adquire alguma significação para a região.

Em termos nacionais, a borracha assumiu o terceiro lugar (atrás do açúcar e do café) no quadro das exportações brasileiras. Costa (1998) entende que o comércio assaz lucrativo da borracha e a extração relativamente fácil desse gênero, colhido na própria natureza, que o renova todos os anos, como era natural, atraíram todas as energias.

Calixto (1985) destaca que o Acre passa a ser, nas primeiras décadas do século XX, o terceiro maior tributário da União. Fato esse motivado pela conjuntura internacional favorável, que manteve o nível elevado dos preços e o seringueiro preso a um regime semiescravo, ou

seja, subjugado ao barracão pelo saldo, o que garantia níveis elevados de produção da “goma elástica”.

Peles ou pelas “de borracha”? Tendo as duas expressões como corretas, o léxico regional as emprega para denominar a unidade, a “bola” de borracha. Vejamos como fica a análise dessa colocação.

**Quadro 42** - “Peles de borracha”.

Quando do escoamento das **peles de borracha** ao final do verão. No inverno essa picada era inundada e a força da água do rio Moa começa a correr para dentro do igarapé do Barão. Esse por sua vez com volume d’água maior que sua capacidade, procura o caminho natural – outro igarapé, que num crescendo vão formando no inverno um percurso paralelo ao rio Moa, costeando a terra firme. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Pele de borracha” ou “pela de borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘pelas’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. Nessa colocação, ocorre uma corruptela vocabular, “pela” passou a se chamar “pele”. Com o processo de defumação ou defumagem, a borracha ganha forma oval, de uma bola, e ficava pronta quando atinge em média 50 quilos. No intuito de facilitar o traslado das borrachas das colocações até a sede do seringal (feito pelo rio em embarcações ou por dentro d’água com as “pelas” em forma de balsa, presas por um cabo) elas não podiam ser demasiadamente pesadas.

Ser um soldado e servir a Pátria amada é a meta do militar egresso nas forças armadas. Mas para a Amazônia do Segundo Ciclo da Borracha, os soldados vieram trabalhar nos seringais em esforço de guerra. É o que veremos com a análise da CC “soldado da borracha”.

**Quadro 43** - “Soldado da borracha”.

O Josué se aposentou como **soldado da borracha**, quando apareceu o soldado da borracha. (O Senhor não é soldado da borracha?) Sou, mas eu perdi dois anos. Procurei meus direitos pra me aposentar na época de vereador e me disseram: “ah, mas você é parlamentar, você não pode”. Eu retruquei que eles não sabiam de nada. E aí fui ao juiz. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Soldado da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘soldado’ + Prep. ‘da’+ Sf. ‘borracha’. Na Amazônia, a CC “soldado da borracha” está, diacronicamente, incorporada ao léxico, sendo usual e de aceção política. “Soldado da borracha” é todo cidadão ou cidadã que foi seringueiro ou seringueira durante a Segunda Guerra Mundial e conseguiu provar perante as autoridades constituídas, para poder ter direito ao benefício federal vitalício, estipulado por

lei<sup>39</sup>, que se estende a cônjuge e filhos portadores de necessidades especiais. (Ver também a colocação “batalha da borracha”, p. 102). Para conseguir se aposentar por tal benefício, é preciso comprovar determinados requisitos, tais como: idade, tempo de trabalho, testemunhas, documentos com datas, entre outros.<sup>40</sup>

O “soldado da borracha” foi recrutado do sertão nordestino para trabalhar nos seringais da Amazônia, financiados pelo capital internacional americano e com largo apoio do governo brasileiro. Toda a produção serviria para alimentar a indústria da guerra. A Amazônia era seu *front*<sup>41</sup>, o seringal sua “fábrica”, o trabalho diário a grande “batalha”, e o seringueiro torna-se, assim, naturalmente um “soldado”. Segundo Martinello (1988), esse movimento instituiu o “decálogo do seringueiro”, do qual faremos referência apenas ao quinto e sexto “mandamentos”:

Prometemos trilhar diariamente as estradas das seringueiras, porque, enquanto honramos os compromissos do Brasil que o Presidente Vargas firmou perante o mundo [...] integramos o Amazonas à economia nacional; prometemos cumprir as ordens do governo da República, porque arregimentados como soldados, trabalhamos como homens livres, à luz de contratos assinados com a benemerência do Estado Nacional (MARTINELLO, 1988, p. 228).

O movimento migratório da “batalha da borracha” retratava novamente as grandes levas de flagelados nordestinos rumos aos seringais. No entendimento de Martinello (1988), o que a Amazônia, naquela oportunidade viu, constituindo a maioria das levas de “soldados da borracha” foi uma orda de aventureiros, que preferiam ficar nas cidades, fugindo dos pousos andavam pelas ruas com seus uniformes típicos de “soldados da borracha”:

Calça frouxa de mescla, chapéu de palha virado, blusa larga de algodão, mochila às costas, alpercatas de rabicho, barba grande e a infalível peixeira a ilharga. Debandando dos acompanhantes, andavam aos bandos à procura de empregos, de moradia, de comida e de diversão barata, transformando os forrós em verdadeiros “pega-para-capar”. Uma pequena quadrinha, publicada pelo Diário da Tarde de 23.10.1943, deixa claro essa sensação de insegurança e medo que as duas maiores cidades amazônicas passaram a viver com a convivência inesperada de estranhos elementos:

Manaus – cidade menina  
Quem te conheceu como nós.  
Hoje adormece inquieta

<sup>39</sup> LEI Nº 7.986, DE 28 DE DEZEMBRO DE 1989.

<sup>40</sup> Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis). Acesso em: 2/05/2018.

<sup>41</sup> Diário da Assembleia, Rio de Janeiro, 23.08.1946, p. 4. “Os nossos ‘soldados da borracha’ em esforço de guerra, vão para o “*front*” parecendo degredados; sofrendo privações em todos os sentidos. O SNAPP (Companhia encarregada do transporte) demonstra ter a menor má vontade pelo esforço de guerra, tendo a cada dia uma nova exigência para os novos embarques”.

Pensando nos arigós<sup>42</sup>. (MARTINELLO, 1998, p. 228).

Como percebemos, a conjuntura da Guerra criou de fato a figura do “soldado da borracha” na Amazônia, com os incentivos vindos de partes variadas da sociedade, eles se viram repentinamente empoderados. Se existia o “coronel da borracha”, por que não fazer valer, também, o seu poder de “soldado”? Seria apenas uma questão de hierarquia. E quem sabe um dia chegariam lá, mas, ledô engano, a grande maioria foi parar nos seringais.

A seringueira é uma dádiva divina fincada na natureza em terras amazônicas. É provável que essa certeza tenha embalado os sonhos de muitos “coronéis”. Finalizamos a análise das CCs do nódulo borracha com a colocação “terra da borracha”.

**Quadro 44** - “Terra da borracha”.

Os primeiros moradores foram se fixando, mas sempre ligados às atividades do seringal Barão do Rio Branco. O senhor Francisco Azevedo nos conta que “ali no Barão era a **terra da borracha** e do gado”. “O coronel Mâncio Lima comandou dali um grande negócio, além de ter ajudado muito a todos ele incentivava a vinda das pessoas para cá, dando terras a essas para que pudessem ter seus próprios bens”, comenta ele com saudades. “São poucas as pessoas dos anos 30 e 40 que não tenham prestado algum tipo de trabalho no seringal Barão do Rio Branco. Era o centro econômico da Vila Japiim”, destaca. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Terra da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘terra’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. No contexto expresso no relato que compõe o CEVIJ, o seringal Barão do Rio Branco era a “terra da borracha”. Ou seja, um seringal onde se produzia muito, por sua vastidão e quantidade de homens a trabalhar. Dizia-se um seringal de 600 facas, isto é, 600 seringueiros.

Relatos orais de remanescentes que trabalharam com o proprietário, o coronel Mâncio Lima, confirmam que esse seringal era “muito rico e empregava muita gente. Produziu muita borracha” (SILVA, 2013, p. 238). No entanto, essa expressão extrapola as fronteiras de um seringal, seja qual for. A Amazônia, por um capricho da natureza, tornou-se a “terra da borracha”. A *hevea* adaptou-se bem ao clima quente e úmido das terras firmes e às áreas alagadiças dos igapós, as chamadas terras baixas ou várzeas. Essa CC nos instiga a olhar a grande Amazônia com suas peculiaridades e contradições. Tudo é grande na Amazônia: seu

<sup>42</sup> Nos estados do Amazonas e Pará, principalmente, “arigó” é termo designativo dado aos nordestinos, em especial cearenses, que para aí migraram a fim de participar da “batalha da borracha”. Apelativo (MARTINELLO, 1998, p. 228) “que na versão folclórica se dava a uma ave de arribação típica do Nordeste que vivia vagando de uma lagoa para outra. Com fama de arruaceiros e farristas inconsequentes, passaram a ser temidos pela população local”.

principal rio, o Amazonas<sup>43</sup>, seus caudatários, suas florestas, seus problemas, seus conflitos, sua destruição, a bravura e resistência de sua gente. “Terra da borracha”, sim, mas, após os dois grandes ciclos econômicos que marcaram sua história e sua sociologia, a vida na Amazônia insiste e persiste.

Outros autores veem a grande região como um desafio a ser perenemente vencido. Lima (2008) discorre sobre a carência cultural amazônica:

O homem ribeirinho nasce, cresce, envelhece e morre como se fora um apuizeiro, a surreal árvore aquática amazônica, cujas raízes crescem “de cima para baixo”, a partir dos galhos, não deixando muitas alternativas para tombar, sequer, ao final do seu ciclo vital. As transformações que vão desde a formação dos seringais, cuja exploração, como todo processo colonizador, era desumana. A trajetória cultural dos seringais, da ausência da escola à sua busca incessante, mobilizada pela compreensão de que o simples quadro natural não lhes basta. (LIMA, 2008, p. 134).

Portanto, a CC “terra da borracha” traz-nos de volta para a Amazônia real permeada de contradições, insistente, lamuriosa, ativa, de história milenar, guerreira, que luta por afirmação cultural e até hoje pela integração plena com o restante do Brasil.

A partir de agora, voltamo-nos para a análise dos outros nódulos do CEVIJ, que ficará restrita a duas CCs, em média, e em alguns casos, a uma colocação por nódulo, por questões de recorte.

No CEVIJ, a lexia “engenho” gerou 4 CCs, das quais analisamos duas. Na Vila Japiim, os engenhos tiveram presença marcante, seguindo a tradição nordestina da cultura da cana-de-açúcar, dos engenhos. Os maiores produtores agropecuários sempre tinham o engenho como uma das molas propulsoras de sua atividade. Num tempo de grandes carências e de nenhuma tecnologia, foi necessário ser engenhoso e inventivo, ou seja, poder de criação e habilidade. A análise das CCs formadas a partir do nódulo “engenho” comprova o que acabamos de afirmar.

Sem motores à explosão, os donos de engenho na Vila Japiim implementaram a roda como força semi-motriz (precisava ser acionada por outra força), experiência de sucesso nos engenhos nordestinos. Vejamos a análise da CC “engenho à roda”.

---

<sup>43</sup> A Bacia Amazônica, com seus quatro milhões de quilômetros quadrados, possui características extraordinárias, “o maior complexo fluvial do mundo”. Em relação ao total de água doce veiculado por todos os rios do mundo, o Amazonas representa a 5ª parte (BRANCO, 1989, p. 10).

**Quadro 45** - “Engenho à roda”.

Igarapé Preto (Ramal do Isaac) – José Felipe: **engenho à roda** de boi. Isaac Preto: engenho e casa de farinha à roda d’água. Cumpre observar que para a impulsão da roda era preciso força de água e para tanto, uma barragem e um açude. Como então formar uma barragem de 3 metros de altura x 50 metros de largura sem a ajuda de uma máquina? (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Engenho à roda” é uma colocação nominal: Sm. ‘engenho’ + Prep. ‘a’ + Art. ‘a’ + Sf. ‘roda’. Transplantados para a região acreana pelos nordestinos, especialmente os cearenses, os engenhos formam um capítulo importante na história cultural dessa região. Numa época em que imperava ainda a ausência dos motores à explosão, a roda foi fundamental na geração de força para movimentar as engrenagens do engenho. Ela podia ser movimentada por juntas de boi ou por correnteza d’água. Seu giro é que gerava força que poderia ser aproveitada para fins variados no trabalho agropecuário, principalmente, na fabricação do açúcar mascavo (na região Norte do Brasil: gramixó) e da farinha de mandioca.

Com a chegada dos motores à explosão, o trabalho nos engenhos foi facilitado sobremaneira. A análise da CC “engenho a motor” mostra-nos esse aspecto.

**Quadro 46** - “Engenho a motor”.

Igarapé Preto - Osvaldo Guimarães (Totô): **engenho a motor**, casa de farinha, criação de porcos e proprietário de barcos (batelões que faziam o transporte de passageiros e cargas no trajeto entre a Vila Japiim e Cruzeiro do Sul); Antônio Emídio: agricultor e proprietário de casa de farinha. Em 1977 foi inaugurada a casa de farinha do governo encerrando um primeiro ciclo de investimento do governo do estado do Acre através das Secretarias ligadas à produção (Emater, SDA, Fomento Econômico). (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Engenho a motor” é uma colocação nominal: Sm. ‘engenho’ + Prep. ‘à’ + Sm. ‘motor’. Os primeiros motores que chegaram à região da Vila Japiim representaram um impactante avanço no mundo do trabalho dessa região. No que concerne aos engenhos, representou um enorme salto de qualidade no rendimento e na produção. Os motores vieram substituir as cansadas “juntas de boi” que movimentavam pesadas rodas. Com o motor, os engenhos passaram a produzir mais e em menos tempo, impactando, assim, positivamente a cadeia econômica.

O próximo nóculo a ser analisado é “Juruá”, que gerou 4 CCs, das quais analisamos uma. O rio Juruá representou o grande elo cultural para a região acreana denominada Departamento do Juruá. Por intermédio dele foi possível, via rio Amazonas, chegar à fronteira com o Peru e navegar a costa brasileira, para o nordeste e o sudeste brasileiro. Há que se destacar também sua variada fauna aquática. As cidades que se formaram às suas margens são



testemunho vivo da época da borracha, sendo a maioria antigas sedes de seringais, como Porto Walter, Cruzeiro do Sul, Eirunepé, Guajará, Envira, entre tantas outras.

A luta por emancipação política e administrativa é a tônica da CC “autonomistas do Juruá”. Vejamos sua análise.

**Quadro 47 - “Autonomistas do Juruá”.**

O Partido **Autonomista do Juruá** proclama então governador provisório do Estado do Acre, o Coronel Antônio Antunes Alencar, escolhendo para compor a junta governativa Cel. Fco. Freire de Carvalho, Cel. João Bussons, Cel. Mâncio Agostinho R de Lima, que se comprometia a respeitar a propriedade e demais direitos adquiridos na forma legal vigente do país. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Autonomista do Juruá” é uma colocação nominal: Sm. ‘autonomista’ + Prep. ‘do’ + Sm. ‘Juruá’. Depois da formação do Território Federal do Acre vieram os movimentos autonomistas, ou seja, a luta pela criação do Estado do Acre por sua autonomia política. Esse movimento teve um expressivo polo na cidade de Cruzeiro do Sul - AC. No entender de Silva (2013), o manifesto autonomista do Alto Juruá, que data de 25 de junho de 1909 (auge do “ciclo da borracha”), expressou a situação do Território Federal do Acre, ou seja, a dura realidade dos que viviam nas plagas juruaenses no início do século XX. (Ver a CC “lutas da borracha”, p. 110).

No CEVIJ, o nódulo ‘pé’ gerou 4 CCs. As duas colocações analisadas destacam-se por inusitado conceito que foge ao usual. Vejamos a colocação cultural “pé de engenho”:

**Quadro 48 - “Pé de engenho”.**

Eu trabalhei 22 anos em **pé de engenho** ajudando os agricultores. Eu era o responsável, funcionava motor, ajudava na moagem. Recebia a renda e fazia tudo o mais. Nessa época o engenho já era a motor. Mas ainda lembro o engenho à roda, tocado a boi. Acompanhei ainda. O velho Jorge Maior, você não conheceu, morava aqui e plantou muita cana, ele morava no meio de um canavial (nas proximidades da antiga propriedade do Chico Viana e do senhor Jofre). Ali ficava o engenho. De madrugada a gente pegava os bois, colocava na bulandeira, naquela manjarra e ia tanger com a lama no meio da perna. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Pé de engenho” é uma colocação nominal: Sm. ‘pé’ + Prep. ‘de’ + Sm. ‘engenho’. Trabalhar em “pé de engenho” era dar sustentação aos serviços necessários ao funcionamento de um engenho; estar sempre de prontidão; ter disposição e coragem; acordar cedo e levantar. Era fazer a coisa andar; estar próximo; estar por dentro dos problemas e saber resolvê-los. O variado trabalho em um engenho exigia todos esses requisitos.

As festas nos seringais era o momento de dar voz à ludicidade, à descontração, à dança porque mesmo no *far west* ninguém é de ferro (SOUZA, 1978). É o que veremos na análise da CC “pé de violão”.

**Quadro 49** - “Pé de violão”.

A gente passava a noite todinha dançando e bebendo uns “goles” de aguardente, que guardado reservadamente no terreiro, era de acesso restrito. A música, era um cavaquinho, um violão e a goelinha, o gogó. Cantor era quem tinha a voz boa, era inteligente e aprendia as músicas. Eu fui um que cantei muito em **pé de violão**. (CEVIJ)

**Fonte:** Silva (2019).

“Pé de violão” é uma colocação nominal: Sm. ‘pé’ + Prep. ‘de’ + Sm. ‘violão’. As animações culturais nas vilas amazônicas ocorreram por muito tempo com um cantor acompanhado de poucos instrumentos musicais, tudo à capela. O cantor posicionava-se junto aos instrumentistas e “soltava a voz”, pondo-se a cantar. É este o sentido de “pé” nessa colocação cultural. Era estar próximo ao violonista, ao que tocava o violão, era estar do lado do violão, para que num conjunto de instrumentalidade e voz, medrasse a música.

Encerramos, assim, com o nódulo “pé de violão” a análise do CEVIJ. Como pudemos constatar as CCs deste corpus são significativas e se enquadram dentro do que estabelecemos como objetivo, agregando qualidade semântica à nossa pesquisa.

#### 4.3.2 O corpus COAC

No COAC, foram extraídos 19 nódulos, que geraram 78 CCs, com destaque também para o nódulo **borracha**, com 647 frequências, o que gerou 13 CCs.

Nesse corpus, outras lexias como “estrada”, “madêra”, “seringueiro”, “poronga”, “rodo”, “pau”, “seringal”, entre outras, se destacam por sua expressiva frequência e por gerarem combinações de palavras incomuns com relativa figuração. Na análise desse corpus, optamos também por iniciar com o nódulo “borracha” pelos motivos ressaltados anteriormente (ver p. 98). Nas Tabelas 3 e 4, expomos concomitantemente os nódulos e as CCs pertencentes a esse corpus. Com exceção do nódulo “borracha”, para efeitos do escopo desta pesquisa, analisamos em média duas colocações culturais para cada nódulo.

**Tabela 3** - As palavras-chave extraídas do corpus COAC.

Palavra-chave	Frequência	Palavra-chave	Frequência
Arriação	25	Mutá	16
Aviamento	12	Pau	321

Bandêra	60	Paxiúba	94
Boca	137	Poronga	70
<b>Borracha</b>	647	Prancha	112
Estrada	790	Rodo	142
Espigão	64	Seringueiro	135
Madêra	222	Seringueira	105
Manga	132	Tigela	179
Matêro	19		

**Fonte:** Silva (2019).

A análise deste subcapítulo se dá com os mesmos critérios do subcapítulo anterior, onde procedemos à análise do CEVIJ. Na exploração do COAC, tendo o nódulo “borracha” apresentado o maior número de entradas (frequência), concordâncias e colocações culturais de único, incomum e relativa figuração, iniciamos o procedimento de análise por esse nódulo.

Observamos que, nos quadros, a fala do documentador é precedida pela letra “D” e a do locutor, pela letra “L”. Elegemos, a partir dos 19 nódulos extraídos, as 78 CCs mais significativas e representativas do que estabelecemos como objetivo em nosso trabalho, conforme Tabela 4.

**Tabela 4** - As colocações culturais extraídas do corpus COAC.

Colocações culturais	Frequência	Colocações culturais	Frequência
<b>“BORRACHA”</b>			
“Borracha fina”	3	“Fabro da borracha”	1
“Boca da borracha”	3	“Nota da borracha”	1
“Bola de borracha”	4	“Pela de borracha”	1
“Bolá borracha”	2	“Porquêra na borracha”	1
“Bolota de borracha”	1	“Prancha de borracha”	2
“Corte da borracha”	3	“Saldo de borracha”	1
“Cavadô da borracha”	1		
<b>“ARRIAÇÃO”</b>			
“Arriação da seringa”	1	“Arriação grande”	1
“Arriação seca”	2		
<b>“AVIAMENTO”</b>			
“Bola de aviamento”	1	“Sistema de aviamento”	1
<b>“BANDÊRA”</b>			
“Corte da bandêra”	1	“Duas bandêra”	2
“Bandêra dividida”	2	“Palmo de bandêra”	1
“Bandêra da seringa”	3		
<b>“BOCA”</b>			
“Boca d’um oito”	2	“Boca na mata”	2
“Boca da estrada”	37	“Boca do baldo”	4
“Boca muito dentro”	2		
<b>“ESTRADA”</b>			
“Corte da estrada”	4	“Fim da estrada”	1
“Estrada de centro”	11	“Manga da estrada”	1
“Estrada de porta”	21	“Perna da estrada”	7

“Espigão da estrada”	3	“Rodo da estrada”	10
“Fecho da estrada”	8		
“ESPIGÃO”			
“Entrada do espigão”	1	“Espigão da estrada”	3
“Espigão de 15 madêra”	1	“Uma hora de espigão”	3
“MADÊRA”			
“Madêra de canto”	10	“Madêra de 5 arriação”	1
“Madêra bruta”	1		
“MANGA”			
“Boca da manga”	2	“Manga de reserva”	1
“Coloca manga”	1	“Madêra de manga”	3
“Fica de manga”	1		
“MATÊRO”			
“Botá matêro”	1	“Matêro vai bambulá”	1
“MUTÁ”			
“Fazia mutá”	1	“Mutá relevô”	2
“Subí num mutá”	3		
“PAU”			
“Arrastá o pau”	1	“Pau da madêra”	5
“Pau de fumaça”	1		
“PAXIÚBA”			
“Casa de paxiúba”	1	“Paxiúba batida”	1
“Pano de paxiúba”	3		
“PORONGA”			
“Poronga na cabeça”	10	“Via da poronga”	2
“Poronga no dente”	3	“Poronga acesa”	1
“Poronga velha”	1		
“PRANCHA”			
“Borracha em prancha”	4	“Fazê a prancha”	7
“RODO”			
“Rodo da estrada”	10	“Fora do rodo”	3
“SERINGUEIRO”			
“Vida do seringueiro”	7	“Casa de seringueiro”	4
“Trabalho de seringueiro”	6		
“SERINGUEIRA”			
“Cortar a seringueira”	6	“Mãe da seringueira”	19
“Leite da seringueira”	3	“Matar a seringueira”	5
“Riscar a seringueira”	1		
“TIGELA”			
“Batendo tigela”	2		

Fonte: Silva (2019).

Iniciamos a análise com a CC “borracha fina”, que significa ‘de boa qualidade’.

**Quadro 50** - “Borracha fina”.

Documentador (D) - Qual é a melhor delas? Locutor (L) - a defumada D - é mais pura? L - é ... a defumada é boa ... é que chama **borracha fina** D - e ela é mais caro ou mais barato? L - é mais cara ... a defumada ... vejo dizê que é ... mar hoje em dia aqui tá tudo uNa coisa uNa na ôta ... tanto far a defumada como a coalhada D - tudo é duzentos e cinquenta? (COAC)

Fonte: Silva (2019).

“Borracha fina” é uma colocação adjetiva: Sf. ‘borracha’ + Adj. ‘fina (o)’. A borracha defumada tratava-se de uma prática tradicional, pois, durante todo o “ciclo da borracha” trabalhou-se normalmente com a defumação. Feito de puro leite, o processo de defumação era lento, paciente e dificultava mais a introdução de “sujeiras” na borracha, de modo que a ‘peça’ só ficava pronta (quando atingia o peso ideal de 40/50 kg em média) após uma semana de defumação. Existiram os seringais que se afamaram pela qualidade de sua borracha (fineza; finesse) e outros, ao contrário, se notabilizaram por não produzir um produto de qualidade (agregando ‘porqueiras’ ao produto final).

A palavra “boca”, no Português do Brasil, dá origem a variadas combinações fixas idiomáticas. Algumas, dentro deste universo, são bem conhecidas, como, por exemplo: “boca da noite”, “boca suja”, “boca quente”, “boca de fumo”, “boca do forno”, “boca boa”, “boca no trombone”, “boca no mundo”, “fazer uma boquinha”, entre outras.

É o caso, também da CC “boca da borracha”, analisada a seguir.

**Quadro 51** - “Boca da borracha”.

D - como vocês faziam para amarrar as borrachas? L - pra amarrá só se fô baxando ... aí a gente mete uma corda na **boca da borracha** e faiz a balsa ... aí pra descê no rie desce ... agora pra subí não tem condições não D - era descendo? L - não ... nós subia ... mais a borracha era dentro da canoa. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Boca da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘boca’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. O processo defumatório determinava o paulatino crescimento da borracha em torno de uma peça roliça denominada “cavador”. Depois de pronta, o incauto observador poderia ter a ilusão de que a “pela” fora furada de uma extremidade a outra após o processo. O que não condiz com os fatos. A esse furo na borracha deu-se o nome de “boca”. A “boca” era muito importante, também, no momento de transportar a borracha até o barracão. Por ela, punha-se um cabo que servia para o controle das “pelas” (prendendo-as umas às outras) e para a formação das “balsas” (ver Anexo A), que desciam pela correnteza do rio até o barracão.

Com a CC “bola de borracha”, damos continuidade à análise.

**Quadro 52** - “Bola de borracha”.

Vocês têm que trabalhar os três dias para fazer uma **bola de borracha**? L - uns cinco dia... D - cinco dias? L - na base de ... uNa por semana ... só uma por semana? L - só! são poucos então por mês L - por mês já é três ... quatro ... a gente cortano bem faiz quatro por mês ... se não ... faiz três. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Bola de borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘bola’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. Por ter a forma “oval”, esférica, convencionou-se a expressão “bola” para se referir à borracha. Nos barracões do “ciclo da borracha”, seu entorno ficava esteirado de “bolas de borracha”. Isso era uma forma de armazenamento. Ademais, os seringais, via de regra, não dispunham de recintos adequados para tal fim. O processo de defumação tornava-a oval (a borracha), mas, mesmo o seringueiro exercendo o mecanismo de girar o cavador no sentido horário, não a tornava exatamente uma “bola”. Essa é uma denominação dada pelos seringueiros e seringalistas, por ser conceitualmente mais prática, aceita e usual.

“Bolá borracha” é uma ação necessária após o momento da defumação diária. Dava a forma de bola à pela. É o que veremos com a análise desta CC.

**Quadro 53** - “Bolá borracha”.

Defumador precisa do côco ... precisa ... quando num é côco é o cavaco ... aí tem a ... a rente precisa da fornaia lá no canto dela ... aí a rente tira uNas grade aí enfia uNa aqui ôta assim ((gestos)) aí coloca aquele nogóço no mei pa podê a borracha ficá em cima daqueles pau pa bolá em cima ... aí quando termina a rente vai tirá uNa tauba ... aí coloca a tauba pa botá a borracha em cima D - essa táboa tem nome? L - tem ... tauba de **bolá borracha** D - sim ... táboa de bolá borracha .. Quano acabá de defumá aí chamava às veize uma pessoa ... aí botava em riba da tauba ramo bolá ... bolava ... bolava ... pra ficá bem bocanazinha ... quando o patrão chegava que via a borrachona bonita. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Bolá borracha” (bolá) é uma colocação verbal: V ‘bolar’ + Sf. ‘borracha’. Se bolar remete-nos a planejamento ou estratégia, aqui, não é exatamente esse o sentido empregado. Percebemos uma adaptação do verbo (bolar). Bolar = sair bolando. Após o processo defumatório, era necessário bolá (bolar) a borracha em cima de uma ‘mesa’ apropriada. Essa prática dava mais consistência ao produto final e também lhe agregava boa aparência. A borracha bem bolada impressionava pela sua beleza e plástica de sua cor e pele. Então, esse ritual se tornou imprescindível dentro de seu processo de fabricação.

“Bolota de borracha”, próxima colocação analisada, sugere o sentido de pequenas bolas. Vejamos.

**Quadro 54** - “Bolota de borracha”.

O que era os comboios? L - camboio era... era camboio de animal né ... onde botava quarenta ... cinqüenta animal né ... entrava pro centro pra ví tudo carregado de borracha né ... era o saldo de borracha né ... cada um trazia duas **bolota de borracha** de cada lado ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Bolota de borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘bolota’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. Bolota, no diminutivo, tem o sentido de bola pequena, ou seja, uma pequena borracha, um princípio. (Ver a CC “bola de borracha”, p. 122).

A atividade laboriosa do seringal ganhou denominação variada. Alguns exemplos ilustram nossa afirmação: “cortar seringa”; “trabalhar com borracha”; entre outras. Vejamos a análise da CC “corte da borracha”, que mantém este sentido.

**Quadro 55** - “Corte da borracha”.

Mas só chegava meio dia? L - nós chegava méi dia do corte ... com o leite nós chegava cinco hora  
 D - qual o melhor período para o corte da borracha? L - pro **corte da borracha** ... qual é o melho ...  
 D - sim L - é em novembo D - só novembro? L - novembro ... janêro ... fevereiro ... março ... abril já  
 fica ruim ... porque ... aí quebra ... o leite fica bem pôquiNo ... aí coalha ... nas tigela D - como vocês  
 transformam o leite em borracha? (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Corte da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘corte’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. A lexia cortar faz referência, em sentido restrito, ao trabalho de imprimir um risco com uma faca na seringueira para colher sua seiva. Corte deriva de cortar. Podemos afirmar que as mais variadas atividades no dia a dia de um seringal podiam ser resumidas, em sentido amplo, no “corte da borracha”. Talvez, por ser essa a atividade *sine qua non* em torno da qual giravam todas as outras. Na verdade, em algumas ocasiões, cortava-se, de fato, a borracha, com o intuito de verificar sua pureza, mas não é esse o sentido aqui usado pelo locutor. Nesse caso, usava-se serrar a borracha. O “corte da borracha”, cortar a seringueira, sangrar a *hevea* foi a atividade principal do seringueiro.

A próxima CC, “cavadô da borracha”, tem sentido opaco. O verbo cavar é empregado, nesse caso, de forma adaptada. Vejamos:

**Quadro 56** - “Cavadô da borracha”.

Pra fazê a borracha eles coloco duas corda ... amarra duas corda assim na (( gestos )) ... no defumadô  
 na ... na liNa do defumadô ... aí coloca uNas argolaziNa assim de ferro (( tosse ))... aí coloca o  
**cavadô da borracha** ... coloca a bacia (( gestos )) D - tem o quê? L - uns torno D - ah L - tem uns  
 pauzinhos assim (( gestos )) ... aí coloca a bacia ali ... dali vão tirando o leite ... colocano pô cima da  
 borracha ... vai virando até ... ficá gande ... fica de trinta ... fica de quarenta quilo ... do tamaNe que a  
 pessoa qué fazê. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Cavadô da borracha” é uma colocação nominal: Sm. ‘cavadô’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Nessa combinação, o sentido ou conceito de “cavadô” foi adaptado. Passando, então, a ser entendido como o instrumento que cava o buraco na borracha, ao invés de cavar na terra. A borracha em bola tradicional tinha um buraco de uma extremidade a outra, em torno do

qual se dava o processo de defumação, ‘uma madeira roliça’, no sentido horizontal. Por meio desse “cavadô”, era possível bolar, defumar, movimentar a borracha. Ao término de uma semana, ele era retirado e começava-se tudo novamente com um “princípio”. (Ver colocação “boca da borracha”, p. 121).

A “fabricação da borracha” ganha, aqui, nova nomenclatura: “fabro da borracha”. É o que veremos na análise da próxima CC:

**Quadro 57** - “Fabro da borracha”.

A borracha é um diNêro que você não sabe o quê que faiz ... você ... o seringuêro sempe tem uNa história você diz assim ... esse ano num deu nada mais no ôtro ano eu vô melhorá ... eu vô colocá um recursoziNo na estrada e ... aí aquele negóço ... e vô tirá mais lête ... aí o patrão fornece mercadoria na época do invernosó né ... fornece mercadoria ... pra ... pro consumo enquanto você tá roçando na estrada e ... aí quando você entra o **fabro da borracha** ... já entra devendo e ... aí daqui que você pague ... aí vai comeno e vai comprando mais e no final a borracha não dá nada e o preço é mínimo também né e aí ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Fabro da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘fabricação’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. Como percebemos no destaque anterior, o locutor não utiliza a expressão fabricar, substituindo-a por “fabro”. Fabricar borracha foi o grande intento de toda a aventura extrativista da borracha na Amazônia. Embalados por sonhos e utopias, os seringalistas abraçaram a “causa da borracha” como sua e fabricaram milhares de toneladas da cobiçada “goma elástica”.

No seringal, saber ler e escrever era privilégio de poucos. A notação era uma atividade fundamental. Feita à mão, não podia ter erros. É o que nos mostra a análise da CC “nota da borracha”.

**Quadro 58** - “Nota da borracha”.

Comboi de burro ... eu num já disse pa você ... comboi de burro ... o comboêro ... o empregado do patrÔo ia buscá nos burro ... pegá a mercadoria e trazê com cinco seis burro né ... aí trazia ... quando era final do mês ... no fim do ano ele dêxava aí ... aí tiNa o gerente ... aí só pa tomá nota ... despachá mercadoria e tomá **nota da borracha** que vei e separá ... sim ... aí fazia que nem esse aqui e assim arrêa pr'acolá deiz ô quinze ô vinte pele ... aqui é miNa ... aqui é d'ôto e tiNa a marca do freguêis né! (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Nota da borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘nota’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘borracha’. Aquele que tomava nota gozava de prestígio no seringal, pois, saber ler e escrever em um universo de pessoas singelas e ingênuas era ofício de poder e destaque. Os noteiros eram aqueles que, quase sempre chefiando os comboios, anotavam as mercadorias descarregadas nas “colocações”, bem como registravam as “pelas de borracha” que seriam levadas para o barracão



(CALIXTO et al., 1985). A nota era feita pelo noteiro, homem com domínio da matemática e da leitura. Gozando da confiança do seringalista, a produção do seringal passava pelo seu punho. Sua gramática, escrita e matemática não podiam falhar, sob pena de prejuízo irreparável ao seringal. Ele funcionava como o fio da balança na cadeia produtiva do seringal, pois podia também, se cometesse erros, prejudicar o seringueiro. Segundo Ferrante (2007, p. 85), no seringal, frente a frente com o coronel, o momento de ajustes de conta é ímpar, pois “a seringueirada disseminada ao longo do balcão enche o recinto com seu vozerio caboclo. Sentado à mesa do escritório, o coronel Fábio assiste aos últimos acertos de contas, à paisagem da borracha, ao atendimento das notas”.

Prosseguimos à análise com a CC “pela de borracha”, assim entendida por apresentar textura macia e oval.

**Quadro 59** - “Pela de borracha”.

Dona Francisca quantas pessoas estão envolvidas ... por exemplo ... para tirar uma **pela de borracha** ... é um seringueiro quem tira só ou tem mais pessoas envolvidas? L - é só um que tira só uNa ... uNa ... duas pele de borracha é só d'um seriguêro D - hum ... hum ... e como ele faz para achar as árvores? L - esse tipo de gente assim que é seringuêro ... já é da mata eles ... eles ... sabe ... eles coNece a madêra na mata ... D - hum ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Pela de borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘pela’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. “Pela” tem o mesmo significado de “pele”. (Ver a CC “peles de borracha”, p. 112).

Barro, cocos da floresta, pedaços de madeira encontrados na borracha ao ser cortada, foi uma transgressão praticada pelo seringueiro e combatida pelo seringalista. Vejamos, então, a análise da CC “porquêra na borracha”.

**Quadro 60** - “Porquêra na borracha”.

Quando o patrão chegava que via a borrachona bonita inda batia assim na boca da borracha pra vê se tiNa porquêra ... MUITOS cortava a borracha assim no mei pra vê se tiNa porquêra ... tiNa gente que defumava no cilindo D - o que é porqueira? L - é : porque tiNa gente mermo que num tiNa responsabilidade né ... bota barro ... bota côco ... bota tudo de **porquêra na borracha** né ... alguém fazia isso ... agora eu ... da miNa convicção não ... tudo era celindrado ... aí faz o principe ... chama-se celindrada que é fina a borracha . (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Porquêra na borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘porqueira’ + Prep. ‘na’ (em a) + Sf. ‘borracha’. O que determinava o valor da borracha era seu peso. Diante desse *sine qua non*, o seringueiro passou a se utilizar de subterfúgios pouco ortodoxos que não condiziam com as tradições do trabalho no seringal ou mesmo com as regras estabelecidas, para aumentar o

peso de sua borracha. Prática essa que foi ostensivamente combatida pelos seringalistas. Uma vez descoberta a infeliz manipulação, que redundava em ato de desonestidade, o seringueiro responsável sofria duras penalidades, sendo, na maioria das vezes, banido do seringal, defenestrado para bem longe por “justa causa”. Essa atitude não era vista com bons olhos entre os próprios seringueiros, podemos observar que o locutor reclama: “Porque tiNa gente mermo que num tiNa responsabilidade né ... bota barro ... bota côco ... bota tudo de porquêra na borracha né”, (COAC). Daí deduzir que não foi uma prática generalizada.

A forma em “prancha” significou uma evolução na técnica de fabricação da borracha, mas chegou tardiamente aos seringais. Prosseguimos à análise com a CC “prancha de borracha”.

**Quadro 61** - “Prancha de borracha”.

Agora hoje ele num tão maise ... fazeno essa folha fumada ... eles tãO ... vão cortá é no (mato) ... vai cortá ... aí bota ... sai cortano ... chama-se a prancha: tá com ‘mais facilidade’ que quano eu comecei a cortá D - aí no ôtro dia é que vai ajuntá aquele cernambí né ... pra fazê a **prancha de borracha** e no ... no ... a seNora só dá uma corra por dia e quano era interiô que cortava pra difumá ... tinha que cortá ... colhé e difumá no período daquele dia ... D - era muito trabalho (COAC) poir bem ... aí como eu ia contano ... a derradêra palavra que eu uso dizê ... D - por que tem que cortar miudinho? L - pá ficá a prancha bem feita ... bem feita. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Prancha de borracha” é uma colocação nominal: Sf. ‘prancha’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. A borracha “pranchada” representou uma novidade e dispensou uma parte do trabalho nos seringais, principalmente o desumano processo defumatório, dando mais tempo ao seringueiro, que teve seu trabalho reduzido à metade: então só precisava continuar sangrando a seringueira diariamente, colhendo e preparando o leite para o processo de coalhamento. Depois era só imprensar. Essa operação se repetia até a “prancha” atingir o peso ideal.

Trabalhar incansavelmente para ao final do verão obter bom saldo era o sonho de todo seringueiro. A análise da CC “saldo de borracha” mostra-nos que nem sempre o trabalhador dos seringais conseguiu realizar esse objetivo. (Ver a CC “fazer na prancha”, p. 141).

**Quadro 62** - “Saldo de borracha”.

D - O que eram os comboios? L - comboio era... era comboio de animal né ... onde botava quarenta ... cinquenta animal né ... entrava pro centro pra ví tudo carregado de borracha né ... era o **saldo de borracha** né ... cada um trazia duas bolota de borracha de cada lado ... D - era mais fácil a vida do seringueiro nessa época? L - era ... ah sim ... demais né ... D - e vocês podiam plantar? L - podia plantá ... nós lá ... ah ... o seringuêro vivia folgado né ... D - o patrão deixava? L - deixava ... deixava nós plantá ... a vontade mesmo né ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Saldo de borracha” é uma colocação nominal; Sm. ‘saldo’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘borracha’. No contexto do COAC, saldo era toda a produção; era o que os seringueiros de uma determinada “colocação” conseguiam produzir em determinado verão<sup>44</sup> (temporada). Então, toda a produção era dirigida ao barracão e pesada, calculada. Dependendo da conta do seringueiro, ele detinha “saldo” ou não. Na maioria das vezes, não detinha. Já ficava devendo para a próxima temporada. (Ver a CC “sistema de aviamento”, p. 128).

Na colocação “arriação da seringa”, há a utilização do verbo “arriar” de forma adaptada. É o que veremos:

**Quadro 63 - “Arriação da seringa”.**

Não mata a seringueira L - mata não ... só se cortá no pau ... mais corta só a casca da seringa ... é uNa casca grossa ... ele risca (( tosse )) ... aquela casca ...? D - como é que se chama aquela parte assim da árvore que ele está riscando? L - é ... é ... arriação ... D - é? L - que chama ... bandêra ... D - ah ... assim L - tem bandêra da seringa ... da **arriação da seringa** que eu corto ... eu faço uma arriação grande ... ôtas faiz pequena D - é do tamanho de um palmo? L - assim de palmo e mei :... mais ô meno D - é uma bandeira? (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Arriação da seringa” é uma colocação nominal: Sf. ‘arriação’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘seringa’. A “bandeira” era feita em forma de “V” no caule da seringueira no sentido vertical, descendo; como se fosse a cada dia, arriando; daí “arriação”. Quando terminava aquela arriação, iniciava-se outra. Uma árvore de porte médio comportava mais de quatro arriações. A vida útil da seringueira dependia desse ritual. Se os “riscos” que formavam a arriação fossem profundos, a seringueira poderia definhar e morrer.

Uma arriação pode ser pequena, média ou grande a depender do porte da árvore que está submetida ao corte. Vejamos, então, a análise da CC “grande arriação”.

**Quadro 64 - “Arriação grande”.**

Eu faço uma **arriação grande** ... ôtas faiz pequena D - é do tamanho de um palmo L - assim de palmo e mei :... mais ô meno D - é uma bandeira? L - é ... aí eles fazem ... cortam ... por exemplo a ... a seringa é uNa madêra grossa assim ... aí uNa que é grossa eles fazem quato ... D - hum ... hum L - quato ... quato bandêra ... e se fô fina às veiz dá duas ... às veiz dá três ... conforme a grossura . (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

<sup>44</sup> Preferencialmente, as temporadas de “corte” nos seringais se davam no verão. Por motivos bem práticos, pois no inverno as águas dos rios subiam e inundavam os seringais nas várzeas. As chuvas torrenciais eram também outro forte empecilho. Mas existiam também os seringais de ‘terra firme’ onde era possível estender a temporada um pouco mais. Na ‘terra firme’ não alaga.

“Arriação grande” é uma colocação adjetiva: Adj. ‘grande’ + Sf. ‘arriação’. Houveram seringueiros que preferiram fazer uma arriação maior e outros trabalhar com arriação menor. Uma “arriação grande” tinha o tamanho aproximado de 2 metros e podia ultrapassar este tamanho se o seringueiro colocasse “mutá”. Muitos seringueiros cortavam até rente ao chão, mas os seringalistas proibiam esse procedimento, pois, segundo eles, prejudicava a seringueira.

O aviamento é o mesmo que suprimento. Nele, havia os gêneros básicos de que o seringueiro precisava para sobreviver na “colocação”. Prosseguimos à análise com a CC “bola de aviamento”.

**Quadro 65** - “Bola de aviamento”.

Aí ... poi bem ... a roça ... D - essa que a senhora planta entre o milho ... não é L - pois sim ... aí condo ... é ... ela tá com ano que ela rá tem batata ... a seNora vai ... arranca aquele pé mermo que a seNora plantô aqui ... ele tem ar batata embaxo ... a seNora arranca ... arruma ... aí a rente raspa ela todina ... bem rapadina ... lava ... D - com que raspa? L - com a faca ... D - tira a casca L - tira a casca dela todinha D - hum L - aí coloca ... ajeita e a bola ... ceva ela todina ... cai a massa já lá embaxo D - o que é a bola? L - bola?... é uNa **bola de aviamento** ... tem a bola L - tem uma aí ó ... L - tem o motô ... sentado ... cadê aquela bola?... dêxa eu mostrá ela aí. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Bola de aviamento” é uma colocação nominal: Sf. ‘bola’ + Prep. ‘de’ + Sm ‘aviamento’. No relato em destaque no quadro 65, percebemos que o locutor se refere ao processo de fabricar a farinha: “ - aí coloca ... ajeita e a bola ... ceva ela todina ... cai a massa já lá embaxo...”. Logo, a farinha é o aviamento por excelência. Em uma casa de farinha, (farinheira) denomina-se “bola” um objeto em madeira, roliço, composto de serrilhas que, conectado a uma força motriz, tritura a mandioca, preparando-a para a prensagem e, posterior preparo da farinha, base alimentar do seringueiro. Sendo assim, nesse caso, aviamento é o mesmo que alimento.

Contudo, o aviamento era algo mais complexo. Era um sistema arquitetado, bem bolado, para apenas um lado, via de regra, sair vencedor. É o que vemos na análise da CC “sistema de aviamento”.

**Quadro 66** - “Sistema de aviamento”.

O senhor compra onde ... na cidade? L - compra aí ... quano a gente quer ... a gente vai comprá na cidade né ... D - antes era o patrão depois passou a ser o marreteiro ... e hoje? L - hoje em dia ... hoje em dia é ... comprá tudo na cidade né ... D - compra-se tudo na cidade? L - é ... o marretêro ... D - vocês tinham lucro naquele **sistema de aviamento**? L - rapaiz ... D - ou prejuízo? L - naquele tempo pra mim era ... era ... melhó do que hoje né ... D - então tinha lucro? L - muito melhó né ... D - hoje tem mais prejuízo do que lucro? L - hoje temo ... nós temo muito mais prejuízo ... muito mais né ... D - por quê a borracha ... L - ah ... porque a borracha ... D - porque o preço caiu muito não é? (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Sistema de aviamento” é uma colocação nominal: Sm. ‘sistema’ + Prep. ‘de’ + Sm. ‘aviamento’. Para se recolher à “colocação”, o seringueiro precisava se preparar bem. Tinha que levar o básico para sua sobrevivência, pois não era permitido caçar ou pescar. Basicamente, segundo Cunha (1967, p. 24), os seguintes utensílios invariáveis: “um boião de furo, uma bacia, mil tigelas, uma machadinha de ferro ou faca, um machado, um terçado, um rifle, duzentas balas, dois pratos, xícaras, panelas, cafeteira, linha e agulheiro. E ainda, farinha, feijão, arroz, sal, açúcar, charque, café, banha, fumo e quinino para a malária”. Esse processo consistia no denominado “sistema de aviamento”.<sup>45</sup> Pode-se acrescentar à supracitada lista o custo do deslocamento do “brabo” de sua terra natal até o seringal.

Podemos perceber, então, a complexidade do sistema de aviamento. Sua lógica funcionava estrategicamente para beneficiar o seringalista. Sem ainda ter dado um único corte na seringueira, sem saber sequer o que era “estrada” ou “defumador”, o retirante nordestino chegava à Amazônia devendo uma quantia muito alta em dinheiro, que tendia a aumentar, à medida que ele se aproximava do porto do seu seringal e da sua parada final na “colocação”. (Ver a CC “saldo de borracha”, p. 126).

A próxima colocação tem sentido opaco. Há algo mais transgressor do que cortar uma bandeira? No entanto, essa foi uma atividade rotineira nas “colocações”. Prosseguimos à análise com a CC “corte da bandêra”.

**Quadro 67 - “Corte da bandêra”.**

Como chama quando o senhor faz o corte na seringueira? L - chama-se bandêra né ... D - esse corte da bandeira é de cima para baixo ou de baixo para cima? L - não seNora ... o **corte da bandêra** é assim (( gestos )) ... côrte velho ... é assim ô (( gestos )) ... o corte da bandêra é aqui ó (( gestos )) ... uNa parte aqui ... aí vem ôto aqui ... ôto aqui ... ôto aqui ... até em bâxo né ... D - e quando é de baixo para cima? L - bom aí ... aí já é bateria né ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Corte da bandêra” é uma colocação nominal: Sm. ‘corte’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘bandêra’. Entendido como incisão, na seringueira, o corte tinha que ser preciso: com coordenação motora exata, que garantisse uma métrica perfeita e a profundidade correta. (Ver Anexo A). Isquierdo (1998, p. 93) observa que “o grupo se vale de uma das acepções de bandeira – a imagem de um pedaço de pano – e a utiliza para designar o mesmo referente designado por essa lexia.

<sup>45</sup> “No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até o Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num “gaiola” qualquer de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Segue para o posto solitário encaçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres. Tudo isso lhe custa cerca de 750\$000. [...] Ainda é o “brabo” e já tem o compromisso sério de 2:090\$000”. (CUNHA, 1967. p. 24).

Associada, ainda, à ideia de pano, soma-se a da forma, normalmente retangular, da bandeira”. Sem esses requisitos, o “corte” ficava mal feito e prejudicava até mesmo a própria produção do látex, além da aparência ruim e de muito maltratar a *hevea*.

O “oito” numa “estrada” de seringa era o curto trecho que funciona como apêndice da estrada e que se assemelhava ao conhecido numeral. É o que nos mostra a análise da CC “boca d’um oito”.

**Quadro 68** - “Boca d’um oito”.

As estradas de seringa têm algum nome? L - tem ... perna direita ... tem perna esquerda ... tem oito ... e tem manga ... a manga é o seguinte: a manga dessa estrada vai aqui ... vai aqui isso aqui é uma manga ... o camarada chegô aqui ... entrô aqui ... cortô a madêra aqui ... volta por trás da estrada ... o oito ... chegô aqui é a **boca d’um oito** ... ele entra ... corta o oito ... fecha no mesmo canto ... e pega a estrada D - qual era o preço da borracha? L - o preço atual na época era três cruzeiro ... quatro. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Boca d’um oito” é uma colocação nominal: Sf. ‘boca’ + Prep. ‘de’ + Art. ‘um’ + Num ‘oito’. Uma “estrada de seringa” se subdividia em muitas pequenas estradas: “pernas”, “mangas”, “oitos”, “espigões”. A grafia de um oito, sabemos, começa e termina no mesmo lugar. Podemos então imaginar que, dentro da geografia de uma “estrada de seringa”, o oito é um apêndice composto por algumas seringueiras, e a boca, sua entrada. Segundo Calixto et al. (1985, p. 73), “normalmente, as ‘estradas’ acabam adquirindo uma forma de oito, sendo, por isso, batizadas de ‘estradas de oito’. Geralmente, isso acontece com “estradas” de margens, sempre tortuosas”. Ao fazer o corte do “oito”, o seringueiro retorna por onde entrou e continua na “estrada” o seu trabalho.

A lexia “boca” tem sentido de abertura e é utilizada no contexto do seringal para designar o início de qualquer caminho. Prosseguimos à análise com a CC “boca da estrada”.

**Quadro 69** - “Boca da estrada”.

Vocês colocavam onde? L - do baldo nós colocava na câxa ... aí da câxa tirava e colocava na prensa D - quando vocês colhiam o leite de seringa levavam para onde? L - pa câxa D - onde ficava a caixa? L - ficava na **boca da estrada** D - que horas vocês saiam para cortar seringa? L - duas hora da madrugada D - e chegavam a que horas? (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Boca da estrada” é uma colocação nominal: Sf. ‘boca’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘estrada’. “Boca”, sabemos, tem o sentido de cavidade ou abertura. Se a “estrada” é a direção, o caminho, o percurso, logo deduzimos que “boca da estrada” era onde este percurso se iniciava, sua abertura principal, sua entrada.

Mas “boca na mata” é uma colocação cultural utilizada para dizer que a “estrada” começa no meio da floresta. Embora conheçamos “caras e bocas”, “boca mole”, “boca fechada”, “boca aberta”, “fazer uma boquinha”, entre outras expressões que apresentam “boca” como base, o sentido dado à referida palavra, pelos seringais, é incomum. É o que nos mostra análise da CC “boca na mata”.

**Quadro 70** - “Boca na mata”.

O que é a estrada de centro ou estrada de porta que o senhor falou? L - bom ... a estrada de porta ... a estrada de porta ... ela é uma estrada de centro ... ela faces **boca na mata** ... ela vai só um camiNo ... aí chega lá dentro ... ela abre um oito ... faize um circo e fecha no mermo canto ... aí se chama estrada de cento D - a sua vida no seringal era boa ou ruim? L - rapaize ... vida de seringuêro neNuma é boa ... sempre a vida de seringuêro é uma vida sacrificosa ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Boca na mata” é uma colocação nominal: Sf. ‘boca’ + Prep. ‘na’ + S.f ‘mata’. No destaque do Quadro 70 o locutor é enfático: “ela é uma ‘estrada’ de centro... ela faces boca na mata”, (COAC). Com isso, ele diz que a “estrada de centro” se iniciava no meio da floresta, sua primeira madeira ficava distante do “tapiri”. Era preciso que o seringueiro se deslocasse até sua “boca”, ou seja, seu começo, para poder iniciar o corte. A sua entrada estava situada no meio da mata, na alta floresta. Essa CC tem ligação com a próxima que analisaremos.

Na Amazônia, “centro” é a zona rural ou centro da densa floresta. Sentido oposto, damos ao “centro” quando aludimos ao urbano ou cidade. A CC “estrada de centro” mostra-nos isso.

**Quadro 71** - “Estrada de centro”.

Olha teve uma época logo que eu comecei ... que eu tiNa muito medo ... eu andava ... saía cinco hora da manhã ... e cortava ... fechava e saía deiz e meia ... onze hora e ... aí quando eu chegava se fosse estrada de cento eu já entrava colhendo ... se fosse **estrada de cento** eu já entrava colhendo ... se fosse de porta ... demora ali uma meia hora pra podê ir D - quais dessas estradas são as melhores para se colher o leite na seringueira? L - sempre a melhô é a de cento D - por que a de centro? L - porque ela é madêra bruta e mais longe né ... é sempre a madêra grossa. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Estrada de centro” é uma colocação nominal: Sf. ‘estrada’ + Prep. ‘de’ + Sm. ‘centro’. O “centro”, no léxico amazônico, ganhou sentido diferenciado, como explicamos na CC anterior. Na Amazônia, nas comunidades rurais, “centro” é o centro da floresta. Ir para o “centro” representa sempre se afastar cada vez mais do perímetro urbano. É ir para a zona rural. “Estrada de centro” tem esse sentido. Ao deixar a casa e começar a andar pela picada na floresta, levava-se muito tempo para chegar na primeira madeira e assim iniciar o trabalho. Porém, essas

“estradas” eram melhores, pois as madeiras eram “brutas”, isto é, grossas, gigantescas, portentosas e davam látex em abundância com excelente qualidade.

“Está na porta”! Essa combinação lexical é usual em situações de comunicação no cotidiano. Isso equivale a dizer “está ao seu dispor”, “está ao alcance da mão”. A CC “estrada de porta” remete-nos a esse sentido, isto é, uma “estrada” que começa à porta do “tapiri”<sup>46</sup>. É o que nos mostra a análise.

**Quadro 72** - “Estrada de porta”.

Como é que o senhor chamava a estrada que o senhor pegava da sua casa para as estradas de seringa? L - estrada de porta D - o que é uma **estrada de porta**? L - porque é de porta ... fecha o corte em casa D - sim e as outras? L - a estrada de cento ... tem espigão ... faiz boca na mata D - então chega na mata entra por algum lugar ? L - é entra ... entrada por duas perna (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Estrada de porta” é uma colocação nominal: Sf. ‘estrada’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘porta’. “Porta” é meio de entrada ou saída ou abertura que dá acesso. É esse o sentido da expressão “está na porta”. A “estrada de porta” representava uma facilidade ao seringueiro, pois lhe possibilitava começar e fechar o trabalho do corte nas proximidades do “tapiri”. Viabilizava-lhe também ganhar tempo para o descanso entre o corte e a colheita, pois, na porta de casa estavam situadas as primeiras madeiras da “estrada”.

Um complemento anexado à “estrada”, a CC “perna da estrada” remete-nos a um apêndice, um *plus*<sup>47</sup>, anexado ao caminho principal do seringueiro.

**Quadro 73** - “Perna da estrada”.

É ... a gente vai ... aqui assim por exemplo gente corta trinta seringa né ... nuNa perna da estrada ... aí po lado esquerdo ô o direito ... às veiz abre um oito né ... com vinte madêra ... trinta ... aí a gente corta aquele oito ... aí sai no mermo lugá que entrô ... continua cortano pela ôta perna da ... pela ... pa sai pela ôta perna da estrada D - eu não entendi o que é a perna L - **perna da estrada** que chamo é o seguinte ... vai uNa perna aqui ... po exemplo ... ente aqui é o espigão né ... que nós chama ... aí aqui forma o fecho né ... da estrada ... aí segue uNa por aqui e a ôta aqui né D – sei... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Perna da estrada” é uma colocação nominal: Sf. ‘perna’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘estrada’. O substantivo “perna” é, em geral, entendido como algo que dá sustentação a um corpo, um móvel. No contexto de uma “estrada” de seringa “perna” era um caminho curto com algumas madeiras e que se situa de um dos lados da “estrada” principal. Os mateiros viam-se obrigados

<sup>46</sup> Casinha simples de madeiras roliças extraídas da floresta sem beneficiamento, feita para abrigar o seringueiro em seu local de trabalho, a “colocação”.

<sup>47</sup> Complementação, brinde, presente. (Tradução nossa.)



a aproveitar a maioria das seringueiras que iam localizando e, dependendo do número de árvores que se situavam nessas “estradas” secundárias, cada um desses caminhos ganhava um nome específico: a “perna” era um apêndice da trilha principal que podia conter várias seringueiras. (Ver a CC “madêra de canto”, p. 134).

A conhecida combinação lexical “fim da estrada” também foi usado nos seringais, mas com um sentido literal, não idiomático. Quando acabava o corte na última árvore, chegava-se ao “fim da estrada”, mas, surpreendentemente, o seringueiro chegava em casa, pois seu percurso rotineiro formava uma “grande volta”, à medida que se distanciava do “tapiri”, aproximava-se. Portanto, a expressão detém, ironicamente, sentido positivo. Tudo que um seringueiro desejava, na sua lida diária, era chegar ao “fim da estrada”.

**Quadro 74 - “Fim da estrada”.**

É ... cortano e colocano na tigeliNa pa apará o leite né ... aí antãoce o camarada quano termina ... entra por enxemplo entra assim né ... aí dá o rodo cá na estrada todiNa quano chega cá no fim ... D - a estrada toda L - é ... aí dá o rodo na estrada todinha ... quano chega no **fim da estrada** ... aí terminô de cortá aquela estrada ... aí vem pra casa passa um (( barulho )) ... um pôco em casa né ... uNas hora em casa ... uNa mea hora mais ou meno ... aí volta de novo pelo mêmo cantim que foi cortá ... aí volta de novo pa colhê o leite ... num sabe ... aí ... D - sim ... L - e aí sai ... D - então a estrada não é linha reta? L - não. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Fim da estrada” é uma colocação nominal: Sm. ‘fim’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘estrada’. Quando o seringueiro cortava a última madeira, indica que ele chegava ao “fim da estrada” depois de algumas horas de exaustivo caminhar. Trabalho encerrado e, naquela etapa do trabalho diário, não havia mais o que fazer. À medida que ele ia se aproximando do “fim da estrada”, no momento da colheita, seu caminhar ficava mais lento, mais pesado, pois levava consigo toda a produção de látex do dia. Normalmente, a “estrada” era uma imensa “volta”, um arroteio ou “rodo” e, quando ele fechava o corte para poder iniciar a colheita, esse momento é chamado de o “fim da estrada”.

“Espigão”, que normalmente está relacionado à altura, à vertical, no contexto dos seringais, foi adaptado e fez menção ao espaço entre as seringueiras, horizontalmente. Vejamos a análise da CC “espigão da estrada”.

**Quadro 75 - “Espigão da estrada”.**

Aí volta prá estrada ... aí chega novamente na boca dela ... que é onde fecha novamente ... aí tem ... antes de chegá na boca dá o nome de espigão D - certo L - **espigão da estrada** D - então o senhor começa cinco horas da manhã ... e chega que horas [...] L - deiz minuto de espigão se fô longe ... aí corta ... quando dé nove hora tá em casa espigão é as madêra distante D - é a madeira da seringueira?... L - é ... madêra distante d'uma seringuêra pra ôtra sabe ... D - hum rum ... L - você ... tem uma madêra

aqui ... aí você vai MUITO ... anda assim: cinqüenta ... sessenta ... quase sessenta metro ... oitenta metro prá chegá nôtra madêra aí é o espigão. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Espigão da estrada” é uma colocação nominal: Sm. ‘espigão’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘estrada’. Nessa colocação, o sentido da lexia “espigão” é adaptado. Normalmente, as madeiras (seringueiras) em uma “estrada” estão situadas relativamente próximas (isso não dependia da vontade própria de nenhuma pessoa, já que o seringal era nativo). O “mateiro” na sua atividade de identificar as seringueiras em meio à cerrada *hileia*, sob o olhar do dono do seringal, recebia a orientação de não criar “espigão” na “estrada”, mas nem sempre foi possível cumpri-la. Deu-se o nome “espigão” à uma reta onde a proximidade das seringueiras fugiu ao convencional, onde elas estavam mais distantes umas das outras. Era uma reta no meio da floresta ligando uma madeira a outra. No quadro 76, o locutor explica: “Espigão é as madêra distante D - é a madeira da seringueira?... L - é ... madêra distante d'uma seringuêra pra ôtra sabe”? (COAC).

Vejamos a colocação cultural “madêra de canto”.

**Quadro 76 - “Madêra de canto”.**

Aí volta pra trás e pega a estrada de novo ... chega a tê madêra de canto na bêra da estrada D - e isso aí é o quê? L - é madêra de canto é aqui é a manga ó ((gestos)) né ... assim a bêra que vem bem aqui é uNa **madêra de canto** é assim que faiz ... assim é o oito D - é isso aqui é o quê? L - aqui é a estrada D - é uma reta assim ((gestos))? L - é ... não faiz muita volta ... negócio que eu fiz reto D - ah sim. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Madêra de canto” é uma colocação nominal: Sf. ‘madêra’ + Prep. ‘de’ + Sm. ‘canto’. “Canto” é uma extremidade. Podemos entender que a “estrada de seringa” se assemelhava a uma “colcha de retalhos”: eram “pernas”, “mangas”, “oitos”, “espigões”, “cantos”... todas essas lexias davam nomes aos variados caminhos (muitas “estradas” em uma) que compuseram uma “estrada”, ajudando-a a formar um todo. Uma “madêra de canto” pode ser entendida como aquela árvore que ficava bem próxima à “estrada”, mas, ao contrário do “oito”, da “perna” ou da “manga”, era somente uma madeira e ficava fora da “estrada”. Chegava-se até ela por uma exígua picada, por onde se retornava para dar prosseguimento à jornada.

As *heveas* trabalhadas no período do “ciclo da borracha” eram as árvores adultas, fruto da evolução e do ciclo natural da suntuosa flora amazônica. No entanto, as de difícil acesso tornavam-se mais portentosas. A essas, chamou-se “brutas”. Vejamos a análise da CC “madêra bruta”.

**Quadro 77** - “Madêra bruta”.

Olha teve uma época logo que eu comecei ... que eu tiNa muito medo ... eu andava ... saía cinco hora da manhã ... e cortava ... fechava e saia deiz e meia ... onze hora e ... aí quando eu chegava se fosse estrada de cento eu já entrava colhendo ... se fosse estrada de cento eu já entrava colhendo ... se fosse estrada de porta ... demora ali uma meia hora pra podê ir D - quais dessas estradas são as melhores para se colher o leite na seringueira? L - sempre a melhô é a de cento D - por que a de centro? L - porque ela é **madêra bruta** e mais longe né ... é sempre a madêra grossa. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Madêra bruta” é uma colocação adjetiva: Sf. ‘madêra’ + Adj. ‘bruta’. Apresenta idiomaticidade. As “seringueiras de centro” são consideradas de estado natural, são “árvores mãe”, em torno das quais vão sendo geradas novas seringueiras. São, portanto, portentosas, suas copas pareciam “beijar” as nuvens. Na disputa pelos raios de sol em meio a hileia exuberante, elas cresciam muito, tornando-se “brutas”. Essas árvores são fartamente leitosas e fertilmente frutíferas. Uma grande seringueira em estado natural pode abrigar até dez “bandeiras”.

A “manga” fazia parte do grande labirinto a que era uma “estrada de seringa”. Entendamos porque o mateiro precisava “colocá manga” em uma “estrada”, com a análise da CC seguinte.

**Quadro 78** - “Colocá manga”.

Se o matêro dexá a manga na estrada né ... fizé ela de manga D - se quem deixar? L - o matêro que abriu ela D - ah ... está ... L - é ... mais se ele num ... num **colocá manga** não fica D - e perna? L - né ... perna tem ... perna se é ... chama de perna esquerda e a direita D - quantas madeiras há em cada perna ... aproximadamente? L - é.. aí também ... depende né ... porque tem perna de estrada que ela tem até deir mâdera né D - é tem alguma árvore que fica fora do caminho? L - as que fica fora do camiNo chama as manga ... os oito... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Colocá manga” é uma colocação verbal: Vt ‘colocar’ + Sf. ‘manga’. Entendida como uma grande “volta”, a “estrada de seringa” leva-nos a compreender a atividade do seringueiro como um “efeito bumerangue”. Chegava-se por onde havia partido. Então, mais uma vez, destaca-se a importância do trabalho do “mateiro” na montagem desse “quebra-cabeça” representado pela “estrada de seringa”. Ele tinha que ter uma noção precisa da grande volta que necessariamente tinha que dar.

É exatamente a volta que permitia o tempo necessário para a colheita do leite, na segunda etapa do trabalho na “estrada”. O seringueiro tinha que começar tudo novamente, pela primeira madeira que cortou, exatamente onde o volume do látex na tigela estava maior, pois tinha mais tempo de escorrimento do látex. Entretanto, a “manga” estava fora desse perímetro. É um apêndice que funcionava como opção, podia ser cortada ou não. Normalmente, o mateiro

adicionava um “oito” para aproveitar árvores seringueiras que ficam nas proximidades da “estrada” principal. (Conferir a CC “madêra de canto”, p. 134).

Como a “manga” é um opcional, pode ficar de reserva. É o que nos mostra a análise da CC “manga de reserva”.

**Quadro 79** - “Manga de reserva”.

Qui é a volta da estrada ((gestos com as mãos)) ... aí já pra cá ((gestos)) fica aquelas madêra pr'ali ((gestos)) ... já chamam manga D - e quando querem cortar o caminho? L - aí já dêxa essa **manga de reserva** ... não vai cortá ela ... D - carregam muito leite quando vêm? (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Manga de reserva” é uma colocação nominal: Sf. ‘manga’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘reserva’. Funcionava como uma opção para reforçar a produção de látex, uma complementação. Se a produção de látex com as madeiras de praxe minguassem, passava-se a usar, também, a “manga”. Ficava situada fora da volta da “estrada”, mas nas proximidades do “tapiri”, na “colocação”.

A abertura de uma “colocação” requeria cautela e perspicácia. Trabalho para especialista. Então, para essa atividade, chamava-se o “mateiro”.

Prosseguimos à análise com a CC “botá matêro”.

**Quadro 80** - “Botá matêro”.

O matêro é só pa í **“botá matêro”** quano era pa abrí ... explorá uNa colocaçÔo tarra no dele e às veize tiNa seringuêro mermo inteligente ... um nascido e criado aqui porque ele mermo botarra a estrada dele ... às veize nós chamarra recurso ... sabe como é recurso? ... tem estrada que já tá munto trabalhada a gente acharra quinze ... vinte madêra conforme ... madêra virge que nunca foi trabalhada ... nos tempo antigo que é só botá o machadim ... tá aqui ... eu achei uNa rota de seringa e vô pegá a estrada. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Botá matêro” é uma colocação verbal: Sm. ‘mateiro’ + V ‘botar’. (Botá = botar). Como bem destacamos anteriormente, no processo de abertura de uma “estrada”, entra em cena a figura do “matêro” (mateiro: homem que sabe andar na mata, na floresta; que se guia pela intuição prática ou por bússola). Identificar (procurar, catar, demarcar) as seringueiras no meio da floresta não era trabalho simples. Ao contrário, no entender de Calixto et al. (1985), era trabalho árduo, cansativo e especializado, sutil, pois redundava no preparo da área onde se daria a extração do látex. Sem perder o senso prático, isto é, a noção de que a “estrada” devia necessariamente fazer um “rodo” (uma volta), o mateiro fazia se acompanhar de um ajudante, o toqueiro. Ao encontrar a primeira seringueira, saía em busca da próxima, deixando o toqueiro demarcando o local da árvore mapeada. Ao encontrar a segunda, fazia um sinal audível específico e, então, o toqueiro partia ao seu encontro por uma rudimentar picada interligando

as “madeiras”. Dali, partiam em busca de outra e assim por diante. Uma “estrada” de tamanho médio detinha em torno de 150 árvores, enquanto as grandes até 200 árvores ou mais. Os seringais mais estruturados contratavam seus próprios “mateiros”. Outros, por sua vez, contratavam esse serviço temporariamente.

O “mateiro” não podia perder o senso da volta. Demarcar uma “estrada” de seringa assemelhava-se a rodar um bambolê. Por isso, ele tinha que perambular, caçar, “bambulá”. É o que nos mostra a CC “mateiro vai bambulá”.

#### Quadro 81 - “Matêro vai bambulá”.

Como é que o seringueiro faz pra encontrar a estrada se ela não estiver pronta no meio da floresta ... da mata? L - ah aí precisa arrumá um matêro que tem ... o matêro né ... aí entra na mata picano ... vai mais o seringuêro ... aí quano acha uNa seringa aí o seringuêro fica ali perto e o **matêro vai bambulá** aquela terra né ... aquela área ... D - vai o quê? L - vai dá a volta né ... D - bambular? L - caçá sim ... perambulá né ... vê se acha ... D - ah sim ... L - alguNa ôta árve né ... aí quano ele acha uNa árvre aí lá ele bate com teçado assim ((batidas )) ... na seringa ... aí a gente grita de cá ... aí tira o PIQUE ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Mateiro vai bambulá” é uma colocação verbal: V. ‘bambolar’ + Prep. ‘do’ + Sm. ‘mateiro’. (Bambulá = bambolar). O mateiro foi figura proeminente na implantação de uma “estrada de seringa”, pois tinha que dispor de inteligência empírica específica: saber se orientar na floresta (para não se perder) em busca das seringueiras, safar-se de perigos naturais e ter o senso da “volta”, do “bamboleio” da “estrada” que devia terminar onde começou, com uma média de 150 árvores identificadas e empicadas. Dessa forma, seu trabalho lembrava, sim, um bambolê. Um trabalho em forma de círculos, ou de um grande círculo. O locutor explica no quadro 81 dá seguinte forma: “Vai dá a volta né ... D - bambular? L - caçá sim ... perambulá né ... vê se acha ... D - ah sim ... L - alguNa ôta árve né”. (COAC).

Após esgotarem-se as possibilidades de corte das seringueiras nas bandeiras mais baixas, arranjava-se um meio para atingir as partes mais elevadas das árvores através do “mutá”.

#### Quadro 82 - “Fazia mutá”.

A dificuldade da seringa quano eu comecei a cortá ... aí me criei cortano de pé no chão ... começava a arriação assim da altura da pessoa né ... D - sim L - aí c'uns ano que ... c'uns ano né ... né ... termina o corte né ... qué dizê que fica ... a madêra num fica mais vige porque aquilo já tá tudo cheio de golpe né ... fica os pano vige pra cima ... aí lá ramo fazê um dregrau ... fazê um pau ... botava assim um pau com ... fazeno aquele dregrau ... aí chega e sobe até com dezoite dregrau a gente **fazia mutá** pra cortá lá em cima pra podê tirá o leite ... pra vê se ajuntava mais o produto porque embaixo num dava mais leite ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Fazia mutá” (fazer) é uma colocação verbal: V ‘fazia’ + Sm. ‘mutá’. Implantar “mutá” na seringueira foi um ato condenável no seringal. Uma espécie de “trapiche suspenso” a uma altura de aproximadamente dois metros do chão. Após esgotarem-se as possibilidades do corte nas bandeiras normais, o seringueiro optava por colocar o “mutá” e assim alcançar áreas elevadas da seringueira para o corte. Por ser instável, o “mutá” era perigoso. Exigia do seringueiro equilíbrio e força pois tinha que subir levando faca, balde e poronga.

O “mutá” foi um artifício considerado de suma maldade com a árvore, pois enfraquecia-a e a maltratava, podendo levá-la à morte. Em sua narrativa, no quadro 82, o narrador esclarece que: “A madêra num fica mais vige porque aquilo já está tudo cheio de golpe né ... “fica os panos vige para cima ... aí lá ramo fazê um dregrau ... fazê um pau ... botava assim um pau com ... fazeno aquele dregrau ... aí chega e sobe até com dezoite dregrau a gente fazia mutá”. (COAC).

Nas palavras de Ferrante (2007, p. 126), também fica claro o desprestígio de um seringueiro que usa o mutá: “aí foi que descobriu porque o Serapião era bom seringueiro. O homem botava “mutá”. Tinha uma seringueira, coitadinha, mirrando-se que causava dó. Tava morrendo enlanguescida. Foi um fim de mundo. O coronel suspeitou que havia outras naquele estado”. Na verdade, frente ao seu relacionamento diário com a árvore, o seringueiro tinha a seringueira como um ser vivo. Nesse sentido, o autor (2007, p. 127) destaca ainda: “Mutá é dasapiedade. Não existe quadro mais triste do que uma seringueira morrendo sangrada pelo mutá; se esvaindo em leite, se acabando devagar. Deus do céu, asseguro à vosmecê, aquilo é vivente. Dar muita vontade de lhe fazer carinho”.

Quando o seringueiro detinha a sensibilidade necessária ou leveza, sua mão pesava e ele arrastava o pau na hora do corte, o que, acredita-se, acabava por matar a seringueira. Por isso, não se podia “arrastá o pau”. Vejamos a análise dessa CC:

**Quadro 83 - “Arrastá o pau”.**

<p>As corta alto ou corta baixo? L - (corta) baxim e corta rasiNo ... pa num cortá o pau dela lá dento ... corta só a casquiNa dela em cima ... manêra D - sim L - num corta de com força pa <b>arrastá o pau</b> não ... só aquela casquiNa manêra aí... D - aí depois ela cicatriza? L - é ... aí depois aquela ... aquela riação que a rente corta daqui pra lá ... nóir não corta mais... D - esse pedaço que corta chama riação L - chama riação pra baxo D - se vai descendo chama riação L - é ... aí quando encostá no toco ... a rente já arrodêa ela pro ôto lado ... já ... dêxa aquela ... corta do ôto lado. (COAC)</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Silva (2019).

“Arrastá o pau”, (arrastar) é uma colocação verbal: V ‘arrastar’ + Art. ‘o’ + Sm. ‘pau’. O corte da seringueira era feito por meio de riscos, que em forma de “V” delimitavam a “bandeira”. Porém, esse risco tinha que ser feito com maestria, com precisão, com sensibilidade e somente na casca, parte relativamente espessa onde corre o látex, para garantir a preservação da madeira. Quando o risco era feito de forma mais desatenta, com força desproporcional, ficava profundo e atingia a parte sólida da árvore, “arrastando o pau” (atingindo, cortando). Esse procedimento era inadequado e prejudicial à *hevea*, podendo levá-la ao total definhamento.

As árvores da floresta amazônica crescem muito. Elas ficam gigantes na luta com as co-irmãs, pelos raios solares. São árvores de copas imensas rogando aos céus. No processo de defumação, a fumaça oriunda da chaminé no defumador era forte e lembrava uma árvore, pois começa fina e à altura de um metro forma uma “copa”. A análise da CC “pau de fumaça” faz essa analogia:

**Quadro 84** - “Pau de fumaça”.

Aí ... o cara joga cavaco dentro e taca fogo de baixo ... aí ela sobe o **pau de fumaça** ... D - para que serve essa fumaça? L - pa defumá o lête ... D - e o que vocês fazem quando o leite não coalha? L - nós defuma todim... D - mais as vezes o leite fica com dificuldade de qualhar L - a gete bota caximguba dentro... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Pau de fumaça” é uma colocação nominal: Sm. ‘pau’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘fumaça’. “Pau” dá origem a uma gama de expressões usuais no léxico amazônico: “pau de lenha”; “descer o pau”; “paulada”; “levar pau”; “pau com formiga”, entre outras. Tradicionalmente, também faz acepção a lenha. Lenha gera fumaça, que foi o elemento marcante no defumador. A lenha usada no defumador era o cavaco, uma pequena lasca de madeira apropriada para a geração de fumaça. A fumaça gerada por um defumador era maciça, um volume muito forte e incontrollável. Como, ao chegar na boca da fornalha (forma de pirâmide) ela congestiona, sobe com força e se espalha ao atingir o teto do “tapiri”, ganha a acepção de uma “árvore”, um “pau”. Isso permitia que o seringueiro procedesse à coagulação do látex, formando, assim, a borracha pelo processo de defumação já explicado em colocações culturais anteriores. (Ver Anexo A).

A paxiúba é uma palmeira comum na Amazônia, podendo ser encontrada tanto nas várzeas quanto em “terras firmes”<sup>48</sup>. Foi muito utilizada na construção das casas dos ribeirinhos e dos seringueiros. Vejamos então a análise da CC “pano de paxiúba”.

<sup>48</sup> No entendimento empírico do homem amazônico, a terra de várzea, alagadiça, lamacenta, não é firme. Corresponde à “terra firme”, somente as terras de planícies, secas e propícias à agricultura.

**Quadro 85 - “Pano de Paxiúba”.**

Tirano as casca da vassôra ... ((canto de galo)) da paxiúba ... aí far a ... tira aqueles **pano de paxiúba** ... tira aquela bucha D - tira pano de paxiúba? L - sim D - o que é pano? L - chama os pano ... é que ... os pano é que chama porque a comparação aqui é a tauba né ... lá os pano a rente tira aqueles pedaço grandão con ... conforme ser o tamanho um metro ô dois ... do soalho ... da casa ... e ... aí a rente bate a paxiúba ... aí chama os pano que é largo num sabe ... aí a rente joga dento de casa dois pano treise e soalha assim um pedaçoNo como daqui ali ... ((gestos)) (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Pano de paxiúba” é uma colocação nominal: Sm. ‘pano’ + Prep. ‘de’ + Sf. ‘paxiúba’. A paxiúba é uma palmeira dos rios e igapós da Amazônia. Na ausência das tábuas em madeira serrada<sup>49</sup>, tornou-se usual o “pano de paxiúba”, assim denominado por ser maleável como uma peça em tecido. A paxiúba é uma palmeira muito resistente e, retirada a sua parte de âmago (uma polpa embuchada), a sua entrecasca é formada por uma compostura rígida, extremamente sólida e de cor escurecida, que beneficiada industrialmente agrega elevados aspectos econômicos e estéticos. Nos rincões amazônicos, é usada até hoje. Na época da borracha, foi utilizada para formar as paredes da casa, mas, em muitos casos, fazia-se também o assoalho, o piso. O narrador, no quadro 85, fala desse processo: “conforme ser o tamanho um metro ô dois ... do soalho ... da casa ... e ... aí a rente bate a paxiúba ... aí chama os pano que é largo num sabe”. (COAC).

Para executar o trabalho em uma “estrada de seringa”, duas mãos não são suficientes. São muitos os utensílios que o seringueiro precisa levar consigo: faca, espingarda, poronga, balde, etc. Daí o uso da boca para segurar a “poronga” durante o período noturno, em que ele sempre começava o trabalho. Prosseguimos à análise com a CC “poronga no dente”:

**Quadro 86 - “Poronga no dente”.**

Tem delas que é no chão e tem delas que é atrepado né ... tem aqueles pau ... ente coloca aqueles pau logo ... já no alto ... chamo ... nós ... eu chamo mutá D - sei L - a gente coloca lá em cima ... faz aqueles dente ... aí ele chega ... usa um pau na poronga ... pego e coloco um pedaço de pau desse tamanho (( gestos com as mãos ))... boto aqui no dente e subo com ela no dente ... e lá eu corto ... lá de cima eu passo pra outra arriação ... corto com a **poronga no dente** ... quando acabo vem com os quêxo em tempo de em tempo de soltá D - nossa senhora L - e tem que fazê força ... a poronga grande cheia de querozene né ... pra passá a noite aí. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

<sup>49</sup> As casas feitas de tábuas beneficiadas eram pouco acessíveis, somente os proprietários, os seringalistas, os “coronéis da borracha” gozavam deste privilégio. Apesar da abundância de madeiras de lei, de boa qualidade, a manufatura das árvores em peças, tábuas, barrotes, era trabalho dispendioso e caro.



“Poronga no dente” é uma colocação nominal: Sf. ‘poronga’ + Prep. ‘em’ + Art. ‘o’ + Sm. ‘dente’. A “poronga”, até hoje, está para os seringais<sup>50</sup> como a lâmpada elétrica está para cidade. É o meio de iluminar o ambiente, seja em casa, seja numa “estrada de seringa”. Feita à base de *flandres*, uma lâmina resistente de que são feitas as latas, ela é interligada do reservatório à extremidade superior do tubo por um tecido enrolado na forma de pavio. Uma parte desse tecido fica mergulhada no querosene dentro do reservatório, a outra parte fica na extremidade superior do tubo onde é provocada a chama que ilumina. Com um “espelho”, enegrecido pela fumaça, que impede a claridade de lhe ofuscar a visão, o seringueiro precisa das duas mãos livres no ato do corte da seringueira. É nesse momento que ele usa os dentes para fazer a sustentação da “poronga”, por um cabo em madeira roliça, para iluminar o local de sua ação.

O seringueiro usava a luz da “poronga” tanto para cortar quanto para defumar e, claro, para iluminar o “tapiri”. É o que nos mostra a análise da CC “poronga acesa”.

**Quadro 87 - “Poronga acesa”.**

Quanto tempo anda ... quantas horas o senhor leva para percorrer? L - a gente sai ... sai de casa quatro hora da madrugada ... fecha o corte onze e meia ... qué dizê que ... cinco ... seis ... sete ... oito ... nove ... deiz ... muitas veze eu chegava de noite em casa ... precisava eu levá a poronga pra lá ... defumano e a **poronga acesa** e cortava... D - cortava no escuro? L - no escuro ... aí dia de domingo muitas veze não podia caçá pra juntá côco ... côco a seNora sabe o quê é ... o côco é um... D - eu sei... L - uNa palhêra que dá aqueles cocão é muito bom de côco. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Poronga acesa” é uma colocação nominal: Sf. ‘poronga’ + Adj. ‘acesa’. A luz no meio da floresta vinha desse utensílio doméstico, indispensável aos seringais, a poronga. Em casa ou no mato (na “estrada de seringa”), sempre foi de fundamental importância, pois tirava o homem da escuridão. Preocupante era também se faltasse o querosene, combustível que fazia a geração da alentadora chama. Aí era preciso se antecipar ao problema tomando emprestado na “colocação” mais próxima ou mesmo de ir no barracão fazer outra “aviação”. Às seis horas da tarde, pontualmente era acesa. Ali era um momento mágico, pois começava a noite e era preciso pedir a proteção de Deus. Rezava-se, benzia-se. Os habitantes da floresta anunciavam a hora para a qual todos tinham que dobrar os joelhos. Os sapos aumentavam o tom do seu canto triste e, às vezes, assustador. Os rios silenciavam mais ainda. O homem, sempre à “boca da noite”,

<sup>50</sup> O extrativismo da borracha declinou, mas os moradores dos altos rios permanecem em suas localidades, povoados e comunidades, muitas isoladas com interligação apenas fluvial. É um ciclo vital que se renova. É um modo de viver. A “vida ribeirinha” é intensa na Amazônia e muitas comunidades ainda são chamadas de “seringal”.

recolhia-se aos seus aposentos após rápida refeição. Em noite de visita de algum companheiro de “colocações” das proximidades a prosa se estendia um pouco mais. Os animais noturnos punham-se a andar pelas “veredas” em busca de comida. As carabinas esperavam de tocaia, pacientemente nas “armadilhas”, nos “mundéus”. Uma “colocação” às escuras era sinônimo de tristeza e de abandono, um episódio impensável para qualquer seringueiro. Muitas vezes, a noite chegava e o seringueiro ainda estava no trabalho, então seu uso fazia-se ainda mais imprescindível.

A prancha representou uma evolução do setor gumífero, pois deu mais comodidade ao seringueiro. Vamos, então, à análise da CC “fazer na prancha”:

**Quadro 88** - “Fazer na prancha”.

A borracha em bola é melhor? L - fica melhó né ... mais dá muito trabalho D - vocês preferiam **fazer na prancha**? L - é D - como faz a prancha? L - faiz a cáxa ... tipo a cáxa pra botá qualqué cõsa ... aí tapa os buraco ... aí roga o lête alí dentro ... mexe ... aí qualha ... fica durim ... durim D - o quê faz para o leite coalhar? L - bota lête de gamelêra ... L - dêxa lá ela qualha D - o local de fazer prancha era próximo ou não da casa de vocês? L - era na casa mermo... nossa D - em casa mesmo? L - hum ... hum D - colocavam dentro de casa ou no terreiro? L - num ... n'uNa defumacêraziNa. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Fazer na prancha” é uma colocação verbal: V. ‘fazer’ + Prep. ‘em’ + Art. ‘a’ + Sf. ‘prancha’. A técnica de fabricação da borracha na Amazônia evoluiu para a forma em “prancha” quando o “ciclo da borracha” já estava em crise. No auge do ciclo, a produção sempre foi em bola. A prancha ocasionou a desativação do defumador, cuja fumaça não fazia bem à saúde. Mais prática e sem nenhum grande impacto para o processo produtivo da borracha, a forma em prancha foi questionada pelos próprios seringueiros que tradicionalmente trabalhavam a borracha em “bola”. Consistia em deixar o leite (látex) coalhar com a ajuda de produtos químicos e depois prensá-lo em recipiente adequado (“caixa”) e técnica específica. (Ver a CC “prancha de borracha”, p. 126).

A “estrada de seringa” tinha que dar uma volta necessariamente. Era uma questão prática, de economia de tempo, quesito fundamental no trabalho em uma “colocação”. Na análise da CC “rodo da estrada”, percebemos isso.

**Quadro 89** - “Rodo da estrada”.

Dá a volta no rodo ... aí sai pela esquerda D - o que é o rodo? L - o rodo é a metade da estrada D - a volta lá em cima dá o nome de rodo? L - é chama o rodo ... chama o **rodo da estrada** ... aí quando chego na boca fechô; fecho na ... na boca da estrada ... já tem fechado ... chama o fecho da estrada. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Rodo da estrada” é uma colocação verbal (rodear): V. ‘rodear’ + Prep. ‘da’ + Sf. ‘estrada’. A lexia “rodo” tem o sentido de volta. Nesse caso, “rodear a estrada” teria o mesmo significado de “rodo da estrada”. É percorrer todo o percurso e chegar ao seu fim. (Ver as CCs “fim da estrada”, p. 133 e “matêro vai bambulá”, p. 136). A “estrada” era implementada em forma de “rodeio” por uma questão prática e operacional de racionalização do tempo. Se ela fosse reta, o seringueiro teria que a percorrer quatro vezes em um só dia de trabalho. Em forma de “rodo”, ele a percorre somente duas. No relato a seguir, percebemos que o locutor esclarece: “o rodo é a metade da estrada D - a volta lá em cima dá o nome de rodo? L - é chama o rodo ... chama o “rodo da estrada” ... aí quando chego na boca fechô”. (COAC).

A “vida do seringueiro” é sinônimo, em muitos aspectos, de sofrimento. A jornada diária, exaustiva, não lhe garantiu a sonhada riqueza. É o que nos mostra a análise da CC “vida do seringueiro”.

**Quadro 90** - “Vida do seringueiro”.

<p>Quantos filhos o senhor tem? L - agora ... eu só teNo dois filho ... dois ... não ... só encontra dois filho ... e tá todos dois ... o primêro tá muito recalcado mas eu ... um tá aqui ... ôtro tá com dois ano qu'eu não vejo ele D - como ficou a <b>vida do seringueiro</b> depois que o preço da borracha foi caindo? L - ah ... e agora o preço da borracha foi caino ... aí foi arruinando pra nós... D - naquele tempo eles não tinham monopólio? L - pois foi ... foi arruinando pra nós porque ... entrou essa derribada né... L - aquilo foi acabano... D - derrubaram as árvores? L - mataram a borracha (COAC)</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Fonte:** Silva (2019).

“Vida do seringueiro” é uma colocação nominal: Sf. ‘vida’ + Prep. ‘do’ + ‘seringueiro’. O seringueiro foi responsável direto pela fabricação da borracha, o produto requerido em um seringal, o resultado esperado e desejado fruto de um esforço conjuntural monumental. A vida e o sucesso de um seringal dependiam em grande parte da atividade do seringueiro. Esse personagem era o suporte de uma grande exploração começada nas casas aviadoras e prolongada no processo da materialização do seu trabalho. Ele também não era livre... e suportava uma série de desrespeitos, como: subordinação por dívida, isolamento social e ambiente endêmico. Não tinha vínculo empregatício, mas estava subordinado ao patrão. (CALIXTO et al., 1985). A jornada diária era exaustiva e ia bem além das 8 horas. Normalmente, das 2 da manhã às 11 da noite, ou seja, sua jornada diária era de aproximadamente 20 horas de trabalho. Era assim a “vida do seringueiro”. Morando de forma improvisada no “tapiri”, uma casinha rústica em meio à floresta, com as roupas rasgadas e se

alimentado mal esse personagem faz parte da cultura e da memória amazônica porque ajudou a demarcar a fronteira do norte brasileiro no século XX.

A ligação do homem com a seringueira sempre foi de reverência e respeito. Era proibida sua derrubada para quaisquer fins, mesmo porque sua madeira é leve e fofa e não se presta para construções. Na análise da CC “mãe da seringueira”, entendemos melhor esta singular relação.

**Quadro 91** - “Mãe da seringueira”.

Na mãe da seringueira e na mãe da mata você acredita? L – acredito. D - você tem alguma história sobre eles para contar? L - tem: a mãe da seringuêra tem: porque antigamente o pessoal diz que o nordestino viNa ... fazia negócio com a **mãe da seringuêra** n'era ... aí os que cumpria enricava os que não cumpria ela matava de peia D - deixava louco L - dexava morto... ficava morto ... os pessoal achava porque viNa atrás mais ele tava ... sem pudê andá ... tava banido da pêa ... (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Mãe da seringueira” é uma colocação nominal: Sf. ‘mãe’ + Prep. ‘de’ + Art. ‘a’ + ‘seringueira’. As lendas amazônicas perfazem um amplo e variado repertório. A simbologia em torno do “materno” está presente na mitologia amazônica. “Mãe da mata”, “mãe da seringueira”, entre outras. Além do sentido de abraçar, proteger e cuidar naturalmente implícitos na lexia mãe. Na cultura ocidental (sumérica, mesopotâmica e grega) temos a figura da Deusa-mãe, associada por vezes, à Mãe Terra<sup>51</sup>, geradora da vida, da natureza, das águas, fertilidade e cultura. Essa conceituação, aliás, como vemos, tem um significado especial para o nosso trabalho.

O seringueiro, para empreender uma temporada de sucesso na sua “colocação”, fazia um acordo com a “mãe da seringueira”, uma espécie de entidade mitológica no universo encantado do seringal, o que redundava numa promessa, pois requeria o cumprimento de ambas as partes. Reza a lenda que os que cumpriam o trato eram bem-sucedidos no trabalho com a borracha. Os que descumpriam, além de se darem mal nos negócios, eram duramente castigados. A seringueira era muito mais que um vegetal, possuindo poderes sobrenaturais na visão do seringueiro. Ferrante (2007, p. 127) ilustra esse ponto de vista da seguinte forma: “vosmecê já viu seringueira virgem, que não é cortada, não viu? Que bonito! Fica endoidecida, a desgraçada, e se a gente não “corta”, acaba espocando, desfazendo-se em leite. Inté parece que se suicida”. Isso nos atesta uma estreita ligação entre o homem e a árvore, tornando-a “humana”, daí acreditar-se ter mãe. De acordo com o relato em destaque, “tem: a mãe da

<sup>51</sup> Disponível em: [tps://pt.m.wikipedia.org](https://pt.m.wikipedia.org). Acesso em 08 de maio 2019.

seringuêra tem: porque antigamente o pessoal diz que o nordestino viNa ... fazia négoço com a Mãe da Seringuêra n'era ... aí os que cumpria enricava, os que num cumpria ela matava de peia, deixava louco, dexava morto”. (COAC).

Enfim, como a mãe que cuida, acalenta, repreende ou castiga, a “mãe da seringueira” apresenta esse mesmo poder, e foi, nos seringais, uma protetora fiel a todo seringueiro que dela precisou ou nela depositou sua fé, sua súplica, que seria por fim bem recompensado desde que cumprisse com tinha sido acordado. Caso contrário, o castigo e o infortúnio batia à sua porta de forma impiedosa.

Portanto, dada essa compreensão cultural e mítica, era impensável “matar a seringueira”, seja lá por quais meios. Não se trata aqui da derrubada em larga escala dos seringais a qual já nos referimos, mas, ao traço mal feito no caule da seringueira pelo seringueiro (“c de barrão”) que leva a seringueira à morte. Vejamos:

**Quadro 92** - “Matar a seringueira”.

TiNa que tê coidado D - não fazer o cú de barrão ... para não **matar a seringueira**? L - pa não matá a seringuêra ... poque tem muito seringal hoje ... muito seringal tá morte po causa disso ... quando foi naquela época que a borracha deu diNêro D - sei L - que eu me lembro... que a borracha era ... era no cruzêro nera ... era doise... possô pa trêise... aí o cara fazia uma (gafonada) dessa né ... que era pa tirá mair leite... D - sei ... tirar mais leite e acabava matando a seringueira L - acabar matano a seringuêra. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Matar a seringueira” é uma colocação verbal. V. ‘matar’ + Art. ‘a’ + Sf. ‘seringueira’. O processo do “corte da seringueira” tem que seguir um método preciso. Bom seringueiro era o que sabia fazer a “bandeira” com enquadramento perfeito no caule da árvore. O corte irregular, uma bandeira malfeita e traçada na profundidade errada, “arrastando o pau”, podia até matar a seringueira. (Ver a CC “arrastá o pau”, p. 138).

O “toc, toc, toc” numa “estrada de seringa” ouvia-se ao longe. Isso significava que havia alguém “cortando seringa”. Entendamos o conceito expresso pela última CC analisada em nossa pesquisa “batendo tigela”.

**Quadro 93** - “Batendo tigela”.

Não ... eu já era ... teve uNa vez ela ia ... batendo tigela na miNa frente né ... todo tempo ... eu ia cortando e ela **batendo tigela** na miNa frente ... mas eu nunca vi ela D - sabe que ela existe pelo barulho da tigela? L - é porque ... é porque ... a tigela ... a tigela por exemplo é aqui né (( gestos )) ... aí a gente risca aqui né ... aí embote aqui né ... embote aqui né (( gestos )) ... aí quando é no cento a gente pego o ... o cabo da faca de seringa aí faz assim (( gestos )) ... (( tam ... tam ... tam ... tam ... tam )) ... pra empurrá né D - sim L - aí eu cortando atrás e ela na frente ... aí (( tam ... tam ... tam ... tam ... tam )) ... aí quando eu chegava tava a tigela no toco ... chama-se o toco né. (COAC)

**Fonte:** Silva (2019).

“Bater tigela” é uma colocação verbal. V. ‘bater’ + Sf. ‘tigela’. Para fixar bem a tigela no caule da seringueira no exato ponto do corte, o seringueiro usava a faca e dava umas batidas em seu fundo, o que gerava um barulho que se assemelhava a “toc, toc, toc”. Se não fosse bem fixada, a tigela podia se desprender do caule, desperdiçando o látex colhido. Era necessário fixar bem a tigela na seringueira para não ter que literalmente “chorar o leite derramado”. De acordo com o quadro 97, “todo tempo [...] eu ia cortando e ela **batendo tigela** na miNa frente... mas eu nunca vi ela. D - sabe que ela existe pelo barulho da tigela? L – é”. (COAC).

O levantamento e a análise das colocações culturais selecionadas trazem à tona um resgate lexical regional, isto é, comprovam a existência de expressões fixas incomuns em relatos de seringueiros acreanos. Essas expressões demonstram a criatividade do falante amazônico nativo, que, na ausência de palavras apropriadas que pudessem expressar ou conceituar a realidade dos seringais, a sua realidade, a realidade dos barracões, estabelece a “adaptação” de lexias com sentido transparente, que passam, muitas delas, a agregar sentido figurado. (“poronga no dente”, “pano de paxiúba”, “pau de fumaça”, entre outras). Essas combinações apresentam carga cultural, fazem parte da identidade lexical do povo acreano e amazônico e se referem ao “ciclo da borracha”. Mesmo com a mudança das condicionantes econômicas e culturais, o que implicou o fim dos trabalhos nos seringais nativos, fazem-se presentes no léxico de seringueiros e ex-seringueiros, como nos atestam os nossos *corpora* de estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos esclarecer que a linguagem peculiar com fortes marcas culturais regionais nasceu do trabalho nos seringais, atividade determinante para o surgimento da região acreana no cenário brasileiro, e que migrando do Nordeste e se fixando nas bacias fluviais amazônicas, os seringueiros e “homens da borracha”, desbravadores do “inferno verde” foram seus personagens principais. Como eles se expressaram entre si? Que expressões eles usaram? Se existiram expressões fixas em sua linguagem é possível observar que as mesmas foram pronunciadas sempre juntas quando se comunicavam? Podemos assim, afirmar, inicialmente, que essas são as perguntas fundadoras desta pesquisa. São estes os questionamentos que nos motivaram, para podermos, assim, estabelecer como objetivo identificar, extrair e analisar as colocações culturais, em *corpora* escrito e oral formados por relatos de seringueiros acreanos, tendo em vista as relações existentes entre o léxico regional, a sociedade e a cultura do “ciclo da borracha”. Tomamos como hipótese geral o fato de que a extração e análise em *corpora* das CCs aqui pesquisadas redundam num resgate de aspectos lexicais amazônicos e mostram aos falantes do PB, pesquisadores, estudantes, a criatividade lexical dos homens do “ciclo da borracha”, que adaptaram aos seringais palavras modernas, e formaram expressões fixas incomuns com resultado conceitual único.

Achamos por bem, na Introdução deste trabalho, destacar ainda uma motivação pessoal e familiar para a sua realização, isso se deve ao fato de que, como ressaltamos, minhas “raízes” familiares foram personagens ativas do “ciclo da borracha”, atuando como seringueiros.

Entendendo por colocações culturais as combinações lexicais fixas incomuns, usadas por uma comunidade específica, com características culturais idiossincráticas. No caso desta pesquisa, a região amazônica. Portanto, fez-se necessário, na elaboração do capítulo 1, a contextualização histórica e cultural da pesquisa, onde caracterizamos o *locus* de onde falaram, de onde interagiram os homens e mulheres que dão em seus relatos, sinais da intensidade de vida existente nos seringais; onde, também, partindo do geral para o particular, mostramos que o “boom da borracha” é a resposta imediata ao capital que financiou as “casas aviadoras” na Amazônia. Neste capítulo inicial destacamos, no Velho Mundo, os antecedentes do fenômeno ‘pneumático’ no século XIX e as descobertas científicas, impulsionadas pela Revolução Industrial, as pesquisas com a irreverente e irrequieta “liga” que, uma vez em forma de bola enfrentava a gravidade quando lançada com força ao chão. Em seguida, chamamos a atenção para a chegada da modernidade aos seringais com a implantação dos “barracões”, nas sedes

situadas à beira dos rios, a “casa grande” do Ciclo da Borracha. Nesta onda modernizadora, não passa despercebida a presença dos “coronéis da borracha”, homens de origem social incerta, via de regra, empreendedores que financiados pelas casas aviadoras, rumavam do Nordeste para a Amazônia em busca do enriquecimento fácil, e ainda, nos referimos também sobre a “vida do seringueiro”, personagem crucial nessa epopeia, alvo de exploração, em torno do qual era produzida toda a riqueza advinda do processo de produção da borracha.

A perspectiva discutida por Eco (2016, p. 3), ao destacar que “a tese de pesquisa é sempre mais longa, absorvente”, aplica-se ao nosso trabalho. Pesquisar e analisar combinações lexicais fixas a partir de narrativas em *corpora*, requereu dedicação e representou inicialmente uma dificuldade. Os *corpora*, a depender de seu tamanho, normalmente são frutos de anos de compilação, pesquisa e trabalho árduo. Não dispúnhamos em sua totalidade dos *corpora* - CEVIJ e COAC - no início de nosso trabalho. A história de sua compilação e/ou aquisição explicamos no Capítulo 3. Porém, uma vez de posse dos *corpora*, isso representou praticidade, pois dispúnhamos do manuseio fácil, isto é, as fontes de consulta estavam sempre acessíveis e respondiam aos nossos interesses; a correspondência direta com a nossa visão de pesquisador das questões culturais amazônicas; a perfeita adequação ao quadro metodológico. (ECO, 2016). Esses fatores facilitaram o andamento profícuo do trabalho.

Para alcançar os objetivos propostos, estabelecemos e cumprimos etapas fundamentais, que se desdobraram na compilação e na exploração dos *corpora*; no levantamento das palavras-chave mais frequentes; na seleção das colocações culturais (as CCs); e na sua análise. Estes desdobramentos de condução da pesquisa é o que esclarecemos a seguir.

O nosso próximo passo, após a discussão sobre o contexto histórico e cultural, foi a tessitura do capítulo 2 sobre teoria, onde se sobressaíram vozes variadas dentro de uma perspectiva teórica interdisciplinar, que caracteriza nosso trabalho. Esse caráter teórico de interdisciplinaridade envolveu as seguintes áreas do conhecimento: Linguística de Corpus, Fraseologia, Colocações, Cultura e História da Amazônia. Da LC, trabalhamos os seus conceitos fundamentais: a formação, autenticidade e conceituação de *corpora*, o programa *WordSmith Tools* e sua funcionalidade metodológica. Da Fraseologia, tomamos como base sua ampla conceituação que destaca as unidades fixas transmitidas pela tradição e que apresentam figuração, como é o caso do que defende a pesquisadora Monteiro-Plantin (2012) que as conceitua como “sequências polilexicais que precisam ser memorizadas em bloco, morfossintaticamente fixas, com certo grau de idiomaticidade, convencionadas pela frequência de uso e que constituem a competência discursiva dos falantes”. (MONTEIRO-PLANTIN, 2012, p. 122). Sobre o conceito de colocação, destacamos o ponto de vista expresso por Orenha-



Ottaiano (2017) que as classifica combinações recorrentes, arbitrárias e convencionais, lexicalmente e/ou sintaticamente fixas até certo grau. A temática ‘cultura’ foi um aspecto muito relevante dentro deste capítulo. As lexias extraídas (“seringal”, “seringueiro”, “colocação”, “rio”, “bandeira”, “floresta”, “defumador”, “arriação”, entre outras), a partir de programa computacional específico, estão inseridas no contexto cultural amazônico que a história elegeu como “ciclo da borracha”, remetendo-nos à plural conceituação. Além do conceito de Cultura que, em Lyons (1987), é conhecimento socialmente adquirido, fizemos também uma inserção na História da Amazônia, aspecto que foi referenciado, principalmente, com base em (SOUZA, 1978). O exercício da adaptação de palavras e expressões, na ausência de lexias de significação mais exata, de acordo com a necessidade de comunicação de seus interlocutores, foi fundamental para a formação e a fixação das colocações culturais aqui analisadas. A partir da discussão sobre cultura é que foi possível chegar para o conceito de colocação cultural, que já destacamos ao iniciarmos estas ‘últimas considerações’.

O capítulo 3 se voltou para a organização da metodologia onde discutimos a compilação dos *corpora* dentro dos parâmetros da LC: trabalhamos um corpus escrito e um corpus oral em língua nativa, aos quais denominamos CEVIJ e COAC. A decisão da utilização, na pesquisa, de dois *corpora* dá-se exclusivamente por questões qualitativas. O principal nóculo no corpus escrito é “borracha”, que gera, a partir de sua aplicação no programa *WordSmith Tools*, colocações culturais bem significativas, que, no nosso entendimento, interferem sobremaneira na qualidade do trabalho. Por esta razão, decidimos utilizá-lo, embora bem menor que o corpus oral. Estes *corpora* detêm, juntos, aproximadamente 330 mil palavras; sua exploração via programa de computador apresentou-nos, como resultado inicial, uma sequência de palavras-chave entre as quais selecionamos as de maior carga cultural e significação, 23 ao todo, entre as quais podemos destacar “aviamento”, “boca”, “borracha”, “espigão”, “manga”, “pau”, “seringueiro”, entre outras. Essas palavras se tornaram geradoras de 104 colocações culturais, selecionadas segundo critérios conceituais teóricos discutidos neste trabalho, detectamos o sentido figurado de determinadas expressões combinadas presentes em relatos escritos de seringueiros na obra sobre história regional Causos, Histórias e Memórias da Vila Japiim (SILVA, 2013). Nesta obra, os seringueiros fazem referência a “coronel da borracha”, “barão da borracha”, “ciclo da borracha”, “pé de engenho”, “sistema de aviamento”, entre outras incomuns expressões. A essas combinações lexicais, foram somadas outras após o escrutínio de narrativas seringueiras em *corpora* oral, como: “fim da estrada”, “corte da bandeira”, “pano de paxiúba”, “batendo tigela”, “arriação da madeira”, que foram retiradas de relatos em forma de inquérito.

O capítulo 4 é dedicado à análise dos dados. Por questões de delimitação ao escopo deste trabalho, do montante de expressões pesquisadas, analisamos 63 colocações. Dentre as palavras-chave extraídas, tomamos como destaque a lexia “borracha”, tanto no CEVIJ como no COAC, tornando-se esta, portanto, a lexia geradora do maior número de CCs. A análise dá-se sob o ponto de vista pessoal, deste autor, numa confrontação e intersecção com as vozes advindas de referências teóricas da área em pauta. Mas, outros nódulos ou palavras-chave, também ganharam destaque no capítulo de análise, como é o caso de “boca”, “aviamento”, “estrada”, entre outros. Sendo assim, é oportuno destacar a análise da colocação cultural “boca d’um oito”, que tem como módulo a palavra “boca”. Esclarecemos na análise de dados que uma “estrada de seringa” se subdividia em muitos outros pequenos apêndices denominados “pernas”, “mangas”, “oitos”, “espigões”. A grafia de um oito, sabemos é serpenteada, começa e termina no mesmo lugar. Podemos então imaginar que, dentro da geografia de uma “estrada de seringa”, o oito é um apêndice composto por algumas seringueiras, e a “boca”, sua entrada. Ao fazer o corte do “oito”, o seringueiro retorna por onde entrou e continua pelo caminho principal o seu trabalho. Segundo Calixto et al. (1985, p. 73), “normalmente, as “estradas” acabam adquirindo uma forma de oito, sendo, por isso, batizadas de ‘estradas de oito’. Geralmente, isso acontece com ‘estradas de margens’, sempre tortuosas”. No processo de análise dos dados tivemos o cuidado de mostrar que a palavra, para além do significado imediato e aparente, nunca é neutra, expressando sempre, portanto, conteúdos muitas vezes velados de dominação originários da realidade cultural de onde brotou. (CARBONI; MAESTRI, 2003).

Nas considerações finais, retomamos os aspectos gerais da pesquisa, os objetivos, os conceitos fundamentais, a metodologia e os aspectos analíticos que se sobressaem. Os números de pesquisa nos dão uma visão panorâmica de todo o trabalho, isso mostramos a seguir nesta reflexão final. A oportunidade de utilizar os preceitos teóricos da Fraseologia, Colocações, LC, Cultura e da História da Amazônia de forma contextualizada nos deu a possibilidade de compreensão mais ampla da evolução da Língua Portuguesa e, até mesmo, para retomar nossos objetivos, propiciou um resgate lexical de expressões fixas incomuns com carga cultural. Foi, portanto, este trabalho, antes de tudo um olhar para a história cultural amazônica da época da borracha e para traços linguísticos que daí se sobressaíram.

Tomando todas essas características supracitadas como ponto de base ao nosso trabalho, levantamos e analisamos as colocações culturais por meio de *corpora* formados por narrativas de seringueiros acreanos e ancoramos nosso objeto de pesquisa em torno da análise

das 63 colocações culturais, sendo, portanto, esses os nossos resultados de pesquisa, descritos conforme síntese abaixo:

- Os *corpora* CEVIJ e COAC apresentaram 23 palavras-chave (nódulos/base) que geraram 103 colocações culturais;
- Selecionamos para análise as 63 colocações culturais de maior carga cultural e mais condizentes com os objetivos deste trabalho;
- Todas as colocações culturais analisadas têm a estrutura básica da colocação: base + colocado ou colocado + base, (BÉJOINT, 1994).
- A taxonomia das CCs varia entre colocação nominal, verbal e adjetiva, (ORENHA-OTTAIANO, 2004; 2009)
- A maioria das 63 CCs analisadas apresentam relativo grau de figuração ou idiomaticidade;
- Mesmo com a superação do extrativismo gumífero, as CCs permanecem vivas na memória de ex-seringueiros e ribeirinhos, como nos comprovam os *corpora* analisados;
- No COAC, os nódulos “estrada” e “borracha” obtiveram as maiores frequências, concomitantemente 790 e 647 e geraram respectivamente 9 e 13 CCs;
- No CEVIJ, o nódulo “borracha” obteve 56 frequências e gerou 13 CCs.

Esses resultados se apresentam, sob o ponto de vista taxonômico, a partir de três aspectos cruciais: o nominal, o verbal e o adjetivo, revendo a perspectiva teórica de Orenha-Ottaiano (2004, 2009) com exemplos tomados do CEVIJ e do COAC. Entre as colocações nominais destacamos “soldado da borracha”; “barões da borracha”; “coronéis da borracha”; “boca na mata”; “estrada de porta”; “pano de paxiúba”, entre outras. As colocações verbais se sobressaem com “bolá borracha”; “colocá manga”; “botá matêro”, entre outras. E as adjetivas, com “borracha começada”; “borracha fina”; “grande arriação”; “madêra bruta”.

Desenvolver pesquisa sobre resgates lexicais na atual conjuntura, nestes “ásperos tempos” em que o mercado e as mídias pautam a ciência, se colocou como um grande desafio para nós, pelo seguinte. A quem interessaria estudar partindo de um contexto cultural específico, expressões lexicais do passado, isto é, expressões utilizadas por pessoas de uma determinada época histórica? No entanto, mesmo navegando aparentemente “contra a maré”, ou contra os modismos da pesquisa linguística da atualidade, entendemos que os professores, os estudantes e as novas gerações precisam também compreender os variados aspectos culturais e lexicais históricos da Língua Portuguesa, posto serem elos estruturantes de sua identidade e de sua memória. Esta pesquisa pode ser classificada como um estudo que envolve aspectos

diacrônicos e de resgate histórico-lexical. Também nos revela a versatilidade da língua portuguesa, a criatividade lexical, sua capacidade de adaptação a meios culturalmente marcados e confirma o ponto de vista teórico que defendemos, a interligação do léxico com a cultura e a história de uma dada comunidade, que em suma, redonda no ponto de vista teórico da linguagem como produto social. (HALL, 2001).

Os recortes que tivemos que estabelecer não nos permitiram explorar todas as colocações culturais levantadas, o que torna patente a necessidade da realização de atividades futuras que possam discutir aspectos que não couberam aqui, como a análise das demais colocações culturais levantadas, ou mesmo o procedimento de novas investigações neste campo, como a elaboração compartilhada e dirigida a partir de atividades docentes de um mini glossário léxico-cultural de expressões usadas na “época da borracha” e a compilação de *corpora* mais abrangentes voltados para o léxico amazônico e acreano da época dos seringais.

Como desdobramento ou propostas futuras podemos, ainda, levar em conta a necessidade da aplicação dos resultados deste trabalho em atividades de docência; podemos também suscitar a curiosidade pelas ‘expressões fixas’ do passado lexical acreano e, de forma contextualizada, promover o entendimento e a análise do significado das colocações culturais; introduzir a temática sobre a Linguística de Corpus (LC), bancos de dados, a pesquisa com *corpora* e sua utilização metodológica nos estudos do léxico e da Língua Portuguesa.

Ler e reler, por fim, os relatos que compunham nossos *corpora* de estudo se assemelhou a um “mergulho em rio amazônico”, a um submergir em “águas barrentas” e por vezes em “águas pretas, límpidas ou transparentes”, na busca da interpretação, da idiomaticidade de palavras e expressões que se voltam para os aspectos socioculturais e lexicais amazônico/acreano.

Numa visão panorâmica de todo o trabalho, podemos dizer que as expressões analisadas e consolidadas como CCs nasceram da labuta diária, dos perigos, das noites mal dormidas no chão frio da “paxiúba batida”, da esperteza do patrão, da pujança da floresta, da placidez dos rios, do caminhar em meio às matas, do exótico exercício de sangrar árvores, do varar madrugadas, do afã pela riqueza, das chuvas torrenciais, das cheias dos rios, da pobreza escarnekida, do caule esguio e da copa celeste da *hevea*, da faca que corta, do “leite” que escorre e escurece; da fumaça que cega e enfraquece os pulmões, da borracha defumada. Nasceram, portanto, de dura, mas também poética realidade e se consolidam no repertório lexical do homem dos seringais.

Mediante isso, afirmamos que esse trabalho alcança plenamente o que nos propusemos fazer: ao analisar expressões fixas da época da borracha a partir de *corpora*, o que aqui

denominamos de colocações culturais, estabelecemos e resgatamos um repertório de conceitos do importante ciclo econômico brasileiro e amazônico, o “ciclo da borracha”, ao mesmo tempo que fomos ao encontro das práticas lexicais genuínas do povo acreano, revelando, assim, por meio do léxico, uma de suas marcas culturais do passado, qual seja, a linguagem característica dos seringais.

## REFERÊNCIAS

- ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. de B. O que é e como se constrói um corpus? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística. **Calidoscópico**, São Leopoldo, 2006, v. 4, n. 3, p. 156-178.
- AUBERT, F. H. **A tradução do intraduzível**. Pesquisa apresentada à FFLCH. São Paulo: USP, 1981.
- BALLY, C. **Traité de stylistique française**. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1951. v. 2.
- BAPTISTA, L. M. T. R. Fraseologia, discurso, interculturalidade e tradução. *In*: SILVA, S. (Org.). **Fraseologia & cia**: entabulando diálogos reflexivos. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. p. 33-49.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BÉJOINT, H. Dictionaries and the dictionary. *In*: BÉJOINT, H. **Tradition and innovation in modern english dictionaries**. Oxford: Clarendon Press, 1994. p. 6-41.
- BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em linguística de corpus com WordSmithTools**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: estado da questão em relação a sua definição, denominação e critérios de seleção. **Tradterm**, Porto Alegre, n. 11, p. 237-253, 2005.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics**: investigating language, structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- Bolas-ou-pelas-de-borracha**. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Bolas-ou-pelas-de-borracha.jpg>. Acesso em 28 jun. 2018.
- BRANCO, S. M. **O desafio amazônico**. São Paulo: Moderna, 1989.
- CALIXTO, V. O. et al. **Acre**: uma história em construção. Rio Branco: Fundação de Desenvolvimento da Cultura e do Desporto, 1985.
- CARVALHO, J. C. **A Amazônia revisitada**: de Carvajal a Márcio Souza. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

CARBONI, F.; MAESTRI, M. **A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CASTILHO, C.; REGO, T. C. Perspectiva histórico-cultural e os sentidos da escola na contemporaneidade. In: CARVALHO, A. F.; AZEREDO, V. D. (org.). **Filosofia e educação no mundo contemporâneo**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2016. p. 313-341.

CASTRO, F. **A selva**. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

**CetenFOLHA**. Disponível em: <http://comet.fflch.usp.br/corporaportugues>. Acesso em: 10/01/2019.

**Ciclo da borracha**. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Ciclo-da-Borracha-no-Amazonas-1.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2018.

COÊLHO, E. M. **Acre: ciclo da borracha**. 1982. 100 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Estudos Gerais, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1982.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, G. Em torno al concepto de colocación. **Euskera**, Málaga, v. 46, n. 1, p. 89-108, 2001.

COSTA, C. **A conquista do deserto ocidental: subsídios para a história do território do Acre**. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

CUNHA, E. **À margem da história**. Porto: Editora Lello Brasileira, 1967.

\_\_\_\_\_. **Um paraíso perdido: ensaio, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia**. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

**Defumador**. Disponível em: <http://acpurus.com/portal/wp-content/uploads/2013/10/109-7.jpg>. Acesso em: 24 nov. 2018.

DINIZ, M. **O santo de Deus**. São Paulo: Lexia, 2012.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERRANTE, M. J. **Seringal**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2007.

**Ferrovia Madeira-Mamoré**. Disponível em: <https://ferroviaveldotcom.files.wordpress.com/2017/08/madeira-mamorc3a9-pb.jpg?w=816&h=9999>. Acesso em 24 nov. 2018.

FIRTH, J. R. **Papers in linguistics** – 1954-1951. London: Oxford University Press, 1957.

FLEISCHER, W. **Phaseologie der deutschen**. Gegenwartssprache 2 (durchgesehene und ergantz). Tübingen: Max Niemayer Verlag, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAUSMANN, F. J. Kollokationen im deutschen wörterbuch : ein beitrag zur theorie des lexikographischen beispiels'. *In*: BERGENHOLTZ, H.; MUGDAN, J. (org.). **Lexikographie und grammatik**. Tübingen: Niemeyer, 1985.

HOBSBAWM, E. **Era dos impérios: 1875 – 1914**. Tradução: Sieni Maria Campos, Yolanda Steidel de Toledo. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOFFNAGEL, J. C. **Temas em antropologia e linguística**. Recife: Bagaço, 2010.

HORI, M. **Investigating dickens' style: a collocational analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO A. N. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminografia**. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1998. p. 89-98.

KENNEDY, G. **An introduction to corpus linguistics**. London: Longman, 1998.

KJELMER, G. A Mint of phrases. *In*: AIJMER, K.; ALTEMBERG, B. (ed.). **English corpus linguistics: studies in honour of jan svartvik**. London: Longman, 1991. p. 111-127.

LINGUEE.COM.BR. Colônia, c2018. Disponível em:  
<https://www.linguee.com.br>>tradução. Acesso em: 3 maio 2018.

LYONS, J. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução: Marilda Winkler Averbug, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

LESSA, L. G. O atlas etnolinguístico do Acre. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 4, 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

LIMA, C. A. **Plácido de Castro: um caudilho contra o imperialismo: subsídios para a história do território do Acre**. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

LIMA, M. A. R. **Retratos, imagens, letras e números colados nas paredes: a representação social de escolas para ribeirinhos dos rios Moa e Azul – Acre**. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.



MACHADO, I. A reinvenção da hipótese Sapir-Worf. **Língua e instrumentos linguísticos**, Campinas, n. 35, p. 29-52, 2015. Disponível em:

<http://www.revistalinguas.com/edicao35/artigo2.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

**Mãe Terra**. Disponível em: <tps://pt.m.wikipedia.org>. Acesso em 08 de maio 2019.

**Manaus da Belle-Époque**. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Ciclo-da-Borracha-no-Amazonas-1.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2018.

MARTINELLO, P. A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o vale amazônico. Rio Branco: UFAC, 1988.

MARTINS, E. F. **Uma análise da tradução de marcadores culturais em Sargeant Getúlio e The Lizard's Smile, à luz da Linguística de Corpus**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

MCENERY, T.; WILSON, A. **Corpus linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

MEIRA, A. **Autonomia acreana: centenário do início da Revolução Acreana**. Fundação Cultural do Estado do Acre. Rio Branco: 1998.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. *In*: SILVA, S. (org.). **Fraseologia & cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. p. 121-145.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Estereótipos da cultura nacional na fraseologia brasileira**. *In*: PAMIES-BERTRAN, A. (org.). De linguística, traducción y léxicofraseografía. Granada: Comares, 2013. v. 1. p. 403-411.

MOURA, D. Critérios para a construção de um corpus linguístico para o estudo da fala e da escrita. *In*: HOFFNAGEL, J. C. **Temas em antropologia e linguística**. Recife: Bagaço, 2010. p. 255-270.

NAVARRO, S. L. M. **Glossário bilíngue de colocações da hotelaria: um modelo à luz da Linguística de Corpus**. 2011, 249 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

ORENHA-OTTAIANO, A. O. **A compilação de um glossário bilíngue de colocações criativas, na área de jornalismo de negócios, baseado em corpus comparável**. 2004. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado**. 2009. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

\_\_\_\_\_. Semelhanças e diferenças entre colocações criativas e colocações criativas especializadas. *In*: ORTIZ-ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012. v. 2. p. 147-163.

\_\_\_\_\_. Collocations workbook: um material de apoio pedagógico on-line baseado em corpus para o ensino de colocações em inglês. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 23, p. 833 -881, 2015.

\_\_\_\_\_. The compilation of an online corpus-based bilingual collocations dictionary: motivations, obstacles and achievements. *In*: **Proceedings... E-LEX CONFERENCE 2017**. Leiden, p. 458-473, 2017.

ORTIZ-ALVAREZ, M. L. Apresentação ou entabulando a conversação. *In*: SILVA, S. (org.) **Fraseologia & cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. p. 7 – 12.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas: Editora Pontes, 2012. v. 2. p. 147-163.

\_\_\_\_\_. As expressões idiomáticas dentro da obra lexicográfica. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 181-212, 1997.

ORTIZ-ALVAREZ, M. L.; UNTERBAUMEN, E. H. (Org.). **Uma revisão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

PAMIES BERTRÁN, A. Modelos icónicos y archimetáforas: algunos problemas metalingüísticos en el ámbito de la fraseología. **Language Design**, Barcelona, n. 4, p. 9-19, 2002.

PINHEIRO, M. G. **Descrição e análise dos culturemas do português brasileiro**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PINTO, N. P. A. **Política da borracha no Brasil: a falência da borracha no Brasil**. São Paulo: HUCITEC: Conselho Regional de Economia, 1984.

**Planalto Leis**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis). Acesso em 2 maio 2018.

**Portal MEC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/gbee1.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2018.

POSTIGO, A. A. et al. **Atlas Histórico do Rio Bagé (1907-2006)**. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

PROST, A. Social e cultural indissociavelmente. *In*: RIOX, J-P.; SIRINELLI, J-F. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 123-138.

REIS, A. C. F. **A Amazônia e a cobiça internacional**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

**Reservas Extrativistas (RESEX).** Disponível em: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/29258-o-que-e-uma-reserva-extrativista/>. Acesso em 22 dez. 2018.

**Reserva Extrativista Chico Mendes.** Disponível em: [http://www.wikiparques.org/wiki/Reserva\\_Extrativista\\_Chico\\_Mendes](http://www.wikiparques.org/wiki/Reserva_Extrativista_Chico_Mendes). Acesso em: 22 dez. 2018.

RIVA, H. C. A neologia fraseológica na língua portuguesa do Brasil. In: SILVA (org.). **Fraseologia & cia:** entabulando diálogos reflexivos. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. p. 171-183.

ROCHA, J. M. P.; ORENHA-OTTAIANO, A. Colocações especializadas na área médica extraídas a partir do corpus House M.D. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 44, p. 295-318, 2012.

ROCHE, D. Uma declinação das luzes. In: RIOX, J-P.; SIRINELLI, J-F. **Para uma história cultural.** Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 25-50.

RONCOLATTO, E. Critérios para a organização de dicionários fraseológicos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 43-52, 2004.

SANTANA, U. **Portfólio** – artes visuais do Acre. Rio Branco: SEBRAE-AC, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2001.

SAPIR, E.; IRVINE, J. T. **The psychology of culture:** a course of lectures. Berlin: Mouton de Gruyter, 1994.

SCOTT, M. **WordSmith Tools.** Versão 6.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

**Seringueiro.** Disponível em: [http://www.agencia.ac.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/2012\\_Julho2\\_Seringueiro\\_2juuuuiuijuu.jpg](http://www.agencia.ac.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/2012_Julho2_Seringueiro_2juuuuiuijuu.jpg). Acesso em: 24 nov. 2018.

**Seringal.** Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ9KgtQNhJZISKpw22awX9I3p0B6YPXJG2SK8PbiSDsnPn09b5s8A>. Acesso em 28 jun. 2018.

SILVA, R. I. C. **Chico Mendes e a invenção do Acre contemporâneo:** imagens e confrontos em Zuenir Ventura, Márcio Souza e Alex Shoumatoff. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras: linguagem e identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2009.

\_\_\_\_\_. **Causos, histórias e memórias da Vila Japiim:** 1912-1977. Recife: Bagaço, 2013.

\_\_\_\_\_. **Colocações culturais em corpora escrito e oral formados por relatos de seringueiros acreanos.** 2019. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

SINCLAIR, J. **Corpus, concordance and collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SINCLAIR, J. Corpus and text – basic principles. In: M. WYNNE (ed.). **Developing linguistic corpora: a guide to good practice**. Oxford: Oxbow Books, 2005. p. 1-16.

Disponível em: <http://ahds.ac.uk/linguistic-corpora/>. Acesso em: 30 out. 2016.

**Soldados da borracha**. Disponível em: <http://www.papocult.com.br/wp-content/uploads/2016/02/CAPA-SOLDADOS-DA-BORRACHA.jpg> 2018. Acesso em: 24 nov. 2018.

SOUZA, M. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

SOUZA, M. **O empate contra Chico Mendes**. 2. ed. São Paulo: Marco Zero, 1990.

TAGNIN, S. E. **Convencionalidade e produção de texto: um dicionário de colocações verbais inglês/português - português/inglês**. 1999. 199 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

TAGNIN, S. E. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TAGNIN, S. E. **O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português**. Barueri: Disal, 2013.

**Teatro Amazonas**. Disponível em: <http://www.historiadetudo.com/wp-content/uploads/2015/03/teatro-amazonas.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2018.

TEIXEIRA, L. G. **Colocações criativas presentes no corpus literário paralelo *Memórias Póstumas de Brás Cubas* sob a perspectiva de um novo olhar**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

TEIXEIRA, L. G.; OTTAIANO, A. O. Colocações Criativas Presentes no Corpus Literário Paralelo: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Sob o Viés da Linguística de Corpus. In: **GLÁUKS ONLINE**, v. 17, p. 221-245, 2018.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus linguistic at work**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WHITE, L. A. **O conceito de sistemas culturais: como compreender tribos e nações**. Tradução de Josildeth G. Consorte. Zahar: Rio de Janeiro, 1978.

XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. **Revista Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 8, n. 1, p. 502-519, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em: 4 dez. 2018.

XATARA, C. M. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, 1998. p. 147-159.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.

## ANEXO A

### Imagens do “ciclo da borracha”

Apresentamos dez imagens públicas na web sobre o “ciclo da borracha” na Amazônia, com o objetivo de comprovar com imagens o que foi dito ao longo de todo o trabalho, especialmente, no Capítulo 1, onde tratamos das questões culturais e históricas dos seringais.

#### Imagem 1 – O seringueiro e a “arriação da seringa”.



Fonte: Seringueiro. Disponível em: [http://www.agencia.ac.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/2012\\_Julho2\\_Seringueiro\\_2juuuuiuijuu.jpg](http://www.agencia.ac.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/2012_Julho2_Seringueiro_2juuuuiuijuu.jpg). Acesso em: 24 nov. 2018.

**Imagem 2** – “Soldados da borracha”.



**Fonte: Soldados da borracha.** Disponível em: <http://www.papocult.com.br/wp-content/uploads/2016/02/CAPA-SOLDADOS-DA-BORRACHA.jpg> 2018. Acesso em: 24 nov. 2018.

**Imagem 3** – Seringueiros em uma “colocação”.



**Fonte: Ciclo da borracha.** Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Ciclo-da-Borracha-no-Amazonas-1.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2018.

**Imagem 4** – Defumador: a borracha, a fornalha, o “cavador” e o “pau de fumaça”.



**Fonte: Defumador.** Disponível em: <http://acpurus.com/portal/wp-content/uploads/2013/10/109-7.jpg>. Acesso em: 24 nov. 2018.

**Imagem 5** – Barracão: local de comando e poder no seringal.



**Fonte: Seringalista.** <http://photos1.blogger.com/blogger/13/462/320/seringalista.jpg>. Acesso em: 24 nov. 2018.



**Imagem 6** – “Pelas de borracha” armazenadas no pátio do barracão.



**Fonte:** Bolas-ou-pelas-de-borracha. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Bolas-ou-pelas-de-borracha.jpg>. Acesso em 28 jun. 2018.

**Imagem 7** – A “vida do seringueiro”: “bater tigela”, “colher” e “defumar”.



**Fonte:** SANTANA, U. **Portfólio – Artes visuais do Acre**. Rio Branco: SEBRAE-AC, 2012.

**Imagem 8** – Ferrovia Madeira-Mamoré: estratégia para o escoamento da borracha.



**Fonte: Ferrovia Madeira-Mamoré.** Disponível em: <https://feroviaveldotcom.files.wordpress.com/2017/08/madeira-mamorc3a9-pb.jpg?w=816&h=999>. Acesso em 24 nov. 2018.

**Imagem 9** – Teatro Amazonas: ostentação artística no “Ciclo da Borracha”.



**Fonte: Teatro Amazonas.** Disponível em: <http://www.historiadetudo.com/wp-content/uploads/2015/03/teatro-amazonas.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2018.

**Imagem 10** – Seringal de cultivo: modelo que provoca o *crash* amazônico da borracha.



**Fonte – Seringal.** Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ9KgtQNhJZiSKpw22awX9I3p0B6YPXJG2SK8PbiSDsnPn09b5s8A>. Acesso em 28 jun. 2018.

## **ANEXO B - Relato de vida de José Batista da Costa (1935 - 2014), 2012.**

### **(Corpus Escrito da Vila Japiim - CEVIJ)**

Eu nasci na Vila Japiim, como era chamado antigamente, e participei, como se diz, mais ou menos, de algumas coisas boas e de outras sofridas... Eu sou do tempo do remo, do varejão, de puxar roda, aquela rodona... Era pra puxar mandioca. Eram dois homens, um de um lado e outro de outro e a gente puxava seis cargas de mandioca milagrosa, nesse tempo não tinha mandioca mansa não; era mandioca braba “dessa grossura” porque as terras eram muito boas... Aqui, hoje, são umas áreas de terras que está tudo explorada, cansada, não tem mais condições de ter fartura de agricultura..., mas estas terras já produziram muito! Aqui era a terra da agricultura! A “roça” (mandioca) sempre foi a nossa força maior. Depois de muito tempo veio a cana-de-açúcar. Eu fui um que me envolvi com engenho e fiquei durante muito tempo como responsável pelo engenho público do Guarani. Açúcar, era o do Guarani. Quando saía açúcar do Guarani para Cruzeiro do Sul, os comerciantes compravam logo, porque era bom. Tinha muitos outros engenhos, mas o daqui era respeitado.

Eu trabalhei 22 anos em “pé de engenho” ajudando os agricultores. Eu era o responsável, funcionava motor, ajudava na moagem, .... Recebia a renda e fazia tudo o mais. Nessa época o engenho já era a motor. Mas ainda lembro o engenho à roda, tocado a boi. Acompanhei ainda. O velho Jorge Maior, você não conheceu, morava aqui e plantou muita cana, ele morava no meio de um canavial nas proximidades da antiga propriedade do Chico Viana e do senhor Jofre). Ali ficava o engenho. De madrugada a gente pegava os bois, colocava na bolandeira, naquela manjarra e ia tanger com a lama no meio da perna. Eu comecei a puxar roda com doze anos. Ainda lembro o primeiro dia que puxei roda, foi lá na casa de farinha do José Bernardo (pai de Raimundo Bernardo) que ficava nas proximidades do Betânia, hoje. O Vicente Muniz chegou lá em casa e disse: “Zé, eu vim aqui para tu ir me ajudar puxar roda, amanhã”. E eu respondi: “eu Vicente? Eu nunca puxei roda!” Diante de muita insistência dele, eu fui me prometendo ele que eu apenas ia segurar o “vêi” do lado. Cedinho, de mão no terçado fomos para dentro do roçado e arrancamos seis “cargas” de mandioca, o que dava na época 14 painéis de farinha, por ser a mandioca, boa. (A ‘carga’ era uma medida de antigamente. Encilhava-se o boi e colocava-se pendurado de ambos os lados um caçoá, artefato em cipó titica nos moldes de uma grande e mal-acabada cesta sem alça. Cada viagem do roçado à casa de farinha era uma carga.)

Quando foi 3 horas da tarde nos estávamos com a puxação liquidada. O seu José Bernardo, quando eu cheguei lá pela manhã, disse “Vicente porque você não arrumou um homem, rapaz? Trouxe esse menino só para me dar despesa na comida”! Eu sei que quando a gente terminou ele estava em pé assim próximo e o Vicente falou: “Seu Zé, eu não quero homem melhor do que esse para puxar roda”! E ele falou: “é, de fato eu me enganei”! É, assim eu comecei a vida. Eu lembro que eu ficava de três semanas fazendo farinha para os outros, para assim poder sustentar meus irmãos e minha mãe, pois nós ficamos órfãos de pai muito cedo. É por isso que eu digo que eu nunca tive medo de responsabilidade de família, porque desde cedo, aos 12 anos eu já me considerei casado, com a responsabilidade de prover a família deixada com a morte de meu pai. [...] Eu andei pelas casas dos outros. [...] Eu tive de trabalhar no Batoque, para o Solón, semanas adentro, para ele tirar uma palha e uma madeira pra eu poder fazer uma casa [...]. A casinha deixada pelo meu pai era um tapiri velho que entrava água da chuva por todos os cantos. Olha, antigamente aqui tinha pobreza! As casas eram de paxiúba e palha na sua maioria, quando muito o quarto era cercado. Uma casa em madeira com uma cobertura melhor era somente para os patrões. Quem vivia da agricultura só tinha mesmo o mínimo, o básico para se manter vivo. Pouca roupa. Sapato era luxo. Então, quem era seringueiro cortava seringa o ano todo e os patrões sempre puxavam tudo, não dava nada. Pois

bem, mas eu nunca fui seringueiro. Eu tive muita vontade de cortar, mas nunca fui. Foi o tempo que assumi o engenho, através do Lauro Cavalcante e não deu mais. Mas o engenho também não dava. Fui lá a Cruzeiro reclamar com o senhor Olindo, o inspetor agrícola, dizendo que não podia continuar com a responsabilidade do engenho, pois, dali eu não conseguia sustentar a minha família. E ele me disse que não podia fazer nada, uma vez que não havia verba para pagamento de funcionários. Mesmo assim, eu continuei o trabalho por um bom tempo.

Com 18 anos eu comecei a namorar a filha mais nova do velho Chico Maior. Fomos se ajeitando por ali e decidimos nos casar. [...] Você sabe, naquele tempo era tudo muito difícil, médico, essas coisas era uma raridade. Mas a gente já tinha vencido. E eu já sou bisavô.

Eu sempre gostei de brincar. Participava e muito das festas. As festas eram organizadas nas casas de família e esperadas ansiosamente durante a semana por todos os boêmios da época. Ninguém é de ferro né? Chico Anastácio fazia umas festas bonitas na casa dele ali no Santo Antônio... A gente passava a noite todinha dançando e bebendo uns “goles” de aguardente, que guardado reservadamente no terreiro, era de acesso restrito. A música, era um cavaquinho, um violão e a goelinha, o gogó. Cantor era quem tinha a voz boa, era inteligente e aprendia as músicas. Eu fui um que cantei muito em ‘pé de violão’. Mas eu não tocava nada, só cantava. Tive muita vontade de aprender violão..., mas não deu pois eu nunca me dediquei a aprender mesmo. Mas cantar eu cantava. (O senhor lembra de alguma música daquela época?) Olha, quase nenhuma mais. A gente vai esquecendo. Mas eu me diverti muito mais o Bastiãozinho que mora ali no Pé da Terra.

Não lembro mais das músicas. Quase nenhuma mais. A gente vai esquecendo. Mas eu me diverti muito mais o Bastiãozinho, Luizinho, o Antônio Virgínio que era tocador dos bons. Antônio passava a noite tocando em festa. Tinha um safoneirozinho que se chamava Hilário, morava no Paraná Pentecostes, e a gente ia buscar ele lá pra tocar em festa aqui. Cansemos de fazer isso. Era de uma família de moucos. Todos eram moucos (surdos). O tom dele era sol maior. Quem sabia esse tom passava a noite tocando com ele. Também fui o “Mateus” do reisado (bumba-meu-boi) durante toda vida. Zeca da Culó, sempre me chamava porque achava que ninguém fazia melhor que eu, aquele personagem na apresentação do reisado.

O primeiro rádio que eu conheci dentro do Guarani foi do Joãozinho Alves. Morou ali onde mora o Chico Souza. Era mesmo ali a casa dele. Tinha um comércio e aí comprou um rádio bonito..., e aí tocava as músicas, a gente ouvia as notícias. Era bom. Nós nos juntávamos ao meio dia e ia ouvir a Rio Mar de Manaus (rádio difusora). Tinha um programa que terminava por volta das 2 horas e a gente se juntava aquela patota, de 6 a 8 pessoas e ia pra lá, porque não tinha outra coisa melhor. E um dia nos chegamos lá e o Joãozinho falou: “Rapaz, vou dizer uma coisa pra vocês, muito em breve nós vamos ter um aparelho que a gente vai assistir jogo, vai ouvir e ver ao mesmo tempo tudo de frente como se estivesse com a gente aqui”. Quando a gente saía comentava: “O Joãozinho parece que está abestado. Aonde é que vai aparecer esse aparelho? Aonde?! Aonde é que nós vamos alcançar isso?” Taí! Como se vê hoje, as coisas tudo fácil. O celular, de primeiro, não vou longe não, há 10 anos, só existia dentro dos gabinetes de políticos, dos consultórios médicos ou escritórios de advogados e ninguém sabia o número. E hoje todo menino tem o celular. Tem a internet... E hoje eu sou feliz de ter alcançado tudo isso, graças a Deus [...]. Eu [...] só não tive um saber melhor porque eu fui muito vadio em escola e por outro lado eu perdi muito tempo (não, acho que ganhei!) com a minha família, pois eu vivia pescando, mariscando e trabalhando para dar de comer a todos.

Eu pescava muito. E os rios eram o supermercado daquela época. Carne, só de caça e de porco. Boi era coisa rara. Um boi era vendido sob encomenda no mercado da Vila uma vez por mês. A gente ficava sabendo da notícia, dia tal fulano vai matar um boi e aí era aquele alvoroço pra gente conseguir um quilo, às vezes com osso, somente pra tomar aquele caldo. (E no comércio, o que se comprava?) A gente comprava de tudo um pouco, mas tudo de coisinha. Naquele tempo você ia ao botequim, comprar meio quilo de sal, meia barra de sabão, meio

quilo de arroz... Era tudo de pouquinho porque as condições não davam para fazer diferente. Tinha um “fiadozim”, mas não podia ser muito não. Quando a gente ia pra Cruzeiro levando farinha, açúcar, se juntava de três, quatro, para comprar uma lata de querosene. Não tinha luz elétrica pra seu ninguém, era na poronga. Cada casa tinha suas porongas que eram acesas à noite, uma na cozinha, uma na sala, uma no quarto. E aí o querosene não podia faltar, sob pena de a casa ficar no escuro. Quando tocava de sorte isso acontecer, aí você via tristeza. Uma casa no escuro é o fim da picada, o fundo do poço. Pois bem, uma lata de querosene naquele tempo, daquele querosene “jacaré”, eram trinta e uma garrafas ‘batido’, sem passar nem faltar. E assim a gente tinha luz à noite por um mês, economizando. Depois passaram a usar o combustol que era mais barato. Pra cozinhar a gente usava a lenha. Lenha! Gás, nem pensar. O gás chegou ‘ontem’ aqui. Finalmente, daquele tempo, do meu tempo que eu participei para trás, hoje a gente vive em outro mundo. Tem gente que se maldiz, defama a administração... Nós temos, eu acho assim, que ajudar com o nosso trabalho e não viver aperreando nas repartições porque hoje o tempo não tá mais para isso. Cada um tem que se enxergar e tem que ajudar a administração.

Quase entrei na política. Fui candidato. É o seguinte. A primeira vez que eu saí candidato aqui pelo Guarani, o Valdemiro também saiu. Foi uma reunião que o Raimundo Bernardo (Subprefeito do Japiim) fez, pois tinha recebido uma comunicação urgente do Tota (Prefeito de Cruzeiro) que arrumasse candidato a vereador, candidato a prefeito e mandasse a ele imediatamente, porque se não, o Japiim perderia a vez de ser Município. Se não tivesse essas pessoas imediatamente, essa nota de cada pessoa e mandasse pra lá esse documento a coisa ia ficar feia... e deu um prazo de dois dias. Raimundo Bernardo reuniu todo mundo, naquelas casas que era do Áriton Rosas, onde funcionava a antiga subprefeitura (ali onde hoje é Bradesco, Correios...), e nós fomos pra lá. Ainda teve o Wilson, Zé Moreira e outros. Foi quando alguém indagou: “É sobre o ordenado?” Aí o Raimundo Bernardo ficou brabo e retrucou: “Rapaz, sostô vocês, vendo a situação disso aqui, uma Vila que não tem nada, é a pior dificuldade. Vocês vêm me falar em dinheiro...! Se isso aqui não passar a Município isso aqui nunca cresce. Isso não é coisa de política não!

Finalmente, depois desse carão do Raimundo, concordaram. Eu e o Valdemiro aceitamos imediatamente o desafio. Lá sabia pra que rumo ia Vereador, nem nada... queria ajudar. Olha, eu vou te dizer uma coisa, eu fui tão bem votado que quando abriu as urnas foi uma surpresa. Ainda me chamaram de Vereador por muito tempo, porque dizem que eu fui eleito. O Valdemiro, dessa vez, também não ganhou.

[...] Naquele tempo, quando terminava a eleição, o “caba” corria lá pra dentro do Fórum. Era pegando um voto, “esse aqui é meu, é meu”. Era no cambalacho! Ah, era! Era decidida muitas vezes no Fórum por quatro, cinco votos, se derrotava um candidato e se elegia outro, de acordo com certos interesses. Era sim Senhor! Eu fiquei acomodado, não fui pra lá, né! O apurador gritava: José... E antes dizer o sobrenome o espertalhão já gritava é meu!. “É meu! Traga pra cá!” Assim me diziam: “rapaz tu foi eleito, Zé Manduca”! Te falo com consciência, deu quase empate entre eu e Chico Viana, a diferença foi de dois ou três votos. Era desse jeito. Mas não tinha um que não dissesse: “O Zé Manduca, não tem jeito, vai eleito de primeira”. Era uma voz comum. Eu tirei mais votos do que o Valdemiro, muito mais. Se o Valdemiro não entra eu tinha jogado voto por cima de tudim. Mas, eu tenho a honra em dizer que sou um dos fundadores do Município de Mâncio Lima, a primeira eleição para a fundação da cidade e o crescimento que ela tem, eu acompanhei de dentro.

Cheguei também a serrar. Mas nunca me acostumei. Eu suava demais e disse, não! Isso, não é pra mim não! Mas tinha uns cabras que tiravam de 3 a 4 dúzias por dia e ainda acabava cedo. Agora naquele tempo era madeira: louro-abacate, louro-rosa.... Tudo era madeira boa de serrar. Essas madeiras doidas de hoje em dia, em serra manual, não serra. Pois bem, então-se, eu às vezes eu digo: eu nunca no mundo esperei alcançar o que eu já alcancei na minha vida e chegar nessa idade, 77 anos (2012), o que nós já estamos vendo de Cruzeiro do Sul pra

cá. Eu me lembro bem da ponte sobre o rio Moa, que era uma dificuldade pra gente atravessar de balsa. Aí fizeram uma de madeira e foi uma vitória. Aí fizeram aquela atual, uma beleza. Eu me lembro muito bem quando Orleir Cameli andava fazendo campanha, chegou lá em casa e disse se ganhasse construiria a ponte definitiva em alvenaria. Ganhou e fez.

[...] É claro que outras famílias foram chegando com o tempo. Do Juruá veio muita gente. O Guarani, de primeiro, tinha até gente que criticava. A pobreza aqui era grande. Eu não sei. As pessoas faziam aqueles casebres de paxiúba e vivam ali, pescando, plantando uma roçinha, coisa pouca, só para sobreviver, mesmo. Outros eram meio relaxados. Era que nem casa de seringueiro. [...] Muitas vezes, tinha gente que não fazia farinha porque não tinha vaga. O Estado do Acre era completamente vazio de emprego. Não funcionava nada. Ali em Cruzeiro é que tinha um desenvolvimento maior. Tive de ver naquele mercado muito pirarucu salgado. No verão a gente ia pra lá vender algum produto e vinha comendo pirarucu de lá pra cá assado nas praias.

O primeiro campo foi na frente da casa do Joaozito Alves e depois foi construído aquele ali próximo ao Valderi que você deve ter alcançado.

E no igarapé Branco, que família se destacou por lá, foi a de Manoel Caetano. Ele foi o fundador de lá. Viajavam de barco pelo Branco até Cruzeiro e voltavam. No verão a viagem durava até dois dias devido o rio ser muito cerrado. Ainda hoje seu Luiz Caetano vive por lá tecendo canará e fazendo chichuá.

Eu conheci o Coronel Mâncio Lima. Conheci.

Eu era menino de uns 10 ou 11 anos. Lembro que ele tinha um cavalo branco, bonito. E passava por aqui, no Guarani, indo para Cruzeiro do Sul, por terra. Lá no Pé da Terra tinha um morador antigo, da época do Coronel, por nome de Pau D'arco. E um dia ele passando por lá, disse ao Pau D'arco que em breve traria o governador do Acre à Vila Japiim. Quando num belo dia o Guiomard dos Santos veio até Cruzeiro do Sul e daí a convite de Mâncio Lima, estendeu a visita à pequena Vila. Como era época de verão, a canoa, pelo varadouro já quase seco, chegou ao porto com dificuldade. Eram quatro homens arrastando por dentro do varadouro com lama até o meio da perna. Aí eles subiram o “pé da terra” e estava lá uma pequena multidão esperando.

Ele falou muito bem para os presentes e disse que “o Japiim havia de chegar para o lugar que merecia e se tornar um município do Acre, mesmo que ele não alcançasse, mas os outros governadores que estariam por vir haveriam de firmar este compromisso”, no que foi aplaudido por todos. E Mâncio Lima ao passar pelo senhor Pau D'arco, que se acotovelava junto aos presentes, a espera de tão nobre personalidade, retrucou “eu não disse Pau D'arco, que traria o governador até o Japiim”! [...] Pois bem, sobre o Coronel Mâncio, muita gente fala que ele era um malvado, que foi ruim com seu fulano e seu beltrano... Mas aqui no Guarani, eu te falo com conhecimento, o velho Chico Maior criou os filhos com leite do gado do Coronel Mâncio. Ele deixava a vaca e dizia “quando o bezerro estiver grande, leve para trazer outra”. Não tinha uma vez que ele passasse por aqui, que não encostasse para tirar um dedo de prosa com as pessoas. Ele andava num cavalo branco daqui para Cruzeiro e de lá para cá. A estrada não era por onde é hoje. Quando foi aberta a nova estrada foram indenizados muitos cafezais e ali nas proximidades da Associação dos A. Anônimos, era um gapó enorme, cheio de canarana e bom de peixe. (Ainda hoje tem um pequeno filete de água e os últimos buritizeiros... nos anos de 1970 ainda tinha aquele gapó, eu lembro bem. Foi daí a origem do ‘fala baixo’?) Ali era um aguaceiro só. Aí deu origem ao “fala baixo”. As águas daqui de cima corriam pra lá e então se formou esse garapé. Dizem que as mulheres falavam demais e alto, durante a lavagem da roupa, da louça ou do banho, mas, sempre tinha uma de bom senso que pedia: “neguinha, fala baixo! Vamos falar mais baixo!” E daí surgiu o nome de “fala baixo”. Dizem que era uma “alarida” enorme, uma torre de babel. Vinha gente de todo canto... [...]

## ANEXO C - Relato de vida de Pedro Alencar Barbosa, 2012.

Sim, sou natural da Vila Japiim.

Às vezes me perguntam sobre o porquê do nome Japiim. Eu digo, sim, tem relação com o pássaro mesmo. Era tanto pássaro japiim que o nome foi pegando e ficou por “japiim”. Aí, a turma começou a falar “vamos para o Japiim” se referindo à Vila onde para todo o canto que você olhava, tinha um japiim cantando num pé de pau... A Vila que começava a se desenvolver. E daí ficou o nome. Vila Japiim.

Mas quando se tornou município o nome mudou. Eu acho justo, porque o coronel Mâncio Lima, naquele tempo se chamava de coronel, mas era coronel de barranco né? Ele ajudou muita gente. Tem uns que não reconhecem, mas que ele ajudou, ele ajudou. Olha, se contava as pessoas que não tinham uma vaca dada por ele para tirar o leite para ajudar a criar os filhos. Do Barão ao Pé da Terra. “Tem menino novo...? Vai lá pegar uma vaca”! Levavam, quando o menino já estava mais crescido e o bezerro apartando, eles devolviam aquela e pegavam outra até ter passado aqueles primeiros anos mais difíceis, onde a criança precisa mais de leite. O certo dele era esse! Então nessa parte aí né..! O coronel era forte lá. Tinha outras pessoas também, como [...] o Sr. Lauro Cavalcante, na Colônia.

Ele, o coronel Mâncio, era da política mas não tinha mandato. Ele era influente na política. É tanto que ele mandou chamar o governador, na época eu num lembro agora... quem era..., mas ele chamou para uma reunião com ele!

[...]

Tive uma infância feliz! Apesar das dificuldades! Brinquei muito, dancei, namorei, joguei bola, fiz tudo... comecei a estudar mas parei logo. Fiz o quarto ano e não tinha mais para onde ir. Aí parei. Estudei na escola rural Belarmino de Mendonça... conheci o Sr. Militão como delegado...

[...]

Você sair de madrugada para cortar chegar em casa lá pelas 10 horas e as vezes sem comer nada ter que voltar encima do rastro para colher... o seringueiro dava duas voltas na estrada... uma para cortar e outra para colher... e quando chegava, quando chegava em casa de tarde aí era que ia começar o trabalho de defumação...

Ah, mas conheci muito seringueiro. Você lembra do Capí? O Capí cortou muita seringa. E tantos outros...

Na agricultura tinha a cana-de-açúcar, mandioca, arroz, feijão... mas tinha muito café ali também. Grandes plantações de café. Quer dizer, grande pra nossa região. Quase todo quintal tinha um cafezal. Aí o sujeito pagava as mulheres para colher aquele café... as mulheres é que fazia a colheita. O processo do café é o seguinte: quando tá bem madurinho, né! Tu junta ele todinho e põe no sol pra ele secar. Ai quando seca... aí depois... no começo, descascava ele no pilão. Mas depois, mandaram uma máquina para descascar o café. A máquina ficava ali onde mora a dona Antônia... por ali... e quem cuidava da máquina era... era... hummm... o homem lá da Colônia rapaz, pai do Idelfonço... O Iran, Sr. Iran! Aí sempre o pessoal secava o café e levava pra máquina pra descascar. Uma parte vendia em Cruzeiro e a outra era para o uso da casa. Fazia tudo em casa mesmo. Torrava o café em fogão a lenha, ou num fogo no terreiro, num caco, uma lata de querosene cortada ao meio e depois ia para o pilão pra fazer o pó de café... e aprontava ali o pó para o preparo do café.

Pois é, então eu iniciei na Igreja, no grupo de jovens da igreja. Nos tirava prenda, tinha a noite dedicada aos solteiros, aos casados e nos tinha a nossa noite e aí a gente organizava aquele leilão. Dia de domingo, quando não tinha o que fazer, a gente fazia festinha, mas era matinê, fazia matinê de dia... de dia! Matinê de dia, como te falei...

Um banjo e um pandeiro e um cantor animavam o matinê. O cantor normalmente era eu. Eu cantei bastante mais o Chiquim Maior, Bastiazinho, Valdemiro... então a música era



essa. Depois é que apareceu aquelas rouxinolzin... bem depois. O futebol sempre foi uma força e eu era um apoio no futebol... joguei no Guarani, joguei no Ipiranga e também na Colônia... tinha o campo do Guarani, tinha o campo da Colônia e tinha o campo do Ipiranga. E tinha até as torcidas que sempre iam mais nós... as torcedoras! Eu joguei junto com o Marturino, com o Donato, com o Chico Souza, Raimundo Souza, joguei com... com... o João Sabino lá da Vila, com o Deida, com o Onésimo... com o Pedro Porto, com o Raimundinho do Vicente...

Tinha também o reisado. Quem primeiro fez um reisado foi o Chico Deca na da Colônia. Aí eu vi o tio Doca começar no Guarani, nesse tempo eu era menino, o tio Doca, que era mais velho, mais o Valdemiro, Chiquim Ventura, Bastin Maior, ... começaram lá também. Eles começaram mais eu não brinquei. Fiquei só apreciando. Mas eu brinquei até como dama, os homens vestidos de mulher. Brinquei! Eu, o Raimundo e muitos. Não tinha ninguém que quisesse ir. Aí era o jeito! E nos intervalos, ainda dançava a dama do boi com o cavaleiro do boi.

O carnaval quem organizava aquilo tudo era o Zé Manduca, Luiz Maior, Chiquim Ventura, Valdemiro, eu... eu fui pra delegacia tirar uma licença pra ser o responsável. Pois tinha que ter um responsável por aquilo ali. Kim, o Kim também era animado pra carnaval. Aí a gente fazia aquele bloco... era mais homem. Mulher era muito pouco. Muito poucas mesmo. Eu conto umas duas que eu não sei nem se ainda tão vivas. Faz tempo que num vejo aquele pessoal. As músicas eram assim: “apareceu lá no fundo do quintal, um galo preto cantando muito mal, olhe ele aí, olhe ele aí, deixe ele aí, não deixe ele sumir”... “Oh senhor seu delegado dê licença nós entrar, nós somos da fulia só queremos é brincar, tindolelê, tindolalá, quem tem prazer na vida não esquece o carnaval”... A gente dizia delegado, quando chegava na casa do delegado, quando chegava em outra casa, já mudava de nome... e assim a gente ia de casa em casa, de terreiro em terreiro. Aí gente do Guarani até a Vila, num dia. Noutro dia, agente ia até a Colônia, noutro dia a gente ia para o Santo Antônio. Violão, zabumba acompanhando, Luis Maior com um zabumba deste tamanho... violão, o Bastim Maior.

É, o primeiro padre que chegou era o Pe. Geraldo. Aí depois nós se juntamos lá no Guarani e decidimos fazer a Igreja. E fizemos manual mesmo. Serramos manual e aprontamos a madeira e construímos a casa... eu me lembro que a última noite de novena lá do Guarani era no dia 2 de novembro, dia de finados, e aí mudaram pra maio. Então quem foi pegar a santa lá na Colônia, no Pe. Geraldo, fomos nós fomos pegar a santa lá pra colocar na Igreja. Fomos de pé um dia de domingo.

Conheci muito bem a Dona Chiquinha Maior! Ela organizava as novenas... dificilmente tinha uma semana que não iam buscar ela em casa para pegar menino. Ela montava na garupa do cavalo e se mandava. Ela e o dono do cavalo, o que ia pegar ele para assistir o parto da mulher dele. Quase todo mundo chamava ela de mãe Chiquinha, pois ela viu quase todo mundo daquela Vila nascer. Aquele pessoal do Guarani e lá da Vila também. A gente dizia “pegar o menino”... Ela pegava em casa mesmo, não tinha hospital não tinha nada.

[...]

A minha primeira professora se chamava Maria Vieira. Morava no Quatorze, que ficava perto da Recordação. Um bairro que chamavam Quatorze, um povoado lá. Aí estudei com ela, fiz o 3º e o 4º ano na escola Belarmino de Mendonça. Os professores vinham de fora. Mas tinha o Sr. Miro, a Nazaré e a Conceição Gadelha. A Nazaré primeiro, depois veio a Conceição. Elas tinham o 2º grau completo.

A moçada já namorava escondido naquela época...! Mais era mais em festinhas, nos matinês... que a gente namorava, ...mas tinha as festas grandes também nos clubes, no clube da Colônia, na Vila... também na época de política.

O Sr. de outras músicas além das do carnaval? Que cantores faziam sucesso naquela época? A gente ouvia rádio. O primeiro rádio que apareceu ali foi lá no Joazito Alves. Televisão não tinha não. As vezes se juntava cinco, seis pessoas só para ouvir as melodias. O

programa de melodia da Rio Mar de Manaus. A gente ouvia muito o Teixeira. “O maior golpe do mundo, que eu tive em minha vida, foi quando com 9 anos perdi minha mãe querida...” Coração de luto. E tinha outros cantores também...

Era ouvindo as pessoas cantar... que a gente ia aprendendo as músicas.

O trabalho nos engenhos era muito forte. É, tinha três moendas no engenho, duas em cima e uma em baixo. A de cima é menor. Aí tem a manjarra. A manjarra, uma peça de madeira comprida é onde você prende o boi. Com o boi preso, você tange o boi e quando ele começa a andar vai movimentando o engenho... aí você mete a cana ali naquela moenda e vai caindo o bagaço do outro lado. Eu tangia o boi e juntava o bagaço. Tem que ter uma pessoa só tangendo então o boi para. Tem boi que demora a parar, mas sempre ele para se parar de tanger. Aí se fabricava uma bica de madeira, naquele tempo não tinha cano, por onde a garapa escorria até a fornalha. São cinco tachos, o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto... o quinto era para fazer o açúcar. O primeiro caía a garapa, o segundo botava para ferver, o terceiro... até chegar no quinto para fazer o açúcar. Aí quando estava no ponto, sabe quando é que dá o ponto? Quando as borbulhas tão muito grandes... aí já tá no ponto. Meu pai, eu, fizemos muito açúcar. A Vila Japiim produziu muito açúcar. Tinha o engenho do Guarani e tinha o engenho lá na Vila, do Antônio Gadelha.

No Santo Antônio, mais forte foi os Anastácios, dos meninos aqui, os filhos, e até hoje tem a minha tia que ainda mora por lá... [...] Plantavam café, cana. Tinha os Vasconcelos também, era do outro lado do rio, os Vasconcelos... eram fortes também. A Marlene, o Vidal... era do outro lado do igarapé...

É que foge a memória né? Tem muito tempo...

É não tinha violência naquele tempo... as vezes você ouvia “fulano matou um”... mas isso era difícil... as vezes no seringal, vinha essas notícias...

[...]

Mas em muitos pontos a vida melhorou. Melhorou para mim que vim pra cá e melhorou pra eles lá. Todos os anos eu volto lá. Agora mesmo que se aproxima o fim de ano eu já estou me arrumando para ir... mas mesmo lá, o Guarani ali, era um dos bairros mais atrasados do Japiim, tu sabe disso... e hoje é um dos maiores bairros que tem ali. Tudo casa de alvenaria, casas bonitas, muita gente com carro. Quem não tem o carro tem a moto e tem gente que tem o carro e tem a moto, num é?

Mas ali já foi muito comum a pobreza. Eu lembro, a casa dos meus pais era assim, toda aberta e apenas era cercado o quarto do casal, nem assoalho direito tinha e muitas outras eram assim. [...] Às vezes a gente para ensaiar o boi era ali naquele apertadinho, não havia outro jeito. Melhorou muito hoje. A gente não ver mais ninguém sobrevivendo da agricultura. As pessoas plantam ainda para comer. Mas para sobreviver ninguém planta mais. E também tinha muito era coco... coco! Cansei de ver Nos ser Almeida, Benjamim Ruela e Claudio Nobre... quando chegavam era um monte de coco para beberem a água... eu tinha um hábito, negócio de 4 horas da tarde, todo dia, sabe o que era minha merenda? Era um coco, seco, ralado com farinha e açúcar grêmio... a gente merendava isso. Não tinha outra coisa melhor! Rapaz, todo dia a gente fazia isso. Açúcar grêmio...

Eu agradeço, muito bom falar sobre a minha terra, gostei demais!

**ANEXO D - Relato de vida de Sabino Tomás da Rocha. Por Davi Rocha, 2012.**

Sobre algumas coisas que você quer identificar das nossas origens, eu sou de uma família tradicional que veio do Ceará. Meus avós eram de lá. Meu pai foi que já nasceu aqui, na cidade e com doze anos de idade já foi para o seringal, para o Rio Azul. Então esses seringais, nessa época isso aqui era tudo despovoado, tinha uma vilazinha, um assentamento pequeno que era a Vila Japiim, do tempo do Coronel Mâncio. O Meu avô era capitão... Sabino Tomás da Rocha. Que depois virou nome de escola, a família exigiu das autoridades, para não perder a identificação da família, a gente foi colocando o nome das escolas, dos postos de saúde, homenageando esses personagens importantes do passado. Então em 1900 eles registraram um terreno, que foi desbravado na época, o Rio Azul. Coronel Mâncio desbravou Barão do Rio Branco, que hoje é os Planavas, até o Bom Jardim, por ali... e meu avô tomou de conta do Rio Azul... mas tinha o pessoal do São Salvador que agora eu não me lembro quem eram. Aí meu avô saiu desbravando a beira do Rio Azul subindo até a Ponte Bela. Era tudo um seringal só. Então nessa época não existia cartório em Cruzeiro, que ainda era praticamente um seringal ainda, tudo era comandado por Manaus. Na cidade de São Felipe, chamava-se São Felipe, lá tinha um cartório, aí meu avô foi lá registrou esse título definitivo aqui que você pode ver que foi registrado em 1900.

E daí ficou a família estabelecida por toda a região do Rio Azul, da boca até as cabeceiras. O vovô teve três filhos: Climério Sabino Tomás da Rocha, João Sabino e Maria Sabino. Então... morreram..., mas meu tio João casou com a Iracema Bandeira da Rocha, que é a mãe da Margarida Bandeira, do Celso Sabino, a Alda, o Ilson... e outros, todo esse povo são filhos do meu tio. Então essas famílias ainda estão aí, mesmo com a morte de uns. E daí para cá as coisas foram mudando tanto que se você não tiver sintonizado com as mudanças, das leis, a evolução da tecnologia, você se perde. Grande parte das terras do Rio Azul ainda é da nossa família. Em grande parte. Meu tio João, após a morte do meu avô... aí eles foram desmembrando, dando para os filhos: nós (Davi) ficamos com a Fortaleza, a margarida ficou com Porto Rico, o Celso Sabino ficou com o Valparaíso. Isso aí eram colocações que depois se tornaram pequenos povoados. Então hoje ainda eu estou na Fortaleza, mas o que tem hoje vamos dizer assim, é “a soca da cana, a soca”... Risos...então ainda hoje estamos vivendo aí. Mas com decorrer do tempo vai se criando as leis... e surgiu o Parque Nacional da Serra do Divisor, eu tenho até aqui o dia da criação do Parque nacional. O que aconteceu, isso vem impedindo de a gente evoluir na produção agrícola...

É, meu avô era seringalista. Era grande. Pegava toda a extensão do rio, praticamente. Da boca do rio até as Queimadas. Está entendendo. Com relação a demarcação de terras, não foi feito. Foi distribuído por colocação. Colocação fulano de tal é daquele, a outra é deste. E foram dividindo assim, os seringais. Ficou o Bom Jesus, o Porto Belo, Porto Rico, Fortaleza, Valparaíso... tudo dividido.

A produção era de aproximadamente 30 toneladas de borracha por ano produzidas por mais de cem seringueiros, porque só na Fortaleza eram quarenta e quatro estradas e somando todos os outros seringais, aí você vê que o negócio era forte. Eu fui seringueiro sim, com 12 anos eu já cortava seringa. Por isso que eu não tive condições de estudar. Uma criança com dez, doze anos, já no trabalho fica fora da escola. Eu nasci em 1957. E em meados dos anos de 1970 ainda se cortava muita seringa por aqui. E aí, quando a seringa acabou, o meu pai foi plantar farinha para vender para os seringueiros dos Dines, para o Ar médio, pra Débora, e ela é quem “rendava” os nossos seringais, a Débora era a grande patroa na época, e aí ela arrendava os seringais dos seringalistas... e a produção era grande, era grande, mas os preços eram altos. Uma saca de farinha hoje não tem valor algum, como se sabe, o quilo da borracha na época tinha um valor baixo também.

E daí pra cá as coisas foram mudando. A população foi ficando sem alternativa, a ponto de nós estarmos hoje numa situação difícil. A metade do seringal todinho virou parque e quando nada o seringal todo, pois você sabe que o entorno do Parque também é intocável, cerca de 10 Km, e nós ficamos todos no entorno do Parque. E tem mais, os limites da unidade de conservação é imposto por eles e a gente tem que aceitar. Hoje você ver, nos temos uma prefeitura, as insituições, as representações, mas ninguém dá importância pra essa regularização das famílias do Parque. [...]

Eu sou conselheiro do Parque Nacional da Serra do Divisor. Mas o Conselho não reúne frequentemente. Olhe, eu tenho até aqui o regimento interno deste conselho. Mas o Conselho não segue o regimento. Então nós estamos sozinhos, eu como morador do Parque, conheço a realidade. São quinhentas e cinquenta e sete famílias que moram no Parque, pegando o Moa e Rio Azul, sem acompanhamento. Quarenta por cento dessas famílias já migraram aqui pra periferia do município, gerando um grave problema social. Sem escolaridade, sem expectativa, o caminho já conhecido por todos... aí acontece a favelização da periferia, a prostituição e a marginalidade. Precisa que os nossos órgãos acompanhem as famílias que chegam do Moa. A trajetória, perfil, ocupação... pra que a cidade não piore cada vez mais. João Enedino mora no Rio Azul e tá lá no “vinte”. (Ramal do vinte). Agora mesmo seis famílias tão se preparando pra virem embora. Lá eles vivem da agricultura mas não tem incentivo agrícola. A Secretaria de Produção não se faz presente, nem o Município nem o Estado (...) Ainda bem que hoje nós tivemos esse *kits* agrícolas (emenda da Dep. Perpétua Almeida) dando um incentivo à produção. Talvez isso minimize esse êxodo, mas a situação não é boa. (...) O Rio Azul tinha aproximados quatrocentos eleitores, mas já veio muita gente embora. Mas mesmo assim as coisas melhoraram muito por lá, na saúde, na educação, na comunicação”(...)

**ANEXO E - INQUÉRITO:CS102CF QUE-GL****(Corpus Oral do Acre - COAC)**

DOCUMENTADOR(A): MÁRCIA VERÔNICA R. DE MACÊDO ANO:1993  
 LOCUTOR(A): RAIMUNDA JUVENCIA DA SILVA  
 IDADE: 72 ANOS  
 TANSCRITOR(A: CLÁUDIA CRISTIANEZ DE SOUZA ANO:1994  
 REVISOR(A): ALESSANDRA DE M. GOMES ANO:1997  
 DIGITADOR(A): ALESSANDRA DE M. GOMES ANO:1997  
 REVISOR(A): LUÍSA GALVÃO LESSA ANO:1997

#D

tudo bom com a senhora ?

#L

tudo

#D

boa tarde

#L

boa tarde

#D

irei fazer uma entrevista falando sobre sua vida lá no seringal ... qual é o seu nome ?

#L

Raimunda Juvença da Silva

#D

como ?

#L

Raimunda Juvença da Silva

#D

qual é a sua idade ?

#L

setenta e dois

#D

a senhora é casada ?

#L

não seNora ... sô viúva

#D

viúva de quem ?

#L

desse ( ) finado Chico Silva

#D

ele era o quê ?

#L

ele era seringuêro

#D

ele cortou muito tempo borracha ?

#L

muito tempo ... no tempo das guerra ele tava cortando ... no dia quando ... vinte quato ... vinte cinco ... vinte sete ele morreu

#D

a senhora ganha alguma coisa disso ?

#L

não ... agora que eu me aposentei ... pra a ... ajudá ... às pessoa ... pô ... por ele ... pô causa dele

#D

a senhora se aposentou por ele ?

#L

foi ... pô causa dele

#D

como assim ?

#L

porque ele tiNa servido que era ... ele tiNa servido à guerra ... na guerra ((latido de cão))

#D

então ele ganhou uma ...((vozes de crianças))

#L

uNa ...

#D

uma pensão ...

#L

uNa pensão

#D

um negócio ...

#L

uNa pensão

#D

ele era chamado de soldado ?

#L

é soldado

#D

soldado da borracha

#L

da borracha

#D

sim

#L

é

#D

a senhora ganha pensão dele ?

#L

é

#D

a senhora cortou quanto tempo ?

#L

eu cortei lá em cima ((tosse)) no Juruá Mirim ... cortei parece que foi cinco ... cinco ano ... aí vim m'embora ali pra o Riozim ((tosse)) ... aí tava cortando ... ele cortando ... aí quando ele morreu ... aí fui e cortei seis ano ... ((latido de cão))

#D

cortou

#L

depois que ele morreu

#D

então foram onze anos ?

#L

sim

#D

a senhora teve quantos filhos com ele ?

#L

eu tive só três fie ... mais num ... nasceu morto ... num si ... qué dizê ele tiNa um que era o pai desses meninos aí ... o pai desses menino

#D

só tem um vivo ?

#L

não ... num tem mais não ... morreu com dezoito ano

#D

a senhora teve os três e todos eles morreram ?

#L

hum ... é o pai dele morreu com dezoito ano ... o pai desse menino ... desse rapaiz

#D

certo

#L

deixô um casal de fie ... deixô esse aqui ((gestos)) e uNa mulhé acolá

#D

qual era o nome do seringal que vocês moravam ?

#L

era São SerbastiÃO

#D

São o que ?

#L

São SerbastiÃO

#D

fica subindo ou descendo o rio ?

#L

subindo

#D

não há estrada que sai ?

#L

tem

#D

como se chama ?

#L

é ... é ... essa estrada que eu cortava ia assim ((gestos com as mãos)) e chegava assim ((gestos))

#D

a sua casa ficava longe da estrada ?

#L

ficarra não ... ficarra perto :... ficarra pertim

#D

a sua casa ficava perto da estrada ?

#L

ficarra

#D

da sua casa até a estrada tem um caminho não é ?

#L  
tem  
#D  
como se chama esse caminho ?  
#L  
né estrada não ?  
#D  
não é o espigão ?  
#L  
ah ... o espigão é quando ... é a ... a ... as madêra são longe é que a gente chama de espigão ... é  
espigão  
#D  
quando a senhora vai por um lado ou pelo outro como é que se chama ?  
#L  
é a volta  
#D  
é volta ?  
#L  
hum ...  
#D  
é volta de quê ?  
#L  
da estrada  
#D  
então a senhora ia cortando seringueira por seringueira  
#L  
era  
#D  
conte-me isso que eu quero saber  
#L  
corta desde aqui ((gestos)) né ... cortano seringuêra ... seringuêra ... seringuêra ... chegarra aqui  
((gestos)) dava a volta ... aqui chegarra dava a volta ... aqui chegarra fechava ((gestos))  
não ... o mês de setembro é que num é bom  
#D  
só setembro que não é bom ?  
#L  
agosto ... setembro num é bom de leite não  
#D  
quais são os meses bons de leite ?  
#L  
é outubro ... novembro ... dezembro ... é os meses bons de leite ... janeiro  
#D  
não é época seca ...  
#L  
em maio também e abril  
#D  
nessa época é boa para cortar ?  
#L  
agora dezembro ?  
#D



sim ... nessa época de chuva ?

#L

é não

#D

por quê não é ?

#L

porque o pessoal corta mais é atepado ((risos))

#D

alaga ?

#L

alaga

#D

é ?

#L

é ... alaga as estrada ... atepado e feito mutá

#D

eles fazem para poder ficar lá em cima ...

#L

hum hum ((risos))

#D

alaga lá no seringal ?

#L

lá na Liberdade alaga ... a alagação de lá é ligêra

#D

como ?

#L

é ligêra

#D

acaba logo ?

#L

hum

#L

mais pois bem ... mais num quis me casá ... sabê de casá não

#D

quando a senhora ficou viúva tinha quantos anos ?

#L

agora aí eu nem me lembo mais

#D

estava nova ?

#L

tava vêa ainda não

#D

ele morreu em qual ano ?

#L

morreu em seten ... em setenta ... em quarenta e sete

#D

o seu marido era de onde ?

#L

daqui

#D

ele era acreano ?

#L

era

#D

e os pais dele ?

#L

o pai dele já morreu ((tosse)) ... também morava aqui também

#D

eles eram acreanos ?

#L

era o pai dele ... era cearense o pai dele

#D

e os seus pais ?

#L

o meu era cearense também

#D

eles vieram ao Acre por quê ?

#L

quem ?

#D

os seus pais ... vieram em qual época para o Acre e por quê ?

#L

ah cristão ... eu num sei não (( risos ))

#D

foi por causa da borracha ?

#L

deve tê sido (( risos ))

#D

nessa época dava mais borracha não é ?

#L

era

#D

a senhora acha que foi por isso que ele vieram para cá ?

#L

talvez

#D

o seu pai era seringueiro ?

#L

não seNora

#D

só o seu marido ? (( tosse da locutora))

#L

era

#D

como a senhora conheceu o seu marido ?

#L

hein ?

#D

a senhora o conheceu aonde ?

#L

aqui no Cruzêro ... eu viNa sempre aqui

#D

sei ... a senhora o conheceu aqui

#L

foi

#D

sei ... então ele foi cortar ou morar na cidade ?

#L

não ... ele cortarra ... ele cortarra ali pro alto num sabe ... cortarra lá pro alto ... depois que ele casô comigo foi ... foi que foi pra lá cortá lá

#D

embaixo ?

#L

hum

#D

conte-me como o conheceu ... namoraram ... casaram ?

#L

(( risos )) namorei

#D

aonde vocês se encontravam ?

#L

ah ... era ... ((risos))

#D

como era ?

#L

era ... nós se crontrava ((risos))

#D

conte-me como era

#L

se encontasse namorava

#D

encontravam-se todos os dias ?

#L

não ... tô ... é porque eu viNa de lá passava tanto tempo aqui de mêis ... aqui depois que eu casei com ele ((latido de cão)) a seNora num coNece uNa muié ali ... que mora ali no ... na igrejiNa ... abáxo da igreja ... da igrejiNa ?

#D

aqui em Cruzeiro ?

#L

aqui em Cruzêro

#D

não ... o quê tem ela ?

#L

ela é tia ... é sobriNa ... (( tosse )) é sobriNa dele legítima ... até que eu andei lá hoje

#D

é sua sobrinha ?

#L

sobriNa dele

#D

não é sua também ?

#L

não ... é dele .... é ... é ... é a Mãe dela é irmã dele ... que tava lá em casa agora ... de maNÔ aí eu disse Chico ... se as muié viNé tu vai me chamá ... que eu vô lá ...

#D

a senhora estava nos esperando ?

#L

era ... aí o Chico disse ... não ... ela só vem de tarde ... aí tÃo tá

#D

certo ... então a senhora o namorou e demorou para casarem ?... (( latido de cão ))

#L

hum ... hum ... ((latido de cão))

#D

quanto tempo demorou para casarem ... depois de se conhecerem ?

#L

depois demorô pra casá sete ... sete mêis ((latido de cão))

#D

a senhora tinha quantos anos ?

#L

eu ?

#D

sim

#L

eu tarra quando me casei com ele ... eu tarra parece que :... eu nem me lembra mais ((latido de cão))

#D

quinze ... dezeseis ...

#L

sei que era nova ... noviNa

#D

quantos anos ?

#L

num me lembro mais não

#D

quais são as melhores luas para plantar ou colher ?

#L

pra prantá eu sei que é a lua nova

#D

para colher o leite ?

#L

é a nova mermo

#D

quais os instrumentos que a senhora usa para plantar ?

#L

prantar o quê ... a roça ?

#D

sim

#L

não ... a rente corta as maniva e pranta

#D

sim ... mas quais objetos a senhora usava ... enxada ? ((canto de galo))

#L

é enxada ... cava e pranta ... eu cavava (( tosse )) e fazia cortarra ... cortava as maniva ... aí botarra na vasia e fazia aqueles buraco aí ia prantando

#D

colocava as sementes ...

#L

é ... é ... colocava semente ... aí botava a terra assim era o mie do mermo jeito ... o mie ... fêjão do mermo jeito assim ((canto de galo))

#D

a senhora fazia farinha ?

#L

fazia no tempo que ele era vivo ... fazia

#D

como se faz a farinha ?

#L

arranca a mandioca ... aí puxa ... ceva ... aí imprensa ... aí leva po forno

#D

e então ... continue

#L

pô forno ... aí quando ver que tá torrado tira ... bota nas vazilha nos vazo

#D

vendiam a farinha ?

#L

vendia

#D

quantos quilos a senhora vendia ?

#L

((tosse)) ele vendia ... eu num vendia fariNa não ... arrumava assim pra quem ... emprestava ... é pa nós comê mermo ... mais ele fazia ... emprestava ( ) aí viNa atrás a rente darra ... arrumava

#L

e fruta tem muita ?

#D

lá tiNa fruta ... agora ...

#D

quais eram as frutas ?

#L

era ... tiNa manga ... tiNa beri ... com'é ? ... coisa ...(( tosse )) manga: como é meu Deus ?

#D

goiaba ...

#L

goiaba

#D

abacate ?

#L

abacate ... aquele ôto

#D

depois a senhora lembra ... e a carne de caça que a senhora comia era de qual animal ?

#L

era

#D  
quais eram as carnes ?  
#L  
porquim  
#D  
sim  
#L  
porquim ... veado ... paca  
#D  
o quê mais a senhora comia ?  
#L  
cutia ... macaco ... tudo comia  
#D  
a senhora não tinha medo de ficar sozinha ?  
#L  
tiNa não  
#D  
tinha não ?  
#L  
tiNa nada ... eu andava no mato soziNa e num tiNa medo  
#D  
nunca viu nada no mato ...  
#L  
não ...  
#D  
nada estranho ... e Mãe d'°gua ... Mãe Santa ... a senhora conhece ?  
#L  
((risos)) não  
#D  
a senhora já ouviu falar sobre isso ?  
#L  
ouvi não  
#D  
agora a senhora está desenhando o quê ?  
#L  
o espigão ... é aqui (( desenho)) ... agora aqui é o rodo e fecha aqui ... agora aqui que é a manga  
... que sempre faiz manga na estrada  
#D  
a manga é o quê ?  
#L  
a manga é a madêra de manga ... que tá fora da estrada  
#D  
e isso aqui é o quê (( gestos)) ?  
#L  
((tosse)) aqui ... é porque virô assim ... ( )  
#D  
a sua casa está aqui não é ((gestos)) ... daqui para cá é o quê ?  
#L  
é o espigão  
#D

e isso aqui é o quê ? ((gestos))

#L

é o rodo

#D

aqui ? ((gestos))

#L

isso aqui é rodo ... isso aqui é a manga ((gestos)) ... tá fora

#D

e quando encosta bem aqui ((gestos)) é o quê ?

#L

é espigão

#D

aqui é por onde entra ? ((gestos))

#L

é ... ((tosse)) aqui é donde enta

#D

chamam do quê ?

#L

entra aqui ...

#D

esse lugar que entra aí ?

#L

é o fecho ... chama o fecho

#D

fecho ou boca ?

#L

é fecho que a rente chama ... fecho da estrada

#D

boca de estrada é a mesma coisa ...

#L

é a merma coisa ...

#D

sim

#L

é a merma coisa

#D

a senhora conhece como o quê ?

#L

pô fecho

#D

quando a senhora transportava o leite não queria dar toda essa volta ((gestos)) queria adiantar ... como se chama isso ?

#L

aqui entrava na manga aqui voltava ((gestos)) ... chegarra aqui nessa manga aqui ((gestos)) ... quando ia ... voltarra pegava a estrada ... aqui tornava pegá a manga ... aí voltarra ((tosse)) e pegava a estrada de novo pra cortá

#D

a senhora trazia o leite aonde ?

#L

no balde

#D

não usava saco ?

#L

não seNora

#D

conte-me como se faz para defumar ... o que a senhora usava ?

#L

era côco

#D

côco de quê ?

#L

Côco Jaci

#D

certo ... chegava com o leite ...

#L

((tosse)) lête ... aí fazia o fogo e botarra ... enchia de côco ... que defuma ... levantarra a fumaça e ia defumá

#D

o fogo era feito aonde ?

#L

no buiÃo

#D

o quê ?

#L

no buiÃo

#D

sei ... ia bolando ?

#L

vai bolando ... bolando

#D

como se chama o pau que fica ...

#L

é ...

#D

bolando ... não tem um pau que coloca e vai derramando o leite ?

#L

é

#D

qual é o nome ?

#L

aí meu Deus eu num me lembro mais do nome : cavadô

#D

a senhora gostou de cortar todo esse tempo ?

#L

gostei ... acharra bom

#D

não tinha medo de se aproximar algum animal da sua casa ?

#L

tiNa não ...

#D



não tinha medo de cobra ... nunca levou picada de uma ?  
 #L  
 não ... Ave Maria ... não senhora  
 #D  
 nunca levou uma picada ?  
 #L  
 não ... não senhora  
 #D  
 nunca apareceu onça ?  
 #L  
 apareceu muita não ... eu nunca vi não  
 #D  
 quando estava na época de chuva que alagava como era ?  
 #L  
 ninguém cortarra não  
 #D  
 alagava na sua casa ?  
 #L  
 não ... ((tosse)) alagava  
 #D  
 e como a senhora fazia para sair ?  
 #L  
 ((tosse)) às veize vazarra logo  
 #D  
 como ?  
 #L  
 vazarra logo  
 #D  
 bem ...  
 #L  
 num dava pa cobrí não  
 #D  
 certo ... hoje a senhora vive lá ... a senhora gostou de cortar ?  
 #L  
 gostei ... num corto mais porque num posso  
 #D  
 não se arrepende ?  
 #L  
 não  
 #D  
 apesar de ter ficado tanto tempo sozinha a senhora gostava de lá ?  
 #L  
 é  
 #D  
 hoje a senhora faz o quê ?  
 #L  
 nada ... faço nada não  
 #D  
 fica cuidando dos netos ?  
 #L

(( risos )) é

#D

a senhora já está cansada não é ?

#L

já ... eu já tô cansada

#D

então Dona Raimunda ... o seu apelido como é ?

#L

é Mundica ... mais meu nome é Raimunda Juvença da Silva

#D

bem ... por quê lhe deram esse apelido ?

#L

de quê ... de Mundica ?... porque tiNa uNa menina lá que chamarra Mundica ... uNa prima miNa (( risos )) e se atrapaiava chamarra uNa ... chamarra ôta ... num ouvia pensava a ôta num pensava que num pensava que num era ela ... lá ... aí botaram o apelide ...

#D

certo

#L

de Raimunda

#D

uma era Raimunda e a outra Mundica ?

#L

não só ... eu sô Raimunda e ela também era Raimunda e todas duas tiNa o apelide de Mundica ... uNa prima miNa

#D

uma prima

#L

sim

#D

certo ... obrigada Dona Raimunda pela entrevista ... boa tarde e felicidades para a senhora e sua família

#L

e da mesma forma

**ANEXO F - INQUÉRITO: RB131CF QUE-GL**

DOCUMENTADOR (A): MÁRCIA HELENA C. AMORIM COELHO	ANO: 1995
LOCUTOR (A): OLINDINA RODRIGUES DE LIMA	
IDADE: 58 ANOS	
ATIVIDADE: SERINGUEIRA	
TRANSCRITOR (A): MÁRCIA HELENA C. AMORIM COELHO	ANO: 1995
REVISOR (A): VÂNIA DA CUNHA CARNEIRO	ANO: 2001
DIGITADOR (A): VÂNIA DA CUNHA CARNEIRO	ANO: 2001
REVISOR (A): VÂNIA DA CUNHA CARNEIRO	ANO: 2001

-----  
#D

como é o seu nome ?

#L

Olindina Rodrigue de Lima

#D

qual a sua idade ?

#L

cinqüenta e oito

#D

qual o seringal que a senhora morou ?

#L

no Seringal Intimari

#D

e lá era bom ?

#L

bom ... lá num era muito bom não né ... porquê ... falta assim das coisa né ... mercadoria

#D

sei

#L

tudo faltava ... aí negóci da borracha era ... era por quenzena né ... premêro quando é todas quenzena o ... o comboêro viNa ... viNa fazê a nossa ... leva por metade ... metade pa tanto ... metade pa ... mercadoria

#D

vocês além de produzir borracha para sobreviver ... pescavam ou caçavam também ?

#L

era ... caça e pesca que rente mais vivia ... era

#D

e não vendiam ?

#L

NÃO ... vendia só a borracha só mermo

#D

tem algum período mais fértil para o corte ?

#L

AH ... é melhó assim de pé né ... porque que tem seringa ... tem seringa que precisa fazê escada e cortá lá em cima / ... é muito perigoso ... e de pé embáxo é melhó

#D

eu quero saber se tem algum mês do ano ou algum período que a senhora acha que é bem melhor para cortar seringa ?

#L

é ... o mês de ... de maio né ... é bom pa cortá seringa

#D

e como era a estrada ?

#L

a estrada ?

#D

sim ... qual é o percurso que a senhora faz para realizar o corte ?

#L

ah pa rente ... cortá assim as madêra tudim

#D

sim

#L

pois bem ... a rente corta ... imbute ... aí a gente chega lá na boca da estrada ... a gente fica ali um pôco né ...

#D

sim

#L

aí come aquele pôco que a rente leva ... aí rente ... aí sai com o balde pa colhê

#D

mas a senhora primeiro tem que cortar não é ?

#L

é

#D

e como a senhora vai fazendo ?

#L

é o circular da estrada até chegá ali de novo

#D

tem algum nome para essa estrada ?

#L

tem ... nós tiNa a ... nós tava na ... na estrada do mei a estrada do ... do ... situat todo nome tem a estrada

#D

como vocês faziam para conservar a estrada ... limpavam ?

#L

tem que limpá é ...

#D

como vocês faziam isso ?

#L

AH ... a rente ... quano era mês de abril ... aí a rente já faiz aquele camiNo assim (( gestos )) sabe

#D

sei

#L

todiNo ... da ... da boca até chegá na ôta boca ... que vai assim (( gestos )) né ... a boca da estrada é aqui né ... e vai assim ... assim ... dá aquele rodo ... aí vem bate de novo

#D

muda de gerente ?

#L

é muda ... muda de gerente ... primêro ...um tempo lá no Intimari ... o meu marido tava cortano seringa num sabe ... ele tiNa matado uma cobra ... aí ele nem se lembrava que tiNa matado

aquela cobra era até ... uma jararaca ... aí ele pisô naquela espinha da cobra né ... e começô cum pé doendo e começô ... começô num sabia o que era ... a gente levava num sabia o que era ... inté que era a espiNa da cobra que ele pisô ... aí ficô cum pé doente ... doente e num podia andá e nem cortá nem nada ... aí vamo saí po ... vamo saí pa ... pa marge do Intimari nós sai ... aí quando foi em viagem ele num agüentô a viage ... aí nói ficamo no varadô ... atamo a rede assim no meio dos pau ... aí eu mandei duas sobriNa miNa buscá o ... o ... lá no barracão pa podê tira ele ... aí quando chego lá né ... o gerente tava lá e eu fui lá no gerente ... chamá ele pa plicá uma injeção nele ... aí ele disse ah eu ... eu ... eu teNo muito o que fazê que eu ainda teNo de ... de dispachá combô ... inda mais inda í aplicá injeção ... eu digo ah mais seu Chico é o jeito porque num tem ôto recurso aqui ...

#D

ele foi ruim não é ?

#L

é

#D

a senhora tinha algum lucro ?

#L

tiNa nada

#D

não tinha ... e o preço da borracha era muito pequeno ?

#L

é : vigi ... era muito pequeno demais ... era

#D

vamos supor hoje ... quanto custaria ?

#L

naquela época era ... parece que era um cruzêro um ... um ... um cruzêro era o : o quilo de borracha

#D

certo

#L

chegava nem deiz cruzêro

#D

o quê a senhora plantava para sua sobrevivência lá com seus filhos e o seu marido ?

#L

ah ... era arroiz ... feijão ... macaxêra

#D

tinha frutas ?

#L

tiNa ... plantamo laranjêra / caju / ... banana ... cana ... tudo nós tiNa

#D

a senhora tinha tempo de cuidar da plantação quando chegava do corte ?

#L

é

#D

depois ?

#L

era

#D

a senhora tinha criação de animais em casa ?

#L

não ... só tiNa assim ... só criação assim de galiNa ... pato ... só que tiNa

#D

para comer ?

#L

é só pra comê mermo

#D

e a sua família era só os filhos e o marido ?

#L

era

#D

a senhora casou com o seu marido lá mesmo ?

#L

foi ... foi lá mermo

#D

a senhora é casada mesmo ?

#L

a gente só casô ...

#D

o padre foi lá ?

#L

foi

#D

direito ... e casou vocês dois ?

#L

foi ... foi ... foi só o padre mermo ... no civil num sô casada não

#D

quantos filhos a senhora tinha quando morava lá ?

#L

tiNa quatro filho

#D

e a educação só era a de casa mesmo ?

#L

só a de casa

#D

não tinha escola ?

#L

é num tiNa escola é ... tiNa uma escola maise ... num dava pra eles irem que era duas hora de viage ... aí eles num podia í pa escola ... po estudo ... aí nós ... nós só saimo de lá po causa disso num sabe ... nós lá é ... assim qué dize assim da rente vivê assim no ... no negócio de comê ... no negócio de ... plantava ... criava e : mariscava e matava caça ... num era muito difícil a ... a comida não ... mas só que era difícil o estudo ... porque pelejei pa arranjá uma pessoa pa pagá por mês ... assim pa estudá ... pa ensiná meus filho e num encontrei ... o único jeito que tiNa era í embora ... pa eles ... pa eles estudarem

#D

e quanto à saúde ... lá tinha muitas doenças ?

#L

NÃO ... num tinha né ... inté sadio lá ... eu só tive que í uma vez cum menino cum malária ... que deu malária nele ... foi preciso levá ele ( ) que ele passô ... oito dias internado lá na cidade ... mais í de canoa passa três dias de viagem de lá pra cá cum menino ... pra podê chegá

#D

tinha algum lazer ... alguma festa que vocês iam de vez em quando ?

#L

tiNa

#D

brincadeiras ?

#L

é

#D

para as crianças tinha alguma coisa ?

#L

AH ... brincadêra pras criança num tiNa não ... só assim mermo festa assim pa ... adulto

#D

vocês tinham vizinhos ?

#L

tiNa

#D

eles costumavam ir na sua casa ou a senhora na deles ?

#L

É ... nós sempe andava lá na casa deles era ...

#D

era longe ou perto ?

#L

era pertiNo de lá da ... da nossa casa via a casa deles

#D

como a senhora falou ... ajudava seu marido não é ?

#L

ajudava

#D

ele cortava e a senhora também ?

#L

não ... eu NUM cortava não né ... a miNa filha que cortava ma eu ... eu INDA andá ... andei riscando assim ma ... ma nunca aprendi bem a cortá ... agora colhê eu colhia

#D

certo

#L

colhê ... roçá estrada ... tudo eu ajudava

#D

então a senhora ajudava não é ?

#L

é

#D

a senhora tinha participação na educação dos seus filhos ?

#L

tiNa

#D

a senhora os educava ...

#L

é

#D

porque não tinha escola ...

#L

é ... num tinha escola e : alguma coisaNa que eu ... que eu sabia ... aí eu tiNa um ... filho mais velho que mora aí ... ele assim aprendeu assim ... porque ele teve muita vontade ... quando ele TArra lá cum livro na mão lá na base né ... na coziNa ( ) mãe que nome é esse ... aí os menino dizia pra ele ... foi graças a Deus daqui pra cá

#D

a senhora tinha cuidados para não pegarem doenças lá ?

#L

eu tiNa sim

#D

com a saúde ... com o seu corpo ?

#L

eu tiNa porque um lugar muito dificultoso né ... pa rente vim atrás de ... de recurso ... a rente cuidava sim

#D

de onde era a água que a senhora bebia ?

#L

do garapé

#D

a água era limpa ?

#L

era limpiNa ... limpiNa a água

#D

onde a senhora guardava a água ?

#L

no pote

#D

lá tinha mais pessoas jovens ou velhos ?

#L

é : tiNa ... tiNa velho ... tiNa jove ... tiNa mais era jove ... lá

#D

a senhora comia carne de caça ?

#L

é

#D

vocês também caçavam ?

#L

carne de caça ...

#D

além da criação de casa ?

#L

era

#D

lá tinha pessoas que rezavam em crianças ?

#L

era o meu marido mesmo que reza ...

#D

ele rezava ?

#L

é



#D

e as crianças ficavam boas ?

#L

ficava

#D

certo

#L

inda hoje em dia ele inda : ele é bem percurado pa ... pa ...

#D

no seringal a senhora já ouviu falar de histórias sobre os espíritos da floresta como o Mapinguari ... ?

#L

é ... eu ouvi falá sim

#D

mas nunca viu ?

#L

não ... nunca vi agora eu tiNa era medo né

#D

é ?

#L

tiNa medo sim

#D

e qual a história que a senhora escutou sobre ele ?

#L

ah ... lá tem um pessoal que iam quebra castaNa e escutava né ... o ... um grito muito alar moso

...

#D

certo

#L

aí disse tê muita gente que disse que viu esse bicho né ... disse que é um homem bem altão que ... num tem quem alcance assim a altura dele assim

#D

certo

#L

disse que é uNa coisa fêa fêa ... agora os grito que ele dá ... inté ouvi a gente se arrupia todim né

#D

a senhora escutou alguma vez ?

#L

não ... eu num escutei não ... escutei não

#D

nunca escutou ?

#L

não

#D

e o Caboclinho da Mata ?

#L

ah ... também não ... agora o meu marido já tem visto né

#D

ele viu ?

#L

viu

#D

ele não tem medo não é ?

#L

ele num tem medo não

#D

e a Mãe da Seringueira ?

#L

é : também né ... que ele anda no mato muito ma rele num ... se ele vê essas coisa ele num tem medo não

#D

e a senhora nunca viu ?

#L

eu nunca vi mais nem quero vê ... que eu teNo medo

#D

(( risos )) a senhora acredita que a lua pode influenciar na plantação ou na colheita do látex ?

#L

é ... porque por exemplo pa planta né ... na lua nova é melhó ... lua nova ...

#D

e para a seringa ?

#L

é pa seringa ... num sei ... mais eu vejo ele dizê que o ... o ( ) não é bom de cortá

#D

certo ... e como era sua casa lá ?

#L

ah ... miNa casiNa era de ... de coberta de palha ... assim de madêra roliça assim mermo do mato ...

#D

a senhora sabe qual o tipo de madeira ?

#L

era indirêra essa ... essa ... como é garipari pa fazê o esterro ... barroto .. aí era de indirêra mermo ... desse amarelão ... e o açoalho de paxiúba

#D

a casa tinha divisão ?

#L

tiNa sim

#D

tinha cozinha ... sala ... quarto ... tinha não é ?

#L

tiNa

#D

e o quintal era grande ?

#L

era ... o quintal era grande assim quando a gente mora assim no seringal né ... nem num chama quintal é terrêro

#D

certo

#L

é terrêro num é quintal né

#D  
a senhora tinha panela ?  
#L  
tiNa  
#D  
tudo direitinho para fazer sua comida ?  
#L  
mais num era muita assim que nem né  
#D  
pouca coisa ...  
#L  
coisa pôca que dá da gente passá assim  
#D  
a senhora pescava também ou só seu marido ?  
#L  
pescava sim  
#D  
e os seus filhos ?  
#L  
também  
#D  
é ?  
#L  
é  
#D  
qual o nome da colocação que a senhora morava ?  
#L  
era Iapim  
#D  
vocês andavam só a pé ou tinham que andar pelo rio também ?  
#L  
ah canoa  
#D  
para chegar nos lugares  
#L  
canoa ... canoa ...  
#D  
canoa  
#L  
nóis tiNa canoa ... motô ... quando nóis num tiNa canoa andava de remo  
#D  
certo  
#L  
cum canoa carregada de castaNa ... nóis ia baxáva o rio só mais ele  
#D  
e lá tinha castanha também ?  
#L  
tiNa castaNa também  
#D  
a senhora tirava castanha ?

#L

hum rum tirava ... mais eu gostava muito ... taí um serviço que eu gostava de fazê era quebrá castaNa

#D

(( risos )) mais do que colher ?

#L

eu achava melhó

#D

era ?

#L

hum

#D

então muito obrigada pela sua entrevista

#L

de nada

## ANEXO G - INQUÉRITO: CS084AM QUE - GL

DOCUMENTADOR(A): LUISA GALVÃO LESSA	ANO: 1993
LOCUTOR(A): VALCINÊS GOMES DA SILVA	
IDADE: 21 ANOS	
ATIVIDADE: LÁTEX	
TRANSCRITOR(A): CLÁUDIA CRISTIANEZ DE SOUZA	ANO: 1994
REVISOR(A): LUISA GALVÃO LESSA	ANO: 1997
DIGITADOR(A): MARIA DO LIVRAMENTO C.FARIAS	ANO: 1997
REVISOR(A): LUISA LESSA	ANO: 1997

-----  
#D

diga o seu nome e a sua idade

#L

agora ?

#D

sim ... diga por favor ... o nome completo

#L

meu nome é Valcinês Gomes da Silva ... eu teNo vinte e um ano de idade

#D

vinte e um anos de idade ... o senhor trabalhou quantos anos na seringa ?

#L

eu trabalhei peraf ... eu trabalhei ... eu teNo vinte um ... eu comecei a cortá seringa eu tiNa doze ano quando comecei a cortá seringa ... nós tava na escola ... o papai tirô nós da escola que era pra nós cortá seringa que ele disse que nós num aprendia ... viemo cortá seringa ... aí nós se mandemo pro rumo do Garapé ... aí chegemo lá no Garapé aí baxemo o pau a cortá seringa ... aí nós saímo de lá aí nós fomo pra ôtro seringal ... aí não deu certo ... aí nós viemo passemo ... aí nós viemo pra esse ... chegemo lá cortemo baxemo perna pra cima e nada também ... aí voltemo po alto de novo e a gente ficô aí ele vei ... nós ajudamo a comprá a casa aqui ele vei pra cá e nós fiquemo lá

#D

como é a vida do senhor lá no seringal ?

#L

rapaiz a vida da gente num é muito boa porque a gente vai sai alto da noite pra í cortá ... sai onze hora ... sai deiz hora ... a gente chegando de tarde não tem tempo nem pra fezê comida ... pra comê ... se a gente num arrumá na estrada em casa mermo ... ô não dêxa o que comê ...

#D

o patrão não deixa ...

#L

é o patrão não dêxa comida tembém ... o primêro ano foí que o patrão ainda deu uNa ajudaziNa ... ajuda não ele vendeu mercadoria pra nós e nós levemo um arroz ... uNa conserva ... aí nós leveno ... aí se acabô-se ... aí era na farofa de ólho direto ... ô algum bichiNo que nós matava no mato com espingarda

#D

por que era só farofa de óleo ... porque a farinha é mais barata ... ou vocês produziam a farinha ?

#L

era a fariNa ... que a conserva se a gente fosse comê só a conserva o nosso produto só dava pr'aquilo

#D

conserva que o senhor diz é aquela que vem enlatada

#L

é enlatada

#D

como é o trabalho do seringueiro ?

#L

o trabalho do seringueiro é porque a gente ... é porque a gente trabalha demais ... a gente vai roçá estrada ...

#D

certo

#L

pega o terçado amola de maNÔ ô então de tarde e sai cedim ... bem escuro entra na mata ... aí vai roçá aquela estrada ... rapá a seringa ... aí então termina de rapá aí é que vai cortá ... aí vai começá a cortá ... aí quando você acaba aquela rapage a gente vai de novo ... rapa de novo pra podê cortá

#D

depois que fazem isso tudo de raspagem e tudo mais o senhor começa a cortar ?

#L

é quando termina de rapá a gente vai começá a cortá

#D

comçam a cortar e não dividem a árvore em partes ?

#L

é

#D

dividem ?

#L

divide

#D

como chamam essa divisão que fazem na madeira ?

#L

a divisão tem gente que dêxa assim dois palmo vadiando de uNa riação pra ôtra

#D

dois palmos o que ?

#L

dois ...

#D

va ...

#L

vadiando que a gente tira ... é uNa madêra grossa assim que a gente bota duas tigela ô conforme ...

#D

essa parte que trabalham como chamam ?

#L

a parte do golpe ... essa parte que a gente trabalha ...

#D

essa parte do golpe tem um nome ?

#L

do traço ...

#D

sim

#L

a gente dá o traço né ...

#D

sim

#L

aí bota a tigela

#D

mais tem um nome essa parte ?

#L

tem não

#D

não

#L

tem não ... só mermo só do traço e embote a tigela

#D

depois vai para outra madeira

#L

aí a gente vai pra ôtra madêra ... aí quando termina aquele traço aí a gente já vai pra ôtra é só isso

#D

e quantas madeiras normalmente ...

#L

uNa estrada ?

#D

sim ... uma estrada

#L

uNa estrada com ... ela sendo grande tem cento e vinte ... cento e vinte madêra ... ela tem de sessenta ... tem de oitenta ... conforme o tamaNe né

#D

como é mais ou menos a fornalha ?

#L

a fornaia a gente faiz assim ela dessa altura assim pequena ((gestos)) ... a gente faiz ... enfia aquele horrô de pau assim aí faiz a fornaia

#D

é alta ?

#L

é alto assim dessa altura assim

#D

parecido com o quê ?

#L

um ...

#D

um pão de milho ?

#L

é parecendo um pão de milho ... de mermo jeito ... mais ela é ocada por dentro pa podê botá os toco por cima

#D

bota os tocos por cima

#L

é ... a seNora coloca os toco por cima

#D

então faz primeiro um buraco no chão ?

#L

faiz ... a gente faiz um buraco no chão primeiro pra fazê a fornaia

#D

para depois levantar em barro

#L

em barro

#D

qual o barro que tem estrutura boa e mistura-se alguma coisa ao barro ?

#L

lá em casa pra não quebrá e rachá muito a gente colocava no sal ... colocava no sal pra não rachá

#D

depois faz um furinho em cima ?

#L

é ... faiz um furo em cima ... aí quando termina aquele carvão cai todim embáxo todim ... todim

#D

o quê cai embaixo ... o carvão ?

#L

sim ... do côco que queima sabe ... que a gente enche a fornaia de côco e ela fica fumaçando em cima

#D

certo

#L

fica igual uNa olaria assim fumaçando aquele tutano de fumaça bonita

#D

aquele o quê ?

#L

aquela olaria que tem pr'acolé

#D

sim .... o que de fumaça que o senhor disse ... diga a palavra

#L

de fumaça sabe

#D

sim ... mas o senhor disse o que tutano

#L

tutano de fumaça que sai ... uNa fumaça bem quente ... a larva dela é bem quente mermo

#D

e logo ...

#L

logo assa a borracha

#D

quantos dias o senhor passa para fazer uma borracha ?

#L

uNa borracha ... seno uNa estrada boa mermo o cabra ... seno só um ele gasta seis dia pra fazê uNa borracha

#D

de quantos quilos ?



#L

de cinquenta quilos ... sessenta e se ele tirá oito lata de lête n'uNa estrada ele faiz logo ... se ele tirá seis ele custa a fazê

#D

e a relação do seringueiro com o patrão como é ?

#L

é que a gente vai ... o patrão todo final de mêis vem na casa da gente ... aí chega diz cadê a borracha ... aí ele chega primêro pra nós cadê a comida ... tá aí ... tá com vontade de comê ... aí é pra colocá comida pra ele ... ele termina de comê e agora que tal tem muita borracha ... não ... teNo pesado uNa borracha por aí ... tem pra pesá ... rapaiz tem ... aí a rente vai pesá aquela borracha ... aí ele leva a balança ... leva o caderno pa podê anotá os quilo

#D

tem balança

#L

aí quando termina de pesá aquela borracha aí é que vai somá quantos quilo deu ... se tivé quato borracha quando termina é que ele vai somá

#D

sei

#L

somá tudim pra vê quantos quilo deu

#D

então o patrão dá o dinheiro para o senhor ?

#L

aí se a gente tivé deveno a gente dêxa aquela borracha lá pa pagá aquela conta e se num tivé dá o diNêro ... quando o cara num vai menda a ordem pro cara entregá o diNêro

#D

dá para fazer economia ?

#L

rapaiz seno só da seringa mermo num dá não ... porque o seringuêro ele ... no tempo que nós morava ali no seringal ... ali não ... lá no alto ... nós prantava o fêjão ... prantava o tabaco ... prantava a roça ... prantava a melancia ... quando chegava de tarde só dava tempo de defumá e a gente í em casa e trabalhá n'ôto serviço que nem meu pai

#D

sim e vocês plantam para ajudar na despesa e também fazem plantação de agricultura não é ?

#L

é a gente faiz muita plantação ... porque se a gente não fizé só da seringa não dá pra gente vivê ... porque se a gente fô vivê só com a palavra lá do patrão ... quando chega o final do ano não dá nem pra pagá a renda ... ah não tem ... então você vai cortá agora no inverno pra podê pagá a miNa renda

#D

a renda é quanto ?

#L

é sessenta quilo ... seno de duas estrada é sessenta quilo

#D

são trinta quilos por cada estrada ?

#L

é trinta quilo de cada estrada

#D

os patrões ajudam quando os serigueiros ficam doentes ?

#L

tem deles que num ajuda não ... agora tem deles que ajuda ... nós trabalha muito ... só teve um que ainda ajudô nós o resto num ajudava não

#D

como é o trabalho na agricultura ?

#L

o trabalho na agricultura que a gente ... a gente de maNa a gente amola um terçado ... a gente vai brocá aquela ... aquele eito de mato assim como daqui lá a bêra do barranco a gente broca ... a gente broca como daqui lá o ôto lado do rie pa fazê um roçado ... quando termina vai derrribá aquele roçado ... aí querendo samiá o fêjão samia e num querendo a gente toca fogo pra podê encoivará e prantá a roça

#D

mas primeiro plantam a roça ?

#L

é ... mais a gente encoivara primêro pra podê prantá

#D

como plantam a roça ?

## ANEXO H - INQUÉRITO: AB135CM QUE - GL

DOCUMENTADOR(A): INÔS DOMINGOS DE A. SOUSA

LOCUTOR(A): JOÃO VIEIRA LIMA

IDADE: 68 ANOS

ATIVIDADE: LATÉX ANO:1995

TRANSCRITO(A): KELLEN CRISTINA LOPES DA LUZ ANO:1997

REVISOR(A): LUμSA GALVÚO LESSA ANO:1998

DIGITADOR(A): KELLEN CRISTINA LOPES DA LUZ ANO:1997

REVISOR(A): LUμSA GALVÚO LESSA ANO:1998

MARCADOR(A): KELLEN CRISTINA LOPES DA LUZ ANO:1998

REVISOR(A): LUμSA GALVÚO LESSA ANO:1998

-----  
#D

qual o seu nome ?

#L

João Viêra Lima ... seu criado

#D

o senhor tem algum apelido ?

#L

teNo nÔo

#D

qual a sua idade ?

#L

sessenta e oito ano

#D

o senhor já morou no seringal ?

#L

nasci e me criei dento do seringal

#D

como é o trabalho da seringa ... fale um pouco sobre isso

#L

o trabalho da seringa é ... a gente quano nasci ... no nosso tempo quem nasceu aqui ... menino de cinco seis ano ... num tiNa ôtra históra ... era calçá o sapatim de seringa e cortá

#D

o senhor começou cedo nesse trabalho com a seringa ?

#L

comecei

#D

quantos anos o senhor tinha quando começou a trabalhar com a seringa ?

#L

seis ano

#D

seis anos ... e quantos anos o senhor trabalhou ?

#L

trabalhei até agora na era ... sessenta e dois ... sessenta e três ... trabaiei munto ... agora até nas era de setenta já fui e cortei mais coisa ... mais nas era de sessenta e dois até setenta eu cortei munto ... ainda nessa idade de seis ano ... aí rá fui ficano velho ... miNa mulhé morreu aí eu rá cuidei de mim própre

#D

tornou-se mais difícil

#L

mais difíço ... menino pequeno né

#D

entôo o senhor cortou seringa desde que morava com seus pais ... desde criança

#L

é desde que morarra com meus pais eu ia cortano seringa aí po essas mata ... aqui num tem ôta veiz nôo ... aqui num tiNa ôta veiz pra ... pro seringuêro ... era cortá seringa ... óia nós num tiNa escola ... medicamento num tiNa ... quano aparecia uNa pessoa assim como vocês menino ficarra logo com medo ... se escondia acolá ... num viNa nem perto ... se falasse que era um dotô ô alguNa côsa viche era um bicho ... quem é que viNa acá ... padre às veiz viNa ... de ano em ano viNa padre fazê batizado era ... era aquele sacrifíço que menino tomava até chegava assombrado ... essas côsa tudo era difíço ... ninguém ... medicamento ... ninguém tiNa nada ... essa sua compaNêra aí tá até se admirano porque vocês tÔo no céu aberto ... é uNa maravilha hoje ... eu queria que cês viesse pa falá inté inda agora ... no tempo que eu me criei aqui ... o pai disse que tá aí ((gestos)) ... o que se via é que nem eu tô veno ... era esturro de quexada ... de onça ... o diabo a quato ... a gente se levantá mêa nôte uNa hora da madrugada saí pa í po mato ... pisá no esturro de onça com a estopa nas costa ... às veiz com a poronga na cabeça ... com os podê de Deus a gente ia e voltarra em paiz ... era o que nós tiNa aqui ... só se saia ... só se saia quano saia era pa casa d'otro vizim trabalhá ... brocarra algum roçado ... cortá seringa ... aí espera ... o comboêro vem tal dia ... bora serrá borracha hoje porque o comboêro vem tal dia e era aquela confusôo ... só é isso ... ninguém tiNa ... sabia de nada ... aqui mermo era só um seringal que nem eu tô lhe dizeno ... tudo aberto na coloNa ... tiNa um patrôo aí que é vizim desse seringal que é o nosso aí ... aí era um seringalzôo ... aí comboi de burro ... comboêro ia dois três comboêro ... trinta quarenta burro lá do mermo jeito se juntarra lá viNa pra cá ... juntarra mercadoria trazia ... era que nem os camiNôo hoje em dia transportano ... vai daqui pra Brasilêa quano num ia pa Brasilêa no inverno passarra pos barco buscá a mercadoria n'era ... aí quano foi pa abrí essa estrada aqui tiNa gente ... como é nunca vÔo abrí essa estrada home ... hora ... mais num tá veno que isso num dá certo ... até que foro ino e fizero o empique ... inté hoje inda tá ... do empique saiu Jorge Kalume que foi o chefe da estrada ... desceu bem ali naquela rua ali com um machado na mÔo e jogô ... uNa veiz parece que era até ali ... foi sufoco ó e tiNa gente ... menino é que corria assombrado ... vêi uns carrozim pequeno que quano menino via o ronco do carro aqui na rua corria tudo assombrado e as professora ... um bocado de professora e o Jorge Kalume ... que o governo nesse tempo e ôtas pessoa mais né se apresentano num tiNa medo e tal ... e num tiNa medo ... hoje menino entra é debáxo de d'um carro ... o carro é correno e o desgraçado no mei ... é perciso a gente tá cuidano ... melhorô mais

...

#D

certo

#L

isso era mata ... no tempo do Jorge Kalume isso aqui era mata ... só era dali daquela placaziNa pra lá ((gestos)) ... eles pararo bem ali onde é aquela placa ... já foi lá ?

#D

sim

#L

eles pararo ali ó ... a rodagiNa é por ali ... daqui agora é que abriro um camim ... eles pararo pra lá é só essa aberturaziNa ... daí pra cá foi que vei melhorano

#D

como era feito o trabalho nas estradas de seringa ... o que vocês levavam ... como faziam ?

#L

perai que eu digo logo ... perai

#D

sim

#L

olhe a gente dizia ... a gente dizia olha tal dia nós vamo roçá uNa estrada né ... aí aqueles que tiNa às veize uNa criaçÕoziNa matarra um porco ... uNa galiNa ... fazia rancho né ... aí quebrarra o jejum ... aí botarra nuNa lata ... num saquim de seringa ... aí botarra o marico nas costa ia dois três roçá ... aí saia de maNiÔ c'um cento e vinte e oito na mÔo ... ali caia chuva ... caia sol que a gente trabaia ... no inverno pelo mês de fevêro ... em mraço tarra roçano que era pra em abril começá a cortá né ... aí só viNa pra casa quano terminarra né ... levarra aquela boiaziNa fria né ... ôtas vez acolá tiNa ôto vizim e diz tal dia tu vai me ajudá a roçá estrada né ... aí de maNiÔ a gente ia trocá dia né ... trabaia um dia ... dois ... ôto trabaia ... viNa aqui pegarra e roçava a estrada

#D

isso acontecia somente quando tinham que roçar as estradas ?

#L

só quano ia roçá estrada ... era o serviço da seringa né ... e às veize empicá seringa ... empicá assim ... tem uNa seringuêra bruta aqui né ... a bicha que nunca foi cortada é na mata bruta ... a gente sai empicano assim ó ((gestos))... agarra o terçado ... com licença aí : eu ... eu aqui sô o matêro né ... o matêro que chamo ... acolá de ( )

#D

o mateiro é quem empica a seringa ?

#L

é ... o matêro é quem acha a seringa e empica ... olha aí ... eu sô o toquêro chamado ... eu sô o toquêro ... eu fico aqui no pé da seringuêra que nem uNa árve dessa aí ... aí eu se dano aqui no mato atrás de seringa ... abrino estirÕo ... estrada de seringa né ... aí tenta abrí a colocaçÕo

#D

sei

#L

e dana na mata o matêro né e eu fico aqui no pé dessa seringuêra premêra que colocô aí as miNa coisiNa ... se dana na mata vai quano ele acha uNa seringuêra aí hei ... aí bate pei ... aí daqui bate ... pa pa pa e ele de lá tira o rumo cortano né

#D

avisando que achou uma seringueira

#L

é ... aí e daqui vai tirano o pique na mata e ele vem de lá pra cá até se encontrá ... aí ele fica naquela segunda e de lá larga no mato ... larga de lá ... de lá tira o rumo e vem de lá empicano ... depois ele até fechá a estrada ... entonce vem por campo ... por dento da seringuêra ... feiz uNa estrada de seringa né ... aí depois ele fechô ... ela faiz de conta que a primêra inté ficô por isso né ele nunca tirô ... ( ) nessa ... vem só empicano ... rodêa ... rodêa ... vem ... quano chega ali onde tem um pé de ... tem um pé de côco acolá ele fechô a ôta e já vem fechano acolá dano rodo que nem eles chamo ... dali ele já vem perto ali nesse pé de côco ... faiz de conta que a primêra seringuêra é a boca da estrada

#D

a boca da estrada é a que fica próxima da casa ?

#L

bom ... depende ... tem delas vai aqui tem a primêra aqui né ... aí vai pegano uNa aqui vai e vem dano o rodo pra cá né ... bom depende ... tem delas que é próximo ... tem assim que chama-se a Estrada de Porta e tem as ôtras

#D

como chamam as outras ?

#L

Estrada de Centro ...

#D

sem ser a Estrada de Porta

#L

Estrada de Centro

#D

sei

#L

então a gente sai de nôte ... de madrugada e só chega quato e mêm

#D

em qual hora vocês costumam sair ?

#L

duas hora ... uNa hora ... três hora da madrugada

#D

como vocês caminham no escuro ?

#L

com uNa poronga na cabeça

#D

com a poronga na cabeça

#L

poronga na cabeça ... a espingarda do lado ... aqueles que tem medo de onça né ... uNa faca de baiNa ... até quando chega na primêra estrada né ... na primêra madêra ... aí a gente dêxa ... dêxa aquela onde que tarra e só lerra a poronga ... todo dia ... que às veiz a gente chegarra lá antes do dia clareá né ... aí às veiz a gente ia só quando saia que ela darra às veize mêm hora ... uNa hora ... quinze minuto ... depende da distança né ... aí lá a gente dêxarra o dia amanhecê ... a gente saia só c'uNa faquiNa aqui ((gestos)) até chegá ali ... aí quando chegarra ali conforme nós chegasse onze hora aí pegarra o ranchozim ali comia a farofaziNa ... pegarra o balde e zapo ... botava de novo o saco assim nas costa de novo até chegá ali ... quando chegarra ali eu viNa embora pra casa ... era esse o serviço

#D

o que vocês utilizavam para cortar e para riscar a seringueira ?

#L

essa faca de seringa ((gestos))

#D

essa faca de seringa

#L

olha ali tem ... cê qué vê uNa ô nunca viu ?

#D

depois eu vou lá ver com o senhor

#L

ali na casa do meu filho tem e eu vô até cortá um pau ... eu vô até cortá um pau ... eu gosto munto de ensiná adulto num é ... é bem ali e nós vamo lá ... eu vô lhe mostrá a faca de seringa só num tem mais uns pedaço de têa ... vô cortá um mamôrozim que tem lá e embotí que é po cê vê como é e aí o camarada fazia uNa casiNa de palha assim pequena ... de palha de ariquiri ... chamava-se a fumacêra né ... aí faiz um buiôo de barro assim des tamaNe ((gestos)) e faiz um tanto assim ... um tanto assim de ( )... agora aqui forma o buiôo e daqui parte o cavaco ... aí no cavaco enche ele aqui pa defumá ... faiz de conta que esse aqui é o buiôo de defumá ...

a fumaça sai daqui ... aqui a gente p'ê uNa grade ... daqui pra cá é a distância da borracha tamém e aí a gente p'ê ôto cesto aqui ... a bacia aqui desse lado e aí joga ela pra cá e aqui só defumano ... aí e joga ela aqui na fumaça e quando ela assa a gente joga pr'acolá ... puxa aqui e a fumaça aqui assa ela ... a gente joga aqui pra dento da bacia e baNia ela aqui c'um lête ... aí joga aqui na fumaça ((batidas))

#D

todo esse processo é para formar a bola

#L

tudo isso é pa formá a bola ... borracha defumada

#D

o senhor realizava mais algum processo além desse da transformaçÔo da borracha ?

#L

é todos

#D

quais os outros processos além desse da borracha defumada ?

#L

nÔo ... nÔo ... antigamente era defumada ... agora d'uns certos ano desse ... depois da Sudeve foi que apareceu essa históriNa de prancha né ... em ( ) foi que o JÔo apareceu por aqui c'um essa históra ... coNece ele ?

#D

nÔo

#L

irmÔo dessa quem tá aqui

#D

eu conheço a irmÔ dele

#L

pois é ... ele era o dono dessa casa ... cabra encapetado demais ... se ele num tivesse ( ) devia tá aqui mar nós ... nós pelejemo munto pa ele vim ... chegô o tempo dele entregá a prefeitura foi que ele vei ... aí foi que ele ajeitô essa históra da Sudeve ... uns que deu certo ... ôtos que num dero e acabô-se ... mais ali era caboco bom demais ... pois é ... mar aí acabô a históra de defumá que diz que era mar fácil aquela cÔsa todiNa e fazia ... mar eu acho que foi ficano pió ... a tal da Sudeve foi que estragô a ...

#D

o senhor acha que antigamente mesmo sendo mais trabalhoso o processo de defumaçÔo ... a borracha era de melhor qualidade ?

#L

era melhó ... olha eu vô lhe dizê uNa cÔsa ... eu num sei se é porque eu já tô velho mar num é só eu que digo ... nos tempo dos patrÔo era que nem aqueles dono de loja que tem na rua num sabe ... era ... era barracÔo grandÔo do tamaNe dessa casa que botarra madêra encostada e tiNa mercadoria noviNa ... entÔo o seringuêro viNa comprá ô fazia nota e mandava ... o comboiêro c'uns burro às veize ia lá na casa dos seringuêro aqui e com duas hora tiNa ôto e fazia nota né ... seringuêro tal precisa disso ... aí o comboi carregado de mercadoria ... doce ... estiva ... querosene ... sal ... açúca tudo ... viNa tudo isso ... eu achava melhó de que agora e tiNa a borracha ... mais só a ruína pra nós naquele tempo é que ninguém tiNa escola pos filho ... o medicamento era munto pôco ... adoecia gente aí morria ... levarra breca num sabia nem de que era ... bebia alguNa pingaziNa ... morria gente aí que num sabia nem de que era que morria ... ficarra o dia à espera de uNa cÔsa e era d'ôtra ... num sabia a doença né ... hoje já transmitiro um deles por aqui que nem tem um peruano aí nesse hospital que inda hoje eu tarra falano que nós ia fazê um báxo assinado e botá ele pra fora ... um mentiroso véi que num sabe nada ... ah isso eu acho que vai saí aí ... eu tô dizeno isso é pra saí aí mermo ... devio botare ele pra fora

c'um as cõsa dele ... ele tá c'um tratado aí num vale nada ... num sabe de cõsa neNuNa ... tem um dotô do quartel aqui munto especial sabe ... três ponto dele e aí o pessoal tem raiva do dotô do quartel ... hoje eu tarra dizeno pa miNa filha ... nós devia se juntá era um bocado aí pa tirá esse caba do quartel ... ele fosse trabaiá lá do ôto lado do Peru que ele além de num sabê nada ele num qué atendê ... o pessoal vai atrás dele no hospital cedim aí ele tá acolá por báxo dano corda a esses pessoal lá na sinuca ... jogano sinuca e tudo ... aí todo dia ele disse que ia passá aí e ...

#D

quantos quilos ... quantas bolas vocês faziam por mês ?

#L

ah a gente ... por mês a gente faiz ... depende de cortá ... o caba que tirarra munto lête ...

#D

quantas bolas o senhor fazia em média ?

#L

eu fazia duas ... eu sempe comumente fazia d eu fazia duas ... eu sempe comumente fazia duas ... três ... depende ... cinquenta e tantos quilo ... sessenta né ... a gente fazia mil e quieNtos ... mil e oitocentos quilo e pesava na balança né

#D

isso por mês

#L

nÔo ... por ano

#D

por ano

#L

pesarra na balança ... tirarra lá trazia e ia secá porque ele seca munto ... era ... e seringuêro fazia só mil ... ôtos fazia quieNtos e tiNa aqueles como tem coloNêro ... acho que você deve sabê o que é coloNêro tombém ... tem deles malandro que num faiz nada ... assim era o seringuêro ... seringuêro fazia até três mil quilo de borracha ... de borracha e eles fazio e ôtos que fazio duzentos quilo ... trezentos

#D

a borracha estragava ... se fizessem muitos quilos ?

#L

nÔo ... nÔo estragava nÔo ... sabe raspá bem ... seringuêro ruim estraga a seringa ... nem que ele corte bem pôoquim ele maltrata ... porque se você leva um golpe todo dia em cima da vêa né ... derrama o sangue e fica fraco e se trata e apodrece aquele pedaço ... o seringuêro que corta bem ele ( )... a seringa é isso aí ... ela tem uNa peleziNa branca aqui ... aqui é pau ó ... madêra mermo né ((batidas)) agora aqui subino nisso aqui ela tem uNa peleziNa branca aqui ó aqui ... ela tem uNa peleziNa branca que fica ... protege ... subino por aqui ((gestos)) e aqui é a casca grossa ... entÔo a gente tira só essa casca e essa peleziNa protege a árve dela ... entÔo a gente tira só essa casca